
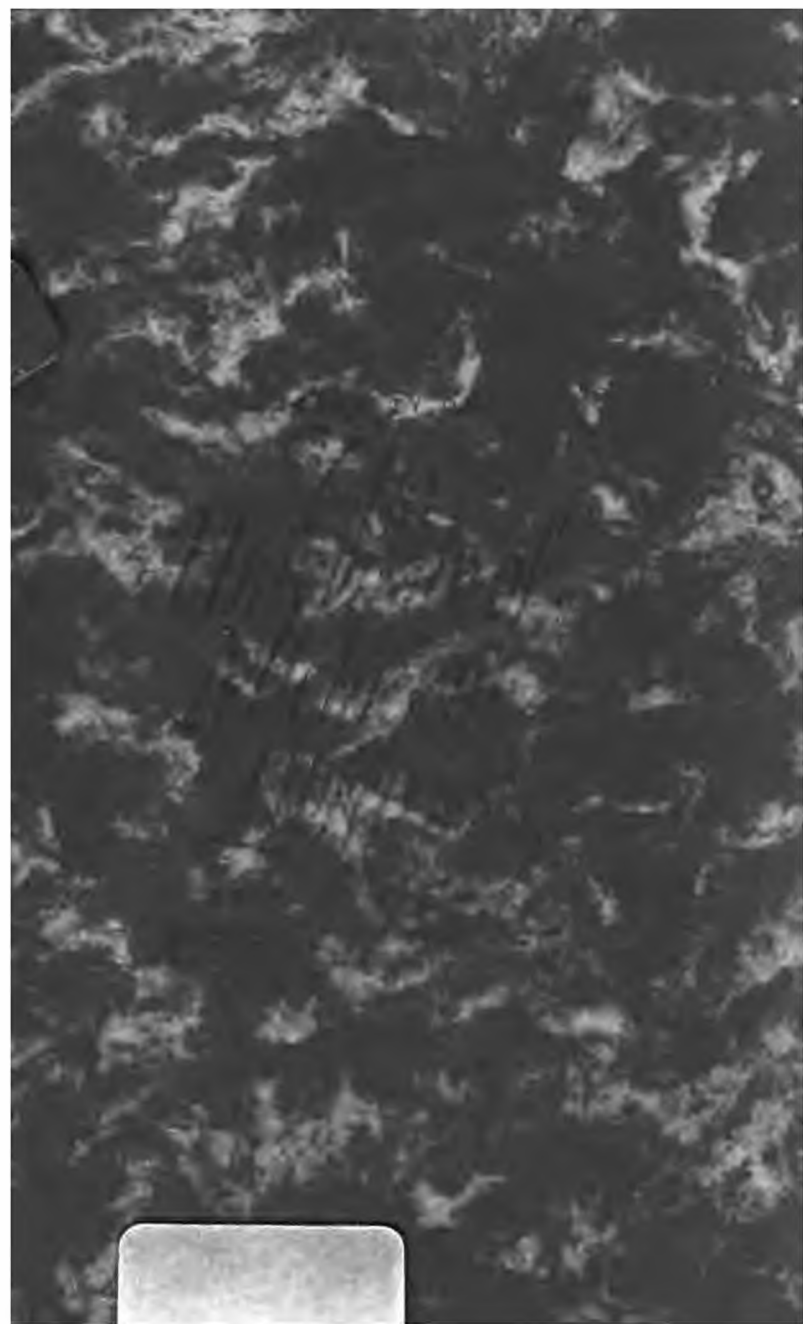


A 860,166







870

*Critica*  
*e Fantasia*



PROSADORES E POETAS BRASILEIROS—II

---

Olavo Bilac

*Critica e Fantasia*

(Em Minas.—Chronicas Fluminenses.  
—Notas Diarias.—Na Academia)



LISBOA

Livraria Classica Editora de A. M. TEIXEIRA  
20, Praça dos Restauradores, 20

1904

86 1.8  
13805  
1104



*Este volume comprehende, além de alguns capítulos do livro CHRONICAS E NOVELLAS, cuja edição está esgotada, alguns dos artigos, de critica ou fantasia, publicados pelo auctor na GAZETA DE NOTICIAS e n'A NOTICIA do Rio de Janeiro. Acreditamos que seria interessante reunir esses trechos de prosa, escriptos ao correr da penna, sob a impressão do momento, em epochas diversas, fixando crises da vida intellectual e moral de uma grande cidade. O auctor não pretende salvar do olvido, a que foram fadadas logo ao nascer, essas paginas futeis: o que elle deseja é prolongar um pouco mais a sua existencia fugaz, passando-as do jornal para o livro. A ambição é modesta...*



*Em Minas*



## MARILIA

Em Ouro Preto.

A caminho da Villa Rica de outras eras, que é hoje um montão de ruínas, parei nas Lages, em um sitio que demora a cavalleiro do antigo bairro de Antonio Dias, e de onde a vista, depois de abranger todo um immenso amphitheatro de montanhas verdes, quêda, repousada e amorosa, no valle risonho que a gente do bandeirante de Taubaté povoou ha dois seculos. Sobre uma pedra, quanto tempo fiquei a vê-las,—as collinas amadas das musas, por onde, como um rebanho, pasceram os versos apaixonados de Dirceu, ao doce clarão dos olhos da sua Marilia! . . .

Era por uma tarde ennevoada e fria.

Um vento cortante assobiava; rodavam nuvens escuras no ar. E uma tristeza cobria tudo.

Por detraz de mim, a escarpa do morro subia, asperrima, pontuada de pedrouços ferrugentos. Em cima, esse monte é um como sepulchro do passado, o Campo Santo de uma geração de aventureiros

ousados: cobrem-n'ó muralhas derrocadas, restos de casas nobres, alicerces sobre os quaes duas juntas de bois podem passar á vontade; e, já do ponto em que eu estava, alcançavam meus olhos, no alto, na lombada da serra, massas informes de ruinas. E, abrindo-se aos flancos da montanha, como feridas profundas, buracos enormes appareciam, assignalando os logares em que a picareta e a polvora dos exploradores sondaram as entranhas da terra, em busca de ouro.

Á minha frente, uma paizagem rude se desenrolava, erriçada de collinas, atopetada de rochas, fechada ao fundo pelo Itacolomy cujo pico se encarapuçava de nevoas.

Á direita, os dois maiores edificios de Ouro Preto levantavam a sua construcção formidavel, — a cadeia e o palacio do Governo.

Á esquerda, o Alto da Cruz. No pincaro, a grande cruz protectora da cidade abria sobre ella os braços negros, como a abençoal-a; e em torno d'aquelle cume isolado qualquer cousa invisivel pairava, um como recolhimento da natureza; a mesma nevoa do céo n'aquelle ponto se adelgaçava, franjando-se, rasgando no seu manto pardo uma nesga azul em que se emoldurava o symbolo solitario.

E, por toda a parte, de um e de outro lado, umas mais perto do céo, dominando o bairro todo, outras encastoadas humildemente no concavo fundo do valle, as egrejas alvejavam.

Era, primeiro, Santa Iphigenia; em seu adro,

antigamente, os negros, cujo trabalho se capitava nas minas de El-Rey á razão de quatro e tres oitavas de ouro por cabeça, vinham dançar, ao som confuso dos cachambús e dos chique-chiques, a *congada* selvagem. Era, depois, Mercês de Antonio Dias; depois, S. Francisco, de largas tribunas rasgadas para fóra, e fachada em que esplendem as esculpturas do *Aleijadinho* em pedra sabão; depois, a Matriz de Antonio Dias, o Carmo, e, já meio encobertas, deixando apenas vêr as torres altísimas, S. José e Mercês de Ouro Preto.

Dos meus pés, n'uma descida abrupta, precipitava-se a escarpa, cheia de blocos de montanhas, destacados de cima, até achar ao fundo as primeiras casas do bairro secular.

No ultimo plano, mais escondida, mais humilde do que todas as egrejas, uma capellinha inacabada apparecia ao fundo de um cemiterio pequenino: Nossa Senhora das Dôres. São as economias dos presos que vão pouco a pouco, com difficuldade e fé, custeando a construcção d'aquelle cemiterio, em que, isolados na morte como durante a vida, os corpos dos sentenciados repousam no seio misericordioso da terra, que, para acolhel-os, carinhosamente, não quer saber se os seus crimes a mancharam...

Por fim, as ruas de Antonio Dias, tortuosas, estreitas, rasgadas e edificadas ao acaso, á proporção que as correntes colonisadoras affluíam á povoação fundada pelo chefe da bandeira paulista. Vistas de cima, algumas casas que se sustentem a custo, pe-

quenas, com o arcabouço roído apparecendo no dismantelamento do barro esburacado, — parecem, descendo juntas e invalidas as ladeiras, uma procissão d'essas velhinhas tropegas e tremulas, que as romarias attrahem aos adros, em dias de festa, dando-se amparo mutuo, na solidariedade do infortunio e do medo das quedas. . .

E foi quando toda a minh'alma estava cheia das lembranças de outro tempo, deante d'aquelles despojos de que um cheiro de sepultura sahia, — que vi pela primeira vez a casa em que morou a Marilia de Dirceu, e em cujas janellas o seu vulto, na brancura offuscante das madrugadas nevoentas ou ao esplendor sanguineo dos occasos de fogo, costumava mostrar-se de longe aos olhos apaixonados do Ouvidor-poeta, a quem a paixão obrigava a trocar a toga solemne de juiz pela tunica de panno grosso de um pastor da Arcadia.

Casa nobre, que emerge de entre as visinhas quasi como um palacio, hoje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janellas, — foi n'ella que D. Dorothea de Seixas appareceu pela primeira vez ao poeta, e n'ella que a Musa, emquanto o seu cantor no degredo barbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro annos.

Ainda quando o inconfidente encarcerado alimentava a esperanza de que a tyrannia o restituisse á liberdade, n'aquella casa tranquilla, hoje toda azul,



de oito janellas rasgadas para o bairro de Ouro Preto, é que devem ter chegado aos olhos lacrimosos de Marília os versos em que o poeta crystallisava os seus desejos e a sua confiança illusoria nas justiças de Maria a Louca. As mesmas collinas que ouviram as eglogas do pastor da Arcadia Mineira repetidas pela voz da sua Musa, devem ter ouvido por essa mesma voz repetidás as rimas doloridas, de aneio e de amor, com que Dirceu architectava no sonho um futuro que não veio:

«Ai minha bella! se a fortuna volta,  
Se o bem que já perdi, alcanço e provo,  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer um homem novo:  
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,  
Amar a Deus no céo e a ti na terra...  
Nas noites de verão nos sentaremos,  
Com os filhos, se os tivermos, á fogueira;  
Entre as falsas historias que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira...  
Pasmados te ouvirão: e eu, entretanto,  
Ainda os olhos banharei de pranto...»

Em um de seus livros, Lopes de Mendonça, falando incidentalmente de Gonzaga, revolta-se contra a apathia em que D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas se deixou envelhecer burguezmente até á caducidade, na sua casa de Villa Rica.

A alma de Lopes de Mendonça, tomada de horror deante d'esse envelhecimento pacato, se re-

bella contra o spectaculo da decrepitude da Musa, de face engelhada, boceta de rapé em punho, babando-se toda de gosto ao revêr-se nos netos, batabendo chinellas pela casa triste, e arrastando atravez d'essa vida sem poesia os seus achaques, as suas saudades e ò seu tedio.

Na tragedia de Shakespeare, Hamlet, fóra de si, pergunta a Laertes, que se desgrenha em contorsões tragicas e lamentações rhetoricas á beira da sepultura da formosa Ophelia: «Que mais queres tu fazer, hypocrita, para ostentar o teu desespero? queres arrojarte do alto do Ossa? queres engulir um crocodilo?»

Naturalmente, o auctor das *Recordações da Italia* não desgostaria de vêr a Marilia, desesperada pelo apartamento do seu cantor, commetter um d'esses actos de prodigiosa superexcitação. Queria o escriptor portuguez que D. Dorothéa de Seixas se precipitasse, como um Sapho, na cascata do Tombadouro? que tragasse allucinadamente um *caitetú* vivo? que, com o volume das *Lyras* na mão, se despenhasse do pincaro do Itacolomy?

A mim, confesso, deixam-me sem enthusiasmo todas essas possiveis soluções estardalhaçantes para aquelle idyllio. Mais que o spectaculo de um fim tragico qualquer, — o suicidio da Musa ou a sua morte fulminantemente causada pela dôr da despedida — encanta-me esse modo, humano e singelo, porque Marilia se deixou morrer na sua casa engastada no fundo do valle, vendo, pelas collinas que

a cercavam, a descida dos rebanhos brancos que a sanfonia pastoril do seu Gonzaga celebrara.

Um certo mysterio cêrca ainda hoje a historia d'esses amores. O que parece provado é que elles não foram uma d'essas paixões que allucinam quando se não satisfazem, e em que a alma entra de parceria com a carne, ambas anciosas, ambas exigentes, ambas humanamente excitadas.

Ainda nos mais apaixonados versos de Gonzaga, não palpita essa febre, essa ancia de gozo e de posse, nem apparece uma nota qualquer capaz de provar que uma approximação de sexos tenha naturalmente consagrado o idyllio encantador a que a nossa poesia deve tantas paginas deliciosas.

Para o poeta que, depois de ouvidas as partes cujos interesses pendiam do seu juizo, se debruçava á janella devaneando deante da natureza, — Marilia era apenas, talvez, a figura encarregada de dar a nota humana á paizagem arrebatadora. Quando se lêem os versos de Gonzaga, nota-se que o que quasi exclusivamente os inspira é a belleza do campo, a serenidade da vida rustica, a bemaventurança suprema da existencia ao ar livre, mais perto de Deus porque mais perto das cousas e dos costumes simples.

Aqui, é uma ave que o filho aquece entre as azas. Ali, uma vacca que o novillo tenro lambe e afaga. Mais longe, arvores que bracejam sacudindo o orvalho que as molha. Adeante, escravos que cer-

cam o rio, cavam a terra, colhem no fundo da ba-  
teia o cascalho rico em que o ouro vivo fulgura; ca-  
poeiras ainda novas que se queimam, ardendo nas  
quebradas; terras que se adubam, misturadas com  
cinzas, á esperá dos grãos; caçadas alegres em que  
a vara envisgada espera o passaro incauto; pesca-  
rias á hora da sesta; e campos cheios de papoulas,  
e cêrcas emmaranhadas de rosas silvestres, e pedras  
d'onde salta a rama bruta das gamaleiras robus-  
tas... Tudo isso não seria humano, não cantaria  
com tanta vida, não se abrazaria em tanta luz, se  
uma figura de mulher não pairasse sobre o canto,  
se um pouco de amor não viesse dar um perfume  
novo de poesia ás descripções.

O proprio Gonzaga parece confessar, em verso,  
que não era junto de Marilia que se aplacavam os  
ardores dos seus quarenta annos bem conservados:

« Eu sei, Marilia,  
Que outra pastora  
Cega namora  
Ao teu pastor;  
Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo... »

E, nas *Cartas chilenas*, de *Critillo* (Alvarenga  
Peixoto?) lê-se:

« Aqui, meu bom amigo, aqui se passam  
As horas em conversa deleitosa.  
Um conta que o ministro em certa noite  
Entrara no quintal de certa dama;

Diz outro que se expoz uma creança  
Á porta de Floricio, e já lhe assigna  
O pae e a mais a mãe; *aquelle augmenta*  
*A bulha que Dirceu com Lauro teve*  
*Por ciumes crueis da sua amasia.»*

D. Maria Dorothéa perdoava-lhe as infelicidades carnaes, parece, contentando-se com a sua fidelidade espiritual. E nunca a paixão, a verdadeira paixão incendiaria e violenta deve ter vindo perturbar a serenidade d'aquelle amor honesto e comedido, nem perturbar a calma das horas innocentemente passadas em contemplações mutuas, olhares longos e sorrisos claros, trocados de janella a janella, por cima das flores que se abriam no valle, por baixo do céu que se cobria de estrellas.

Degredado o poeta, o tempo que apaga tudo, — até as magoas de amor, ai! de nós! — fez no coração de Marília o que costuma fazer no coração de toda a gente. E, á medida que os annos passavam, monotonos e regulares, as saudades tambem foram passando e minguando. Dizem que, da prisão, Gonzaga propuzera á sua Musa o casamento. Mas santo Deus! a Africa ficava tão longe! Moçambique devia ser tão feia! a viagem tão longa, por aguas tão asperas, entre temporaes tão rudes! A Musa ficou e o poeta partiu. . .

Sylvio Romero, no capitulo consagrado a Gonzaga na *Historia da Litteratura Brasileira*, escreve: «No processo da Inconfidencia, fala-se que o mar-

quez de Barbacena se oppunha ao casamento do poeta. Qual a razão?»

A razão parece clara. N'aquelle tempo a investidura de magistrado nobilitava. Como magistrado, Gonzaga era nobre: e os nobres só podiam casar com licença da Côrte.

Se o Capitam-General de Minas, velho fidalgo, encarapaçado n'um orgulho indomavel, se oppunha á união do poeta e da Musa, é porque, provavelmente, o sangue de D. Maria Dorothea não era bastante azul para poder ligar-se ao sangue finissimo de um magistrado de El-Rey.

Seja como fôr, é licito acreditar que não foi essa a opposição do marquez a causa principal do mallogro do casamento. Quero mesmo crer que só por um nobre sentimento de delicadeza pediu Gonzaga á namorada que o acompanhasse ao desterro, insistindo pelo casamento; julgou elle por certo dever essa homenagem ao bom nome de D. Maria Dorothea, para a não deixar compromettida, uma vez que a noticia dos seus amores era publica em Villa Rica. A prova d'isso é que, na Africa, consolou-se o poeta facilmente da recusa de Marilia.

Antes de enlouquecer — e quem sabe se já não estava louco! — levou á Sé Matriz de Moçambique, á presença do juiz dos casamentos e do escrivão do juizo ecclesiastico, uma joven senhora Juliana de Souza Masquerenhas, filha legitima de Alexandre Roberto e sua mulher D. Anna Maria, de dezenove annos de idade e natural da freguezia da Cabeceira-Grande.

A esses dezenove annos ardentes, desabrochados sensualmente ao sol africano, entregou elle a sua vida triste, a sua madureza de idade e as suas necessidades amorosas, dando á moça Masquerenhas, á face de Deus e dos homens, a mão e o nome de esposo: é o que consta de documentos publicados ha algum tempo pela *Revista do Instituto* (1).

Segundo esses documentos, o matrimonio foi celebrado a 9 de maio de 1793. Gonzaga, inquirido pelo juiz dos casamentos, depois de haver jurado aos Santos Evangelhos dizer a verdade, declarou: «que se chamava Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do desembargador José Bernardo Gonzaga e sua mulher D. Thomazia Chargue Gonzaga; que era natural da cidade do Porto e baptisado na freguezia de S. Pedro do Reino de Portugal; *que tinha de idade trinta e oito annos* (?); que era solteiro e nunca fôra casado; que residira na cidade do Porto, nas de Beja, Lisboa, Coimbra, Villa Rica e actualmente em Moçambique, passando a existencia nas ditas cidades de mais de seis mezes; *que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma*, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com D. Juliana de Souza Masquerenhas, a quem conhecia pela ter visto de presente, com quem queria ser casado de

---

(1) *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brazil*, t. LV, 1892, p. 361.

sua livre e espontanea vontade, sem constrangimento de pessoa alguma. E mais não disse. »

E como a menina Masquerenhas fizesse declaração identica e eguaes desejos manifestasse, as aucto-ridades, sem mais delongas, a amarraram pelos laços matrimoniaes ao cantor de D. Dorothea.

O que parece provar que, n'esse tempo, o poeta já tinha o juizo desequilibrado pelos desgostos do exilio é o facto de haver declarado ao juiz de casa-mentos que tinha de idade trinta e oito annos. Tal-vez, por um sentimento desculpavel de gamenhice, quizesse elle parecer mais moço á noiva de dezenove annos. Seja como fôr, faltou á verdade. Em 1793, anno do casamento, o poeta das *Lyras* estava já com meio seculo de vida sobre a alma, pois que nascera em 1744.

Teria a branca e sentimental D. Dorothea, em Villa Rica, noticia de que, na terra adusta da Africa, uma rival, provavelmente mestiça, conseguira saciar de beijos legitimados pela egreja a bocca do seu ar-dentissimo Dirceu?

Talvez não. E, se a teve, resignou-se; deu-se a amores menos platonicos, teve descendencia farta, envelheceu, e, em 1853, fechou os olhos á vida, em um leito antigo que, como curiosidade historica, no Rio de Janeiro, o conselheiro Viriato Bandeira Duarte conserva religiosamente.

A sua morte deve ter sido calma. Não creio que á beira do leito, na hora extrema, lhe apparecesse, esqualido, curvada a cabeça encanecida ao peso da



golilha, agitando tragicamente os braços com um tinido sinistro de ferros,—o fantasma de Gonzaga. A alma da Musa devia agora estar livre do peso d'essa recordação, como estava o seu corpo agora obeso, agora cheio de erysipelas, agora tristemente afeiado pela velhice e pela agonia. . .

As confissões, as communhões, os rosarios lentamente resados sobre as lages da Matriz de Antonio Dias, os jejuns, e as outras praticas religiosas, com que a velha e celebre senhora enxotava do espirito ideias profanas, não lhe permittiam tirar o pensamento da face e da essencia do Senhor, para o fixar na memoria do seu delambido cantor. Aos oitenta annos, as matronas podem dar para Thereza de Jesus; para Marilia de Dirceu é que não dão, com certeza.

Já dezeseite annos antes de morrer, havia D. Maria Dorothéa feito testamento. E esse documento assignado pelo seu punho, é frio, secco, incolor. É o testamento de uma beata vulgar, olvidada de amores, sem recordações, não tendo tempo para se lembrar de que já inflammou a inspiração de um poeta, porque todo o seu tempo é pouco para pedir a Deus um cantinho do céu e uma fatia do pão-de-ló da bemaventurança eterna.

Aqui está o testamento, ao qual conservo a orthographia original:

«Bento Antonio Romeiro Veredas, escrivão da provedoria do termo da Capital do Estado de Minas Geraes, etc. Certifico que em meu cartorio existe o

testamento com que n'esta cidade falleceu D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas, o qual é do theor seguinte: Eu Dona Maria Dorothea Joaquina de Seixas achando-me em perfeita saude e entendimento, ordeno meu testamento na forma seguinte. Em nome da Santissima Trindade. Amen. Sou filha legitima do Capitam Balthazar João Mayrink e sua mulher Dona Maria Dorothea de Seixas, já fallecidos. Instituto por meus testamenteiros e universaes herdeiros a D. Francisca de Paula Manso de Seixas que vive em minha companhia e Anacleto Teixeira de Queiroga que ao presente é rezidente no Rio de Janeiro para que cada um de persí e in solidum possam ser meus testamenteiros, bemfeitores, administradores de todos os meus bens, e thé vender fóra de prassã para repartirem entre ambos a liquida heransa depois de pagas as dividas que ainda existirem de meu Tio o snr. João Carlos. Dexo em premio ao Testamenteiro que aseitar esta testamentaria sem mil reis e o praso de quatro annos para a conta final. Declaro que dexo huma cedula a minha Testamenteira a qual não será obrigada a apresental-a em juizo e só com seu juramento se lhe levará em conta a despesa que com a mesma fizer. Dexo a eleisão da minha Testamenteira as dispozisoins do meu funeral e só recomendo que o meu corpo será sepultado em cova da Ordem de S. Francisco de Assis, e que por minha alma celebrem quantas missas de corpo presente cober no pocivel de esmolla de mil e duzentos cada uma e tambem quero que se digão as de S. Gre-

gorio, e por esta forma hei por findo o presente Instrumento por mim feito e asinado na cidade de Oiropreto a dois de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis. Maria Dorothea de Seixas.— Foi approvado pelo tabellião Antonio de Almeida Vasco em 16 de maio de 1840.— Foi apresentado ao Juiz e aberto por elle Dr. Eugenio Celso Nogueira em 10 de fevereiro de 1853 (pela morte da testadora). Foi acceito pela primeira Testamenteira em 21 do mesmo mez, perante o tabellião João dos Santos Abreu. »

Ora, ás imaginações escaldadas não parecerá com certeza digno do drama este desfecho vulgar. A mim, porém, parece-me o unico digno, porque teve a mesma simplicidade e a mesma naturalidade do drama. Este foi simples como a natureza e a vida rustica que lhe formaram o sceqario: um poeta, uma mulher, duas janellas que se defrontam, alguns versos lindos, uma conspiração, um apartamento, muitas lagrimas, muitas saudades, e depois... filhos de parte a parte. Mais nada. Não nego que D. Maria Dorothea teria dado prova maior do seu amor acompanhando á Africa aquelle que fez o possivel para eternal-a na memoria dos homens. Mas, que querem? as mulheres são assim... Quasi sempre para ser amado por ellas até á loucura, é necessario, antes de tudo, isto: não as amar.

Mas isso não altera o que fica escripto. A vida é a mesma, em Villa Rica como na China: é preciso acceital-a sem a discutir. Demais, que temos nós com

isso?—Temos os versos de Gonzaga: amemo-os. Temos a recordação de Marília: veneremo-a.

Porque,—morta como Sapho, tragicamente, ou, naturalmente, como qualquer burgueza—a mulher, cujos olhos inspiraram meia duzia de versos perfectos, é digna do carinho e do amor dos poetas que vieram depois, com a mesma aspiração de corporisar em syllabas medidas o doce luar que, em redor do seu infortunio, espalha a presença da pessoa amada...

## II

### PADRE FARIA

Quem, vindo da episcopal Marianna, entra em Ouro Preto, encontra, antes do bairro do taubateno Antonio Dias, — mais velho do que elle e por isso mesmo mais curioso, o bairro do Padre Faria, com a sua egreja simples plantada no fundo do valle e o seu grande cruzeiro de pedra rendada, de seis braços, á maneira das cruzes papaes.

A pouca distancia, mostram-se ainda os alicerces da casinha tosca em que o Padre Faria assentou o seu presbyterio, no coração do povoado que a sua gente fundou. Perto, porque já estamos no limite leste da cidade, ouve-se o barulho surdo das aguas do Tombadouro. Lá em cima, vê-se a estrada, orlando o sopé dos morros de S. João e S. Sebastião que manchas negras de ruinas cobrem. E de junto da egreja sobe uma rua longa, calçada, toda cheia de destroços de casas.

Sentado ao pé da cruz, comecei a reconstruir em sonho um dia de festa religiosa no bairro do Padre Faria, ao tempo em que ainda, sahindo do

seu presbyterio, elle vinha, entre os fieis ajoelhados, atravessando a larga ponte de pedra que dá accesso para o adro, officiar no templo, a que concorriam nobreza e povo, contractadores e escravos.

N'esse tempo não teria eu podido, miseravel plebeu, sentar-me n'um dos degraus de pedra do cruzeiro. Os nobres sómente,—n'essa epocha em que El-Rey era o filho mais velho de Deus e os fidalgos seus irmãos mais moços,—podiam, sem offensa á soberania divina, tocar com os fundilhos dos calções de velludo as pedras sagradas e approximar da base da cruz os bicos finos dos sapatos, em cujas fivellas reluziam grandes crysolithas e turmalinas fulgurantes.

Mas, os tempos mudaram. Um hervaçal rasteiro e mão acolchoou a terra em torno da igreja. Mordidos, aqui e ali, de lichens, que os mancham, os degraus do cruzeiro dormem abandonados.

E, só, debaixo do céo que a queda do sol ensanguenta, posso, deixando a alma fugir para o passado, vêr, n'um sonho, a procissão dos fieis que chegam. Oh! o bello sonho que me offuscou os olhos com a faiscação de toda uma opulencia extincta para sempre, e me embalou a alma na rêde de ouro de uma fé, que morre á mingua de crentes e de poetas!

Na torre baixa, coberta de folhagens e de flores, o sino canta.

Nos morros de em torno, as minas descançam, sem trabalhadores. Às margens dos riachos, nas ba-

cias que as enxurradas cavaram nas rochas, os orgulhos repousam. Nem uma bateia se agita. Nem um almocafre trabalha, retinindo de encontro ás pedras. Cascalhos ricos de ouro, dormi! ninguem irá hoje interromper o vosso somno sob as cobertas de desmonte e as ferragens inuteis que vos abrigam! Dormi! É dia de festa. O sino canta. Mineiros e garimpeiros correm á igreja. E a terra toda, em silencio, livre por um dia dos que lhe rasgam as entranhas, jaz n'um torpôr inalteravel.

O adro já está cheio. Em grupos, os fidalgos formigam, dando volta ao cruzeiro, que abre gloriosamente os seus seis braços de pedra no esplendor do dia.

Passam cabelleiras trançadas, de rabicho cahindo sobre costas de compridas casacas amarellas, azues, vermelhas e verdes, amplamente degolladas, com enormes canhões dobrados; colletes de setim macáo, bordados a lentejoulas, com abotoaduras fulgurando como estrellas; camisas de folhos sobre cujas rendas se agitam, á maneira de grandes borboletas brancas, as largas gravatas de lenço bordado; chapéos á Frederico, de tres pancadas; calções de seda, sobre cujas fivellas de ouro roçam de quando em quando tilintantes bainhas de prata de floretes ricos. E, sobre as lages, rythmando a cadencia do passeio, batem grossos bastões, de castão recamado de gemmas preciosas.

De vez em vez, um fidalgo pára, e consultando a hora, faz brilhar ao sol um relógio enorme, pendente de grossa cadeia de cornalina.

Junto á porta da egreja, estão immoveis as damas.

Sobre as cabeças, em tufos graciosos; arredondam-se-lhes as coifas de seda branca, brosladas a fios de ouro; e, de sob as coifas, lhes sahem meneadas ao vento as cabelleiras polvilhadas de branco. Camisas de rendas arrufadas como espumas, apertadas ao pescoço, rutilam, duras de gomma. E sobre os espartilhos fortes, de barbatanas, fazendo o peito alto, estiram-se os *macaquinhos* de velludo, em que ardem joias descommunaes, corymbos de pedrarias em engastes de prata, toda uma constellação de diamantes. Ao peso das mesmas joias, arrançadas em fórma de brincos, distendem-se os lobos das orelhas. E, trançadas nos braços, cheios de pulseiras pesadas, enrolam-se as caudas longas das saias de roda, de entre cujas dobras emergem as mãos brancas, de dedos finos, que desaparecem debaixo do fulgor dos grandes diamantes do Tijuco.

Postas n'uma attitude de estatuas, de physionomia grave, a que a cabelleira empoada dá um ar picante de prematura velhice, as damas inclinam a cabeça, quando um cavalheiro, a passos miudos e estudados de minuete, ensaia um cumprimento ceremonioso, em que toda a galanteria do fidalgo transparece.

Sobre tudo aquillo, sobre aquelle torvelim de sedas, de pedrarias, de velludos, um sol vivo se desata em raios alegres, e o sino continua a cantar as suas mesmas notas ardentes. Contractam-se figuras para



as contradanças variadas, combinam-se passos para os requebros dos minuets; e cada qual sorri á lembrança da animação que vão ter os fandangos aristocraticos, de cadencia marcada pelo chocalhar dos chique-chiques de prata.

Mas, em baixo, sem transpôr o espaço respeitavel que o separa do logar inviolavel em que esplende a nobreza, fica o povo, a vil canalha dos africanos retintos e dos indios, cujos braços cavam a terra para dar aquelle ouro aos bastões dos fidalgos e aquelles diamantes ás arrecadas das fidalgas; fica a arraia miuda, cujo suor sustenta as prodigalidades da Côrte Real, essa mesma arraia miuda que, d'ahi a alguns annos, se ha de transformar n'uma população irrequieta de brasileiros altivos, levantando motins diarios contra a tyrannia dos impostos, contra o orgulho dos contractadores, contra as tropas de El-Rey, até cercar o throno amedrontado com a alcatéa rugidora dos seus brios longo tempo soffreados...

Mais pausado agora, desfaz-se o sino em uma revoada de notas serenas. É o padre que ali vem, de mãos espalmadas sobre o povo, n'uma grande benção muda. Em baixo, prostram-se todos: e um rumor abafado de resa sobe da multidão ajoelhada.

Em cima, no adro, levantam-se os chapéos. As damas, n'uma rapida mesura, cumprimentam Deus que passa, com familiaridade e comedimento, como de igual para igual, sem as grandes expansões de fé e de humildade com que o cumprimenta o povo.

Cala-se o sino. A musica começa. E as proprias arvores, no ar socegado, parecem levantar os galhos verdes, n'uma silenciosa prece...

Todo esse espectaculo me passava em sonho pelos olhos, quando, sentado ao sopé do cruzeiro do Padre Faria, eu vivia a existencia dos fieis de outr'ora, e reconstruia os costumes perdidos, estudados na leitura d'aquelles que, como o illustre dr. Felicio dos Santos (1), tomaram a si a tarefa de historiar o inicio da civilisação mineira.

Voltando a mim, vi que a noite descia. Algumas estrellas se accendiam no alto, sobre a natureza adormecida, tauxiando o céo quasi negro. Desci do adro e voltei para a cidade. Tudo deserto. Nem um caminhante acordava com as suas passadas o bairro secular do Padre colonizador.

Mas, de repente, uma figura humana começou a avançar, em sentido contrario ao meu. Approximava-se um rumor de passos. E quando cheguei a vêr o solitario transeunte, um horror grande me tomou o espirito, tão grande como o que estatelou Gautier, ao vêr, na Grecia, junto do Parthenon, um mascate, com as suas bugigangas espalhadas ao pé dos marmores divinos. O transeunte era um engraixate que recolhia da cidade!

---

(1) DR. FELICIO DOS SANTOS, *Memorias do districto diamantino*, Rio de Janeiro, 1868, p. 77 e seguintes.

---

Um engraixate! E, quando elle, com a sua caixa ás costas, desapareceu na escuridão, ainda uma revolta me agitava a alma contra a brutalidade do encontro, vindo quebrar o encanto do meu sonho do passado com o apparecimento d'essa prosaica instituição moderna. . .



### III

## S. JOÃO DO OURO FINO

Por um dia quente, de sol vivo, reverberando sobre o verde das montanhas, galgo a encosta abrupta das pedreiras das Lages. Pela estrada ingreme, tropeçando nas pedras, sobe o cavallo a passo, penosamente. E, de um lado e de outro, n'esta parte hoje abandonada da veneranda Villa Rica, amontoam-se ruínas disformes, cavam-se furnas de minas esgotadas, rasgam-se despenhadeiros, abysmos tallhados a pique nas rochas.

Quanto mais se sobe, mais ruínas apparecem: palacios de entrada larga, portas immensas, cujos pilares trabalhados em um só bloco de pedra furam ainda o céo, isolados, negros, destacando se do fundo de esmeralda do morro, ou, mais altos, do fundo de turqueza do céo; casas mais pobres, já sem tecto, mas cujas paredes toscas se equilibram ainda; muros esphacelados, dispostos em cêrca, dentro de cujo ambito deviam os mineiros cultivar a terra ou deixar ao abrigo da rapina os animaes.

Sobre algumas das ruínas, aproveitando os alicer-

ces inabalaveis, gente nova levantou casebres frageis, de paredes de bambú e barro, de tecto de palha trançada: e, por baixo do reboco ligeiro, a pedra ferrugenta da construcção primitiva apparece, denunciando a velhice das bases em que assentam as casinhas modernas. E ha qualquer cousa que commove n'esse espectáculo: o trabalho dos operarios mortos ha duzentos annos, facilitando e auxiliando a vida dos seus irmãos de hoje, curvados ás mesmas fadigas, á canga da mesma pobreza e da mesma obrigação de ganhar o pão com o suor do rosto e o sangue das mãos. . .

Quando chego á egreja de S. João, a primeira edificada em Ouro Preto,—o sol irradia sobre a extensão infinita da paizagem, quebrando os seus dardos de fogo de encontro ás rochas, faiscando sobre a alvura das casas, dando um tom de prata nova á agua de um rio que se arrasta, em baixo, serpenteando, caprichoso, no sulco de junccção de duas encostas.

Estou no adro da mais velha egreja da cidade: pequenina e humilde, era a ella que corriam os primeiros povoadores de Villa Rica, a pedir amparo e mineração feliz ao Deus que escondera no seio da terra o metal que enriquece. E, ao lado da capella, pendente de uma grossa trave de madeira de lei, está ainda o velho sino, cuja voz soturna, pela primeira vez, ha duzentos annos, soou no silencio das serras invias, povoando de echos longos as quebradas adormecidas. Aqui está elle ainda, de voz tão fresca como quando sahiu das mãos do seu fundi-

dor, — testemunha bi-centenaria das luctas, das alegrias, dos triumphos, das amarguras, do tumultuar de todas as paixões que se agitaram na sua presença, desde a epocha em que, attrahidos pela fulguração do ouro das serras, transpondo rios e montes, mattas cerradas e vallados profundos, sem relógio, sem bussola, sem conhecimentos de astronomia, luctando com a fome, com os selvagens, com as feras, guiados apenas pela sua vontade de ferro e pela sua ambição febril, — os primeiros trabalhadores assentaram aqui o seu acampamento, de onde tinha de nascer Ouro Preto.

Quasi totalmente arruinada ha pouco tempo, a igreja de S. João do Ouro Fino está hoje restaurada. Ladrilhado de novo, pavimentado, pintado por dentro e por fóra, o formoso e singelo templo está salvo da destruição: o sino, ha tanto tempo calado, vibra de novo, aos domingos, e no altar-mór, nos velhos castiçaes de madeira trabalhada a faca, ardem de novo as velas deante do mais bello Christo que jámais viram meus olhos.

Esse Christo é uma obra prima, uma preciosidade inestimavel, um thesouro, — talvez o thesouro mais valioso existente em todas as egrejas da cidade. É de marfim e mede um palmo de altura. Nada póde dar ideia da perfeição suprema, da arte inexcedivel, da quasi sobrehumana delicadeza com que foi talhado esse pequeno pedaço de marfim. Em todo o corpo, um conhecimento profundo de todos os detalhes anatomicos se revela; não falta uma saliencia de ar-

ticulação, uma indicação de musculo, uma corda de tendão ou de veia. E nunca vi, em esculptura alguma, a expressão estupenda, maravilhosa, que o artista soube dar á face do crucificado, torcida pela angustia, de frente lacerada pelos espinhos, labios repuxados pelo soffrimento, olhos amarguradamente cerrados pela dôr...

Circula o sopé do altar-mór um painel dividido em doze quadros, em que estão representados os doze apóstolos.

A pintura d'esses quadros foi sacrilegamente e desastradamente restaurada ha pouco. Os santos apparecem com os labios violentamente pintados a vermelhão como labios de *cocotte*, pestanas enormes e grossas como arames, cabellos horriveis, roupagens hediondas. Pacientemente, a pinceladas habeis de agua-raz, Emilio Rouede conseguiu destruir em um dos quadros a camada profanadora das tintas novas e a pintura primitiva appareceu, deliciosa, finissima, de incomparavel precisão de colorido e irreprehensivel correcção de desenho.

Tambem, é tudo quanto ha de arte na igreja. Simples o côro, simples toda a decoração, sem afeites, sem arrebiques pretenciosos. Mas basta, no altar-mór, a presença d'aquelle extraordinario Christo de marfim, para prender dentro da capella, esquecida por horas e horas, a alma enamorada de um artista.

Quando saio, o occaso arde. Declina a tarde: e já, em baixo, os concavos dos valles se vão enchendo de sombras. Mais negras, com a ausencia



---

do sol, parecendo mais proximas, as montanhas se recortam duramente no fundo do céo, como se fossem de bronze; e uma quietação melancolica, um silencio doce pesam sobre tudo. Antes de montar a cavallo para descer a escarpa, quero ouvir a voz do sino que chamava á oração os mineiros de ha dois seculos; faço vibrar o seu bojo, com uma pancada sêcca. Um grito claro, estridente, irrompe do metal, sobe, canta no ar, derrama-se por toda a natureza, e morre, como um gemido triste, no recolhimento do crepusculo que desce...



## IV

### ENTRE RUINAS

Sobre os rosaes silvestres, abertos em flores, nas faixas de ouro dos ultimos raios do sol, dança o vôo leve das abelhas: e apenas o seu sussurro povôa a solidão d'estes sitios ermos.

As gamelleiras — as amigas de todas as ruinas — estão quietas e mudas, sem uma só palpitação de folha, com a ramaria dura, irrompendo dos escombros d'esta rua fantastica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lageas avermelhadas, quasi desaparece sob um tapete espesso de matto curto.

Estamos entre as ruinas da rua da Agua Doce, em Ouro Preto, arteria principal da vida de ha duas centenas de annos, longa avenida, que sobe em declive suave desde o centro do bairro do Padre Faria até perto das Aguas Ferreas, de onde já se avista a estrada de Marianna.

De todas as ruinas, entre as quaes a minha extravagancia andou por sete mezes de solidão passejando, é esta a mais triste, e, ao mesmo tempo, a mais bella.

Nos outros pontos em que se amontoam destroços de habitações, as massas de pedra apparecem de espaço a espaço, deixando vêr que entre as casas havia quintaes, pastos, roças, campos incultos. Mas aqui a construcção é compacta e cerrada: os alicerces de uma casa encostam-se aos alicerces de outra, as paredes tocam-se, e, em quasi uma hora de marcha, segue-se por uma verdadeira rua central de cidade, como a rua do Ouvidor. A differença é que, d'esta rua do Ouvidor dos bandeirantes, sómente as paredes das casas subsistem.

O matto cobre as calçadas de banda a banda. E se alguma cousa, além do sussurro das abelhas, que voam sobre os rosaes silvestres, quebra o silencio profundo, que pesa sobre estes logares, é o rumor surdo dos nossos passos abafado pelas hervas que pisamos.

Vamos, dois curiosos, sem falar, de ouvido aberto á voz mysteriosa das cousas mortas, que só em sonho se ouve, caminhando de vagar, com um recolhimento piedoso na alma, como se estivessemos seguindo a alameda de um cemiterio.

E, de repente, no mesmo instante, com a mesma ideia que nos preoccupa o espirito a romper dos labios, recitamos juntos o maravilhoso soneto de Raymundo Corrêa, cuja musica divina canta chorosamente no ar silencioso, entre as pilastras quebradas

---

e os muros roídos, a que a luz crua da tarde dá um aspecto de decoração de magica...

«Aqui outr'ora retumbaram hymnos...  
Muito coche real n'estas calçadas  
E n'estas praças, hoje abãdonadas,  
Rodou, por entre os ouropeis mais finos.

Arcos de flores, fachos purpurinos,  
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,  
Gyrandolas, clarins, atrópelladas  
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou... Mas d'estas arcarias  
Negras e d'estes torreões medonhos  
Alguem se assenta sobre as lages frias!

Espalha os olhos humidos, tristonhos  
Em torno... E chora, como Jeremias,  
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos...»

Um calafrio nos corre a medulla. E só então, precisa e definitiva, se nos revela a suprema belleza d'esses versos: e, involuntariamente, olhamos em torno, esperando vêr, sentada a um dos escombros, a figura esqualida do propheta das *Lamentações*, de barba intonsa desgrenhada ao vento, com uma dôr, melancolica e terrivel ao mesmo tempo, ululando nos labios que o desespero retorce.

Seguimos. E, de improviso, a uma curva que faz a rua de ruinas, um espectaculo inesperado nos surprehende.

Sobre os alicerces solidos de uma das habitações seculares, levanta-se uma pobre casa rustica, feita ás pressas e ás tontas, para aproveitar as pedras da construcção antiga. Um perfume vivo, penetrante, calido, erra no ar. E notamos que a entrada do casbre está adornada de palmas verdes que rodeiam as portas, destacando-se frescas do velho fundo da parede mal rebocada.

Aproximamo-nos curiosamente. Entramos. Uma sala pequena, modestamente mobiliada. O chão é de terra, sem soalho. O tecto é de esteira trançada. Mas não se vêem as muralhas: porque, de cima abaixo, ellas desaparecem sob um manto de folhagens, de galhadas verdes, em cuja trama se desfazem em perfumes os grandes lyrios rutilantes, — essas admiraveis flores a que o povo dá o nome de *copos de leite*, enormes, de uma brancura sem jaça, de um aroma que embriaga, sensual e capitoso.

Sobre os moveis, pelo chão, esplendem ramalhetes de *grinaldas de noiva*, pequeninas flores que se recortam á feição das flores de lorangeiras.

É um casamento que se festeja, n'uma familia de trabalhadores pobres. Um encanto indefinivel paira sobre a casinha, tão singela, mas tão ricamente enfeitada. E nem todas as pompas, nem todos os assombros de luxo e de riqueza cuja descripção andou ha pouco tempo enchendo os jornaes por occasião do casamento da princeza de Inglaterra, em Londres, valem a celebração ingenua d'esse matrimonio de pobres, entre ruinas, dentro de uma nuvem de flores.

No scenario melancolico d'esta rua de outra edade, de que até os ultimos destroços já vão cahindo, desfeitos no pó em que tudo acaba, essa cerimonia da reunião de duas vidas que se vão prolongar em outras, tem qualquer cousa de altamente dramatico, que empolga a alma aborrecida do mundo, extasiando-a, mergulhando-a na fonte reconstituente e rejuvenescedora do consolo e da crença.

E, ao sahir da casa, já os nossos olhos vêem com menos tristeza as ruinas.

Já das paredes desconjunctadas sobem elles para o céo que arde, para as arvores que se levantam, para a natureza forte que não morre, que se agita e canta perpetuamente, com a mesma mocidade, e que, ha duzentos annos,—quando uma turba multa de caminhantes rolava por esta rua, quando pelas janelas d'estas paredes hoje cahidas sahia o vozear dos homens, das mulheres, das creanças, quando o trabalho e a ambição enchiam de vida e de barulho este centro da Villa Rica primitiva,—tinha o mesmo riso moço e inalteravel que tem hoje, depois de ter visto desaparecerem os caminhantes, ruirem as paredes, envelhecerem as creanças, e caber todo o infinito da cobiça de uma geração no espaço de sete palmos de cova,—espaço pequeno de mais para a enormidade do nosso orgulho, mas grande de mais ainda para a insignificancia do nosso valor real...





## LAZAROS

De todas as enfermidades, de todas as podridões que abatem e roem esta miseravel maquina do corpo humano, nenhuma excita em mais alto grau a minha piedade do que a morphéa.

Só!... No meio da agitação da vida, só entre os que amam, só entre os que riem, só entre os que choram, só entre todos, — insulado pela sua hedionda molestia, o lazaro vive mais abandonado em plena communhão social do que se estivesse no ermo absoluto do mais inexplorado areal africano. A repugnancia de todos fórma em torno do seu corpo maldito um como cordão sanitario inviolavel. Não poder dar um passo sem propagar em torno o mesmo sentimento de nojo, o mesmo involuntario arrepio geral, o mesmo movimento de recuo! e caminhar pela vida como uma lesma, deixando no chão um rasto viscoso de lodo, — ignobil massa de cousas ascosas, decomposição ambulante, morto vivo que passa...

Ha quatro annos, convivi por espaço de quinze dias com um lazaro, na communhão de bordo, fechado com elle dentro de um navio, em mar alto. Ainda hoje, quando reavivo a recordação d'esses quinze dias, uma angustia sem nome me esmaga o coração.

Vejo-o ainda... Alto, magro, sempre bem vestido. Sob a deformação das linhas da face, engrossadas pela molestia, percebia-se-lhe certa distincção. E o que havia de mais triste para mim, na piedade que elle me inspirava, era vêr que a deformidade não tornava só repulsiva a sua physionomia. Tornava-a comica, de um comico macabro, diabolico, horrivel. Era a physionomia de um ebrio triste, de um bebedo melancolico.

Alargava-se-lhe o nariz, cujos rebordos inchados e humidos se reviravam extravagantemente. As maçãs do rosto tingiam-se de um vermelho sujo. Os beiços, medonhamente grossos, uniam-se mal, movendo-se a custo, quasi paralysados, entreabertos sempre, como os de um çadaver, n'um rictus perpetuo: dentes brancos e perfeitos, fulgurando, entre essas duas postas de carne turgida, augmentavam ainda a sinistra expressão da mascara. Quasi nada de sobrancelhas e de pestanas, já. Os olhos pareciam assim maiores, sempre molhados, sempre tristes. E era uma verdadeira mascara de carnaval, meio rindo, meio chorando, n'uma mistura indefinivel de sarcasmo e de dôr.

O lazaro, com a consciencia do asco que inspi-

rava, andava mal, acanhado, tropeçando, não sabendo o que fazer das mãos, que, quasi sempre, lhe pendiam inertes ao longo dos quadris, — mãos enormes, de dedos entumecidos, nós violaceos de articulações perras, unhas que começavam a despegar-se da carne.

No primeiro dia de viagem, não apparecera. Havia a bordo uma centena de passageiros de primeira classe, — gente de toda a especie, mocinhas trefegas cujas risadas enchiam a vastidão do mar largo, *toilettes* claras esplendendo ao sol; argentinos ricos, em roupas de flanela branca, faixas largas de seda rubra á cinta, gorros extravagantes á cabeça, grossos brilhantes ao dedo, e um grande ar de *rastaquaouerismo* em toda a pessoa magestática e presumida; matronas, que começavam já a enjoar, sentadas á tolda em largas cadeiras de vime e lona; mulheres de vida airada que regressavam á Europa, a gozar do dinheiro que lhes rendera, no Rio ou em Buenos Ayres, a venda do corpo, ou, em viagem de commercio, a contractar nos mercados europeus noviças inexperientes para as suas casas de pensão; militares que deixavam, por *chic*, de usar a farda, mas davam sempre a impressão de quem vive a arrastar esporas e espadas; caixeiros viajantes, cujas graçolas pesadas animavam todo o navio; uma população heterogenea, misturada ao acaso, travando em um só momento relações que pareciam logo, pela intimidade, datar de annos, homens de toda a classe e mulheres de toda a cathegoria, agitando-se,

rindo, preparando-se para, do melhor modo, vêr correr os quinze dias longos da viagem encetada,— longe de terra e da possibilidade de socorro e ajuda, com a necessidade absoluta de considerar amigos inseparáveis pessoas que nunca tinham visto, e nunca mais veriam talvez ao cabo d'essa quinzena de convivencia forçada.

No segundo dia, quando todos os viajantes já se conheciam, quando o acanhamento das primeiras horas já se havia dissipado,— foi que o lazaro appareceu, na tolda, ás duas da tarde, á hora em que os beliches ficam desertos, em que o calor convida á somnolencia deliciosa nas *chaises-longues* de lona, com um livro que se não lê nas mãos, e o olhar perdido ao longe, no infinito azul do mar e do céu,— ou á palestra viva, em grupos espaçados, com a *flirtation* acompanhada de jogos de prendas, de maledicencias inoffensivas, de aneddotas picantes, de controversias futeis.

Subiu a escada e cahiu em plena tolda, de repente. Parou um pouco. Fez um cumprimento ás pessoas que achou mais proximas, á entrada. Uma commoção sacudiu todos os grupos. Um medo panico, cobarde e cruel, torceu todas as faces. E todas as cadeiras se afastaram n'um momento. Foi como se a propria morte houvesse apparecido. . .

Elle, comprehendendo, hesitou. Esteve um momento a pensar se desceria ou continuaria o passeio, dando volta ao navio. Por fim decidiu-se a proseguir.

E, de cabeça baixa, humilhado, olhando o chão, adeantou-se no meio de um silencio de morte. Quando passou por mim, vi-lhe os olhos mais humidos do que de costume, a face mais triste, na sua dolorosa hediondez de mascara ridicula. Quando o pobre desapareceu, descendo a escada opposta, os commentarios correram, indignados, a tolda.

Levantavam-se protestos contra a Companhia, que permittia a entrada *d'aquillo* nos navios. A quando e quando, uma senhora intervinha, commovida, em favor do desgraçado, lastimando-o. Mas, a sua piedade era talvez mais cruel do que o rancor dos homens,— tal era a expressão de nojo com que a face acompanhava as phrases de dó.

D'esse dia em deante, começou o verdadeiro exilio do pobre homem, a bordo. Tornou-se absoluta a sua solidão. Exilio negro e tremendo, n'uma agglomeração de mais de cem pessoas. . . N'aquelle navio, a cuja sorte estavam tantas vidas confiadas, e dentro de cujo perimetro a sensação do perigo, o medo do naufragio, o instincto de conservação uniam todas as almas, todos os interesses, todos os defeitos e todas as virtudes n'um mesmo laço apertado de solidariedade completa,— o lazaro sentiu crescer a antipathia de todos, pouco a pouco, até se transformar em odio franco, em franca hostilidade aggressiva, expandindo-se á larga, em gestos evidentes de asco, em phrases claras de maldição.

Passou a comer em baixo, no beliche, por cuja

porta ninguem passava sem precauções extraordinarias, evitando o contacto da aldraba que as suas mãos contaminavam.

E ninguem pronunciava o seu nome: tambem ninguem o sabia. Dizia-se: *aquillo*, aquella cousa, aquella chaga, aquella podridão... O lazaro não sahia mais do camarote. E, livre da sua presença, a indignação geral se foi abrandando. Afinal, seis ou sete dias passados, já ninguem pensava n'elle. Foi como se tivesse apparecido a bordo um doente, que, morto e atirado ao mar, não houvesse deixado o minimo vestigio da sua aborrecida demora no meio d'aquella gente que se divertia, que corria á Europa a ganhar dinheiro ou a gastal-o, com a alma livre de cuidados e o corpo livre de doenças, tonificado pelo ar puro do mar largo, robustecido pela alimentação farta, repousado pela ausencia completa de preoccupações e de paixões.

Hoje um concerto, amanhã um baile, depois de amanhã uma kermesse; e os dias corriam. E só eu, ás vezes, pensava no misero exilado que se via só, no meio do mar, entre as quatro paredes de um beliche negro, cheirando a graxa e azeite, roendo consigo mesmo o seu tedio, a sua melancolia, o seu abandono, o seu desespero...

Uma noite, o lazaro reapareceu. Foi a ultima vez que o vi.

O navio sahira de Dakar. E uma tempestade fortissima rebentou. Ao anoitecer, era impossivel estar

na tolda: o vento soprava rispido, impetuoso, arrasando tudo comsigo. Trovões estalavam, com um echo infinito. E tudo negro. Adivinhava-se, pelo ouvido apenas, que o mar estava ali, temeroso e agitado. Ao relampaguear, avistavam-se montanhas altissimas de agua, que desabavam com fragor, retorcendo espumaradas bravias. Todas as senhoras se haviam recolhido aos camarotes. Dos homens, metteramo-nos uns vinte na sala de jogo e, entre o fumo dos charutos e o aroma do *punch*, organisaramos uma roda de *lansquenet*.

O jogo animou se. Já ninguem prestava attenção ao barulho da tormenta lá fóra.

No emtanto, todo o navio tremia, sacudido, vibrando a cada choque de onda irritada.

As vidraças do *fumoir*, abaixadas, tiniam de minuto a minuto. E succediam-se os trovões, os relampagos. Era preciso que o mar estivesse pavorosamente agitado, para que aquelle colossal transatlantico, em que estavamos, dêsse os saltos que dava, obrigando-nos a segurar os luizes de ouro das paradas e as cartas que dançavam sobre o panno verde da mesa.

Repentinamente, não sei porque, entre duas sortes felizes, lembrei-me do lazaro.

E, levantando os olhos, não pude conter um movimento de sobresalto, vendo-o á porta da saleta de jogo, olhando para nós com uma fixidez anciosa de olhar, que nunca mais esquecerei...

Li n'esse olhar indefinivel tamanho desespero,

tão sobrehumana angustia, tão aterradora amargura, que fiquei a olhal-o, carinhosamente, com um sorriso na bocca, — sem falar, para não chamar a attenção dos outros. Todos, entregues á commoção do jogo, estavam incapazes de reparar em cousa nenhuma. Fiquei immovel, sorrindo para o pobre condemnado. E a physionomia d'elle me dizia tudo: o terror de se vêr sósinho, n'aquella noite de espanto e de mysterio, o cansaço da alma fraca de mais para supportar o peso formidavel da solidão, e um agradecimento claro á minha piedade, ao meu dó, á minha caricia de irmão, — toda a sua vida aos meus pés, para me pagar o consolo do sorriso que eu lhe concedera. . .

Chegara a minha vez de dar cartas. Abaixei os olhos para a mesa. Sentia-me feliz, — sabendo-o perto e consolado. — Não nos falava, mas ouvia-nos, via-nos, estava junto de homens, e não era repellido. . . E esse momento só de convivencia — por incompleta e enganadora que ella fosse, — apagava-lhe todos os vestigios da incomprehendida agonia dos dias passados.

Quando levantei de novo o olhar, vi que elle se approximara de uma mesa de jogo vasia, do lado opposto ao nosso.

E, distrahidamente, decerto sem pensar no que fazia, pôz-se a revolver nas mãos inchadas e vermelhas um baralho de cartas. Mas, justamente n'esse instante, um dos parceiros o avistou. Com o grito de contrariedade que deu, voltaram-se todos. — Oh! pegar em cartas de que todos usavam! . . .



Um murmúrio de indignação cresceu entre os jogadores, subiu, mudou-se em uma saraivada de doestos, de exclamações injuriosas.

Recolheram-se as paradas. As moedas de ouro tiniram, embolsadas á pressa.

Elle, por um momento, parou. Fugiu depois, correndo, para o beliche. . .

De longe, vi-lhe ainda por algum tempo as costas, sacudidas por soluços.

Desdê esse dia, o *lansquet* só se fez a bordo com baralhos novos em folha. Mas, tambem, desde esse dia, o lazaro não sahiu do camarote.

Procurei vê-lo varias vezes, em vão. Insisti. Bati-lhe á porta. A porta só se abria para o creado que lhe levava a comida. E cheguei a Lisboa, sem que uma palavra do meu amor e da minha piedade pudesse dar algum allivio ao seu desespero. . .

Annos depois, em Ouro Preto, encontrei outro morphetico, em circumstancias igualmente enternecedoras.

Era fóra da cidade, n'uma estrada larga que margeia um morro antigamente explorado pelos mineiros.

Quasi noite. Já tudo desaparecia, confusamente, na escuridão. De espaço a espaço, eu via abrir-se, mais negra, no negro flanco do morro, a bocca de uma mina abandonada. E essas excavações se succediam regularmente, entupidas de trevas.

Mas de uma d'ellas jorrou de repente uma cla-

ridade fraca. Parei, espantado de que entes humanos vivessem na humidade e no horror d'aquella furna.

Com effeito, vozes abafadas conversavam lá dentro. E estava eu a indagar de mim mesmo que miseria immensa forçaria homens a buscar abrigo em covas de que até mesmo lobos fugiriam, quando senti que alguém se approximava.

Era uma menina, miseravelmente vestida. Vinha de cima, do morro; e, sobre o fundo rubro-pallido do céo, a sua figurinha se destacava tristemente, — saioite esburacado, pés nús, cabello louro despenteado. Passou perto de mim, tão perto, que pude vêr que levava ás mãos dois pratos em que fumegava comida. Chegou. Desappareceu no covil habitado.

Approximando-me, examinei o interior da mina. Ardia no chão um fogo escasso de gravetos, alumando vagamente as paredes negras, que suavam humidade. Ao fundo, havia uma cama feita de mólhos de capim mirrado. Roupa lavada seccava, estendida em cordas.

E, recebendo o jantar que lhe levava a menina, vi o habitante da sinistra casa, vestido de uma sorte de comprida camisola de panno grosso.

Era um lazaro. Era um homem a quem a enfermidade hedionda impunha a dolorosa obrigação de poupar ao resto dos homens a infecção do contacto do seu corpo apodrecido, e forçava a transformar-se n'um selvagem, habitando, como o Caliban da epopea shakespeareana, uma caverna rude, no seio da Natureza piedosa.

---

Ah! felizmente para aquelles que teem a carne infiltrada de sanie, as plantas verdes ligam menos importancia do que os homens á materia miseravel, que é a mesma nos labios da mulher que beijamos e na corolla da rosa que cheiramos! E, mais indifferentes á podridão humana e mais generosas do que nós, as arvores não escorraçam da sua convivencia os leprosos, com medo de que o contagio da lepra lhes manche com placas de gangrena as tunicas triumphaes de que se cobrem, e lhes entoxique a seiva de que se alimentam. . .



## VI

### S. JOSÉ D'EL-REY

S. José d'El-Rey, duas horas da tarde. Céu coberto de nuvens de chumbo. Estamos no coração da velha cidade colonial, em que por tantos annos viveu Tiradentes. Praça immensa, de chão atapetado de capim bravo.

No centro, o velho chafariz de 1749, despejando em larga bacia de pedra tres jorros de agua, pelas bocças de tres vermelhas e hediondas caraças.

Acima das tres bicas, um nicho modesto em que, até ha bem pouco tempo, havia a imagem de S. José. Em torno de nós, fechando a praça, casa-rias lugubres, pesadas, silenciosas, de sacadas de grade de pau negro, de largas janellas fechadas. E ninguem... Nem um habitante apparece no longo trecho da cidade que o olhar abrange.

Um silencio de cemiterio amortalha S. José d'El-Rey: e parece que sómente nós vivemos dentro d'ella, — nós, e uma duzia de bacorinhos trefegos, pretos uns, arruivascados outros, refocilando na lama que se empoça de trecho em trecho no meio do capim.

Trouxe-nos até aqui, de S. João d'El-Rey, um trem especial. Ao galopar da locomotiva, vimos estender-se, enorme e clara, fugindo á vista para um horizonte sem limite, a Varzea do Marçal, — admiravel planicie verde, ligeiramente ondulada, fartamente banhada pelo Rio das Mortes.

Ás nove horas, munidos de archotes, entramos na famosa Gruta de Pedra, uma maravilha natural.

Dentro da gruta, um frio fino e cortante. Grandes salões, de cujo tecto escuro pendem colossaes candelabros de pedra, succedem-se, unidos por galerias mudas, de chão humido e escorregadio.

De quando em quando, o caminho sobe. E o visitante, surpreso, chega a uma nova sala, a um segundo andar da espantosa gruta. Á luz do archote, que vacilla e desmaia, resvalando pelas paredes rugosas, de anfracto em anfracto, de furna em furna, — apparecem e desaparecem, como por encanto, abysmos negros, vultos formidandos de penedos acastellados uns sobre outros.

Ás vezes, de uma eminencia, o olhar mergulha pelos corredores vagamente alumiados, e percebe ao longe, — cahida de uma fenda da rocha sobre um chão que brilha dubiamente, — a luz do dia, incerta, azulada, fantastica. E, prestando attenção, n'um silencio absoluto, ouve-se o tic-tac das gottas de agua pingando sobre as lages, filtradas pelas stalactites, continuando o trabalho secular da formação d'aquellas assombrosas columnas de pedra. Nos pontos raros em que a abobada se rasga, dei-

xando apparecer um palmo de céu azul, a claridade põe no solo humido uma nodoa de côr indefinivel.

Ha um sitio, de que irrompe, em plena treva, em pleno subterraneo, um tronco de arvore secular.

Ha quantas centenas de annos terá ali cahido, abandonada e triste, a semente que foi o berço d'aquelle colosso? Sem ar, sem luz, o pequenino rebento cresceu talvez uma pollegada de dez em dez annos. Subiu a custo, como uma cobra, pelas paredes da immensa caverna. Engrossou, desenvolveu-se, cresceu. E, já tronco, proseguiu a sua viagem desesperada e heroica para a luz, para o ar, para aquella céu que adivinhava lá em cima...

Hoje, é curioso seguir esse percurso: o tronco vaê de pedra em pedra, confundindo-se com a rocha, subindo sempre, acompanhando aqui uma anfractuosidade, galgando ali uma cavidade, até que emerge da treva por um buraco aberto no tecto da gruta, e abre-se, e expande-se, e pompeia, e triumpho, e irradia, e canta em plena luz, alastrando pelo ar a sua gloriosa cópa verde, onde garganteiam passaros, onde vivem ninhos, e de onde pendem os grandes reposteiros fulvos das *barbas de velho*, como mantos regios...

Às dez e meia, sahidos da gruta, almoçamos alegremente sobre a relva. Não havia sol. O céu ennevoado era triste e frio. Mas, não olhavam para o céu... As *toilettes* frescas das senhoras fulguravam; o almoço, frugal e saboroso, desafiava a fome. E riamos, e riamos, em plena liberdade, sobre

o relvado fresco, entre as cantigas das aves e o barulho de uma queda de agua . . .

Agora, duas horas da tarde, sob um céu coberto de nuvens de chumbo, no coração da velha cidade de S. José d'El-Rey, amortalhada n'um silencio de cemiterio, —sentimos a alma invadida por uma melancolia subita.

Que silencio, que tristeza, que morte! S. José d'El-Rey chama-se hoje — Tiradentes. Quizeram com essa mudança de nome perpetuar a memoria do grande Inconfidente, fechando-a n'uma sorte de sacrario immenso, em que ninguem possa entrar sem um grande respeito e uma commoção invencivel. Conseguiram-n'o. Em S. José d'El-Rey, não creio que alguem tenha a coragem de rir. Aquillo é mais triste, mais horriavelmente triste do que um campo-santo. Não creio mesmo que o viajante, que percorre as ruinas de Pompéa desenterrada, sinta a impressão de tristeza inenarravel que senti, percorrendo as ruas d'esta cidade morta, onde moram vivos, onde não se vê ninguem, mas onde se adivinha que uma população melancolica e cheia de tedio arrasta uma vida muda de espectros . . .

As ruas, calçadas de pedras miudas e avermelhadas, sobem e descem, desertas, cheias de casas a cujas janellas nem uma cabeça de ente vivo apparece. Os mesmos porcos que se encontram, de espaço a espaço, focinhando a terra, teem um ar tão aborrecido, tão concentrado, tão meditabundo, que



a gente chega a acreditar que os porcos possuem como nós uma alma acessível ao tédio e á misanthropia...

Passamos pela casa da camara, onde em 1827 se jurou a Constituição do imperio defunto, — uma grande casa que vem quasi até ao meio da rua, com varanda de madeira em cujos balaustres amarellecem editaes, — e pela casa em que morou Tiradentes, — confortavel vivenda que é talvez a melhor habitação da cidade.

A matriz está situada no alto, dominando toda a cidade, ao fundo de um terraço ladrilhado. Attentando no ladrilho, vê-se que é formado por lapides de tumbas. Um relógio de sol, velhissimo, ergue-se a um canto do terraço.

Entramos. O velho templo é de uma magnificencia e de uma sumptuosidade indescriveis. O tecto, as paredes, as columnas desaparecem sob a pompa dos ornatos de ouro e sob as reliquias dos quadros sacros. O altar-mór fulgura, n'um deslumbramento. Grandes imagens pensativas, santas de espada cravada ao seio, Christos anciando sob o lenho, virgens de olhar azul erguido ao céo, quedam immoveis nos seus nichos magnificos. E, ao lado do altar principal, estendem-se duas immensas e preciosas telas antiquissimas, a *Ceia* e as *Bodas de Canaan*, — cujas tintas ainda conservam a primitiva e indestrutivel frescura.

Subimos á torre. Fazemos vibrar o grande sino que tem esculpida no bronze a data — 1747. E, des-

cendo ao côro, examinamos o orgão. E' uma formidável almanjarra musical, instrumento primitivo, fabricado em 1798, com pinturas que nunca foram restauradas, e movido por dois poderosos folles, a cujas alavancas, para que o orgão possa tocar, se dependuram dois homens. Apresentam-nos o organista. Pedimos-lhe que toque alguma cousa. Elle, um velhinho tremulo cuja velhice diz bem com a do orgão, faz-nos a vontade. Approxima-se do vetusto instrumento com carinho e respeito. Limpa-lhe as teclas, commovido, e começa... Uma melodia arrastada, dolorida, tristissima, sobe, espalha-se pelo templo, e, pelas janellas abertas, sahe para o ar livre, e vae chorar sobre as ruas desertas, — como o cantico fúnebre d'essa cidade morta...

E, ainda, quando já longe de S. José d'El-Rey, atravessamos, a caminho de S. João, a risonha Varzea do Marçal, — ainda essa musica de agonia, banhada de lagrimas e cortada de soluços, enche-nos o ouvido e amarguradamente nos repercute dentro da alma...

## VII

### FR. JOÃO JOSEPH

No anno da graça de mil setecentos e vinte, D. Pedro de Almeyda e Portugal, muito alto conde de Assumar, commendador da commenda de Sam Damiam e Sam Cosme de Azere, da Ordem de Christo, do conselho de S. M. El-Rey, sargento-mór de batalha dos seus exercitos, Governador e Capitam General das capitancias de S. Paulo & Minas Geraes, — andava de Villa Rica para Villa do Carmo e de Villa do Carmo para Villa Rica, no afanoso mister de distribuir a justiça de D. João V pelos subditos d'esse Fidelissimo Senhor.

N'aquelles tempos apartados, distribuir a justiça de El-Rey queria dizer — distribuir os impostos, as capitações, cobrar os quintos do ouro, confiscar os bens dos ricos, carregar de ferros os miseraveis, e estar sempre de olho álerda para a hydra da desobediencia, que, a quando e quando, rugia dentro da vil agglomeração do populacho revel.

Para essas variadas attribuições do seu espinhoso cargo, mostrava o conde de Assumar uma aptidão

notavel. Já, n'esse mesmo anno de 1720, manifestara elle uma astucia de lobo, uma bravura de leão, uma agilidade de macaco na lucta travada contra a gente rebelde que se collocara ao mando de Philippe dos Santos. Colhido de surpresa pela revolta, D. Pedro de Almeyda e Portugal, sósinho, sem tropa, acúado em Villa do Carmo pela multidão armada,—como uma onça, n'uma furna, por uma matilha de cães,—fizera-se brando como um cordeiro, deixara a sua bella face de fidalgo macular-se de um riso fingido de condescendencia com as exigencias da plebe, e acceitara condições, e assignara convenios, e fizera promessas, e compromettera no negocio não só a nobre palavra sua, como a real palavra do seu augusto amo. Victoriado pelo povo, deixou-o embalado na rêde enganadora das promessas, e foi a Villa Rica. E d'ahi a vinte e quatro horas, a sua policia secreta (tão bem organizada, tão disciplinada, tão activa como a que nos felicita hoje, em 1894), batia os arredores das duas villas, tecia em torno dos cabeças do motim uma rêde formidavel de enganos, de ciladas, de perfidias, de traições. E, antes de passados oito dias, a tropa prendia todos os cabeças, massacrava grande numero de populares, e mostrava á massa bruta dos governados que uma promessa nos labios de um governante é mais enganadora do que uma miragem nas areias de um deserto. E, enquanto Philippe dos Santos, esquarterado, rebolcado no pó, santificando-o com o seu sangue generoso, era arrastado de collina em collina para edificação e

exemplo dos subditos insubordinados,—o conde de Assumar mandava cobrar os impostos, que haviam excitado o motim, e, confiscando os bens dos amotinados, augmentava as rendas da Fazenda Real, fornecendo nova cópia de cruzados para as orgias conventuaes de Sua Magestade.

Aplacado esse motim, D. Pedro de Almeyda fez pesar ainda mais sobre a colonia as suas exigencias. E, havendo notado que nas minas se desenvolvera um gosto desenfreado pelos jogos de azar,—começou a perseguir a hydra do jogo como havia perseguido a da anarchia. Não sei se nas minas de então havia os modernos jogos civilisados,—a roleta tentadora, os allucinantes dados, o formidavel *baccarat*, o commovedor *lansquenet*. É de crêr que não: o que havia era a nossa mesma rifa de hoje, esta mesma *acção entre amigos*, que ainda agora apparece diariamente annunciada nos jornaes, tentando a cobiça dos papalvos e enchendo as algibeiras dos vadios.

Um dia, mergulhando nos archivos empoeirados de Ouro Preto, pesquei no fundo d'esse *mare-magnum* de papeis velhos, a perola de uma portaria preciosa. É a portaria em que o conde de Assumar prohibe ao povo do seu governo que compre *acções entre amigos*.

Esta sorte de rifa é hoje, como em 1720, um negocio da China. Careço de dinheiro. Não tenho um vintem, mas tenho um relógio. Que faço? Não vou vender o relógio a um relojoeiro que me dê por elle cem mil réis. Promovo uma *acção entre amigos*,

e rifo a minha joia a dez mil réis o bilhete. Vendo quarenta e nove bilhetes, embolso quatrocentos e noventa mil réis, e, quasi sempre, quando corre a loteria a que anda annexa a minha rifa, reconheço com um contentamento infinito que o premio coube ao unico bilhete que ficou commigo. E, assim, resolvo o problema de ganhar dinheiro sem perder o relógio.

Isto, que pela habilidade fim-de-seculo que revela parece cousa de hoje, é cousa que data de mais de dois seculos. E o que ha d'ê mais curioso, na portaria que descobri, é a revelação de que foi um frade quem introduziu no Brasil a moda das acções entre amigos. . .

Cuidava eu que fôra o diabo em pessoa quem, a bordo de uma caravela fantastica, trouxera das terras corrompidas da Europa para as terras immaculadas da America a mania do jogo.

Puro engano! a semente do jogo veio dentro do breviario de um carmelita descalço. Ides vêr como fr. João Joseph, quando chegou ao Brasil — com uma face piedosa, toda alagada de fé, pés nús mortificando-se no rude chão dos mattos virgens, mãos cruzadas no peito, n'uma attitude de recolhimento e de prece, olhos extaticamente pregados no céu azul, — trazia entre as dobras do habito severo os papelluchos numerados da primeira rifa brasileira, da Eva-mãe de todas as nossas rifas.

Eis aqui o documento precioso, copiado, sem alteração, de um grande livro amarellado, picado de

traças, encapado de couro roído, — cujo somno secular fui interromper no seio calmo de um armario venerando :

*«D. Pedro d'Almeyda. etc. etc. Faço saber a todos os moradores deste governo que, sendo S. Magestade a q. D. g. informado que o Revdo. Padre Fr. João Joseph, Religioso Carmelita descalço introduzio neste governo umas sortes a que chamão rifas na forma que se usão nos Reynos Estrangeiros, as quaes sem ordem dos governadores e informação dos ouvidores geraes das Comarcas fazem alghumas pessoas para dar sahida aos seus bens que por outro modo não venderião tão brevemente, sendo nestes casos excessivo o valor porque se rifão a saber: escravos, fazendas e moradas de casas em que S. Magestade reconhece prejuizo dos moradores dessas minas, pois lhe chegou á sua Real noticia que muitos, entravão nas ditas rifas mais por contemporisar com pessoas de respeito que por vontade propria com dez, vinte e trinta outavas cada huma, e querendo o dito Senr. obviar o damno que se pode seguir aos seus vassallos das ditas rifas; foi servido ordenar-me as não consentisse nessas minas sob penas graves para que se não tornasse a usar das ditas rifas e crescesse o damno com a sua demasiada frequencia; portanto ordeno que nenhuma pessoa daqui em diante possa fazer rifa alghuma nem entrar nella, ou seja voluntariamente, ou solicitada por outra; quando succeda pelo contrario*

*qualquer pessoa que rifar qualquer das cousas sobre-ditas perderá a dita cousa rifada a metade para a Fazenda Real e a outra ametade paraquem o denunciar, e as pessoas que entrarem na dita rifa perderão triplicado o premio que nellas arriscarem ametade para a Fazenda Real e a outra ametade para as obras pias, e os Drs. ouvidores geraes farão cada hum na sua comarca que se observe com todo o rigor esta ordem que S. Magestade a quem D. g. me ha por muito recommendada e para que venha á noticia de todos a mandei publicar a som de caixas, registrar nos livros da Secrã. deste Governo e nos da ouvidoria e comarca de todas as villas. — Villa do Carmo, 15 de Março de 1720. — Conde D. Pedro d'Almeyda.»*

Perseguido pelo conde de Assumar, como o é hoje pelos delegados de policia, que fez o jogo? Desenvolveu-se. Escravos que trabalhavam doze horas por dia, no fundo negro e humido das minas, mal alimentados, gemendo sob a fome e o chicote, arriscavam sempre, ás occultas, a oitava de ouro furtada á bateia. Oh! a bella tentação para os miseraveis escravos! esse fructo prohibido que os incitava ao peccado e ao furto! esse delicioso prazer sómente agora revelado áquellas almas rudes! a attracção do azar, abrindo áquelles espiritos primitivos um horizonte largo de embriaguez, de atordoamento, de extase, — meio de ganhar dinheiro sem traba-



lho forçado, e, mais do que isso, meio de esquecer a amargura do captiveiro, a dôr das chicotadas, o peso das golilhas e da formidável canga do trabalho e do soffrimento!

Essa semente de rifa introduzida nas Minas pelo piedoso Fr. João Joseph faz lembrar a semente de trigo de que fala um *lied* allemão.

Um rei irritado contra uma semente de trigo atira-a ao vento: e eis que ella volta a bater-lhe insolentemente a face. Furioso, mette-a o rei escondida no seio da terra, e exulta. Mezes depois, de volta de uma caçada, pasma e recúa, vendo, no lugar em que enterrara a semente, erguer-se um trigal, victoriosamente, agitando no ar, como espadas, as suas longas folhas petulantes. . .

Tal, o conde de Assumar, suffocando a primeira rifa, fez que ella se espalhasse, multiplicada, pelas terras do seu governo, pelas terras de todo o Brasil. . . E seria justo que na sala principal de cada Club de Jogo do Brasil, se puzesse um tropheu, uma esculptura, uma tela, uma inscripção, qualquer coisa que perpetuasse na memoria dos jogadores os serviços de Fr. João Joseph, o meigo e generoso carmelita descalço, a cuja iniciativa devemos todos nós, n'esta parte da America, o opimo florescimento das batotas de que gozamos. . .

Porque, emfim, o proprio D. Pedro de Almeyda, se vivesse n'estes abençoados tempos, em que os homens só não jogam a alma porque não encontram quem aposte qualquer coisa contra ella, não perse-

guiria mais o jogo, e deixaria que as rifas saltassem do solo, aos milhões, como vegetações de cogumellos expontaneos.

Prados, frontões, velodromos, roletas fidalgas, visporas humildes, loterias, jogos de toda a especie, —nem mesmo o terror do bombardeio, durante oito mezes de guerra, perturbou a vossa vida gloriosa. . . O amor do azar se nos infiltrou no sangue de tal modo, que o jogo não é mais um vicio, não é mais um passatempo, não é mais um meio de vida, —é o proprio fim da vida, é a propria vida.

Assisti, uma tarde, em pleno Frontão, a uma scena estupenda, capaz de desmandibular o mais splenetico dos homens. Jogava-se uma *quiniéla*. Les-tos e vivos, de olhos espertos para a direcção da pelota, musculos álerta para o salto felino, os corpos vibrando todos no exercicio violento, —os *pelotaris* corriam a *cancha*. A multidão delirava. E um sol glorioso batia em chapa sobre milhares de cabeças anciosas, —gente alhejada de tudo, entregue toda á commoção do jogo. E ouvia-se de espaço a espaço o troar do canhoneio na bahia entre fortalezas e navios, enchendo o ar. Era no tempo da revolta da armada. . .

Mas, que importava o canhoneio? Não era lá, ao roncar dos *schrappnells* e das granadas, que para aquella gente se estava decidindo a sorte da patria. Aqui, sim, sobre a ardosia da *cancha*, ao estalar secco da bola contra as cestas recurvas, ao rugir dos applausos a cada saque feliz, aqui, sim, é que a pa-

tria estava, porque a patria é o gozo, o bem-estar, a delicia de existir, o amor, a ventura, a vida, a emoção...

De repente, um barulho entrechocado, como de fusilaria, dominou o clamor dos applausos. E aquillo durava! durava! approximava-se! prolongava-se! Bastou um segundo para que todos comprehendessem. Um navio assestara a sua bateria de metralhadoras para a terra. E algumas balas, com um choque medonho, bateram contra o frontão de cimento, amolgando-o, esfarelado-o, rachando-o.

Toda a multidão, n'um rugir de tempestade, se precipitou pelas escadas.

Houve cinco minutos de fuga vertiginosa, de terror panico indescrictivel, de confusão sem nome.

Mas, d'ahi a meia hora, como o barulho do canhoneio houvesse cessado, alguns curiosos voltaram: « Ora! uma pontaria mal feita: cousa que succede... » Vieram primeiro dez, cincoenta, cem depois... E a ultima *quiniêla* do programma, se não teve tantos apostadores como as outras, nem por isso deixou de ser jogada, com calma, sem açodamento, sem medo. E, entre novas acclamações, a *pelota* ia e vinha, batendo de quando em quando nos logares em que outras pelotas, mais perigosas, haviam momentos antes batido...

Ah! Deus me perdoe! e perdoem-me os manes de todos os Portugaes e Assumares!— se o integro D. Pedro de Almeyda vivesse hoje, não poria du-

vida em arriscar dez mil réis nas quatro patas de um cavallo, nos seis numeros de um *esguicho* ou nos oito pontos de uma *quiniéla*...

E quem sabe? n'este anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1894, talvez o bello fidalgo, tão rispido para com o pobre carmelita João Joseph, se decidisse, convencido das vantagens da *acção entre amigos*, a rifar o seu enorme e precioso relógio lavrado, com figurinhas a esmalte na tampa, em torno da corôa de conde, do capacete de sargento-mór de batalha e do brazão dos Portugaes: — em campo de prata, uma aspa de vermelho carregada com cinco escudinhos, cavallo russo, por timbre, com cabeçadas e redeas do mesmo vermelho, e elmo de prata aberto e de perfil...

## VIII

### TRIUMPHO EUCHARISTICO

Quando, em 1734, Simão Ferreira Machado deu á publicidade o seu, hoje rarissimo, folheto — *Triumpho eucharistico, exemplar da christandade lusitana em publica exaltação da fé*, — tinha assento no throno de Portugal o famoso D. João v, o Magnanimo, primeiro Fidelissimo da sua dynastia.

Subira ao throno em 1705 o filho de Pedro II e de Isabel da Baviera, com dezeseis annos de idade. O grande seculo expirara, havia cinco annos, — o seculo do Rei-Sol. Mas, o espantoso clarão, que essa era de fausto, de grandezas, de luxo inaudito espalhara sobre o mundo, persistia ainda, inalteravel, porque ainda o Rei-Sol vivia, em pleno fastigio.

Versailles, côrte de França, como as côrtes da Italia, ao tempo da Renascença, governava o mundo, pelo esplendor do seu ceremonial, pelo fulgor da sua Arte, pelo deslumbramento do seu supremo bom gosto.

Do chão da França, cathedraes e palacios sur-

giam, de repente, como a um toque de varinha mágica. E Luiz XIV, cercado-se de uma ostentação e de uma pompa nunca vistas, apparecendo aos olhos do mundo como um Deus, n'uma irradiação de ouro e de luz, arrastando comsigo a mais bella, a mais elegante, a mais aristocratica, a mais bem educada, a mais espantosa côrte do mundo, acabava de firmar as bases da monarchia absoluta, firmando a theoria do direito divino.

Já Bossuet affirmara: «Deus é o verdadeiro rei: mas estabelece os reis como seus ministros, e, por intermedio d'elles, reina sobre todos os povos.» E já o preceptor do pequenino Luiz XV, mostrando-lhe a multidão a acclamal-o, sob as janellas do palacio, lhe dissera esta phrase famosa, esta phrase unica: «*Sire! tout ce peuple est à vous!...*»

Foi n'essa epocha que D. João V recebeu o poder real. O seu erario regorgitava de ouro. Do seio inesgotavel do Brasil mananciaes larguissimos de riquezas brotavam. E o rei de Portugal era um dos maiores senhores da terra, porque tinha aberto aos pés todo um Pactolo maravilhoso.

Então, as serras mineiras abriam-se prodigamente em avalanches de ouro. Os rios rolavam sobre leitos de diamantes. Em cada frincha de pedra apparecia um filão precioso.

E a metropole, de olhos offuscados pelo fulgor de tanta riqueza, mettia mãos avidas nas entranhas do Brasil, e espojava-se, ebria de fortuna, de cupidez, de fartura, sobre este chão miraculoso.

Chegou até nós a nota authentica das riquezas que do Brasil foram para Portugal durante o reinado de D. João v: — 125.174.553 de cruzados; 97.470 moedas de ouro; . . . 1.568:146\$379 réis em dinheiro; 315 marcos de prata e 24.538 marcos de ouro; 70\$000 réis de ouro em barra; 12 milhões de cruzados em diamantes; vinte e duas caixas de ouro em obra; — além do producto do quinto das minas, que, só em 1716, importou em 345:000\$000 réis.

Mas o novo reinado não começou com felicidade. Desposando Maria Anna da Austria, D. João v associou-se ao imperador Leopoldo para proseguir na guerra contra a França, a proposito da successão de Hespanha.

E os desastres começaram a succeder-se, desastres a que até a peste deu o seu contingente, dizimando, só em Lisboa, em 1723, mais de quarenta mil pessoas. O rei Magnanimo recolheu-se, então, desilludido, ao amor, ao gozo, ao luxo e á religião. E, dando de mão ás redeas do governo, entregou-se á beatice e á libidinagem.

Voltaire photographou-o n'este periodo incisivo: « As suas festas foram as procissões, os seus palacios foram os monasterios, as suas amantes foram as freiras. »

Beato e devasso, D. João v deixou-se seduzir pelo luxo da côrte de França, e introduziu-o, incalculavel e prodigioso, em Portugal. Para isso, repartia em duas porções as riquezas que lhe provinham da exploração das minas do Brasil: — metade para as

despezas da mesa farta, da garrafeira abundante, do amor descomedido e licencioso, e a outra metade para a sustentação da fé e do fausto lithurgico, para a construcção dos palacios, dos conventos, dos templos que ainda hoje em Portugal deslumbram o viajante.

Nos seus antecessores, a mania religiosa revestira fórma diversa, impulsionando a creação e o desenvolvimento das missões,—troços de soldados de Christo que, pelos mattos invios, se embrenhavam, com a palavra de Deus nos labios, caminhando serenamente para as provações de toda a sorte, para a tortura, para o martyrio, para a morte,—caçadores de almas pagãs, que, ás vezes, depois de haverem subjugado o espirito do gentio com a doçura das suas lições, lhe subjugavam o corpo tambem, ao peso dos ferros do captiveiro... Mas, no rei Magnanimo, o amor da religião consistia antes de tudo no amor do culto externo.

Para que se faça uma ideia precisa da veneração que D. João V tinha pelas cousas e pelos titulos da igreja, e, ao mesmo tempo, para que se avalie bem o que era a riqueza de Minas, n'aquelle tempo,—basta dizer que Sua Magestade durante annos e annos chorou, por intermedio de embaixadas deslumbrantes, aos pés do papa Bento XIV, a supplicar-lhe, para si e todos os seus descendentes, o titulo de Rei Fidelissimo. Para conseguir isso, foi necessario engrossar prodigiosamente o dinheiro de S. Pedro, porque o papa só concedeu a honraria tão ardentemente



ambicionada a troco de *quatrocentos e cincoenta milhões de cruzados de ouro*, fornecidos todos pelo producto da mineração nas terras do Brasil.

Datam d'essa era de fabulosa riqueza quasi todas as creações religiosas de Portugal: o convento de Mafra, a capella de S. Roque, a Patriarchal. Como o dinheiro chegava sempre e cada vez em maior abundancia, as construcções monumentaes começaram a levantar-se á farta, como o Aqueducto das Águas Livres. No reinado de D. João V fundaram-se a Academia Real de Historia, o hospital das Caldas, duas casas de armas, quatro bibliothecas, duas casas de cunhar moeda, fabricas de papel, de marroquins, de sedas, de vidros...

Emquanto isso, — o soffrimento, a tyrannia, a oppressão, o vexame cresciam na colonia. Cada milhão de cruzados de ouro que ia para Portugal, representava o martyrio de milhares de indios, de negros, de brasileiros. E a nacionalidade nova começava a formar-se, entre lagrimas e chicotadas... As exigencias da Côrte, lá, augmentavam de dia para dia. E os capitães generaes-governadores augmentavam aqui, na mesma proporção, os impostos acabrunhadores, as capitações impossiveis, multiplicando as cobranças dos quintos, e folgando em degredar e matar homens ricos, porque do confisco dos seus bens novos capitaes brotavam.

E quando, em 31 de julho de 1750, morreu esse rei, que foi o mais rico da terra, não se achou um vintem no erario real...

Naturalmente, essa mania de luxo religioso vinha prolongar-se e ser imitada em Villa Rica, capital das Minas, a que Simão Ferreira Machado, na emphatica e preciosa *allocutoria* com que abre o folheto, chama «a nobilissima Villa Rica, mais que esfera da opulencia, theatro da religião, e sol a cujas luzes ficam sombras de todos os astros os esplendores.»

Livro destinado a vivo successo, interessantissimo como contribuição historica para o estudo da era colonial, seria aquelle em que, sob o titulo — *Deus na Capitania das Minas* —, um escriptor nacional estudasse o espirito religioso d'este povo, na epocha da sua formação.

O povo reservava parte do ouro, que conseguia esconder á cupidez tyrannica de El-Rey, para as homenagens devidas ao Senhor, para as pompas com que a Fé triumphava nos templos, para os mantos recamados de pedras preciosas com que se cobriam as imagens sagradas. Era o alvorecer da Crença: aquella gente que soffria, que penava, que morria a trabalhar, com as costas acurvadas ao peso de um despotismo hediondo, refugiava-se na religião como n'um seio de consolo, de paz e de carinho. Crença primitiva, religião fetichista, fé ingenua, cheia de absurdos, — a tal ponto que, na mesma procissão do Triumpho Eucharistico, como se verá adiante, Venus, Saturno, Marte, Jupiter, o Sol e a Lua, appareciam ao lado de Nossa Senhora do Rosario, de S. Sebastião, de S. Benedicto, de Santo An-

tonio de Lisboa, — e tudo isso entre danças de turcos, de allemães, de indios, de negros, de nymphas e de Cupidos. . .

Mas, de quantos sacrificios era aquelle povo capaz, para manter a pompa d'essa Fé!

Em Ouro Preto, a igreja de Santa Iphigenia foi edificada á custa das contribuições de escravos. Dizem que havia no logar uma capellinha humilde. Uma grande pia cheia de agua benta esperava á porta os fieis. As negras traziam as gaforinhas enormes cheias de ouro em pó. Chegavam á pia, lavavam n'ella a cabeça, e o ouro cahia. . . Com o metal assim recolhido, affirmam, foi construida a igreja actual. . .

Quem visita os templos das velhas cidades mineiras encontra, forrando as paredes, desenhos toscos, engraçadissimas telas, quadros adoraveis de ingenuidade.

Dá-lhes o povo o nome de *milagres*, porque elles celebram sempre intervenções miraculosas de santos e santas em tristezas, em miserias, em doenças humanas.

Lembro-me agora de dois d'esses quadros, que achei na antiquissima igreja de Sant'Anna, edificada um pouco abaixo da de S. João do Ouro Fino, em Ouro Preto, — dois preciosissimos documentos de arte e de religião.

Trata-se da commemoração de dois milagres, que a influencia sobrehumana da Senhora Sant'Anna causou na velha capital de Minas, ha cento e sessenta

e dois annos (1732), quando invocada a mitigar o soffrimento de dois enfermos.

Para os doentes, para os cirurgiões e para o povo, — n'aquelle tempo em que uma fé inabalavel e simples deitava raizes fundas em todos os corações, — a medicina, por si só, nada valia. Quando o medico propinava ao doente a droga salvadora, era necessario, para que ella produzisse o effeito desejado, que Deus estivesse presidindo á sua administração, guiando com o seu influxo extra-mundano a perspicacia e a sabedoria do clinico. Ás mãos do cirurgião, a lanceta nada faria, se, invisivel, a mão de uma Senhora Milagrosa não a estivesse conduzindo, secundando a pericia do operador, sustando-lhe as hesitações, mantendo-lhe a segurança do pulso. De sorte que o cirurgião lavava, como precaução de fé, os seus instrumentos em agua benta, da mesma fórma por que os lava hoje, como precaução antiseptica, em agua phenicada.

É preciso attender a que esses dois pequenos quadros, humildes, na humildade da sua tosca moldura, representam o esforço, a gratidão, o sacrificio de dois pretos escravos e miseraveis. As tintas primitivas conservam-se ainda vivas e frescas, livres felizmente de restauração profanadora.

No primeiro, um cirurgião corta uma perna a um preto. Dois ajudantes, trajados á moda da epocha, sustem o corpo do paciente: um levanta-o pelas axillas, outro pelos pés. Ao lado, o operador, vestindo gibão de seda branca, calções de meia côr de

perola, sapatos bicudos, e trazendo o cabello empoado, com rabicho, — prática a amputação.

Ao fundo do quadro, apparece a Senhora Sant'Anna, entre nuvens, ensinando Jesus a ler.

Na parte inferior da tela ha a seguinte inscripção, que transcrevo textualmente, conservando com todo o rigor a orthographia e a pontuação:

*« M. M. q' ffez a S. S. Anna, ahu preto Luis es-  
cravo de Luiz Pra. que quebrando húa perna pella  
Coixa e sendo Emcanada 3 vezes. sem denehúa soldar  
lhe abrio o Syrorgião a perna e serrando-lhe as pon-  
tas dos ossos por entercessão do milagrosa S. se vio  
Sam. em 20 de 8bro de 1732 annos. »*

A composição do segundo quadro é mais simples. No primeiro plano, um preto está deitado em um catre antigo, embrulhado em cobertas alvas. Os seus olhos, desmedidamente abertos, como em extase, contemplam ao fundo a mesma Senhora Sant'Anna que paira no ar, entre as mesmas nevoas, com o mesmo menino Jesus ao collo. Inscripção:

*« Milagre que ffez a Snra. S. Anna A hú preto  
do Rdo. Manuel Mendes que Estando desemparado  
de medicos de um Istupor valeose da dita Snra. logo  
teve milhora e dahi por diente saude. »*

Como esses, outros documentos abundam, in-  
numeros, por todos os pontos de Minas, em

S. João d'El-Rey, em Marianna, em Congonhas, em S. José d'El-Rey. Dos d'esta ultima cidade, conservo entre os meus apontamentos o dizer de um, mais recente do que os que acima citei:

*«M. M. q' f. Santa Rita a Maria q' Estando muinto mal de huma enfêrmidade grave por entercessão da d<sup>a</sup>. Senr. alcansou saude com mta. milhora na Era de 1747.»*

Eram, ou pareciam ser tão communs os milagres, n'esses tempos bemaventurados!...

Quantos d'elles são ainda hoje relembrados pela crença popular!

Em S. João d'El-Rey, na igreja de S. Francisco de Assis, — estupendo templo romano, de admiraveis e altissimas torres cylindricas, de riquissima fachada de pedra azul esculpida, — ha um enorme Christo de madeira, de tamanho maior do que o natural, e objecto de especialissimo culto, porque uma lenda, ha mais de cem annos transmittida de paes a filhos, o cêrca de uma nevoa encantadora de poesia e mysterio.

Diz-se que, quando a Ordem deliberou collocar n'essa igreja uma imagem do Crucificado, apresentou-se-lhe um homem pobremente vestido a encarregar-se da tarefa.

Declarou desde logo apenas exigir que o deixassem trabalhar em paz, longe das vistas de todos.

Para isso pedia uma casa isolada, em que se fecharia com os materiaes necessarios, e duas vasilhas, uma com farinha e outra com agua. Aceitas essas condições, murou-se o mysterioso esculptor na sua mysteriosa officina. Os dias passaram-se. Da casa fechada nenhum rumor sahia. Amortalhava-a um silencio absoluto. Por fim, essa mudez começou de inquietar a população. A irmandade, impaciente, resolveu arrombar a porta da officina, afim de ter a explicação do mysterio. E o *milagre* se patenteou, irrecusavel e claro. No meio da sala, intactas nas vasilhas, conservavam-se a agua e a farinha. Fechadas as janellas, sem o menor signal de violencia; e o esculptor desaparecera. . . . Mas, de pé, acabada e perfeita, a maravilhosa imagem esplendia, gigantesca, abrindo os grandes braços chagados sobre os curiosos que se prosternaram, feridos de assombro, e d'ali se foram a propagar a noticia do estupendo caso.

Não ha em S. João d'El-Rey quem não conheça e repita esta tradição. E Antonio José Rodrigues, em umas notas de viagem, affirma: «dos livros da ordem não consta o pagamento do feitio da imagem e nem a maneira porque ella ali veio ter.»

Doces tempos! tempos em que Deus, disfarçado, descia á terra e communicava directamente com os crentes! Deus, para os soffredores de então, não tinha a antiga catadura má do Senhor de Israel. Os feis, quando se dirigiam a elle, não se humilhavam, com a face rebolcada no pó, e os olhos cegos de medo: falavam-lhe com familiaridade e amor, como

a um pae condescendente, de perdão facil, de auctoridade pouco exigente. . .

Com a Virgem Maria, com os Santos, com os Anjos, a intimidade era ainda maior. E Simão Ferreira Machado, dedicando o seu folheto, hoje rarissimo, á Soberana Senhora do Rosario, dirige-se a ella n'estes amistosos e affabilissimos termos:

« D'aquelle affecto, com que veneramos a vossa Soberana Magestade (o qual com humilde reconhecimento confessamos sem explicação inferior á nossa divida de innumeraveis e singularissimos beneficios vossos), se derivaram aquelles jubilos de alegria, com que vimos a magnifica e honorifica festividade em honra de vosso Santissimo Filho e Senhor Nosso. . . »

O folheto de Simão Ferreira Machado intitula-se *Triumpho Eucharistico, exemplar da Christandade Lusitana em publica exaltação da fé na Solemne trasladação do Divinissimo Sacramento da Egreja da Senhora do Rosario para um novo templo da Senhora do Pilar, em Villa Rica, côrte da Capitania das Minas, aos 24 de Maio de 1733.*

A publicação foi feita por encommenda dos Irmãos pretos do Rosario, em Lisboa, na Officina da musica, e traz a data de 1734.

Fr. Antonio de Santa Maria, da Sagrada Familia dos Agostinhos Descalços e Qualificador do Santo Officio, n'um estylo tão complicado e tão gongorico como o de Simão Machado, auctorisou a impressão



do folheto « não só porque não contém cousa em que se possa temer que a fé perigue e os bons costumes se pervertam, mas porque será um clarim da fama que faça estremecer o universo assombrado da generosa piedade e prodiga magnificencia dos portuguezes, com que em todas as partes do mundo tributam cultos e rendem adorações ao Divinissimo Sacramento. »

Toda a obra, como se depreheende logo do titulo, não é mais do que a descripção das festas com que se transportou uma imagem de um templo para outro. É difficil, senão impossivel, resumir as dezoito paginas dilatadas, em que se espraia, como um mar, a prosa fantastica de Simão Machado, atulhada de repetições, de periphrases, de transposições. Mas é necessario dar do livro uma ideia, por pallida que seja, para que se imagine o que foi essa assombrosa procissão, cuja organização lembra tantas vezes a dos nossos prestitos carnavalescos de hoje, e deante de cujo esplendor nada são as procissões religiosas dos nossos dias.

Para a tarde de 24 de maio estava marcada a solemnidade. Mas, desde fins de abril, Villa Rica começou a delirar. Bandos de mascaras, jocosos e cabriolantes, se despencavam todos os dias pelas la-deiras da cidade, ao som de adufeş e trompas. A 3 de maio, duas grandes bandeiras allegoricas de damasco e ouro se plantaram em frente aos dois tem-

plos. Seis dias de luminarias precederam a festa. E dá gosto vêr o espanto ingenuo com que Simão admira a profusão d'essas luzes: «houve luminarias geraes em toda a villa até o bairro do Padre Faria, ultimo idoneo para dilatar n'essas noites ás luzes o dominio das trevas.» No morro de Paschoal da Silva, «nas casas dos moradores as luzes, que mostravam aos juizes o centro da opulencia, por sua altura, como na região das nuvens, pareciam aos olhos luminarias do céu.» Toda Villa Rica resplandecia ataviada. Pelas janellas, grande pompa de damascos e sedas fulgurava, «e exquisitos labores entre ouro e prata, tremulando as ideias do Oriente troféos á opulencia do Occidente.» Cinco arcos e varios altares se levantaram: e um dos arcos era todo de cera virgem. Flores e folhas alcatifavam as ruas. E foi no meio de anciedade geral que o dia 23 chegou, mas frio e horrivel, alagado de chuvas torrenCIAes. Mas, como esse dia era um sabbado, dia de Nossa Senhora, Simão Ferreira Machado, com uma boa fé tocante, attribue esse contratempo natural a um proposito da divina Providencia, porque, diz elle, Nossa Senhora quiz que a festa se realisasse não no dia d'ella, sabbado, mas no dia de seu Filho, domingo. E dada esta explicação, entra logo a descrever o prestito.

Abriam-n'ó tres danças: a primeira de turcos e christãos, em numero de trinta e dois, militarmente vestidos; a segunda de romeiros, e a terceira de musicos, cujos instrumentos enchem o ar de harmonias. E logo depois, vinham os quatro Ventos, «vestidos

á tragica»: Oeste, Sul, Norte e Leste, que montavam cavallos castanhos escuros, mosqueados de branco, com arreios de pregarias de prata e passamanes de ouro, e trajavam capillares de seda branca, manguitos de cambaia, fraldões côr de rosa, grandes caraminholas de tisso com diamantes á cabeça, rematadas por cocar de plumas.

A Fama, toucada de diamantes e plumas, recamada de franjas de ouro, calçando borzeguins vermelhos, vinha depois d'elles, e sustinha á mão, pendente de uma haste acabada em cruz, um estandarte em que se lia, por baixo da Arca e de uma Custodia, o distico: *Eucharistia in traslatione victrix*: e a seu lado, pagens, com azas nas costas, nos chapéos e nos pés, agitavam caducêos, e distribuiam ao povo «elegantissimos poemas.»

Um allemão, trajado á Castelhana, de velludo rôxo, sobre um cavallo russo, tocava trombeta, e oito negros «vestidos por galante estylo», tocavam charamellas. E, precedida de seu pagem, apparecia a grande figura do bairro de Ouro Preto, toda coberta de ouro e pedrarias, com uma salva de prata na mão e dentro d'ella um pequeno morro do mesmo metal. O cavallo que sustinha o peso d'essa extraordinaria figura, fulgia, como ella, ajaesado com tal luxô, que Simão, commovido, escreve: «Houve opiniões que deram ao cavallo muito mais melhoria que á figura; mas era gosto dos olhos contra as verdades da natureza.»

Nova marcha de pagens escoltava Ouro Preto.

E, agora, a multidão pasmava, contemplando os sete Planetas, que surgiam, «offerecendo aos grupos as memorias da antiguidade, aos olhos uma variedade magestosa.»

A Lua, precedida de nymphas, que vestiam de azul, trazia á cabeça um turbante, bordado de estrellas, ás costas aljava, arco e settas, e «todo o seu peito era uma campina de perolas.»

Marte, cujos arautos, vestidos á mourisca, tocavam pifanos e caixas de guerra, vinha com capacete e escudo de prata, e armadura em que varias joias se engastavam; e os seus pagens, armados em guerra, carregavam escopetas ricas, de labores preciosos.

Mercurio, com peruca branca, trajava um vestuario complicado, que só o proprio estylo de Simão póde descrever.

E eis ali vinha, precedido das Estrellas da alva e da tarde, «figura entre todas mais bella na magestade de rei», o Sol, «vestido de luz tremula e cambiante em canotilhos», com uma enorme cabelleira de fio de ouro, peito de tisso de fogo, empunhando uma harpa estrellada, e montado sobre um cavallo de cuja cabeça sahia uma grande ponta de unicornio. E vinham-lhe ás estribeiras seis pagens, «mulinhos de gentil disposição.»

Seguia-se Jupiter, com sceptro e escudo sobre um carro triumphal, que duas aguias coroadas puxavam, e sobre cujas rodas havia pintados os signos de *pisces* e de *sagittarius*.

Venus, que «representava no rosto e realçava no ornato aquella formosura de que seu nome se enca-rece», surgia de entre flores, n'um carro em feiti-o de concha, entre nuvens de Cupidos.

Saturno, precedido de soldados romanos e estrel-las, «representava no rosto homem velho, de fune-bre aspecto.» Á mão direita, trazia uma foice, e, á esquerda, «um escudo dourado com o character as-tronomico»; e ostentava aos hombros duas pavoro-sas carrancas de papelão pintado; o seu cavallo, ajaezado de prata e velludo, sacudia á cabeça um rico martinete de plumas azues e brancas.

N'este ponto se suspendia o prestito mytholo-gico. «N'elle, diz Simão Machado, se adorava o fingi-mento da antiga idolatria, e era glorioso triumpho do Eucharistico Sacramento.»

Caminhava agora, soberana, a figura da Egreja Matriz, recoberta de galas, de setins, de flores e es-trellas de joalheria. Embraçava um escudo, onde, em campo de ouro, se via o desenho da egreja, com a lettra—*Hæc est domus Domini firmiter edificato.* Á sua mão direita ondulava um largo estandarte branco, em que, sob a imagem da Senhora do Pilar, se lia: *Ego dilecto meo.* E quatro pagens vestidos de branco lhe seguiam o passo. Um castelhano tocava gaita; um «moleque» tocava tambor; quatro negros, em cavallos brancos ajaezados de berne, faziam es-trugir formidaveis trombetas de que pendiam ban-deiras.

E o guião da Irmandade do Santissimo appare-

cia. Seguindo-o, atropellavam-se as Irmandades, em filas cerradas, com os respectivos padroeiros e padroeiras, em andores: Pardos da Capella do Senhor S. Joseph, Senhora do Rosario dos Pretos, Santo Antonio Cataligirona, S. Benedicto, Santo Antonio de Lisboa, S. Vicente Ferreira, S. Gonçalo de Amaranthe, Almas e S. Miguel, Terço dos Brancos, Senhora da Conceição, Patriarcha S. Pedro, e outras.

Vinha depois « um sequito de nobres moradores da villa », cercando S. Sebastião.

Agora, um arco-iris vivo se desenrolava offuscante, e eram dalmaticas de seda, casulas, manipulos, estolas de damasco, alvas e capas de asperge; e todo o clero da villa passava, precedido de anjos « vestidos á tragica », que espalhavam flores sobre o povo. Atraz do pallio de seda carmezim, vinha o Conde das Galvêas, Capitão-General das Minas, seguido de toda a « Nobreza litteraria. » E, fechando o prestito, a Companhia de Dragões de El-Rey dava descargas de mosquetaria.

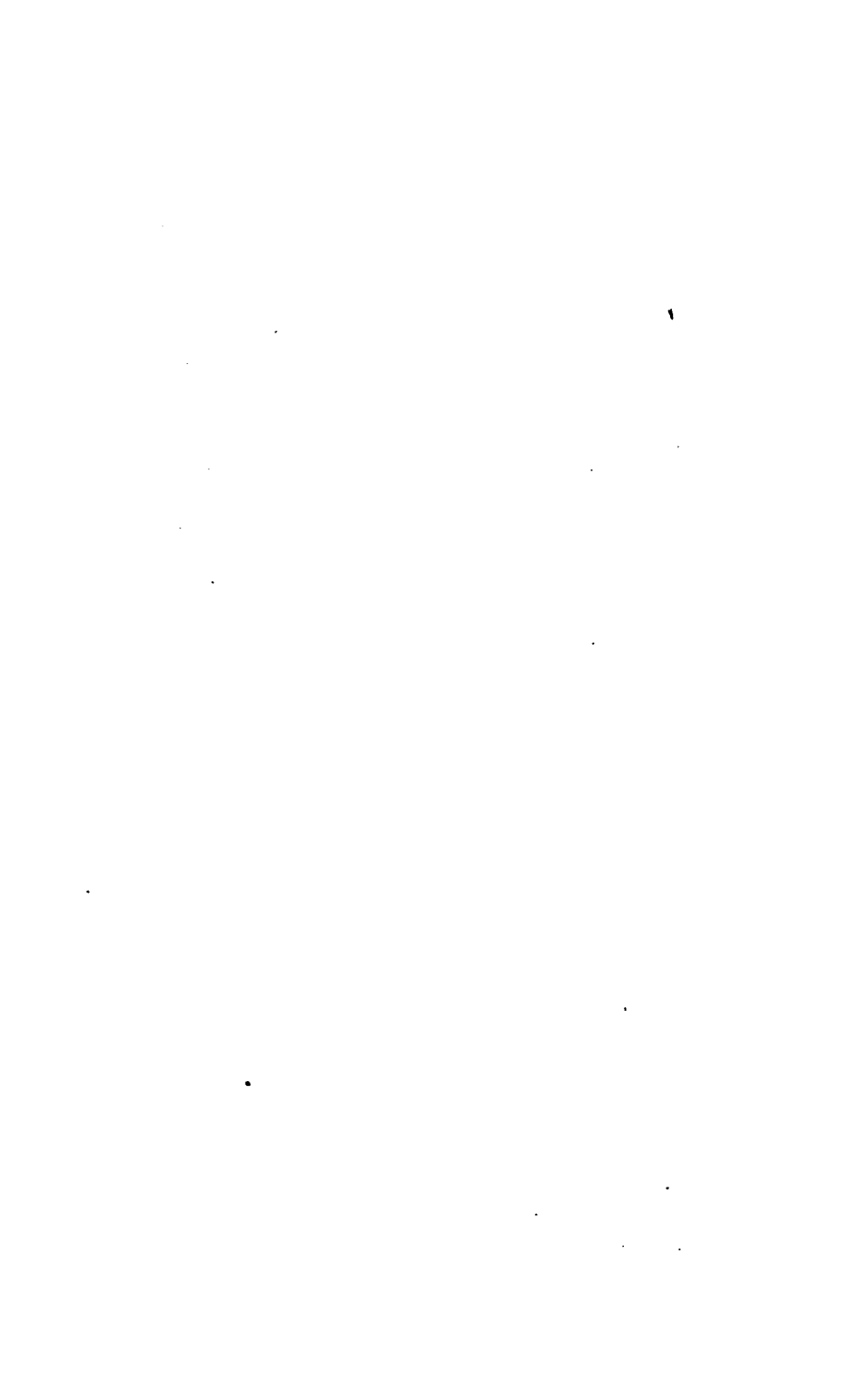
Como dar na prosa pallida d'esta chronica uma impressão viva das riquezas que Simão Ferreira Machado descreve? Basta dizer que nas dezoito paginas do folheto, duzentas e tantas vezes se escreve a palavra — ouro . . .

Sermões, repiques de sinos, *Te-Deum*, cavalhadas, banquetes, touradas, comedias, danças, e folguedos varios se celebraram, por tres dias consecu-

tivos. Longamente descreve a chronica de Simão essas festas maravilhosas. Mas limitar-me-hei a transcrever a descripção do fogo de artificio com que se fechou o cyclo dos espectaculos commemorativos. Pasmem os artistas da pyrotechnia moderna, deante d'esse assombroso fogo, que Simão exalça em varios periodos admiradissimos. Foi um Diogo Soares da Companhia de Jesus quem o ideiou e executou, no intervallo de duas predicas:

« Uma planta em quadro chamada Jardim, de oitenta e cinco palmos cada face; nos quatro cantos quatro castellos triangulares de resalto sacados para fóra, de quinze palmos cada face; que com oitenta e cinco de cada angulo do quadro faziam cento e quinze cada face do Jardim; em cada Castello por remate uma figura humana, guarnecida de fogo; dentro do primeiro quadro outro de sessenta palmos cada face; nos cantos quatro arvores de candeias: dentro d'este se fez terceiro quadro de trinta palmos cada face; no meio uma fonte: as faces de todos os tres quadros guarnecidos de rodinhas, candeias, morteiros e girandolas: todo o circuito d'esta fabrica guarnecido de linhagem pintada de pedra. Houve mais toda a noite copioso fogo de espadas de varias fórmãs, montantes e diversidade de foguetes; o que fez grande abundancia do liberal dispendio. »

(1894.)





***Chronicas Fluminenses***



## BRAZ-BOCÓ

Conheço um sujeito muito alto, muito gordo, muito robusto, muito bello, muito joven, muito rico, —um sujeito, emfim, que parece ter o monopolio de todos os superlativos nas qualidades phisicas e moraes.

A sua força e a sua belleza são incomparaveis; incomparaveis são tambem a sua liberalidade e a sua bondade simples.

Quanto á sua intelligencia,—essa, se não vive acompanhada da tenacidade e do estudo que levam as almas intelligentes ás grandes conquistas,—tem, em compensação, um brilho e uma facilidade que espantam: é uma intelligencia toda feita de sol, de calor, de relampagos,—uma intelligencia que logo comprehende tudo sem esforço, e que floresce n'uma eterna primavera de sonhos e fructifica n'um perpetuo outomno de fructos da imaginação.

Quanto á sua riqueza,—é uma das maiores, se não a maior, de todo o planeta. Perguntaram-lhe uma vez qual a extensão da sua propriedade territo-

rial; e elle, como se dêsse a mais natural e simples de todas as respostas, disse sem orgulho, e com uma ingenua simplicidade: «ainda não sei bem... deve andar por milhão e meio de leguas quadradas! sei apenas que toda a França caberia quatorze vezes dentro das minhas terras...» E que terras! cobertas de uma vegetação maravilhosa, tendo nas entranhas riquezas prodigiosas, banhadas por immensos rios, que fertilisam immensos campos, rolando sobre leitões forrados de diamantes. Sobre a face d'esse vastissimo dominio, agitam-se quinze milhões de homens, que trabalham para a gloria do proprietario: uns cavam o solo, outros perlustram as florestas, outros navegam os rios, outros mourejam em fabricas, outros fundam cidades,—e outros ainda, querendo dar as leguas incontaveis do céu a quem já possui tantas leguas da terra, andam a inventar maneiras de conquistar os ares em naves ousadas...

O nome d'este nababo? Os que o tratam com alguma cerimonia dão-lhe o nome de «Colosso da America»; e os que o tratam sem cerimonia, os que se sentam com elle nos botequins, os que vão com elle aos regabofes e ás pandegas, dão-lhe o nome familiar e irreverente de «Braz-Bocó».

Ora pois! este sujeito, tão superlativamente dotado de belleza, de riqueza, de intelligencia, de força, não é um sujeito feliz...

Os que tiveram o raro prazer de ouvir, na Academia, o formosissimo discurso de Affonso Arinos, lembram-se e lembrar-se-hão sempre da commoção

com que elle descreveu um jequitibá que ha na fazenda do Brejão, —um estupendo gigante da matta, que mede cem metros de alto, —mas cujo tronco um parasita roaz vae devastando pouco a pouco, fibra a fibra, agoniando a vida secular do maravilhoso procerro vegetal.

O nosso «Colosso da America» —ou o nosso «Braz-Bocó», como quizerdes, —é como esse jequitibá do Brejão. Um mal secreto lhe vae minando a existencia: —uma termita moral, um cupim de desgosto, um bichinho perverso vae lentamente roendo a alma d'esse poderoso e brilhante Rajah. E no meio de tantas riquezas, lastimavelmente estirado em cima do seu ouro e dos seus diamantes, vendo crescer as suas plantações e sobrar as suas colheitas, o misero nababo aturde todos os dias o céu com as suas queixas. E Deus, animado de um especial carinho por esse filho tão bello e tão rico, já não sabe o que ha de fazer para libertal-o do Descontentamento que o vae matando. . .

Porque «Braz-Bocó» sempre foi um descontente: é esta a sua molestia, é esta a sua *tara* moral, é esta a nuvem do seu horisonte, é este o bacillo que lhe envenena o sangue.

Antigamente, muitos dos homens que lavravam as terras do ricaço eram escravos. Trabalhavam de graça; comiam um por cento, se tanto, do que produziam, não se queixavam das lambadas de couro crú que lhes retalhavam as carnes, não pediam para

si a minima parcella da felicidade nem da fortuna do senhor. E o senhor, descontente, resmungava: «Estes ladrões trabalham de má vontade! eu só poderei ser feliz no dia em que me livrar da lepra da escravidão!»

Um dia, tiraram do corpo do millionario essa lepra. E o millionario, d'ahi a pouco tempo, começou a torcer o nariz: «Ah! quem me dera outra vez os meus negrinhos, tão doces, tão obedientes, contentando-se com tão pouco feijão e sujeitando-se a tanta pancada! Como hei de ser feliz, se tenho de pagar o cultivo das minhas terras, e de empregar, em recompensar o trabalho dos que me tratam das propriedades, o dinheiro que tão bem empregava outr'ora, com tanta fartura, em regalar a minha carne e em satisfazer os meus vicios, nos prazeres da mesa, da cama e da batota?!»

E, então, o nababo pensou: «Tudo isto depende do maldito regimen politico que mantenho. Póde lá haver progresso, riqueza, prosperidade, n'uma existencia em que tudo fica ás ordens de um monarcha velho e babão, que, como dizia o esperto Beaumarchais, só teve o trabalho de nascer para ficar sendo o dono de tantas almas?...»

E tanto esta ideia trabalhou o espirito descontente de «Braz-Bocó», que, um bello dia, o monarcha, mettido á pressa n'um navio, como um fardo importuno, foi despachado para longe. O dono das terras teve um suspiro de allivio. Agora, sim! agora «Braz-Bocó» ia escolher livremente o seu feitor, conser-

vando-o emquanto elle andasse bem, e substituindo-o por outro, assim que o seu zelo esfriasse. Mas, cauteloso e prevenido, o senhor não quiz que o mordomo fosse um homem qualquer, de alma branda e maneiras doces: quiz que fosse um homem de guerra, fardado e armado, apercebido de energia militar, cercado de sabres e carabinas, aureolado de um rutilante prestigio de força e de terror. E foi assim que «Braz-Bocó» confiou á dictadura militar a gestão da sua gloria.

A satisfação durou pouco. Nas terras do Grande Descontente, entre as arvores que já as faziam tão bellas e tão ricas, appareceu uma arvore frondosa, de cujos galhos cahiam frequentemente uns fructos amargos e duros de roer,—os pomos cabelludos e acres do estado de sitio. . .

E o Descontente, n'um desespero angustiado, torcia o nariz, e dizia com a voz embargada e afflictiva: «Meu Pae! afastae dos meus labios estes fructos!» E pedia a Deus que lhe dêsse um outro feitor menos dado a durezas de guerra, menos propenso ao furor do que á ternura,—um feitor togado e não fardado, mais amigo de Ceres do que de Marte, mais afeito ao uso da penna do que ao uso da espada, e capaz de conseguir pela conciliação o que era tão difficil conseguir pela repressão.

E foi feita a vontade ao supplicante. Tres leitores, todos filhos de Ceres e afilhados de Themis, empunharam successivamente a vara da mordomia. Todos elles foram recebidos e beijados pelo Descon-

tente, que viu em todos elles palpar, tornado realidade palpavel e brilhante, o seu ideal sonhado. Mas, assim que cada um d'esses novos prepostos começou a agir, o nababo começou a ter aquella irritada torcedura de nariz, que sempre foi o traço característico da sua physionomia. Este era conciliador de mais, este outro era concentrado, este outro expansivo; um era molle, outro era ousado, outro era desconfiado; um era faustoso, outro era falador, outro era simples; — e tudo era defeito em qualquer d'elles, e tudo irritava o animo azedo do « Colosso da America », em cujas entranhas o parasita roedor do Descontentamento continuou sempre o seu trabalho surdo e implacavel. . .

Pobre colosso! sentado deante de uma farta mesa bem servida, não ha acepipe que lhe seduza o paladar; — assim tem elle vivido, e assim vive, sempre torcendo o nariz. . .

Ultimamente, o Grande Incontente julgou mais uma vez descobrir a causa da sua afflicção, e, como das outras vezes, acreditou que tinha achado o meio de se reconciliar com o bom humor e o contentamento.

Sentado á porta do seu palacio central, que é uma vasta cidade plantada á beira do Atlantico, « Braz-Bocó » estava olhando as aguas azues, arfando ao peso dos navios, das lanchas, das falúas, dos botes. E pôz-se a pensar:

— Decididamente, este meu palacio não passa de



um albergue muito ordinario. A entrada é a mais suja do mundo. . . Quem me vem visitar, tem de ficar dentro do navio, no meio das aguas á espera de um bote arrebetado que o traga até o caes. E, depois de posto em terra, o visitante só encontra corredores estreitos e salas mal varridas. Não tenho um salão decente, onde receba com dignidade os amigos; e, como se me não bastasse tal vergonha, ainda favoreço esses amigos com o dom pouco appetecivel de alguma febre ou peste mortal. A minha tristeza vem da minha pouca limpeza. Tenho dissipado em pura perda o meu dinheiro. . . Deus misericordioso! dae-me quem me saneie estas terras, quem me reforme este porto, quem me limpe esta casa! Dae-me isso, que não vos pedirei mais nada!

E, ainda d'esta vez, Deus attendeu ao pedido do nababo. E o nababo teve alguns dias de radiante e completa felicidade. . . Mas, eil-o que começa a torcer o nariz, eil-o que começa a resmungar :

—Hein? vão começar as obras? Ai! quem me acode, que me vão furtar tudo o que é meu! Estes inglezes vão deixar-me a pedir esmolos! Este empreiteiro vae levar nas algibeiras do casaco todas as minhas minas de ouro e diamantes, vae levar nos bolsinhos do collete todos os meus jequitibás, vae levar dentro da copa do chapéo alto todas as minhas cachoeiras e todos os meus rios! Quem me mandou pedir avenidas e portos? Quem me livra agora d'estes inglezes?!

E ahi tendes o ultimo descontentamento d'este

sujeito muito alto, muito gordo, muito bello, muito robusto, muito rico, que, apesar de ter o monopolio de todos os superlativos nas qualidades physicas e moraes, vive eternamente a queixar-se. . .

E quando este sujeito morrer (se morrer) ha de comparecer deante do Juiz Supremo com a mesma zanga e com o mesmo descontentamento.

E o Juiz Supremo, passando os dedos, em pente, pela vasta nebulosa, formigante de astros, que lhe serve de barba, perguntará:

— Gostaste de morrer, Braz?

E o Braz, com desconsolo:

— Não gostei de morrer nem de viver, Senhor! eu nunca pude gostar de cousa alguma! O que eu queria. . .

— Que é que querias, Braz?

— Eu queria que me desseis a faculdade de ficar contente!

— Ah! isso é impossivel, Braz! isso é impossivel! Tu nasceste descontente, descontente viveste na terra, descontente morreste, e descontente has de viver aqui, junto de mim, na Eternidade, por todos os seculos dos seculos. Tu nunca has de ficar contente. . . Porque o teu verdadeiro nome não é «Colosso da America», nem «Braz-Bocó»: o teu verdadeiro nome é «Nariz Torcido»!

(1904.)

## II

### SALAMINA

Ante-hontem, na praia de Botafogo.

Nunca tão bello, sobre as aguas azues da adorada bahia, vi bater em chapa o alegre sol do nosso tepido inverno. A luz vibrava e cantava, amorosamente beijando o velludo verde dos morros, chispando nos metaes das lanchas e dos botes, achamotando as vagas crespas, dando clarões de prata viva á espuma que borbulhava nas quilhas. Em cada janella de palacete, um grupo feminino tagarellava. Entre ondas de povo, passavam as carruagens, conduzindo gente alegre. E a vozeria da multidão em terra, e a matinada ensurdecadora das lanchas no mar, apitando, — enchem o ar de riso e delirio.

Um tiro de canhão soou de repente. Das archibancadas dos clubs, das janellas das casas, do para-peito do caes, — todos os olhares se dirigiram para a curva da bahia, fechada pelo fundo verde-negro de S. João e do Pão de Assucar. Era a regata do « campeonato do remo em 1900 » que começava.

Em linha, dos postes plantados na agua, dando ao capricho do vento as flamulas de côres vivas, — partem as baleeiras, que disputam a gloria do campeonato. Da vasta faixa de mar, theatro da lucta, afastam-se as lanchas e os botes. Das barcas Ferry, fundeadas longe, cheias de espectadorês, partem acclamações. São seis, os barcos que entram na justa naval. Em cada um d'elles, quatro rapazes, de braços nús, mostram os nós reforçados dos biceps, — com os troncos indo e vindo, rythmicamente, no manejo dos remos longos. O patrão, immovel e calado, dirige a manobra e fita as aguas.

E as baleeiras voam, diminuem, somem-se, devoram os primeiros mil metros do pareo, ganham o costado do morro, — e voltam. E eil-as que se approximam, apenas visiveis na faiscação do sol, — aves de vôo rasteiro, erguendo e abaixando os remos rebrilhantes, como azas esguias, vergastando o mar...

São minutos de espera, que a anciedade transforma em seculos. Da praia, os olhos chamam e sugam as baleeiras. Cruzam-se gritos desencontrados, clamando nomes: — *É Vesper! é Vesper! — Natação! Bariguy! — Diana! — Vesper! Miragem! — Leda! Leda!...* — E quanto mais bella e mais nobre, essa anciedade, do que a anciedade com que a multidão apavoralhada espera, nos boliches e nos frontões, o exito de um dar de bolas ou de pelotas!

Agora, mais de perto, já se distingue bem, outra vez, a fórmula esbelta das luctadoras, tão leves que

apenas roçam a face da agua, sem um desvio, sem uma oscillação.

Mais alguns segundos. As baleeiras ganham os postes. Os remos cahem paralysados no mar, — azas cançadas do vôo. Mais forte, canta no ar luminoso o silvo festivo das lanchas. Resoam applausos. E o nome da Vencedora corre de bocca em bocca:

— *Vesper! Vesper! Vesper!* . . .

Meninos! Foram musculos como esses que ganharam a batalha de Salamina . . .

Sobre as areias da praia de Phalero, Xerxes tinha feito levantar o seu throno de ouro. E, mais numerosos que os grãos da areia, os seus exercitos enchem a terra, e, mais incontaveis do que os peixes, os seus navios cobriam o mar. Mas a gente moça de Athenas, a ousada gente de Themistocles, tinha os musculos e a coragem, que ides agora adquirindo. Conta Plutarco que «n'aquelle momento de angustia e de já quasi ruina, a frota grega foi a grande arca de salvação a que se acolheu a alma da Grecia.» E a alma da Grecia foi salva, graças aos marinheiros imberbes . . .

Bem sei que, se Xerxes, resuscitasse agora, sob a fórma de um almirante allemão ou yankee, não seria com as vossas baleeiras frageis que affrontareis os couraçados do Persa moderno. Mas lembrae-vos de que, no seculo XVI, Cunhambebe, o chefe selvagem, cujas pirógas de guerra coalhavam os mares hoje nossos, desde Cabo Frio até Angra, — por

muitas vezes, só com estas cascas de noz derrotou as pesadas naus portuguezas: em torno de cada caravela, as pirógas de Cunhambebe pullulavam e ferviam como um enxame de sardinhas em torno de uma baleia monstruosa; e o infinitamente grande acabava sendo devorado pelo infinitamente pequeno.

Depois, quem vos diz que o exercicio do remo vos desenvolve apenas os musculos?

Quando, no lusco-fusco da ante-manhã, saltaes da cama, e, roubando duas horas ao somno, ides encher de ar salitrado os pulmões, é principalmente a alma que ides fortalecer na contemplação do mar infinito, coberto de trevas, do céu sem raias, ainda salpicado de estrellas.

E se foram musculos como esses que ganharam a batalha de Salamina, — foi tambem com gente da vossa idade, creada no mar, afeita a desafiar e conjurar as traições das aguas, habituada a sonhar a gloria, ao ar livre, ouvindo a cantilena triste das vagas e mergulhando os olhos no sorvedouro estrellado do firmamento, — que, a 11 de junho, um almirante nosso, forçando as baterias paraguayas, glorificou, sob uma «abobada de balas», o nome do Brasil nas barrancas do Riachuelo. . .

Mal de mim, mal de todos aquelles que se deixaram lentamente envenenar pela preguiça, pelo amor da vida regalada!

Os annos voam, as *brancas* vão ganhando os cabellos, o tédio vae ganhando o espirito. . . E a gente

adivinha que uma hora séria e decisiva da nossa historia já vem perto. Debaixo da apathia e da molleza, em que vivemos, quem não ouve o abafado rumor de uma tempestade que se aproxima, — surdo e longinquo como o da lava, ainda captiva, que ferve na entranha abrazada de um vulcão? Justos céos! não será com as minhas polainas e com as flores da minha *boutonnière*; não será com este mirrado braço apenas habituado a manejar uma penna; não será com este pobre espirito roído e torturado pelos desregramentos da imaginação; não será com estes olhos fatigados pela constante fixação do papel branco, e com estes miseros pulmões intoxicados pelo ar malsão da rua do Ouvidor; — ah! não será com tudo isto que o Brasil espantará o Xerxes moderno, no seu throno plantado sobre a terra natal, e dispersará, tontas no mar, como um bando de baleias escorraçadas, as grandes naus da Conquista insolente! . . .

De onde virá elle, o Xerxes ousado? Em que fria e esperta chancellaria da America ou da Europa, estará a esta hora sendo incubado, em segredo, o plano terrivel? Talvez em todas as chancellarias ao mesmo tempo. . . Todas ellas teem boa dentadura e bom estomago; todas ellas estendem para nós os olhos famintos. . .

Ao mar, gente moça! Quando o dia chegar da provação tremenda; quando aos altos designios do Destino aprouver que sôe a hora da nossa salvação, ou da nossa ruina; — eu já estarei apodrecido

no fundo da minha cova tranquilla. E toda esta doce terra que amei, e este meigo nome de brasileiro que é a minha gloria, e esta lingua divina em que balucei as minhas primeiras palavras de amor e os meus primeiros versos—tudo isto se terá recolhido, como outr'ora em Salamina, á arca de salvação da vossa bravura...

Meninos! foram musculos como esses que ganharam a batalha de Salamina!

(1900.)



### III

## AUTONOMIA...

Eleições, hoje. Ninguém contava com isso. Os eleitores, apalpando e cheirando os seus titulos novos, hesitam, não sabendo se é verdade o que os jornaes lhes annunciam, e a si mesmos perguntando se a satisfação do cumprimento do dever civico vale o sacrificio do regalado repouso do domingo, em casa, em roupas leves, entre as rosas do jardim e as correrias dos filhos.

Sim, amigos! é verdade o que os jornaes vos annunciam! O Rio de Janeiro poderá viver sem pão, sem divertimentos, sem limpeza, sem felicidade: mas não poderá viver jámais sem Conselho Municipal!

No dia em que se visse privada do seu Conselho Municipal, a cidade, tonta de dôr e de desespero, ficaria desmoralisada aos seus proprios olhos,—como se lhe tivessem roubado a corôa mural, ou os dois golfinhos, ou as tres settas de S. Sebastião, ou a quilha de navio, ou quaesquer attributos symbolicos que entram na composição das suas armas gloriosas. No dia em que, para salva-a da cachexia e da mor-

te, quizeram confial-a aos cuidados de um só medico solícito e competente, a cidade viu n'essa providencia a ruina, e, de rojo no chão, abriu o peito n'um clamor agoniado: «Não! quero o meu Conselho, bom ou mau, honesto ou deshonesto, illustre ou desconhecido! quero o meu Conselho, que é a demonstração da minha Soberania: e sem a minha soberania, que serei eu na terra?! Deixem-me suja, mas deixem-me Soberana!»

E ahi está porque, ó meus irmãos, ides hoje exercer o vosso direito de voto!

O futuro a Deus pertence, — diz o povo. E só Deus deveria saber que Conselho Municipal váe sahir hoje das urnas. Mas, d'esta vez, o olhar humano póde devassar um cantinho do mysterio. Para contentar o insoffrido orgulho da cidade, que não póde viver sem um Conselho Municipal, dão-lhe um Conselho Municipal já feito, já convenientemente armado e organizado, peça por peça. Quando o vir eleito e reconhecido, a cidade exultará, muito certa de que é elle obra sua, expressão da sua soberana vontade, creatura do seu voto e da sua livre escolha.

É assim que se engambellam e illudem as creanças. Quando uma creança quer possuir a lua, não convem recusar-lhe terminantemente a satisfação d'esse desejo absurdo. Nada mais facil do que comprar, n'uma loja de brinquedos, uma bola de borraça, e dal-a ao pirralho impertinente: «Aqui tens, meu filho! aqui tens a lua!» E o pirralho ficará satisfeito com o seu planeta de borracha, e nem terá

olhos para vêr lá em cima, n'um pallido fulgor, banhando de luz todo o céo, a verdadeira lua, immensa e inacessivel. . .

Vamos, amigos! estreiemos os nossos novos diplomas, ainda quentinhos do forno; sacrifiquemos o repouso do domingo, deixemos as nossas roseiras, e, gravemente, como quem vae commungar, dirijamos para as nossas respectivas secções eleitoraes.

A nossa boa cidade quer a lua? não a desgostemos! fabriquemos-lhe uma luasinha de dois tostões, de leve borracha, rechonchuda e bonita. Com essa lua de pechisbeque, e com a sua soberania intacta, a cidade será mais feliz e mais rica do que a mais prospera cidade do mundo. . .

Este zeloso empenho de conservar a soberania, nem sempre é respeitavel. A soberania (ou a autonomia do Districto Federal, como se diz nos artigos de fundo) só poderia ser digna de respeito e de adoração, se fosse um attributo real e positivo. Não sendo mais do que uma palavra ôca, ella é apenas uma superstição, um mytho, uma preocupação estéril.

Quem segue para a Europa, como passageiro de qualquer navio das *Méssageries*, pára algumas horas no porto de Dakar, na costa da Senegambia. A paisagem é rude e pittoresca ao mesmo tempo. A fita de terra, amarellada e baixa, estende-se sem encanto, chata e monotona, com escassas arvores. Assim que o navio ancóra, vem de terra, em ligeiras canôas,

uma innumeravel multidão de negrinhos quasi nós, falando um francez-africano que escórcha os ouvidos da gente, e maravilhando os viajantes com os seus prodigiosos mergulhos na agua.

Não sei se ainda existe, em Dakar, um certo rei desthronado (se é que já houve em Africa um rei possuidor de throno!) que era antigamente a curiosidade maior d'aquelle ponto. Se não existe esse rei, deve existir outro: não faltam e não hão de faltar tão cedo, no continente negro, soberanos encarregados da especial missão de divertir os viajantes... O que conheci em 1900, era um preto velho, muito magro, com as costellas furando a pelle, e um olhar esgazeado e estúpido. Depois de deixar a canôa que conduzia o viajante curioso do navio á terra, era preciso andar um pouco, no meio de uma multidão de soldados francezes, de trabalhadores sentenciados, e de pretinhos de tanga, para chegar ao *palacio* em que se exhibia o monarcha de pelle de ebano. O palacio era uma choupana, de paredes de taipa, e colmado de palha. O chão de terra batida, tinha, por tapete, uma camada espessa de lixo.

No meio da sala real, que fedia horrendamente, estava Sua Magestade, acorada sobre uma esteira suja, com um velho cachimbo entre os beiços grossos e reluzentes.

A tanga do rei era um frangalho de côr indecifavel, passada em torno dos rins. Á direita da esteira, havia uma cuia em que os visitantes deixavam as suas esmolos, pequenas moedas de cobre e prata,

— dadas que Sua Magestade agradecia com jubilo, tirando o cachimbo da bocca, e mostrando, n'um sorriso idiota, um só dente amarello na gengiva descarnada. Á esquerda, havia uma botija de aguardente; e esse parecia ser o symbolo, unico e verdadeiro, da grandeza d'aquelle repugnante principe.

Cercando Sua Magestade, estavam tres rainhas, velhas, sujas e desdentadas como o rei, e como elle empestando o ar com o seu bafo alcoolico. E havia ainda no palacio alguns subditos reverentes, que soltavam grunhidos de satisfação sempre que uma nova moeda cahia na cuia real.

Pois bem! assim sujo, assim repulsivo, assim mergulhado de corpo e alma na torpeza e na embriaguez, aquelle mulambo humano estava convencido de que era um rei! Os soldados francezes, da guarnição do Senegal, passavam com irreverencia pela sua arrebetada choupana, cobrindo de chufas a sua immunda pessoa. Os visitantes riam um pouco, contemplando a sua figura decrepita, atiravam á cuia uma esmola, e saham logo, com asco, fugindo o mau cheiro da choça e o triste espectaculo d'aquella miseria. Mas o que lhe importava isso? As tres mulheres do rei e os seus quatro ou cinco subditos fieis só levantavam os olhos para Sua Magestade com respeito e veneração. E aquelle pobre diabo que, embrutecido pelo alcool e pela preguiça, já não era um homem, porque não passava de uma cousa infecta, — preferia ficar assim, na sua ignominia mas com a sua *soberania*, — a viver trabalhando, feliz, bem vestido e

bem alimentado,—mas sem a vassallagem d'aquellas tres pretas medonhas e d'aquelles quatro ou cinco pretos bebedos...

Ah! decididamente, ha soberanias que não são invejaveis! Na idade média, havia uma festa em que, pelas ruas, em triumpho, era levado o *Papa dos loucos*, um bufão que gozava, por algumas horas, de uma soberania absoluta; nas nossas festas da roça, quando se celebra o Santissimo Sacramento, ha um menino que, durante toda a tarde, embrulhado n'um manto salpicado de lentejoulas, e com uma corôa de papel dourado na cabeça, representa o papel de «Imperador do Divino»;—e é commum, nos theatros, vêr um actor qualquer metter-se na pelle de Francisco I, de Luiz XI, ou de Nero... E haverá quem seja bastante nescio para quebrar lanças, e esguelar-se, e sacrificar-se, só com o fim de conquistar ou conservar a *soberania* do rei da Senegambia, ou a do *Papa dos loucos*, ou a do Imperador do Divino, ou a do tenor que canta a parte de Francisco I no *Rigoletto*?

A soberania que a cidade do Rio de Janeiro quer conservar não é tão ridicula como essas, mas também não é das mais invejaveis. Ser soberana, para que? para vêr o dinheiro publico desbaratado em perda? para vêr o lixo crescer nas ruas e o pão faltar nas casas? para se entregar, de mãos atadas, á incuria, á desmoralisação, e á febre amarella?

E que soberania é essa, que se deixa annullar pela influencia do primeiro chefe politico dispondo de alguns contos de réis e de alguns capangas? Ninguém póde ter a innocencia, ou a tolice, de acreditar que reformado o alistamento municipal, estejam feridos de morte todos os vicios das nossas eleições. A eleição de hoje vae ser uma eleição como as outras: metade do eleitorado ficará em casa, e a outra metade irá simplesmente fingir que está votando... É certo, certissimo, que das urnas só sahirão eleitos os cidadãos indicados pelo governo. Qual é a utilidade d'essa comedia? nenhuma: as comedias nunca teem utilidade pratica; servem apenas para fazer rir.

Mas o essencial, para esta ingenua cidade, é que lhe não roubem a soberania! Ella não quer avenidas, não quer escolas, não quer limpeza, não quer civilisação, não quer arte: o que ella quer é ser soberana.

Pouco lhe importa que o manto da sua soberania seja um trapo esburacado. Deitada sobre um monturo, raspando como Job, com um caco de telha, a sua lepra, escarnecida pelas suas visinhas e irmãs, explorada e insultada por meia duzia de especuladores, causando o desespero e a vergonha dos seus filhos, — ella ficará satisfeita emquanto puder dizer, batendo as mãos fracas sobre o estomago vasio: «Tenho fome! mas alimento-me com a minha soberania!»

É a soberania do rei da Senegambia! Se os

defensores da autonomia do Districto não gostam da comparação, escolham qualquer das outras: a do Papa dos malucos ou a do Imperador do Divino.

E vamos votar!

(1903.)



## IV

### NATAL

Era já perto da Galiléa, não longe do valle do Jordão, n'um planalto, de onde se avistavam as montanhas de Sicheu e de Gelboé, o collo arredondado do Thabor e a agua azul do golfo de Khaifa. Havia luar, um luar suave e limpido, que palhetava de prata as aguas dos riachos, e escorria pelas folhagens dos platanos, dos loureiros e das figueiras.

N'esse vasto planalto, estava parada uma immensa multidão, em que se confundiam todas as castas, todas as profissões, todas as grandezas e todas as miserias. Essa gente viera da Chaldéa, do Egypto, da Mesopotamia, da Syria, dos desertos aridos, dos valles risonhos, das montanhas escarpadas, e juntara-se aos peregrinos vindos de todos os paizes da vasta Palestina.

E havia ali pastores humildes, vestidos de pelles, apoiados em grossos bastões; guerreiros fortes, armados de escudo e lança; mercadores ricos, arreados de seda e ouro; mulheres pobres, com os pés ensanguentados pela caminhada longa; meretrizes de

collo nú, com a cabelleira ensopada em oleos e toda a pelle rescendendo a essencias aromaticas; velhos patriarchas, de longas barbas alvas sobrando sobre o peito; adolescentes imberbes, e moças no fulgor da puberdade; paralyticos transportados em frageis e rusticas liteiras feitas de galhos de arvores; leprosos, raspando as chagas;—e, entre essas gentes, avultavam tres grandes reis da terra, Gaspar, Melchior e Balthasar,—um, moço, de pelle alva e lisa,—outro, velho, de pelle enrugada e tostada do sol,—outro, de pelle negra como o ebano,—e todos cercados de uma esplendida comitiva de soldados e de escravos, conduzindo trezentos camelos carregados de ouro, de myrrha, de incenso, de cinammomo e de dentes de elephante. . .

No céo, mas muito perto da terra, tão baixa que as mãos da gente tinham a illusão de poder tocal-a, e tão brilhante que a sua luz resistia á claridade avassalladora do luar,—brilhava uma grande estrella desconhecida, que nunca, antes d'esse anno 750 da era de Roma, os sacerdotes, os magos e os astrologos tinham observado no firmamento. Sob o clarão d'esse astro novo, attrahida pelo seu encanto e dominada pela sua voz,—porque a estrella falava, e tinha uma voz que nunca jámais ouvidos humanos haviam até então percebido,—toda aquella multidão se congregara anciosa.

Agora, n'aquelle planalto do paiz da Galiléa, quasi ao chegar ao termo da maravilhosa jornada, a innumeravel caravana repousava, acampada ao luar.

Em torno, os camelos, os cavallos, os bois, tinham cahido de rojo no chão extenuados; e, dentro do circulo formado pela bestiagem, os homens, as mulheres, os reis, os escravos, os guerreiros e os enfermos, confundidos e baralhados, fitavam a estrella e sonhavam.

No chão, perto do rude cajado do pastor, brilhava a lança do guerreiro; as sedas do mercador opulento roçavam os andrajos do mendigo; os manebos fortes, em pleno viço da saude, deitavam-se ao lado dos invalidos chagados; o homem livre confundia o seu halito com o halito do homem escravo: e o seio pequenino e timido da virgem palpitava perto do seio sensual e cheiroso da meretriz. O luar estendia sobre todos a sua limpida toalha de prata viva,—e a voz da estrella dizia cousas e fazia promessas, que enchiam de esperança todos os corações e de lagrimas suaves todos os olhos.

Estava ali, n'aquelle ponto predestinado da terra, o compendio do soffrimento humano...

Todas aquellas almas padeciam dôres, terriveis ou brandas, reaes ou imaginarias, nascidas do amor incontentado, ou do rigor da miseria, ou do orgulho ferido,—dôres differentes na expressão ou na extensão, mas eguaes na essencia. Os guerreiros enjoados da carniceria, os pastores quasi mortos de trabalho, os mercadores com a alma arfando ao peso dos remorsos, os reis arrependidos do seu orgulho e da sua crueldade, os velhos patriarchas opprimidos pela sua hypocrisia, os adolescentes alimentando sonhos

irrealisaveis, os mendigos chorando de fome, os leprosos com asco de si mesmos, os escravos orphãos da liberdade, as virgens feridas de Amor, os paralyticos chorando a sua immobilidade, as meretrizes fatigadas da luxuria,—toda aquella gente aspirava uma vida nova, uma nova sorte e uma nova condição. Todas as provincias do grande mappa da Magua estavam ali representadas. E, como a estrella dizia que tinha nascido o Redemptor do Mundo, o Vencedor do Mal, o Igualador das Castas, o Salvador das Almas,—toda aquella vermina humana viera seguindo a estrella, até áquelle planalto, situado já perto da Galiléa, não longe do valle do Jordão. . .

Ora, de repente, perturbando o socego e o extase da multidão, do alto de uma grande figueira brava, que se erguia bem no centro da planicie, cahiu uma gargalhada sinistra.

Era um como entrechocar de ferros, um como entrebater de azas horrendas. . . A gargalhada reboou longamente, enchendo os echos de em torno: e a infinita caravana estremeceu, n'um sobresalto angustiado, tonta de pavor.

Todos os olhos, alargados pelo espanto, se levantaram para a figueira,—e viram lá em cima, no ultimo galho, um grande mocho, cujo negror era redobrado pela alvura do luar que o banhava. A ave sinistra estava agora calada, circumvagando por tudo um olhar terrivel que entrava pelas almas, trespassando-as, como uma púa. . .

Quando viu que a sua triste presença tinha desviado da luminosa presença da estrella a atenção de todo o incontavel cardume humano, o mocho falou:

— Ó miseravel rebanho de loucos! que nova loucura, que sonho vão, que engano imbecil vos impellem para uma nova decepção e uma nova tristeza! Que esperaes d'esse Redemptor, que acaba de nascer? O mal é eterno, como a vida... Viver é soffrer, gozar é soffrer, amar é soffrer, esperar é soffrer! Só ha na vida uma philosophia boa: é a que ensina a não desejar cousa nenhuma! Voltae para os vossos campos, para os vossos desertos, para os vossos palacios, para os vossos prostibulos. Não ha redemptor capaz de extinguir na alma humana a semente maldita do soffrimento, ó miseravel rebanho de loucos!

A multidão offegava, tolhida de susto, ouvindo a voz agoureira...

Um soldado romano, erguendo-se de subito, ameaçou com a ponta da lança a ave medonha:

— Cala te, estryge cruel, enviada do Averno!

Mas o estryge regougou:

— Podes ferir-me e matar-me, que não desmentirás o que te digo! Assim pudesses ferir e matar, dentro de ti, essa inquietação, essa agonia, esse desespero, que te fazem escravo de sonhos absurdos, e que só hão de morrer comtigo, porque são a propria essencia da condição humana! Não suffocarás a minha voz, porque ella é a voz da Realidade implaca-

vel... Que é o que buscaes, homens tristes?— a terminação da tortura physica e do medo da morte? o socego da alma e a paz do coração? o aniquilamento dos pensamentos maus, que geram o peccado e o crime? a liberdade e a justiça? o bem e a verdade?— talvez encontreis tudo isso, depois de mortos... Enquanto vivos, não achareis o que buscaes, —nem na Galiléa, nem em qualquer outro ponto da terra abjecta!

Então, um crente, exaltando-se, levantando e retorcendo os braços, exclamou:

— Não! os livros sagrados, os prophetas, os homens de Deus sempre annunciavam a vinda do Messias! Se não é verdade que nasceu o Redemptor do mundo, — que está fazendo no céu a estrella que além fulgura, perola esplendida, sahida do seio misericordioso de Deus, nuncia da boa nova, congregadora dos homens para a jornada da Esperança?

O mocho elevou de novo a sua voz cruel:

— Os livros sagrados mentem, os prophetas mentem, todos mentem, e tudo mente! Aquella estrella, que além fulgura, é tambem uma mentira, uma illusão dos vossos olhos sonhadores! Quereis saber o que vae acontecer ao vosso Redemptor?

Não havia um movimento na immensa massa humana; sentia-se e ouvia-se, apenas, n'aquella nunca vista agglomeração de creaturas, um respirar uniforme e ancioso, que parecia o offegar da propria terra.

— O vosso Redemptor — continuou o mocho — será calumniado, injuriado, apedrejado, crucificado,

por querer ensinar aos homens a bondade, a justiça e a tolerancia. Na hora da morte, a sua ultima palavra será de perdão, de ternura e de esperança... Mas, d'aqui a dois mil annos, ó rebanho de loucos, a maldade humana será a mesma, e o sacrificio d'essa alma pura terá sido inutil... D'aqui a dois mil annos, ainda a terra será manchada pelos mesmos crimes que a mancham hoje: haverá senhores e escravos, ricos e pobres, reis e subditos, poderosos e humildes; a protervia dos fortes opprimirá a innocencia dos fracos; as guerras dividirão os povos; os homens se entredevorarão como feras; e a ira, a gula, a ambição, a vaidade, a cupidez, a luxuria, e todos os instinctos baixos e grosseiros governarão a vida. Por que sahistes dos vossos montes, pastores? por que deixastes os vossos campos, lavradores? reis e meretrizes, por que interrompestes as vossas orgias? soldados, por que desertastes as vossas hostes? leprosos, por que não ficastes em paz á espera da morte?... Tudo é mentira, tudo é illusão, tudo é fantasmagoria de sonho! Dispersae-vos, e voltae aos vossos prazeres ou ás vossas angustias! Aquella estrella, que vêdes, não existe de facto no céo: existe apenas em vossas retinas deslumbradas e allucinadas pela esperanza! Dispersae-vos, homens estultos!

Assim falou o mocho. E a multidão, que enso-pava de lagrimas o solo duro e as hervagens do planalto, prorompeu n'um choro afflicto e desesperado...

Mas, n'esse momento, com o claro som de uma cythara, a estrella falou:

—Sus, homens de pouca fé! Eia, homens de pouca esperança! Levantae-vos do pó, vinde commigo, continuemos a nossa jornada maravilhosa! É talvez verdade tudo quanto vos disse a ave agoureira, e talvez eu mesma não passe de uma illusão dos vossos sentidos... Mas cerraes o ouvido á voz que vos desillude, — e acreditaes sómente na voz que vos dá a esperança e o consolo. Leprosos, emquanto sonhaes, não sentis a dôr d'essas feridas; emquanto sonhaes, não vos opprime a tristeza, ó tristes, nem vos tortura o remorso, ó criminosos; emquanto sonhaes, melhoraes a vossa alma, aperfeiçoaes o vosso coração, e esqueceis a vossa miseria! Nem tudo é soffrer como vos disse aquella ave do mal: esperar é gozar! E em verdade vos digo que, d'aqui a dois mil annos, os homens, se forem ainda desgraçados e tristes, — poderão ter um pouco de felicidade, acreditando nas illusões consoladoras, e trabalhando com esperança, pelo advento de uma era de paz, de bondade e de justiça. Que importa que eu mesma seja uma illusão, se a minha voz vos reconforta e consola? Eia, sus! Levantae-vos do pó, acreditaes no que vos digo, e vinde commigo, — que o Redemptor do mundo nasceu!

E todos, — pastores e guerreiros, soldados e patriarchas, mercadores e mendigos, reis e escravos, sacerdotes e leprosos, virgens e meretrizes, homens e mulheres, velhos e creanças, — todos, cantado e



---

sorrindo, acompanhados pelos bois, pelos cavallos, pelos camelos carregados de ouro, de myrrha, de incenso, de cinammomo e de dentes de elephante, retomaram a marcha para a aldeia humilde onde Jesus nascera, e foram seguindo a estrella maravilhosa e rútila, — astro da Illusão, pharol da Esperança e da consoladora Mentira. . .

(1903.)



## AS CONDECORAÇÕES

Por estes dias, deve chegar ao Rio de Janeiro o general Khan, embaixador da Persia.

A novidade é grande. As embaixadas não são communs no Rio de Janeiro:—e, tratando-se de uma embaixada da Persia, de um paiz tão remoto e fabuloso, a novidade não póde deixar de influir fortemente sobre a nossa imaginação, sempre tão prompta em apprehender e gozar o lado fantastico das cousas.

Para nós, e para todos os que mammam o leite da civilisação latina, a Persia continua a ser o que era no cyclo heroico que se estendeu de Cyrus a Alexandre. Falar na Persia é evocar a soberana grandeza e o fausto glorioso de Persepolis e Suza: os palacios do Grande Rei, apunhalando o céu com as suas cem torres esguias e as suas seis mil columnas de granito; os metaes preciosos, em caudaes faiscentes, canalizados das mais longes satrapias para o erario real; os exercitos innumeraveis, recrutados entre os Parthas e os Hyrcanios, cujas bagagens enchiam todos os valles da Capadocia. . .

É preciso não ser latino, é preciso não ser escravo da imaginação e do sonho, para não pensar desde logo que uma embaixada persa deve ser um deslumbramento, um cortejo de apotheose, um arco-iris de maravilhas, — com o embaixador caminhando, entre secretarios cobertos de ouro e prata, com o turbante constellado de perolas, de diamantes e de esmeraldas, e cheio de plumas raras de avestruz e pavão. Fechae os olhos, pronunciae as palavras — embaixada persa —, e vereis que irradiação offuscante. . .

Mas os jornaes illustrados de Buenos-Ayres já nos deram varias photographias do general Khan, e dos seus secretarios. Por mais dolorosa que seja a realidade, é preciso lembrar que a Persia de hoje não é a Persia do anno 500 antes de Christo. O general Khan é um homem não muito baixo nem muito alto, sympathico, sem ter na face a ferocidade sobrehumana que devia haver na face de Dario ou Cambyses, — e sem mostrar no vestuario a antiga magnificencia dos satrapas que adoravam Ormuz. O general Khan calça botas de montar, como qualquer dos nossos officiaes de cavallaria, e traz o corpo envolvido n'uma longa farda, — cujos ornatos de mais preço são as pellicas alvas da golla e das mangas, e as condecorações do peito.

Em Buenos-Ayres, o representante do Schah Mozzafer-ed-Dine almoçou e jantou, á européa, em palacio; assistiu a revistas militares; conversou, em francez e em inglez, com as mais lindas senhoras da

sociedade argentina; valsou, no Jockey Club; e cumpriu, emfim, todos os preceitos da etiqueta diplomatica, não se distinguindo nem na polidez das maneiras, nem na gravidade da conversação, de qualquer dos outros diplomatas que vivem junto do general Roca. A idade moderna matou o exotismo. As tendencias actuaes da civilização convergem todas para o fim de transformar toda a superficie do planeta n'uma mesma nação de vida uniforme e monotona, sem surpresas, sem originalidades, sem novidades.

A unica nota de magnificencia verdadeiramente persa, dada pelo general Khan em Buenos-Ayres, consistiu n'isto: antes de partir, o embaixador do Schah, offereceu ao general Roca uma riquissima commenda da mais alta ordem honorifica do seu paiz. Telegrammas da capital argentina já disseram o excepcional valor d'essa joia, incrustada de esmeraldas e rubis, e trabalhada em ouro, do mais fino quilate, com a mesma pericia que o ourives russo Rachoumosky, empregou em afeiçoar a famosa tiara do rei Saitapharnés. Mas, verifiquem bem, indaguem bem, — e hão de vêr que essa joia foi feita em Paris ou em Londres, e é tão persa quanto é scytha a tiara do museu do Louvre...

Que nos importa isso? o que nos importa é saber que o embaixador de S. M. Mozzafer-ed-Dine, despedindo-se do general Roca, entregou-lhe, em nome do seu soberano, uma commenda, — e que o general

Roca accitou a dadiua, e agradeceu, commovido, a distincção.

O general Roca é chefe de uma nação republicana: não é chefe de Estado por direito de nascimento, e não usa do supremo poder como de uma regalia conferida por Deus. D'aqui a pouco, esse chefe de Estado sahirá do palacio da praça de Maio, —e continuará a ser, fóra do governo, o que era dentro d'elle: um homem simples e chão, eleitor, soldado, chefe de familia, —cidadão. Entretanto, esse democrata recebeu a commenda do Schah da Persia, e collocou-a sobre o coração, em cima da pala esquerda da casaca:—e nem por isso deixou de ser um democrata, filho do Povo, e mantenedor dos «immortaes principios de Oitenta e Nove».

Ora, por estes dias, teremos por aqui o embaixador persa.

Com certeza, diplomata moderno, conhecedor de todas as regras inviolaveis e rigidas do Protocollo, já elle deve saber que não póde conceder ao presidente do Brasil a mesma distincção honorifica que concedeu ao presidente da Argentina. O Brasil não admitte essas cousas: o Brasil é a Republica Ideal e Pura, é o reinado legitimo e limpido da Democracia! e a sua Constituição é o templo onde se guarda, a coberto de todas as profanações, o Palladio da ideia da Eguualdade,—e o sacrario, onde se conserva, inviolavel, o *zaimph* dos principios de Oitenta e Nove!

Se o embaixador persa não estivesse prevenido, seria interessante vêr o seu espanto, ao saber, assim

de sopetão, que o presidente do Brasil é obrigado a rejeitar uma cousa que em toda a Persia, em toda a culta Europa e em todo o vasto planeta, toda a gente vive a pedir de joelhos.

Se o general Khan tivesse o habito de escrever ao seu soberano, diariamente, algumas « cartas de viagem », como aquellas *Lettres Persanes* que o satyrico Montesquieu attribuiu ao persa Usbek, — e se nos fosse possível, por um acaso providencial, violar o sigillo d'essa correspondencia, — como seria interessante vêr n'essas cartas, o « estado de alma » do embaixador deante de taes revelações do nosso puritanismo!

A principio, o general teria uma impressão de pasmo grande, e talvez de ira, — vendo despresada a distincção. E as suas cartas reflectiriam essa impressão, dando a entender que o Brasil ainda é um paiz barbaro, como o paiz dos Scythas do tempo de Dario.

Mas, logo depois, passado o primeiro espanto, e sabendo que a rejeição da commenda não significava um sentimento de hostilidade á Persia, mas uma louvavel obediencia aos preceitos de virtude republicana impostos pela Constituição, o general Khan sentir-se-ia invadido de uma infinita e commovida admiracção por este joven paiz, tão amigo da democracia, tão rigido nos seus principios, tão inabalavel nas suas crenças republicanas, tão desdenhador das honras e das distincções, tão dado á modestia e á simplicidade. E, em estylo colorido e entusiastico, es-

creveria ao seu soberano: «Sabereis, Sol da Persia, que o Brasil é a Republica Ideal de Platão, com duas differenças apenas: Platão queria um governo aristocratico e excluia da sua Republica os poetas; ao passo que, no Brasil, é o povo quem se governa a si mesmo, e não se póde dar um passo nas ruas, sem esbarrar com um poeta, de theorba em punho, cantando as palmeiras e os sabiás!»

Seria essa a segunda impressão do embaixador. Mas não seria a ultima. Bem depressa, alargando o circulo das suas relações, penetrando mais fundo no mecanismo da nossa vida social e politica, o enviado do Schah notaria, com surpresa, que o nosso desdem das distincções e das honrarias não vae além das commendas, das grã-cruzes e das fitinhas. E então, um assombro maior começaria a encher a sua alma perturbada, — e elle comprehenderia que um brasileiro é, pelo menos, tão enygmatico... como um persa.

Veria o general Khan, em primeiro logar, que os viscondes, os condes, os barões, os commendadores, os conselheiros da monarchia continuam a ser conselheiros, commendadores, barões, viscondes e condes. Veria que o supremo ideal do brasileiro é ter o titulo de *doutor*, até quando nunca se familiarizou com doutrina nenhuma, ou o titulo de *bacharel*, até quando nunca manuseou uma carta de *a b c*. Frequentando bailes e theatros, veria grande numero de homens agaloados e apassamanados de ouro, com espadagões retinintes e pennachos fulgurantes, —



officiaes de uma milicia civica de que nunca se conheceram os soldados. E, entrando em qualquer repartição publica, veria que o director é coronel, o chefe de secção major, o amanuense capitão, o escriptuario tenente, o continuo alferes, — todos honorarios, se bem que mais habituados a empunhar a penna do que o gladio. E, boquiaberto, com a mão tremula, e com os olhos esgazeados de fundo susto, o embaixador escreveria: « Este paiz, Grande Schah, não é a Republica de Platão! este paiz é a Republica... de Aristophanes! »

(1902.)



## VI

### A FESTA DA PENHA

A antiguidade era alegre, de uma alegria ingenua e ruidosa, que animava toda a face da terra, e enchia o sereno céu de um ecoar de risos e canticos. Os deuses gregos tinham paixões como os homens, seduziam mulheres, gostavam do bom vinho, da boa mesa, dos amores regalados, e ostentavam sem pudor fraquezas perfeitamente e legitimamente humanas.

Só poderia ter inventado esses deuses uma humanidade risonha e feliz, amando a vida e o prazer. Para essas gentes antigas, a vida era um longo festim, aberto a todos os appetites: — não um festim, como o comprehendemos hoje, farto para alguns e nullo para muitos, e cujos melhores pratos sómente conquistados pelos fortes, — mas um banquete que contentava todas as fomes... N'esse tempo, a Alegria era uma hospeda da terra: nós a puzemos d'aqui para fóra, com uma brutalidade sem nome, — e ninguem sabe em que seio dourado de outro mundo, de Sirius ou de Aldebaran, de Véga ou de Cas-

siopéa, andar á ella actualmente, encantando a vida de outra raça feliz. . .

Essa evocação saudosa da alegria antiga vem a proposito da festa da Penha, que começa hoje.

Ha quem ache ruidosa de mais, irreverente e escandalosa, a jovialidade dos romeiros que se emborracham em honra de Nossa Senhora. Por que? porque as religiões modernas vieram entristecer a terra, e já não se comprehende que haja expansões de jubilo vivo e de familiar carinho nas relações da terra com o céo, dos homens com Deus. . .

Para os antigos, os deuses eram uns bons camaradas, tolerantes e um pouco scepticos, não ligando grande importancia á sua divindade, e confundindo-se ás vezes de boa vontade com os homens. Jupiter descia frequentemente a este baixo mundo, disfarçava se em cysne, em chuva de ouro, em aguia, em touro, em satyro, em homem, e vinha metter-se em frascarias descabelladas; Juno, roída de ciumes, desertava tambem o Olympo, e descia até cá, no enalço do seu leviano marido e senhor; Minerva abalava muitas vezes do seu solio augusto, e vinha fundar cidades cá em baixo, e dar conselhos pater-naes aos homens; Diana, cançada dos banhos de luz do Empyreoo, vinha banhar-se nas aguas crystal-linas do Eurotas e do Cephiso, onde a sua maravi-lhosa nudez ficava exposta á admiração do guloso Acteon; Venus fugia quasi todos os dias de lá de cima em companhia de Marte, e vinha correr com elle os albergues de Cnido e de Cysteda;—deuses

e deusas, enfim, amavam os homens, compreendiam e perdoavam os seus defeitos, e levavam a sua bondade até o ponto de ter vícios humanos, como querendo complacientemente demonstrar que nem sempre os vícios são crimes. . . .

Para vêr bem a ideia facil e simples que a idade heroica fazia dos seus deuses, basta ler a descripção d'aquelles famosos *cortejos bacchicos*, com que se celebravam as graças do deus do vinho e da alegria.

Baccho infante não vinha, ali, de conquistar apenas as Indias; vinha de conquistar tambem uma dyspepsia. . . .

O joven Lyêo, patrono das carraspanas olympicas e terrestres, passava, coroadado de pampanos, gordo e vermelho, suando alcool e bom humor, empunhando a taça de ouro, de onde escorria o succo das uvas capitosas. Em torno d'elle, havia a marcha dos corybantes, em dança descompassada, agitando os thyrsos sobre as cabeças engrinaldadas de folhas de parreira; vinham depois os satyros capripedes e as menadas voluptuosas, e fechava a marcha o velho Sileno, com a bocca lambusada de mosto, oscillando mollemente sobre o dorso do seu anafado jumento.

Ora, quem vê passar, ao cahir da tarde, de volta da Penha, um carro de romeiros, ao trote dos muires enfeitados, — comprehende bem que essa festa popular, tão ruidosa, tão cheia de descantes de viola, de excessos de mesa, de tarraçadas de vinho, e de regabofes escandalosos, — não é menos do que uma

reminiscencia, embora apagada, da antiga alegria religiosa.

As gentes rudes, cançadas da tristeza actual, procuram recuperar aquella intimidade, tão consoladora e tão boa, que mantinham outr'ora com as potestades divinas. Essas almas simples não podem comprehender que Deus, e Nossa Senhora, e os santos da côrte do céo exijam d'ellas, em troca do paraíso, o sacrificio do bom humor, do appetite, e de todas as cousas agradaveis da terra. A festa da Penha é um symptoma: revela o cansaço da melancolia religiosa, e revela a anciedade que ha nas almas, pelo regresso á alegria primitiva.

Foi a Edade-Média—esse escuro e longo reinado da immundicie e da afflicção,—que deu cabo das boas relações de carinho e franqueza, entre a terra e o céo. Os ascetas começaram a prégar a inutilidade dos esforços humanos: e a humanidade começou a viver dentro de uma espessa nuvem de terrores e de sobresaltos. Tudo, as guerras, as pestes, os terremotos, as sêccas—tudo era um signal da colera divina, tudo era um annuncio do proximo acabamento do mundo.

Deus ficou sendo um senhor cruel, tendo na mão um azorrague de raios, e com a bocca cheia de maldições; os santos eram os prepostos d'esse despota, os tetrarcas d'esse novo tyranno, todos implacaveis, todos odiando a especie humana; e até a Virgem-Mãe perdeu de todo a sua suavidade, transformando-se n'uma figura macerada e funebre, de ouvidos cerra-

dos ás supplicas dos peccadores, e nunca disposta a perdoar aos vermes da terra as torturas infligidas ao seu divino filho. A alimentação ficou sendo um peccado; o banho ficou sendo um requinte abominavel de sensualidade; o riso ficou sendo um crime perverso;—e muito suja, muito faminta e muito triste, a humanidade só tinha um sonho: morrer.

O facto é que tudo isso já se abrandou: mas a religião ainda é uma escola de melancolia.

Ainda hontem, parando junto de uma vidraça de livraria, na rua do Ouvidor, vi uma edição nova, novissima, da *Preparação para a Morte*, de Santo Affonso de Ligorio.—E, hoje, abrindo um jornal, vi um annuncio d'essa edição, com este aviso, em lettras gordas: «a *Preparação para a Morte* é um livro indispensavel. . . »

Um livro indispensavel! Não achaes que muito mais indispensavel seria o livro em que se ensinasse a «preparação para a vida?»

Mas voltemos á festa da Penha. Porque havemos de condemnar o excesso de comida, de bebida, de gritaria, e não raro de rixas, a que se entregam ás vezes os romeiros? A sua devoção não é menos sincera, por ser tão alegre. A Senhora da Penha lá saberá distinguir, no meio d'aquelles vivas, d'aquellas cantigas, d'aquelle barulho de guisos e de pandeiros, as preces ardentes, a pureza das intenções, a franqueza das promessas. Pela peneira da sua misericordia, ella passará todo aquelle tumultuar de cousas boas e más: e, deitando fóra os delirios bacchicos,

as extravagancias pantagruelicas, os destemperos de estomago, de garganta e de lingua, recolherá sómente o que houver de puro na romaria tradicional.

Viva o bom humor! Se não chover, o dia de hoje será uma resurreição, ainda que incompleta, da velha alegria humana. Pelas estradas que levam á ermida branca, uma quinta parte da população carioca irá rezar e folgar lá em cima. Por toda a manhã, e toda a tarde, ferverá na Penha o pagode; e, sentados á vontade na relva, devastando os farneis bem providos de viandas gordas e esvasiando os «chifres» pejados de vinho, os romeiros celebrarão com gaudio a festa da compassiva Senhora. E, logo mais, ás seis da tarde, sobre o seio da cidade desabarão os carros já dismantelados, trazendo a multidão dos crentes, carregando a custo os ôdres vãos, com os violões arrebetados, com as gargantas roucas de tanto cantar e as pernas bambas de tanto dançar.

Ao menos, no dia de hoje, essa gente pobre, que ganha com suor e sangue o pão que come, — não se lembrará da carestia dos generos, nem do preço fabuloso que custa o aluguel de um quarto infecto na mais infecta das estalagens. Haverá quem possa condemnar uma festa que é alegre, n'uma epocha tão funebre, — e uma festa que dá aos pobres a illusão da felicidade, suffocando-lhes na alma, durante doze horas, a recordação de todas as amarguras da vida?

Livre-nos o Bom-Senso de querer que as potes-



tades divinas sejam hoje, para os homens do nosso tempo, precisamente, o que eram os deuses da Grecia heroica para os homens de então, — uma caterva de numes desmoralizados, vindo confundir-se com os mortaes em ambições, em conflictos, em interesses, em vicios e em pagodes! Mas não queiramos tambem que essas potestades só amem os macambusios, os bezerros-humanos, os hypocritas e os casmurros, — e não tenham jámais um pouco de condescendencia para as fraquezas da carne.

Por mim, confesso que acho divinamente bella e divinamente encantadora aquella misericordiosa Senhora da Penha, com as mãos sobre o peito e os olhos levantados para o céu, ouvindo sem colera as orações dos romeiros:

— Avè, Maria, cheia de Tolerancia! as nossas almas viciosas estão prostradas deante de ti — pois que, mais condescendente do que os homens tartufos, permittes que os nossos vicios, ao lado das nossas virtudes, se expandam á sombra do teu manto estrellado!

(1902.)



## VII

### HABITOS PARLAMENTARES

É vesu humano muito antigo, o de procurar nos defeitos alheios a desculpa dos defeitos proprios. « Consolo-me facilmente da minha perversidade, ou da minha preguiça, ou da minha miseria, quando reconheço que ha pelo mundo vasto muitos homens mais perversos, ou mais preguiçosos, ou mais miseraveis do que eu » — dizia, com grande resignação, um philosopho grego.

Essa resignação é commoda: mas não é nobre. O raciocinio inverso é que póde, nobremente, ser empregado por qualquer homem: « por que não hei de procurar ser melhor do que sou, se ha pelo mundo tantos homens menos perversos, menos preguiçosos e menos miseraveis do que eu? » Mas o desejo de melhorar demonstra uma energia moral, de que nem todos são capazes: ao passo que a resignação, sendo a renuncia da lucta, o aniquilamento da vontade, a morte da ambição, — é um recurso facil, ao alcance de qualquer palerma.

No Brasil, a resignação é uma virtude (fresca vir-

tude!) praticada em larga escala. Todos esses symptomas que vêmos e estudamos de dia em dia: — a pobreza publica e a pobreza individual, a pachorra com que cada um se contenta com a mediania das condições pecuniarias e com a mediocridade das glórias, a indiferença deante das grandes batallas intellectuaes, o gosto decidido que todos temos pelo rasgar no chão e a nossa aversão profunda pelo galgar de alturas, — tudo isso não revela optimismo nem bondade: revela achatamento moral e impotencia. O Brasil é a terra dos resignados.

Ainda hontem, como, n'uma roda de amigos, commentassemos os escandalos da Camara, — um de nós estendeu sobre esses escandalos o manto de uma suave tolerancia: «isso é cousa que se vê em todos os parlamentos da terra... Aqui está, para prova, este telegramma em que se conta o que houve na Camara hespanhola: Salmeron descompôz furiosamente Garcia Alix, e Garcia Alix arremessou-se como uma fera sobre Salmeron. Não nos indignemos: o nosso parlamento não é o melhor da actualidade, mas tambem não é o peor!»

Ora, não ha nada tão desmoralizador como essa resignação. Porque, emfim, sendo infinita a gradação entre o *melhor* e o *peor*, nós nos iremos resignando a ser cada vez peores, e iremos accetando sem protesto esse rebaixamento continuo, — com a certeza consoladora de ser inatingivel o peor absoluto... O que salva as nações e o que nobilita os homens é justamente a ambição. A nação que deseja ser a

mais forte da terra já revela com esse desejo uma força indomavel e sagrada: o homem que procura ser o melhor dos homens já demonstra, com a manifestação d'esse proposito, possuir uma bondade admiravel.

Dizer que os desmandos de linguagem da nossa Camara são desculpaveis, porque não são mais escandalosos do que os das outras Camaras—equivale a achar natural e humano o lynchamento que houve ha dois dias em Guarapuava, só pelo facto de haver todos os dias lynchamentos na America do Norte...

Ninguem pôde exigir que, ao entrar na Camara, os deputados fogosos fiquem prudentes,—depositando os seus nervos e o seu temperamento na ante-sala, juntamente com o chapéo e o guarda-chuva. Mas o que se pôde exigir é que, reunidos em assembleia os deputados conservem collectivamente a compostura e a boa educação que cada um d'elles mostra cá fóra. Parece que não é pedir muito...

Mas é justamente o contrario o que se vê. Aquelles homens civilisados, bem vestidos, barbeados de fresco, cheirando a agua de Colonia e a sabão fino,—transformam-se, assim que transpõem o limiar d'aquella sala fatal, em cannibaes. E o seu cannibalismo não é de acções; é de palavras. As acções, por mais violentas que sejam, teem uma vantagem: fulminam, ferem ou aleijam,—mas não mancham. As palavras,—essas mancham. Os conflictos armados, que se decidem pela brutalidade da força, teem n'essa mesma brutalidade o seu correctivo e a sua

desculpa. Mas os conflictos de palavras são intermináveis: bem diz o povo que palavra puxa palavra... E, como a riqueza do nosso vocabulario injurioso é inexgotavel, nunca se póde encontrar injuria irrespondivel: cada um dos doestos acorda outro doesto mais ferino, — e a peleja só termina pela fadiga dos combatentes.

Não se diga que o effeito das palavras é nullo: n'essa troca de offensas, perde-se alguma cousa que vale mais do que um braço, ou uma perna, mais do que a integridade da pelle, e mais do que a propria vida; perde-se a consciencia do valor moral.

Pouco importa que, depois da contenda, os contendores troquem um aperto de mão e passem a tratar-se cá fóra com a compostura e a urbanidade que não souberam ter lá dentro... Entre dois homens que uma vez se injuriarem quebrou-se alguma cousa que nunca mais póde ser soldada. Entre elles, poderá ainda haver sympathia — porque a sympathia é, como o amor, um sentimento que não raciocina; mas nunca mais poderá haver estima, que é sentimento melindroso e fragil. Das palavras acerbadas alguma cousa fica sempre: ficam o remorso e a vergonha de quem as disse e de quem as ouviu, — porque o proprio offensor acaba por sentir que metade da offensa lhe coube em partilha.

No collegio em que estudei humanidades, tinhamos um parlamento em ponto pequeno, onde discutiamos, todas as tardes, á hora do recreio, cousas assombrosas, — desde a immortalidade da alma até á

flexão dos verbos. Havia um presidente e dois secretários, eleitos semanalmente. O regimento interno era feroz: qualquer desmando de linguagem era punido com a pena de expulsão perpetua do infractor, que nunca mais podia tomar parte nos debates. Era uma delicia a gravidade com que, pirralhos dê calças curtas, nós nos tratavamos por *Excellencia* e trocavamos amabilidades e cortezias. Muitas vezes, o velho conego Belmonte, director do collegio, vinha assistir á sessão, — e, com as mãos postas em cruz sobre o vasto abdomen, com a face congestionada pelo trabalho da digestão, ficava ali maravilhado e pasmado deante d'aquella precocidade de eloquencia e sisudez...

Uma tarde — lembro-me bem — discutia-se a ordem do dia: «Calabar foi ou não foi um traidor?» Falava um jacobino de doze annos, exaltando as virtudes do mestiço; um *colonial* da mesma idade dava-lhe ápartes ferozes; — a discussão azedou-se a tal ponto, que o orador exclamou:

— Peço venia a v. ex.<sup>a</sup> para lhe declarar que logo mais tenciono puxar-lhe as orelhas!

E o apartista respondeu, com a mesma gentileza:

— E eu declaro a v. ex.<sup>a</sup>, com todo o respeito devido, que, á hora da sahida, pretendo quebrar-lhe a cara!

De facto, á hora da sahida, os dois contendores atracaram-se no largo do Rocio, aos socos e aos pontapés: mas, dentro do collegio, no recinto augusto do parlamento, aquelles dois pedacinhos de gente

contiveram a sua furia e salvaram de um deslustre a dignidade parlamentar.

Não é extraordinario que, no Congresso, os parlamentares maiores de quarenta annos tenham um procedimento diametralmente opposto? Toda a sua amabilidade é reservada para a vida dos corredores da Camara e das ruas da cidade. Cá fóra, os deputados esquecem as suas divergencias politicas, respeitam-se, cortejam-se, confraternisam civilisadamente: mas, uma vez lá dentro, no adyto solemne da representação nacional, injuriam-se tão atrozmente que... até as cadeiras ficam envergonhadas!



## VIII

### COOK

Certo, na monotonia da existencia, viajar ainda é o unico prazer verdadeiro.

Viajar é desdobrar a vida em varias vidas, é mudar de alma como de camisa, é illudir o tedio e reformar a obra do Creador. Vêr todos os dias as mesmas arvores, o mesmo céo, as mesmas physionomias,—que é isso senão um destino de pantano, de aguas mortas, indifferentes e tristes? Mas viajar é o bello destino do rio alegre, que flúe sem descanso, não beijando duas vezes a mesma pedra, não banhando duas vezes a mesma sébe florida, correndo e cantando por montes e valles. . .

Viajar! renovar o espirito, enganar o Enfaro,—que delicia e que ventura!

Não fez outra cousa aquella pobre Imperatriz Errante, a cujo delirio ambulatorio o punhal de Luccheni devia dar um fim inesperado. Para fugir a si mesma, e ao seu proprio coração, onde todas as dôres humanas se tinham misturado, Elisabeth voava da Madeira a Corfú, das paragens melancolicas *ubi*

*Troya fuit* ás regiões selvagens da verde Irlanda. E, embalado, adormecido, n'essa vertigem incessante, o seu pobre coração tinha, ao menos, senão o repouso, ao menos o entorpecimento.

Mas este famoso Cook, que, segundo contam os jornaes, acaba de morrer em Londres com sessenta e cinco annos de... viagens, abusou singularmente d'essa delicia. Merece bem um necrologio o Rei dos viajantes, que percorreu durante a vida, aproximadamente, oitenta mil kilometros por anno. Fundou uma agencia de excursões, começou a vender bilhetes circulares, de ida e volta, de passeios á roda do globo, e, para dar um exemplo, desatou a correr terras e mares com uma constancia e uma perseverança de Ashaverus. Ainda no anno passado, as suas pernas de sessenta e cinco annos, postas ao serviço do imperador da Allemanha, andaram pela Turquia e pela Palestina, no seu terrível fadario...

Oitenta mil kilometros por anno! Não para adormecer um soffrimento incuravel, não para paralyser o pensamento, não para estrangular recordações dolorosas, andou esse extravagante inglez pisando todos os areaes, haurindo todas as brisas, galgando todos os montes, ouvindo todos os idiomas e correndo todos os andurriaes do planeta; Cook vivia d'isso: o seu delirio ambulatorio pingava, dentro da sua conta corrente do Banco de Inglaterra, não sei quantas centenas de mil libras ao cabo de cada anno de fadario.

Já não temos ahi aquelle bello destino de rio ale-

gre, fluindo e cantando por montes e valles. O rio vagabundo não refaz o seu curso: dissipa-se em cantigas e espuma, alegre a terra e cahe no seio profundo do mar. Cook, o errante, não era um rio: era uma correia de machina a vapor, correndo, correndo, rinchando, rangendo, passando, repassando, voltando. Que vida!

O rio, em certos pontos do curso, demora o passo errante... Ha aqui, por exemplo, o fundo de um valle cheiroso, onde cantam aves, e flôres brilham ao sol, e revoam borboletas; a agua, apesar de não parar, espreguiça-se, alarga-se, lambe voluptuosamente as areias e os seixos, e parte; leva um pouco de gozo, de ventura e de amor...

Mas Cook, o Inquieto, não tinha tempo a perder.

Que amores terão sido os d'este empresario de viagens?

Talvez, na Palestina, um fino perfil de judia lhe tenha sorrido alguma vez, — pallido e doce, na doçura e na serenidade da paizagem biblica. Cook terá parado um momento, terá pousado os seus frios olhos azues nos quentes olhos negros da moça pallida... mas, ó horror! um toque de sineta, uma balburdia na comitiva, é preciso partir... Adeus, pallida moça da Palestina! Cook não tem tempo a perder...

Na India, talvez por um dia de ouro e luz, a ponta do véo de uma languida bayadera tenha roçado amorosamente o fato de xadrez côr de cinza de Cook. — Cook terá retirado das algibeiras as mãos

occupadas em remexer libras, e tel-as-ha levantado e estendido para segurar a visão... Mas os viajantes se impacientam, os elephantes sacodem as trombas: é preciso partir! adeus, languida bailarina amorosa! as horas de Cook estão contadas...

Em Veneza, quem sabe? ao luar, ao manso gemer das aguas do canal, uma gondola terá roçado a gondola de Cook; Cook terá talvez adeantado os seus grossos beiços escrupulosamente escanhoados para os finos labios côr de rosa da dona da gondola... Mas os remadores, com suas braçadas fortes fendem a agua azul... Cook é honrado! Cook recebeu o dinheiro adeantado dos freguezes! Cook tem de partir... Adeus *marchezina* gentil! os grossos beiços de Cook não terão o refrigerio do teu beijo apaixonado!

Que vida! Almas tristes, que, por falta de dinheiro, não podeis saber o que é a delicia das viagens, a embriaguez do movimento, o sabor de uma vida sempre renovada! pobres que vegetaes e apodreceis no fundo de uma aldeola escura, tendo o horisonte da existencia fechado pela muralha das montanhas nataes! miseros amanuenses de secretaria, tristes escreventes de cartório, desventurados galés do trabalho, mineiros de olhos estiolados pela escuridão espessa das minas,—ó vós todos que tendes chumbado ao tornozelo o grilhão da vida sedentaria! não creio que invejeis a vida de Cook...

Cook morreu com sessenta e cinco annos de idade. Provavelmente, já muito antes devia elle ter

sentido a necessidade de morrer,—porque até as locomotivas Brooklin, tão formidavelmente blindadas de ferro, tão solidamente apertadas em faixas de aço, ficam ao fim de alguns annos com o desejo ardente de estourar, de rebentar, de parar, de morrer...

Provavelmente, Cook já vivia por um *tour de force*... A Morte chegava, batia á porta, chamava-o. Mas Cook consultava o seu canhenho de encomendas, verificava que precisava levar um lord misanthropo ao Cabo da Boa Esperança ou uma miss hysterica ao cume do Jungfrau, e pedia á Morte que tivesse paciencia, que o não deshonrasse, que o não forçasse a faltar á fé dos contractos. A Morte, que afinal de contas é boa pessoa, accedia, com um sorriso, e deixava Cook avelando as malas.

Ha um anno, Cook, abraçando a Morte, disse: «É esta a ultima reforma que faço da minha lettra, ó minha boa amiga! Vou levar este agitado Guilherme á Palestina, e não tardo!»; partiu, levou Guilherme a Veneza, apresentou-o a Humberto, guiou-o a Constantinopla, fel-o travar relações intimas com Abdul-Hamid, conduziu-o até junto do Santo Sepulchro, e, quando finalmente o viu commodamente installado a bordo do *Hohenzollern* para a viagem de regresso,—recebeu o seu dinheiro, voltou a Londres, accendeu o seu cachimbo, puxou duas fumaças, disse: *ouf!* e morreu!

Leve seja a terra a quem em vida tanto pesou sobre ella!

Mas se a theoria das reincarnações successivas é verdadeira, — pobre Cook! lá vae elle, por todos os seculos dos seculos, andar de estrella em estrella, como andou por aqui de continente em continente, — trocando pernas pela immensidade dos mundos!

Vae, grande homem! eu ainda tenho a esperança de, depois de morto, ir encontrar-te no seio de Marte ou de Aldebaran, organisando, a tantas libras por cabeça, uma viagem circular pelos satellites de Jupiter... Quem sabe? talvez a esta hora já tenhas fretado, para uma execução maravilhosa, o cometa de Falb!

(1897.)

## LAUS VENERIS

Pena é que o teu estylo, desgraçado rabiscador de cousas futeis! não possa, para cantar o louvor de Venus, furtar a Swinburne — o grande hysterico inglez, cuja poesia perturba como um amavio diabolico, — um reflexo do estranho luar que erra nos seus versos de louco...

Ah! a Venus, de que escrevo, não é a syria Astarté, mãe do Amor, rainha das Nymphas e das Graças, que, segundo Hesiodo, nasceu, como uma esplendida flor de carne, do seio azul do mar espumante, — nobre deusa adultera, que, no proprio leito conjugal do coxo Hœphaestos, se deixava desmaiar de amor e de volupia nos braços fortes do formoso Marte...

Não é, tão pouco, a Venus Anadyomene, nem a de Cnido, que Apelles e Praxitelles, nos tempos de ouro em que só era artista quem sabia amar, modelavam sobre a carne moça da divina Phrynéa...

Não é a Venus de Medicis, núa, de pé, com uma fulguração gloriosa na cabeça, e as mãos pequenas

escondendo os pequenos globos dos seios immortaes; nem a Venus Callypigia, vaidosamente embebida na contemplação da propria formosura; nem a Venus de Milo, supremo prodigio da belleza, supremo esforço da arte humana, marmore allucinador cujas fórmas me passam perpetuamente, em relampagos, pela memoria!...

É que eu sei de uma mulher estranhamente bella, mais bella do que a Aphrodite pagã, e que, sem ter como ella nascido das espumas do mar, tem nos olhos profundos todo o mysterio das solidões do oceano, toda a attracção das suas ondas innumeraeis e inquietas.

Todas as Venus pagãs, que a arte perpetuou nos marmores sagrados, apparecem hoje aos nossos olhos ardentes com um livor gelado, na sua attitude de bellezas mortas.

Por baixo da neve da sua pelle offuscante, buscam debalde os nossos olhos uma palpitação de sangue, um estremecimento de vida, um sobresalto de alma. De sorte que amalas seria um como sacrilegio, — tão grande como o que commettem esses loucos desenterradores de cadaveres de virgens, cuja estranha paixão se compraz em cobrir de beijos, na solidão pavorosa dos cemiterios, boccas verdes de mortas, cheias de cal e terra, em que formigam vermes.

Ai! quem pretenderá, hoje em dia, reviver o sonho de Pygmalião? quem pretenderá, n'estes tempos crueis, dar vida a um bloco de pedra, se já tão difficil, ás vezes, é dal-a a uma verdadeira mulher?!



Mas, a Venus de que escrevo, flor morena de carne, para cuja formação concorreram a melhor seiva da terra e os mais claros raios do sol tropical, — apparece aos olhos deslumbrados dos homens como a imagem da Vida, com um sangue sadio espirrando da polpa carnuda e humida dos labios, e um barulho grande cantando na pelle, por debaixo da qual sussurram ninhos, murmurejam rios e vozeiam perturbadoramente todas as longas e mysteriosas vozes da Natureza. . .

Ah! se esta mulher, por uma noite de plenilunio, ficasse, no meio de um campo, toda núa, adormecida á claridade fria do céo, exposta ao orvalho, — quando a madrugada viesse, viria achar o seu corpo transformado n'um canteiro fantastico de flores; porque é tal a fecundidade, é tal a exuberancia d'esta carne, que os seus seios se abririam em grandes lyrios dourados, a sua bocca se desabotoaria em turbilhões de rosas vermelhas, tufos de violetas irromperiam dos seus olhos, e, sobre todas as suas fórmas esculpturaes, tocadas do deslumbramento de um jardim n'uma alvorada de primavera, abelhas e beija-flores revoariam loucamente espanejando ao sol glorioso o iris scintillante das azas. . .

A Venus, cujo louvor eu canto, anda por entre nós, no estojo moderno dos velludos e das sedas, pisando as calçadas, não com a planta rosada do pé, mas com as solas tenues do calçado Ferry, cujo salto á Luiz XV resôa harmoniosamente nas pedras.

Todos os olhos mortaes a podem vêr, e sentir-

lhe as ondulações graciosas do collo de pomba, e aspirar-lhe a fragrancia do halito, que é como o halito de um magnolia em flor.

Mas, ainda assim, todos reconhecem que é uma deusa que passa, pelo arrepio de luz que a segue, pelo rumor de hymno sacro que o seu passo levanta, pela escuridão e pelo vazio que vão ficando atraz d'ella, á proporção que augmentam a dôr e a angustia da sua ausencia.

E, á sua passagem, ha sempre uma genuflexão de todas as almas...

Ó triste! ó prosaica geração de uma idade em que a unica preocupação humana é ganhar dinheiro! ó homens em cujo espirito se embotou de todo o sentimento ineffavel do bello! — Esta mulher devia ser para vós uma sorte de Escola, onde, na contemplação da inenarravel formosura, viesseis aprender, a um só tempo, a educar a alma pelo mesmo ideal que animou Phidias, Scopas e Polycleto, e a amar a Vida e o Amor, amando a mais bella das suas representações!

Devieis vir visital-a e adoral-a, para esclarecer a alma e aprimorar o gosto, do mesmo modo porque, antigamente, os gregos iam, em romaria mais artistica do que religiosa, adorar, no templo de Cnido a Aphrodite de Praxitelles, ou no templo de Sycione, a maravilhosa Urania, em marfim e ouro, de Canachus...

E vós, mulheres de hoje, que quereis ser amadas sem que procureis ser bellas! devieis vir visital-a e

adoral-a, como antigamente as mulheres gregas, em romaria de aprendizagem, iam ao templo de Megalopolis, pedir á ultra-formosa Pandemonia Vulgivaga que lhes ensinasse o meio de acorrentar aos seus encantos os homens, e apertar respeitosa-mente ao corpo o cinto da deusa, esperando que o contacto d'esse talisman lhes transmittisse os encantos da amorosa filha do mar. . .

Porque, em verdade vos digo, nunca mais a natureza creará mulher que a esta exceda em belleza, nem que se lhe compare sequer. E se a algum de vós, que me lêdes, resta ainda um pouco de ideal, uma fagulha d'esta chamma sagrada, um vestigio da antiga religião da raça dos Hellenos, uma recordação e uma ideia vaga do velho culto do Bello hoje extinto, — que esse admire e adore de longe, sem a conhecer, a Venus cujo louvor fica n'estas linhas de fogo.

E não me pergunteis, amigos, quem é esta mulher. . . Ella propria, como a inspiradora do soneto celebre de Arvers, talvez nunca venha a saber que é a sua belleza que esplende n'este cantico:

« Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle :

— Quelle est donc cette femme ? — Et ne comprendra pas ! »

(1892.)



## X

### UM MALUCO

Era meio dia, — um meio dia ardente e offuscante, como sómente os sabem ter estes nossos verões abrasados. O bond, passando a curva do Russell, beirou a mole esboroada do mercado da Gloria, e ia correr ao longo do caes da Lapa, quando teve não sei que desarranjo no machinismo electrico e ficou parado junto do monumento do Descobridor.

À direita, o espectaculo era radiante. Sobre a face lisa do mar, como sobre uma chapa de aço azulado, o sol quebrava, n'um dardejar de diamantes, os seus venabulos de fogo. A essa hora de vivo calor, a atmosphaera estava tão limpa, tão secca, que a bahia dava a illusão de se ter alargado e aprofundado, — tão longe ia o olhar da gente. Não havia no céo um fiapo de nuvem; no ar parado e esplendido não passava o mais leve fremito; não havia um só rebrilhar de espuma no chamalote das aguas; a paisagem dormia, estatelada, como extenuada pelo rigor da canicula.

Tirei d'ali os olhos deslumbrados, e volvi-os para

a esquerda. E, enquanto o motorneiro, suando em bica, esmurrava a caixa do motor e os passageiros se impacientavam, rosnando, —vi uma cousa que me surpreendeu e espantou. . .

Um homem do povo, de roupas modestas e phisionomia commum, empunhando uma vassoura, varia o calçamento da praça, á roda do monumento. A vassoura obedecia ao impulso das mãos do varredor, mas os olhos d'elle, embebidos n'um extase, não se despregavam do grupo symbolico de Cabral, frei Henrique e Caminha, que esplendiam sobre o alto bloco de pedra, no halo flammejante da luz solar. . .

Encostado ao pedestal, no sócco bem limpo e espanado do monumento, havia um grosso mólho de folhagens verdes, á maneira de ramalhete votivo, com algumas d'essas pobres flores amarellas e vermelhas que o vento arranca ás amendoeiras e aos *flamboyants* das ruas. Outras folhagens, em volutas festivas, subiam pelos lampiões que rodeiam a esttua. E o homem, varrendo as pedras, com a cabeça exposta á chuva de fogo da soalheira, continuava a mirar com olhos namorados o Descobridor e os seus companheiros, — Cabral voltado para a terra descoberta, frei Henrique com olhos cravados no céo, e Caminha estendendo o braço para o mar, como a transmittir á patria, atravez das aguas, a boa nova gloriosa. . .

E como eu, á procura de uma explicação para o caso, me agitasse inquieto sobre o banco do bond,

—um passageiro meu visinho tirou os olhos do jornal que estava lendo, e disse-me com calma:

—Não conhece? é o *Laranjinha*...

—Que *Laranjinha*?

—É um homem que tem o culto do Descobridor... Varre a praça, espana o monumento, enfeitá-o... É o zelador da gloria de Cabral: passa aqui todas as suas manhãs, a namorar-lhe a estatua. Um maluco inoffensivo...

Concertou-se o machinismo, o motorneiro deu volta á manivella, os passageiros tiveram um suspiro de allivio, e o bond voou ao longo do caes, n'uma desabalada carreira, para recuperar o tempo perdido.

—Um maluco!...—repetia eu, de mim para mim— um maluco!

O grande Erasmo, o veneravel pensador de Rotterdam, que mereceu da gente do seu tempo o titulo de «mestre dos sabios», escreveu um dia um livro perturbador, meio alegre, meio triste,—*Moriae encomium, Elogio da Loucura*—que foi a obra mais escandalosa do começo do seculo XVI. E foi em Erasmo e no seu *Elogio da Loucura* que eu vim pensando até á Carioca, repetindo commigo mesmo aquella fria palavra do meu companheiro de bond e guardando na retina a impressão d'aquella rude figura de homem do povo, amigo de Cabral e da sua gloria.

Um maluco! Nós damos sempre o nome de

«malucos» aos que não pensam nem vivem como nós pensamos e vivemos...

Quando esse mesmo Erasmo publicou o seu *Morie encomium*, o papã Leão X, — e foi um grande papa, fundador de bibliothecas e protector de artistas! — disse com maldade: «o maior dos loucos elogiaveis é o auctor do elogio...» Basta a um homem a desgraça de ter uma ideia nova ou de confessar um sentimento desusado, para passar por maluco. Em uma sociedade séria e grave, será maluco o sujeito que rir de tudo e de todos; mas em uma sociedade de chalaceiros e chacoteiros, o maluco será o homem que encarar a vida com seriedade e respeito.

O maluco é sempre aquelle que se destaca da communhão, que envereda por estrada nova, que escandalisa com a novidade dos seus pensamentos e dos seus actos a carneirada dos contemporaneos.

Ah! o verdadeiro elogio da loucura ainda está por fazer!

O philosopho Erasmo escreveu apenas um livro de ironia e satyra. O que elle fez foi caricaturar os grammaticos pedantes, os reis imbecis, os papas orgulhosos, os monges devassos, os governantes rapaces do seu tempo. O seu *Elogio da Loucura* foi o complemento d'aquelle celebre *Navio dos Loucos*, em que o ferocissimo Sebastião Brandt encarcerou todos os vicios e todos os crimes da Edade-Média...

Mas a Loucura merece bem um elogio sincero e ardente, escoimado de toda a intenção de satyra,



sem o minimo travor de ironia. Ha malucos que são a encarnação da Bondade, no meio dos máos, ha malucos que são a febre do Genio, na estagnação dos mediocres; ha malucos que são a irradiação da Vontade, entre os cochilhos dos inertes; e ha malucos, emfim, em cuja maluquice se refugiam o patriotismo, o respeito das tradições, o culto da gloria, a gratidão nacional, no meio das sociedades apathicas que não sabem prezar o passado, nem gozar o presente, nem confiar no futuro. Esses malucos, conscientes ou inconscientes, geniaes ou estupidos, responsaveis ou irresponsaveis, são protestos vivos, que essa força mysteriosa da natureza — Providencia ou Acaso, — anima e levanta de vez em quando do pó, como punidores ou salvadores de toda uma epocha. São malucos? serão... mas a sua maluquice vale ás vezes muito mais do que a nossa sensatez!

Na sua humildade de homem rustico, e com a sua ideia fixa de desequilibrado, aquelle pobre trabalhador, aquelle pés-no-chão, aquelle inoffensivo maluco do largo da Gloria é um sarcasmo animado, uma satyra palpitante contra a indifferença geral. N'aquellas folhagens sem valor, n'aquellas flores sem belleza, n'aquelle carinhoso trato dado á estatua do Descobridor, — arde e vibra uma alma que protesta contra o abastardamento das outras.

Um brasileiro abriu recentemente uma subscrição publica, destinada a custear a reparação da

capella em que jazem os ossos de Pedro Alvares Cabral. O resultado tem sido irrisorio. . . Que temos nós, os homens de bom senso, com a memoria do grande portuguez que descobriu a nossa terra? Só um maluco póde perder tempo com essas cousas. . . E é um maluco quem preza a Gloria do Navegante, dando-lhe, não dinheiro, que o não tem, mas os ramos verdes que arranca ás arvores, as flores pobres que apanha no chão, e os cuidados das suas mãos leaes, e os beijos dos seus olhos enternecidos. . .

D'aquelle bruto coração innocente, recebe o Descobridor o respeito e o affecto que lhe não sabem dar os nossos corações de homens cultos. Nós, os homens de bom senso e de intelligencia, nunca levamos flores á estatua de quem deu uma nova gloria á sua patria, preparando uma patria nova; nunca levamos flores á estatua do velho Patriarcha da Independencia; nunca as levamos aos tumulos dos que trabalharam pela grandeza da nossa terra; deixamos soffrer e morrer ao desamparo os que mais luctaram pela equiparação civica das raças de cuja fusão sahiu a nossa nacionalidade; e, não contentes com isso, quando vêmos que um brasileiro está, no silencio e no recolhimento do seu gabinete, honrando pelo estudo e pelo trabalho o nome do Brasil, vamos chama-lo para a vida publica, vamos impôr-lhe o sacrificio do seu socego e do seu labor pacifico, só para que tenhamos o prazer satanico de injurial-o e diffamal-o. . .

O maluco é o pobre homem do largo da Gloria;

nós somos os homens sensatos. Mas a sua loucura é muito mais bella do que o nosso juizo.

Do naufragio em que succumbiu a razão do obscuro admirador de Pedro Alvares Cabral, salvou-se alguma cousa. Uma luz sagrada ficou brilhando n'aquella treva, uma ideia linda ficou palpitando n'aquelle desatino: a luz, a ideia de Patria. Aquelle portuguez exilado, ainda na confusão e na tristeza da sua loucura, conserva a saudade da terra em que nasceu, o amor de sua gente e o orgulho de ser portuguez. Todos esses sentimentos, destroços e remanescentes da sua razão naufragada, elle os congrega e enfeixa no culto do grande Almirante, devassador de mares e descortinador de continentes, que deu á sua pequenina patria a gloria infinita de ter alargado o mundo... Tudo morreu n'aquelle cerebro,—excepto o patriotismo. Isso ficou,—e isso vale mais do que tudo quanto se perdeu...

Nós, os sensatos, perdemos justamente isso. Que vale o resto que nos ficou? que vale a nossa intelligencia, se a não applicamos em servir a terra dos nossos maiores, e se a malbaratamos em diatribes e chacotas? que valem as forças da nossa alma, se as dissipamos em destruir as glorias que deveríamos prezar e em cobrir de lodo aquelles que deveríamos cobrir de flores? que vale o nosso bom senso, se elle serve apenas para nos manter na descrença em que nos acanalhamos, sem o amor da Patria, sem o amor da Justiça, sem o amor da Belleza moral?

Erasmus, o «mestre dos sabios», pôz na bocca da Loucura estas palavras, que devem perder no meu pobre estylo toda a belleza do terso latim em que as escreveu o philosopho: «Todos dizem mal de mim; e até aos ouvidos dos mais loucos sôa mal o meu nome. Eu, porém, sou a consoladora dos deuses e dos homens!»

Ah! é pena que o estranho livro do pensador de Rotterdam seja um livro de ironia e sarcasmo! A Loucura deve ser amada e louvada com sinceridade — e causa dó que não haja um novo Erasmo para lhe fazer o verdadeiro elogio, — como o porto de refugio a que se vão acolher os sentimentos nobres, banidos dos cerebros ajuizados.

O pobre maluco do largo da Gloria só parece maluco porque vive n'uma sociedade em que as preoccupações do patriotismo são tidas como extravagancias e destemperos. Aqui o bom senso é a negação d'esse amor sagrado da terra, das tradições, dos exemplos de heroismo e de bondade que recebemos dos antepassados. O nosso bom senso é a maledicencia, é a risota, é a demolição dos grandes nomes que deveriamos adorar.

— Um maluco inoffensivo!

N'essa phrase, do meu companheiro de bond, havia todo um programma e toda uma profissão de fé...

(1904).

## A FOME NO CEARÁ

Domingo. Acordaste, beijaste os teus filhos, visitaste as rosas do teu jardim, e, esperando que te sirvam o farto e repousado almoço dos domingos, ficas olhando o céu, vagamente sorrindo, vagamente pensando em cousas suaves, fruindo a paz d'este bello dia de socego, — sem trabalhos, sem barulhos, sem importunações, — no carinho da tua gente, na frescura do teu paletó de brim, na commodidade da tua poltrona.

Tem paciencia amigo! é preciso que no copo em que estás bebendo todo esse brando licor, caiam algumas gottas de amargo fel! Deixa de parte o teu socego, e põe os olhos aqui, n'este telegramma que a *Gazeta* publicou ha tres dias:

«*Ceará*, 5. — O povo que estava agglomerado a pedir esmola, em frente ao palacete onde a assembleia offercia um banquete ao governador, foi dispersado pela policia. O governador compareceu á festa com grande apparato de força.»

Não demos credito inteiro ao telegramma! Os

fios telegraphicos foram inventados para a propagação do exagero. Admittamos, portanto, que haja por ali alguma parcialidade do correspondente. É possível que o povo não se limitasse a pedir esmola: é possível, é provavel até, que o povo estivesse tumultuosamente protestando contra o banquete.

Fome não é brincadeira. Knut Hamsun, um no-rueguez, — um representante d'essa extravagante litteratura nova, que com tão fria maldade se dá ao estudo do horror, — tem um livro tremendo, *A Fome*, cuja leitura arrepia a medulla e gela a alma.

Amigo leitor, o heroe do romance de Knut Hamsun é um pobre diabo sem trabalho, sem tecto, sem familia, sem pão, vagando pelas ruas tristes de Christiania, — com a sua fome e o seu desespero: « Ah! se houvesse, n'um dia lindo como este, um pedaço de pão para comer! Passei por um açougue... Uma mulher, com o cesto no braço, parada deante do balcão, deante de um monte de salchichas, olhava-as e hesitava. De repente, voltou-se para mim, e fitou-me... Deus meu! Deus meu! quando ella me fitou, o seu olhar estava cheio, cheio, cheio ainda da contemplação de toda aquella carne!... Dei um salto, e desatei a correr... » Livro horrendo, esse! tenebrosa monographia de um estomago de condemnado, urrando e gemendo, vergastado, apuado, torcido, esmigalhado de dôres sem nome!

No Ceará, o faminto de Knut é todo um povo, — todo um povo, sob um céu de fogo, n'uma terra mirrada e moribunda, — pobre frangalho de mulher,

cujas entranhas estão estereis como rochas, cujos seios estão seccos como desertos.

No Ceará, a mulher de Knüt é toda uma Assembleia, em casaca e gravata branca, em torno da mesa florida, á luz alegre do gaz, mariscando galantemente pedacinhos de peru e tubaras cheirosas, galantemente beberricando goles de champagne gelado, e erguendo *toasts* a Sua Excellencia o Eleito do Povo.

E agora tu, ó leitor! ó amigo! tu que, d'aqui a pouco, vaes saborear o teu farto e repousado almoço dos domingos, — imagina um pouco isto... Lá em cima, o banquete, e aquellas luzes, e aquellas casacas, e aquellas faces que a boa digestão enrubescer. Cá em baixo, escaveirada e suja, a gentalha, a vermina — faces cavadas, olhos encovados, hombros descahidos, boccas retorcidas. E lá vae, pelo claro d'aquella janella, um creado carregando um novo prato fumegante... e lá estoura, entre vozes altas e risadas, uma nova garrafa de champagne... e lá se levanta uma voz grave, n'um discurso pausado, falando de povo... de prosperidade... de moralidade... de gloria... de felicidade...

Então, agitam-se os vermes... Naturalmente, os vermes não hão de mandar uma commissão interromper o banquete da Assembleia, a pedir pão — porque bem sabem que a Assembleia dirá, como Maria Antonietta: «*Ah! le peuple n'a pas de pain? qu'il mange de la brioche!*»

Se a gentalha faminta tivesse leitura — lembrar-

se-hia do drama de Victor Hugo, e encarregaria um dos seus de comparecer lá em cima,—como *Ruy-Blas* no *Conselho* de Madrid,—para dizer aos gastronomos:

*Bon appetit, messieurs! Ô ministres intègres!  
Conseillers vertueux! voilà votre façon  
De servir, serviteurs que mangez la maison!...*

E então, que ha de fazer o povo?! Amotina-se, agita-se, grita... Oh! bem fracamente se agita, em verdade, e grita bem fracamente,—porque a fome lhe alquebra os musculos, porque a fome lhe aperta a garganta... Em todo caso, todo esse bracejamento de fantasmas e todo esse murmurar de almas do outro mundo,—sempre são uma agitação e uma gritaria que entristecem o banquete da Assembleia, que põem uma nuvem na frente de Sua Excellencia o Eleito do Povo, que põem um travo amarissimo no champagne Clicquot. E, pois — amada policia! policia garantidora do nosso appetite! — intervem tu, com os teus reflex, e dize a essa gente que, se não tem farinha, cõma *patè-de foie-gras!*.....

.....  
Não ha duvida! deve haver exagero no telegramma. Ha, porém, uma recordação interessante, que acode agora á cabeça do chronista.

Foi ha pouco tempo, — ha tres mezes, se tanto. Faziam-se eleições no Ceará. Tinham dito ao



Ceará que, para que o céu se desmanchasse em chuvas benéficas e para que o campo se abrisse em mésões fartas—era absolutamente necessario que a Fome elegesse mais um deputado. E então, nos jornaes d'aqui, appareceram telegrammas entusiasticos, dando conta do jubilo em que nadava, de éste a oeste e de norte a sul do Estado, a população, por via da gloria do candidato glorioso.

Ora, um d'esses jornaes inseria este telegramma ardente: «O palacio do governo está cheio... De todos os pontos do Estado sobem ao ar girandolas de foguetes... Preparam-se passeiatas *aux flambeaux*...»

Mas, ó leitor! ó amigo! se voltasses a pagina d'essa folha, encontrarias uma transcripção da *Republica*, de Fortaleza, dizendo esta cousa simples e ter-rivel: «É desoladora a estatistica do exodo dos cearenses para os demais Estados da Republica, onde procuram abrigar-se da fome que os persegue: em um mez, sahiram do Ceará treze mil quinhentos e quarenta e quatro pessoas...»

Naturalmente, eram esses os cearenses que accendiam as girandolas, com que a Fome celebrava o triumpho eleitoral de mais um Eleito do Povo...

.....  
Oh! a politica! a politica! Amigo... acaba de ler isto, e vae almoçar! a canja esfria... vae regalar o teu estomago e a tua alma com esse bello almoço dos domingos e com o affecto d'aquelles que te amam! Vae comer! vae comer, e não chores!

Não chores! A Terra Martyr, a terra sagrada da Desventura, não precisa das tuas lagrimas.

As unicas lagrimas que Ella pede, são as lagrimas do céo, as chuvas providenciaes que lhe dariam o pão,—sem o risco de receber cutiladas, em vez de comida; mas parece que o céo é tão surdo como o palacete do governo... Não cahe a chuva! não ha farinha! a gente faminta deixa a terra ingrata!... e a Assembleia offerece um banquete ao governador.

Leitor! vae comer a tua canja! olha que a canja fria faz mal ao estomago!

(1898.)

## O JURY

Ha um assumpto, que seria francamente alegre, se não estivesse compromettida no caso a liberdade de um pobre diabo... Trata-se de um desventuradissimo sujeito que, submettido a julgamento, na quinta-feira passada, foi condemnado a quinze annos de prisão,—quando todos os jurados, á uma, estavam convencidos da sua innocencia e firmemente dispostos a absolvel-o.

Não é facil contar como se passou a cousa.

A accusação fôra frouxa; a defeza fôra calorosa e clara, e calara no espirito do jury.

O réo sentia que a palavra do seu advogado ia pouco a pouco abrandando os corações dos jurados, e transformando-lhes as rijas fibras musculares em molle cêra.

E o desgraçado exultava. Pelas janellas do velho casarão do antigo Museu, mirava elle lá fóra o céu azul, o livre céu luminoso retalhado pelo livre revoar das andorinhas. E dizia, de si para si: « Mais algumas horas, e tambem eu serei livre! como deve ser

bom andar em liberdade, poder trocar as pernas por essas ruas, longe da treva da cadeia e do olhar medonho do carcereiro! Mais algumas horas, mais algumas horas sómente... Assim que me pilhar lá fóra, irei jantar... Depois, talvez vá ao theatro... Meu Deus, como é bom ser livre!...»

A oração do advogado acabara. Alguns jurados, commovidos, enxugavam os olhos. O presidente do tribunal, do alto do estrado, lançava sobre o réo um olhar enternecido e amavel. Formularam-se os quesitos. Fechou-se sobre o jury a porta da sala secreta. E toda a gente que enchia a sala das sessões rejubilava e sorria, certa de que o homem seria absolvido.

Puro engano! Quando o presidente leu as respostas aos quesitos formulados, houve um espanto grande e indizível: o sujeito estava condemnado a quinze annos de prisão!

Como? por que?—os jurados não tinham medido as palavras, tinham confundido as respostas, tinham trocado os quesitos, e força era declarar o réo criminoso... Em vão, tentando demover do seu proposito o juiz, clamava o advogado que a intenção do jury fóra outra, pois não havia ali um jurado que não estivesse convencido da innocencia do misero. Em vão! o juiz declarou terminantemente que de boas intenções está o inferno calçado, e o pobre diabo teve de desistir dos seus bellos projectos de bom jantar e de noitada alegre; e voltou para a cadeia, sem comprehender aquella atrapalhação.

É mais uma pedra preciosa que se engasta na corôa de gloria d'essa admiravel instituição do jury.

Parecia que, quanto mais rudes e simples fossem os jurados, mais capazes deveriam ser para o difficil mister.

O homem simples, vivendo fóra da influencia de todas as philosophias ôcas, conserva a alma infantil, guarda a religião que lhe deram na pia baptismal, não pretende discutir aquillo que não comprehende, e acceita a Natureza como ella é, sem querer saber o porque das cousas. Assim, tem da justiça a ideia mais pura; não faz rhetorica: sabe que roubar é um crime, sabe que assassinar é um outro crime,— e isso lhe basta.

Até agora, andavamos todos convencidos de que os bachareis, os homens instruidos que tudo discutem, que tudo analysam, são perigosos; são capazes de condemnar um innocente para não dar o braço a torcer n'uma controversia juridica, e de absolver um facinora para não contrariar uma theoria criminal. E convenciamo-nos, por outro lado, de que quanto mais candida e despida das complicações da civilisação é a alma de um homem, tanto mais facilmente pôde esse homem reconhecer a innocencia ou a culpa de um réo.

Mas, não! vê-se agora que o perigo é o mesmo. Os complicados não prestam, porque tudo complicam com a sua rhetorica e as suas pretenciosas philosophias; e os simples tambem não prestam, porque

não conhecem o valor das palavras, e tudo atrapalham com a sua ignorancia...

Que fazer então? não seria tempo de se reconhecer a gente que essa ultra-liberal instituição do jury é uma antigualha prejudicial? pois não é verdade que o julgamento por juiz singular ou por uma reduzida junta correccional está menos sujeito ao azar dos erros do que o julgamento por uma multidão?

Quem quasi nunca se engana é o Acaso. O Acaso é um juiz estupendo.

N'um d'estes ultimos dias, dois gatunos arrombaram a porta de uma casa em Sapopemba, e pé ante pé, procurando orientar-se, foram caminhando pela treva. De repente, um d'elles sentiu-se agarrado por um braço forte: acreditava que era um dos moradores da casa quem o aggreidia e, sacando de um revólver, fez fogo. A familia acordou espavorida, accenderam se luzes, trilaram apitos, chegou a policia. Verificou-se então que um dos gatunos estava estendido no chão, morto. O outro, que o matara suppondo matar um aggressor, fugira.

O patife, que ali estava sem vida, fôra summariamente, em poucos segundos, processado, julgado, condemnado e executado pelo Acaso... Não houve discursos, replicas e treplicas, quesitos, hesitações: foi tudo rapido e seguro, instantaneo e positivo.

Se o gatuno apanhado com a bocca na botija, fosse entregue á justiça dos homens, seria talvez

absolvido, e continuaria a assaltar as casas de Sapopemba e do resto do mundo. Mas, ali, quem tomou conta d'elle foi o cego juiz, o inflexivel e terrivel Acaso, que quasi nunca se engana...

Não seria mau confiar todos os processos ao julgamento d'esse juiz singular. Metter-se-hiam n'uma urna duas bolas, uma branca e outra negra. O réo mergulharia a mão no seio da urna, e tiraria ao acaso uma esphera. Se a esphera fosse branca, a sua innocencia, alva como ella, seria proclamada; se a esphera fosse negra, a culpa do réo seria decretada.

E querem saber? affirmemos, sem receio de contestação, que, com essa fórma de julgamento, os erros judiciarios não seriam mais frequentes do que actualmente...





### XIII

## A VERDADE NO THEATRO

Creio que nunca, no Brasil, houve epocha em que tanto se pronunciassem e escrevessem as tres syllabas d'este vocabulo: *Verdade!* Essas tres syllabas pairam em todas as boccas e bailam no bico de todas as pennas. Não se encontra na rua um grupo, em cuja conversa não estale de tempo em tempo essa palavra sonora: não se lê um artigo, em que ella não esplenda com letras de fogo. Se eu não conhecesse o largo abysmo que sempre separou e sempre ha de separar as palavras das ideias, — acreditaria estar assistindo ao advento d'aquella era vaticinada pelo propheta Zola, — era fulgida e abençoada, em que os homens devem colher a « *moisson de justice et de verité.* »

O que provocou esta subita paixão pelo vocabulo não foi, está claro, a discussão do projecto de reforma eleitoral nas camaras. O substantivo — verdade, — quando se encosta ao adjectivo — eleitoral, perde todo o seu brilho e toda a sua sonoridade: fica sendo como uma estrella amortalhada em nevas e como

um tiro disparado no vacuo, — não tem luz nem som. A verdade, de que tanto se fala, é a verdade absoluta e pura, a verdade na natureza, na arte, no theatro, na litteratura, na vida social. E quem a veio pôr em moda, foi o actor Antoine, cujos espectaculos estão sendo admirados e applaudidos por toda a gente que, no Rio de Janeiro, possui intelligencia e bom gosto.

O nome d'esse actor é um programma de arte. E esse programma pôde ser resumido em poucas palavras: consiste, essencialmente, em «interpretar a verdade com a verdade», isto é: em «exprimir, com rigorosa exactidão, ideias, sensações e situações verdadeiras.»

É a fórmula do theatro naturalista.

Realmente, a intelligencia humana não pôde conceber que se possa representar com mais simplicidade, com mais verdade, com mais «humanidade». O panno de bocca do theatro não se levanta ali para descobrir um horisonte de ficção e de sonho, mas para deixar a nú um vasto espelho em que a vida se reflecte, em toda a sua realidade, e (ai de nós!) em toda a sua fealdade. Representar assim, não é só interpretar a vida: é viver. E parece que aquillo é, definitivamente, a perfeição na arte de representar.

Antoine, como bom francez, como filho legitimo d'essa bella raça, cujo grande amor foi sempre o da clareza sobria, — adoptou e applicou o conselho que,

já no decimo-sexto seculo, o grande Montaigne dava a todos os homens: « em vossas opiniões e em vossos discursos, assim como em vossos costumes e em tudo, sêde sempre amigos da sobriedade e da moderação, e evitae a excentricidade: todos os caminhos extravagantes me aborrecem . . . »

N'esse mesmo seculo, em outro paiz divorciado da França por uma differença radical na indole e nos costumes, um outro grande homem, que, além de philosopho e poeta, era actor, dirigia especialmente os mesmos conselhos aos seus companheiros de officio. Não seria difficil obter de Antoine a confissão de ter longamente e muitas vezes meditado sobre aquellas lições que Hamlet, no terceiro acto da tragedia de Shakespeare, dá aos actores. Quem ali fala é o proprio Shakespeare: « Falae de maneira que as palavras vos corram naturalmente sobre a lingua! Não vos ponhaes a cortar ferozmente o ar com a mão espalmada, em todas as direcções! Sêde sobrios, e usae da palavra e do gesto com moderação, — porque até na torrente, na tempestade, no turbilhão das vossas paixões, podeis conservar uma certa temperança . . . »

Isto prova que a reforma, realisada no theatro moderno e de que Antoine foi talvez o mais ardente apostolo, era uma aspiração antiga. Mas, n'aquelle tempo, o proprio Montaigne, que tanto amava a sobriedade, só tinha ao serviço do seu talento uma lingua que não chegara ao seu completo desenvolvimento: e é por isso que, ás vezes, o seu estylo é a

negação pratica da sua theoria: um estylo ramalhudo e emmaranhado, em que as ideias se perdem n'um labyrintho de circumloquios. E Shakespeare não poderia tambem applicar ao seu trabalho os seus proprios conselhos, porque o theatro do seu tempo, privado de encenação, era apenas um vago rudimento de theatro: a plateia confundia-se com o palco, os papeis de mulheres eram representados por homens mascarados, e os scenarios eram substituidos por cartazes em que se lia: «isto aqui é um bosque», ou «isto aqui é um campo de batalha.»

Para que a creação do *Théâtre Antoine* fosse uma realidade e um triumpho, foi necessario que a lingua franceza, amadurecida, simplificada e fixada pelo trabalho de muitos seculos, chegasse á sua perfeição actual; e foi tambem preciso que uma lenta e contínua transformação, iniciada em 1830, se fosse operando na arte de «encenar».

Hoje, o theatro, como o comprehende e realisa Antoine, é uma maravilha de verdade. Não ha, não póde haver, sobre isso, duas opiniões. E é preciso notar que Antoine está trabalhando n'um mau theatro,—sem os *seus* scenarios, sem a *sua* installação de luz, sem o *seu* pessoal completo,—fóra emfim do *seu* meio, como um peixe obrigado a nadar em terra, ou uma ave obrigada a voar dentro d'agua.

Ainda assim, o que se vê é uma perfeição. Ninguém o nega, ninguém o discute,—e todos o admiram e applaudem.

Mas...

Mas se essa enthronisação definitiva da verdade na arte de representar é uma estupenda e admiravel conquista do naturalismo, não se pôde dizer o mesmo da sua enthronisação na arte de compôr os poemas dramaticos.

No *Théâtre Antoine*, — o que vale o mesmo que dizer: em todo o theatro moderno, — o modo de representar é definitivo; mas o theatro em si mesmo, o theatro-ideia, — esse é de transição. Se esse theatro não fosse de transição, a arte dramatica estaria agonisando.

Antoine até hoje, no Rio de Janeiro, só representou oito peças. Mas o seu repertorio é todo conhecido. E esse repertorio, com a sua preocupação de só reprodurir a Verdade, é só uma fabrica de desesperos, de angustias e de tedio. Um homem, equilibrado de corpo e de espirito, que fosse ouvir essas peças todas as noites, não unicamente para passar o tempo, mas interessando-se, estudando, sentindo, vibrando, — ficaria desequilibrado, e, acomettido de uma grande nausea moral, pensaria no suicidio.

Está claro que não me refiro aqui á moralidade ou á immoralidade das peças. A vida humana nunca é moral nem immoral: é simplesmente a Vida; — e tanto a moralidade como a immoralidade são perfeitamente normaes.

O que desespera, no theatro moderno, é a secura, é a frieza implacavel, é a inexoravel dureza da sua *verdade*. Esse vocabulo, cujas tres syllabas, depois

da chegada do actor Antoine, estão em todas as boccas, e em todas as pennas, encobre e veste a fonte de toda a amargura e de todo o soffrimento. A Verdade é a tristeza, é o nojo, é o enfaro. A Verdade é amarga como o fel: e as abelhas do Sonho, do amor, da felicidade, da alegria de viver, não podem alimentar-se com esse fel, cujo travor as envenena e mata.

Na vida intima, na vida publica, na rua, no theatro, em toda a parte, a Verdade inspira sempre terror. Os homens vivem em sociedade, unicamente porque cada um tem medo de ficar a sós consigo mesmo, da sua propria alma,—da Verdade emfim: e é por isso que todos nós amamos a vida em commum,— que é um tecido de mentiras.

O mais puro de todos nós tem dentro de si profundezas insondaveis de maldade, de egoismo, de molestia moral. Para que servem o trabalho, o estudo, a arte, a contemplação espiritual, a vida em sociedade, senão para suffocar essa instinctiva repulção de si mesmo que cada homem sente?

Ir ao theatro para admirar a epilepsia, a hysteria, os desvios da sensibilidade, as perversões do sentido genesico, as traições e as perfídias, a animalidade baixa da gente do campo, a duplicidade feroz da gente das cidades, as injustiças de que a vida está cheia, a arrogancia brutal dos fortes, a repugnante covardia dos fracos, a inconsciencia bestial dos que obedecem, a vaidade insultuosa dos que mandam,— é ir procurar, na sociedade e no convi-

vio educado, o que se encontra, com menor incommodo e menor despeza, na solidão. Para vêr tudo isso, não é preciso vestir uma casaca e pôr no peito uma camelia.

A vida real, quando não é o horror, é a banalidade.

Se esse theatro, exclusivamente votado ao culto da Verdade, tivesse de triumphar, — nada impediria que os dramaturgos forçassem a nota, pondo em scena assumptos vulgares, como este: — um almoço. Imaginem a linda peça em um acto, o lindo *lever-de-rideau* que o dramaturgo architectaria sobre tal assumpto: — a scena representaria uma sala de hotel; entraria um sujeito, despiria o sobretudo, sentar-se-hia, desdobraria o guardanapo, chamaria o creado; comeria meia duzia de ostras, um bife, dois ovos; beberia vinho e café; pagaria a conta, tornaria a vestir o sobretudo, daria uma gorgeta ao creado. . . e prompto! o panno desceria lentamente. Póde haver assumpto mais verdadeiro? Nada impediria tambem que outro dramaturgo, desejando ser mais original, escrevesse outra peça, não já sobre « um almoço », mas sobre « as consequencias de um almoço. » Não haveria n'isso motivo para espanto, porque já se representou em Paris uma peça, em que ha um aborto em scena!

Não! esse theatro não é definitivo: é um theatro de transição. O theatro naturalista já fez o que lhe cumpria fazer. A sua grande conquista, a sua con-

quista immortal, é a da installação da «verdade» na maneira de representar e na maneira de encenar. Mas, sobre esse arcabouço de verdade, uma nova geração de artistas da palavra, de fixadores de sonhos, de consoladores de almas, virá construir uma arte dramatica nova e ridente, na qual virtudes e vicios, purezas e impurezas, gozos e martyrios serão contados com essa larga e divina poesia que o genio de Shakespeare derramou sobre as miserias da terra.

A Verdade continuará a triumphar, na sobriedade, na simplicidade, na realidade dos gestos, das flexões de voz, na perfeição dos scenarios, que já são, nos theatros bem montados, maravilhas de sciencia imitativa. Os encenadores, que quizerem ser perfectos, terão de ser o que é Antoine. Mas os dramaturgos, que quizerem ser grandes, terão de abrir nos seus poemas um largo espaço para o sonho.

Para que sintamos quanto é baixa a nossa natureza, não é necessario que o theatro nol-o diga. Cada um de nós bem sabe que, dentro de si mesmo, ha sempre um monstro agachado, eternamente rilhando os dentes e remordendo os punhos...

(1903).



## XIV

### NEM TANTO!...

Ainda ha bem pouco tempo, diziam os jornaes que uma velha ingleza, immensamente rica, deixara toda a sua fortuna a uma Sociedade Protectora de Animaes, «com a condição de que esta fundasse um asylo, onde fossem carinhosamente tratados *todos os gatos invalidos e desprotegidos.*»

A cousa parece patranha, mas não é. N'estes ultimos tempos, os irrationaes teem merecido e obtido a melhor parte do amor e do carinho dos racionaes. Em Paris, no verde retiro de Asnières, acaba de ser inaugurado o «Cemiterio dos cães». *A Tribuna* de hontem traz uma descripção minuciosa d'esse singularissimo Campo-Santo, que não é uma pequena faixa de terreno, mas um verdadeiro e largo cemiterio, de ruas alinhadas e arborizadas, de *quadras* cuidadosamente discriminadas,—e dirigido por um administrador que muitos funcionarios auxiliam. O cemiterio tem archivo, museu, mausoléos, jazigos perpetuos. Só lhe falta uma capella,—provavelmente

porque ainda ninguem pôde descobrir qual a religião que professam os cachorros de Paris... Mas isso virá com o tempo: a piedade dos amigos dos cães ha de em breve inventar um deus canino, como a preclara Anubis ou Cynocephala dos egypcios. N'esse dia a obra de reabilitação moral da raça canina estará completa: já nenhum cão morrerá sem assistencia religiosa, sem missa de corpo presente e de setimo dia, sem orações que abrandem o céo canino, sem *libera-me* latido e ladrado por todos os parentes.

Para os philosophos de oculos optimistas, isso é uma demonstração clara e positiva do progresso moral da humanidade. A sabedoria das nações já ha muitos seculos diz que « maltratar os animaes é dar indicio de mau character. » A humanidade acaba de alargar esse preceito, declarando que não ha ente vivo que não mereça toda a assistencia, toda a piedade, todo o amor. Muito bem! Apenas...

Apenas, emquanto se pratica em tão larga escala o amor dos irracionaes,—a sorte dos racionaes vae ficando cada vez mais digna de lastima. Todos sabem como foi que a Inglaterra se introduziu na China: introduzindo o opio, vehiculo do embrutecimento e da morte, porta-estandarte da destruição implacavel. Aquella velha ingleza, que com tão funda commoção quiz, antes de morrer, assegurar a felicidade dos bichanos orphãos, nunca se lembrou de certo de que, ali em Londres, no immundo bairro de Whitechappel, ha creanças que morrem de fome e

frio, mulheres que se prostituem para coimar, homens que se enchem de *gin* para aplacar as torturas do estomago. Nunca ella se lembrou de que, na India, cada anno traz consigo uma Fome, —quadra annual de penuria horrivel, em que os cadaveres se empilham pelas ruas, sem sepultura. . .

Que tinha com isso a velha millionaria? o que ella não podia admittir era que os gatinhos de Londres miassem por falta de leite. Se aos seus ouvidos immateriaes, na celeste mansão, chegasse um dia o echo abafado de um lamento felino, a piedosa matrona veria perturbada a paz da sua eternidade, e não poderia gozar dos ineffaveis dons da Bemaventurança.

Uma vez, no *Collège de France*, o grande Brown-Séquard fazia uma vivisecação n'um cachorro. A aula era publica. Todo o auditorio acompanhava n'um silencio recolhido a prelecção do mestre, — quando, de subito, uma senhora, com os cabellos arrepiados de furor e a bocca torcida de imprecações, avançou para junto do operador, e sovou-o de rijo com o seu guarda-chuva de seda. Contida a energumena, e calmados os animos, Brown-Séquard, com aquella serena philosophia adquirida pelo longo estudo das tolices humanas, aproveitou a occasião para mostrar a incongruencia da propaganda contra as vivisecações.

Aquella mesma sensível senhora, que sentira o sangue ferver de colera deante do cão retalhado em vida, ao sahir d'ali, foi naturalmente almoçar. E quem

sabe? comeu um frango que a mão inhabil da cozinheira custou a matar, torcendo-lhe e retorcendo-lhe varias vezes o pescoço... E comeu talvez caranguejos que entraram vivos para a panella, e, segundo as regras culinarias, longamente agonisaram, ao lento aquecer gradual da agua...

Mas ainda se póde admittir que a sensível senhora, levando ás ultimas consequencias a sua ternura pelos animaes, fosse uma *vegetariana*.

Que importa? os *vegetarianos* esquecem-se de que tanto desrespeita e offende a Vida quem come animaes, como quem come vegetaes, porque todas as cellulas, tanto animaes como vegetaes, são dotadas de motilidade e de sensibilidade...

Santo Deus! ninguem cogita de reprovar os sentimentos generosos das Sociedades Protectoras de Animaes. É certo que « maltratar os animaes é dar indicio de mau character. » Mas não é menos certo que, em regra geral, todo o individuo, que ama immoderadamente os irrationaes, despreza immoderadamente os racionaes. Basta que a gente se lembre d'aquella phrase celebre de não sei que escriptor: « quanto mais conheço os homens, mais adoro os cães... »

Uma soberana da Europa, que se enchia de horror, ao ouvir falar das experiencias do Collegio de França, foi quem impelliu o marido a uma guerra iniqua, que custou milhões de vidas. Bismarck, « o devorador de homens », ficava louco de dôr, quando um dos seus cães amados adoecia. E, para nada

mais citar, lembremos apenas isto: não teem conta os casos de facinoras que, recolhidos ás penitencia-rias, se dedicam ao carinhoso mister de educadores de ratos, de passaros, e até de aranhas.

No Brasil, já vimos cousas extraordinarias. . .

No tempo da escravidão, tal fazendeira que não tinha ouvidos para os gritos da gente negra azoragada, não podia admittir que os seus gatos padecessem fome um minuto. A famosa *Xica da Silva*, a celebre amasia do celebre nababo do Ti-juco, João Fernandes, possuía na sua opulenta quinta um amplo jardim zoologico. Todos os animaes da criação tinham ali vida regalada e farta. E era ella mesma quem os alimentava, quem os lavava, quem os catava, quem lhes dava remedios e beijos. . . Pois bem! essa carinhosa mulher, certa vez, ouvindo o seu querido nababo elogiar a dentadura de uma escrava moça, *mandou arrancar de um em um todos os dentes da desgraçada, e offereceu-os, n'uma salva de ouro, ao horrorizado João Fernandes. . .*

Mas, isso se passou em 1700, em tempos de rude barbaria. Temos cousa mais recente. . . Temos o caso d'aquelle fazendeiro que, fazendo uma viagem, recommendou ao escravo fiel que não se esquecesse de dar comida aos cães. O escravo esqueceu a recommendação, e. . . foi mettido vivo dentro de um forno de call

Ah! é bem verdade que amar cachorros e gatos, papagaios e gallos, póde ser prova de bondade. . .

Mas tambem é bem verdade que, quasi sempre, o carinho do homem pelos animaes inferiores é dado em prejuizo do carinho que elle deve aos outros homens, seus irmãos mais proximos...

(1901.)

## SANTOS DUMONT

Creio que teria dado conta do meu recado, se escrevesse aqui simplesmente: «a semana foi Santos Dumont!» — e fosse cuidar de outras cousas. Mas ninguém se contentaria com isso: todos se queixariam da decepção, e malsinariam o chronista inepto, bastante inepto para supprimir do *menu* o unico prato cujo tempero lisonjeia actualmente o paladar do publico. Santos Dumont concentra hoje a nossa vida: em torno d'esse foco luminoso, tudo se apaga, tudo esmaece, repellido para planos afastados. Acclamado «rei dos ares», atordado pelas ovações, mais atropellado e contundido pelos abraços dos homens do que pelos ventos do espaço, o aeronauta anda n'uma roda viva, do Rio para S. Paulo, de S. Paulo para o Rio, — vendo bem, n'esse entusiasmo, quanto a Terra lhe agradece o serviço de ter aberto as portas do Céu. . . .

O ultimo canto da *Legenda dos Seculos*, — d'esse maravilhoso poema em que o velho Hugo cantou a marcha penosa e lenta da Humanidade desde a nevoa

da criação até á apothose da suprema gloria, — é a prophesia da conquista dos ares. O poeta descreve a profundidade infinita do firmamento, em que brilham os mundos; n'essa profundidade, um ponto, quasi invisivel, apparece:

*Dans l'espace, ce point se meut: il est vivant;  
Il va, descend, remonte; il sait ce qu'il veut faire;  
Il approche, il prend forme, il vient: c'est une esphère,  
C'est un navire en marche!...*

Mas esse navio aereo não é uma criação da Fábula, não é uma condensação de relampago, não é um fantasma do céu, não é a irradiação de um anjo, não é um sonho, nem uma maravilha do poder divino:

*Qu'est-ce que ce navire impossible? C'est l'homme!*

Esse navio impossivel é a grande revolta, é a chave do abysmo azul, é a audacia humana, é o esforço do captivo, é o furor sagrado,

*C'est du metal, du bois, du chanvre, et de la toile,  
C'est de la pesanteur déicrée et volant,  
C'est la Force alliée à l'homme étincelant!*

O que nós estamos glorificando em Santos Dumont é o começo da realisação da prophesia sublime. O Homem já sabe o que faz no espaço,



como já sabe o que faz na terra e no mar: o balão levanta-o nos ares, as helices batem e aproveitam a resistencia da atmosphaera, o leme contraría os ventos; e as vagas impalpaveis do ether obedecem e sujeitam-se á sua intelligencia, tão submissas como as vagas espumantes do mar.

É o primeiro passo. Virão depois os outros?

Não ha horisonte fechado á ambição humana. D'aqui a pouco, o homem não se contentará com o poder pairar perto da terra: quererá desapparecer na vastidão gloriosa, quererá chegar ao limite dos sessenta kilometros de atmosphaera, em que os cosmographos suppõem envolvida esta bola errante que é o nosso mundo. Depois, quererá transpôr essa méta assombrosa, e dispensará o ar, atravessará o vacuo, visitará o satellite, dará uma volta de olhos pelas civilizações dos outros planetas, prevenir-se-ha contra os excessos do calor, roçará o sol com as azas, e, farto de conhecer este nosso misero systema solar, irá estudar os outros,—até chegar ao centro de todos elles, a esse centro a que Flammarion dá o nome de Deus, e a que eu não dou nome nenhum, porque já estou com dôr de cabeça e não quero ir dormir esta noite n'um manicomio...

Tudo isso é sonho, tudo isso é aspiração louca, tudo isso é desperdicio da imaginação,—mas tudo isso é humano.

Por um defeito de educação polysecular, o homem considera o planeta em que vive como uma habitação provisoria, como uma residencia de exilio, como

um « valle de lagrimas », onde as provações apuram e desinfectam as almas, preparando-as para vidas futuras, incomparavelmente melhores. A Terra, esta boa mãe, tem, felizmente, uma inconsciencia, que a preserva do desgosto de sentir a nossa ingratição. Desde o dia em que a bicharada humana, depois de um trabalho longo de fermentação, começou a viver sobre a crosta da Terra, — o seu orgulho começou a desprezar Aquella que lhe deu a vida. Nós colhemos os fructos que ella nos dá, gozamos a sua belleza perpetuamente renovada, vamos fruindo os prazeres que nos véem da sua inexgotavel generosidade, — mas sempre com um mau modo desagradecido, sempre com uma careta de fastio, sempre com um dar de hombros de desprezo. O nosso estomago, os nossos nervos, os nossos sentidos estão com ella, — mas a nossa imaginação está fóra d'ella, sonhando vidas que nos parecem mais agradaveis talvez pelo unico motivo de serem inacessiveis.

Todas as religiões teem mantido e desenvolvido esse desprezo das cousas e dos bens da Terra. Os gregos antigos sabiam amar a vida, vivendo n'uma terra linda, sob um céo purissimo, n'um clima delicioso, prezando o Amor e a Belleza: mas esses mesmos não estavam contentes, e viviam a sonhar a delicia dos prazeres do Além . . .

A religião christã foi sempre a grande inimiga da Terra. Todo o christianismo repousa sobre a ideia da renuncia. Só será feliz quem desprezar a realidade da « cidade terrena » pela esperanza da « cidade di-

vina». É preciso andar pelo chão com os olhos no céu. Viver aqui em baixo não é uma ventura: é um sacrificio. O amor, a belleza, o gozo, a contemplação intelligente dos espectaculos da natureza, a agitação da alma em busca da commodidade do corpo,— tudo isso é inutil, quando não é peccaminoso. Só é feliz quem logra assentar-se aos pés de Deus, na gloria divina: e até os soffrimentos do purgatorio são preferiveis aos encantos do mundo, porque approximam o peccador da redempção...

São essas as nossás ideias, mammamol-as no berço, e ninguem é capaz de suppriril-as da nossa alma.

Ó grande, ó bella, ó generosa Terra! o que nós queremos é fugir de ti: a tua grandeza não nos basta, a tua belleza não nos contenta, a tua generosidade não nos sacia! O que nós queremos é voar, é quebrar estes grilhões, é trocar pela ventura problematica a escassa mas deliciosa felicidade que podemos gozar aqui em baixo. Futeis e levianos, não vêmos que ha, n'este supposto degredo, alguns momentos de supremo prazer, que valem mais do que eternidades de pasmaceira. Póde haver ventura maior do que a do artista, que se revê n'uma obra acabada e perfeita? póde haver beatitude comparavel á de um pae que se mira na gloria de um filho? póde haver extase mais alto do que o de um casal ardente e moço, que troca o seu primeiro beijo de amor? Todas essas felicidades da intelligencia, do coração e dos sentidos são da Terra. Tudo depende da boa

vontade e da atenção de quem vive: a Terra não possui apenas atoleiros; possui também devezas frescas e recantos perfumados, em que se pôde fazer reviver a antiga ficção do Eden da Biblia.

Quem assiste ás festas delirantes com que o nosso amado e glorioso Santos Dumont é saudado, pensa estar assistindo apenas a uma explosão do orgulho nacional. Ha, de facto, muito orgulho nosso, e orgulho bem legitimo, n'essa glorificação do brasileiro pertinaz que chamou para o Brasil a atenção de todas as gentes civilisadas. Mas, não ha sómente isso. Não se trata de uma preocupação nacional, mas de uma preocupação humana. Todos os homens anceiam por essa conquista do Céu. A apothese de Dumont é a apothese do sonho libertador, — é a apothese da ingratição humana.

O que se vê na victoria de Dumont é a victoria de Prometheu e de Icaro, a derrota do mysterio, — a possibilidade da fuga, atravez do espaço, para alguma d'essas outras vidas com cuja promessa os padres de todas as religiões e os poetas de todas as escolas vivem a embalar o nosso estúpido descontentamento. É proprio da estulticie do homem o andar procurando ao longe o bem que lhe está tão perto da mão. Esses sonhos estragam a vida: quem os alimenta dentro da alma não tem olhos para vêr as cousas, tantas e tão amaveis, que estão por ahi a offerecer-se ao appetite do mais exigente...

Boa e querida Terra! bem merecias um pouco mais de ternura e de gratição!

Ainda agora, depois de ter deslumbrado os olhos e o espirito com a leitura de *Plein ciel*—d'esse luminoso surto lyrico que o Poeta pôz como rebate á *Legenda dos Seculos*,—fui reler a primeira pagina do poema.

A ultima pagina é um hymno ao Céu: a primeira é um hymno á Terra. Aquella entontece, esta seduz; aquella fulmina, esta beija. Só não ama a Terra quem não a comprehende. Ella é a harmonia, ella é o exemplo do trabalho, ella é a lição da ventura :

*« Ne frappe pas, tonnerre! Ils sont petits, ceux-ci.  
La terre est bonne; elle est grave et severe aussi;  
Les roses sont pures comme elle!  
Quiconque pense, espère et travaille lui plait;  
Et l'innocence offerte à tout homme est son lait,  
Et la justice est sa mamelle. . . »*

Nós a manchamos com os nossos crimes; nós abusamos da vida que ella nos dá; nós a infamamos com os nossos vicios;—e queremos deixal-a, e queremos fugil-a, como se ella fosse a culpada dos nossos erros, e como se as aeronaves, que nos teem de levar pelos ares, não tivessem tambem, comnosco, a nossa maldade e a nossa estupidez!

Felizmente para os que não desprezam de todo a Terra, as viagens aereas ainda não passam de uma tentação afastada e nebulosa.

A Terra ainda poderá, por seculos e seculos,

ignorando, na sua inconsciencia, a ingratição com que a desamamos, continuar a dar-nos prodigamente os seus bens, a formosura dos seus aspectos, o esplendor das suas paizagens, as suas flores e os seus fructos, — a flor suave da Belleza, o fructo saboroso do Amor, — a abundancia dos seus encantos materiaes e moraes.

Por mim, cõfesso que me agrada immensamente esta consoladora certeza de que a conquista definitiva do Céu ainda vem longe. Visto de perto, o Céu não deve ser tão bello como parece, de longe, á anciedade dos incontentaveis. Quem sabe viver, não se arrepende nunca de se ir demorando o mais possivel pela Terra.

Hurrah por Santos Dumont, que nos deu uma grande gloria! mas...

Mas, se é verdade que nas suas mãos está agora a chave do Céu, — elle obedeceria a uma feliz inspiração se deitasse fóra essa chave. O nosso captivo é tão bom!

(1903.)

## O BOND

Não me faltariam assumptos com que atulhar o bojo de uma larga chronica, bem nutrida e bem variada, n'este sabbado em que escrevo—um sabbado alegre e quente, um sol que cobre de tons de ouro e topasio os nossos feios telhados do seculo atrasado. Mas não quero outro assumpto, senão este: o bond, —o bond amavel e modesto, vehiculo da democracia, equalador de castas, nivelador de fortunas,—o bond despretençioso, de que, ante-hontem, festejamos o 35.º anniversario natalicio.

Natalicio sim,—porque, para o Rio de Janeiro, o bond nasceu ha trinta e cinco annos sómente. E a cidade ainda está cheia de gente que se lembra das gondolas pesadas e oscillantes, que se arrastavam aos trancos, morosas e feias como grandes hippopotamos.

O bond, assim que nasceu, matou a «gondola» e a «diligencia», limitou despoticamente a esphera da acção das caleças e dos *coupés*, tomou conta de toda a cidade,—e só por generosidade ainda admite

a concorrência, aliás bem pouco forte, do tilbury. Em trinta e cinco annos, esse operario da democracia estendeu por todas as zonas da *urbs* o aranhol dos seus trilhos metallicos, e senhoreou-se de todas as ruas urbanas e suburbanas, povoando bairros afastados, creando bairros novos, alargando de dia em dia o ambito da capital, estabelecendo communicacões entre todos os alvéolos da nossa immensa colmeia. São d'elle as ruas, são d'elle as praças, tudo é d'elle, actualmente. De dia e de noite, indo e vindo, ao rom-rom da corrente electrica, ou ao rumoroso patear dos muares sobre as pedras, ahi passa elle, o triumphador, — o servidor dos ricos, a providencia dos pobres, a vida e a animação da cidade.

Haja sol ou chova, labute ou durma a cidade, o trabalho methodico do bond não cessa: e alta noite, ou alta madrugada, quando já os mais terriveis noctivagos se metteram no valle dos lençoes, ainda elle está cumprindo o seu fadario, deslizando sobre os trilhos, abrindo clareiras na treva com as suas lanternas vermelhas ou azues, acordando os echos das ruas desertas, velando incançavel pela commodidade, pelo conforto, pelo serviço da população. Cheio ou vasio, com passageiros suspensos em pencas das balaustradas ou abrigando apenas dois ou tres viajantes somnolentos, — a sua marcha é a mesma, certa e pausada, n'um rythmo regular que é a expressão perfeita da regularidade da sua missão na terra...

Trinta e cinco annos... Para celebrar esse anniversario, a Jardim Botanico, que se orgulha da sua



decania, da sua dignidade de primaz das companhias de bonds, organisou festas alegres, com muita musica e muita luz,— e com muita satisfação dos empregados, que tiveram *lunch*, relevações de penas, pequenos favores amaveis, e até uma proclamação do gerente, falando em «vestaes», em «fogo sagrado», e em outras cousas igualmente lindas e rhetoricas.

No largo do Machado, vi hontem um bond, encostado ao jardim, fulgurante e garrido, emergindo de entre tufos de folhagens, constellado de lampadas electricas, apendoado de flammulas, e resoante de musicas festivas. Confesso que gostei immensamente d'essa apothose do Bond. Era bem justo que o glorificassem,— a esse bello companheiro e servidor da nossa actividade. N'aquella apothose, vibrava a alma agradecida de toda a população.

Por mim, não me lembro das «gondolas», nem do dia em que os primeiros bonds partiram da rua do Ouvidor. N'esse tempo, eu ainda era um pirralho de dois annos e tanto, mais occupado em ensaiar a lingua tatibitáte do que em tomar conhecimento de progressos. Mas o *Fornal do Commercio*, esse venerando ancestral (que, se me não engano, em fins de abril de 1500, já dava minuciosa noticia da ancoragem da esquadra de Cabral em Porto Seguro), contou em 10 de outubro de 1868 o que foi a festa da inauguração. «O trajecto (disse o velho *Fornal*) fez-se entre alas de povo, achando-se tambem as janellas guardadas de espectadores; os carros são commodos e

largos, sem por isso occuparem mais espaço da rua do que as gondolas, porque as rodas giram debaixo da caixa, e uma só parelha de bestas puxa aquella pesada machina suavemente sobre os trilhos, sem abalo para o passageiro, que quasi não sente o movimento.» Essas palavras podem parecer hoje frias e seccas: mas, n'aquelle tempo, escriptas pela gente do *Fornal*, deviam ser o cumulo do enthusiasmo... D'aquelle reducto da Circumspecção, d'aquelle templo da Prudencia, só podiam sahir louvores bem calculados e medidos. Tanto assim, que o final da noticia revelava uma reserva cautelosa: «Cumprer deixar que a experiencia fale por si, mas, tanto quanto desde já póde conjecturar-se, o que devemos desejar é que a mesma facilidade da locomoção se estenda a outros arrabaldes da cidade.»

Vejam só o que é o habito! N'aquelles primeiros dias da existencia dos bonds tudo parecia bom: era um espanto vêr que as rodas giravam debaixo das caixas, e que os carros não occupavam mais espaço do que as gondolas, e que uma só parelha de bestas bastava para puxar a pesada machina, e que o passageiro quasi não sentia o movimento!

Cotejem-se esses elogios com as queixas de hoje, —e ter-se-ha, mais uma vez, a confirmação d'esta grande lei, que é tão verdadeira para as cousas do espirito como para as cousas do corpo: «as exigencias augmentam na razão directa das concessões.» Se n'aquelle tempo tudo parecia bom, hoje tudo parece mau: o movimento é moroso, os solavancos são

terríveis, a luz é escassa, os conductores só merecem censura, os horarios nunca são cumpridos, e tudo anda á matroca. . .

Tudo isso é natural: depois da luz do azeite, já a luz do kerosene não nos satisfez, como depois a luz do kerosene não nos satisfez a luz do gaz, e a mesma luz da electricidade já nos está parecendo insufficiente. . .

Mas que te importa que digamos mal de ti, condescendente e impassivel bond? Tu não dás ouvidos ás nossas recriminações, e vaes alargando o teu dominio, dilatando o teu aranhol, supprimindo as distancias, confraternizando pela approximação o Sacco do Alferes e Botafogo, a Villa Guarany e o Cosme Velho, e reinando como senhor absoluto e indispensavel sobre a nossa vida.

E deixa-me dizer-te aqui, n'esta columna repousada, que não te amo apenas pelos serviços materiaes que nos prestas, senão tambem pelos teus grandes serviços moraes.

Tu és o Karl Marx dos vehiculos, o Benoit Malon dos transportes.

Sem dar mostras do que fazes, tu vaes passando a rasoura nos preconceitos, e pondo todas as classes no mesmo nivel. Tu és um grande Socialista, ó bond amavel!

Os ricos, attendendo á tua commodidade e apreciando a tua barateza, abandonam por ti as carruagens de luxo, e preferem ao trote dos cavallos de raça o trote das tuas bestas ou a suave carreira da

tua corrente electrica. Assim, nos teus bancos, acovelam-se as classes, hobreiam as castas, flanqueiam-se a opulencia e a penuria; sobre os teus assentos esfregam-se igualmente os impeccaveis fundilhos das calças dos janotas e os fundilhos remendados das calças dos operarios; e, n'essa visinhança equaladora, roçam-se as sedas das grandes damas nas chitas desbotadas, das creadas de servir. Ahi, ao lado do capitalista gottoso, senta-se o trabalhador esfomeado; a costureirinha humilde, que nem sempre janta, acha logar ao lado da matrona opulenta, carregada de banhas e de apolices; o estudante brejeiro encosta-se ao estadista grave; o poeta, que tem a alma cheia de rimas, toca com o joelho o joelho do banqueiro, que tem a carteira cheia de notas de quinhentos mil réis; ahi a miseria respira com a riqueza, e ambas se expõem aos mesmos solavancos, e arreliam-se com as mesmas demoras, e suffocam-se com a mesma poeira... Tu és um grande apostolo do Socialismo, ó bond modesto! tu destruiste os preconceitos de raça e de côr, tu baralhaste na mesma expansão de vida o orgulho dos fortes e a humildade dos fracos, as ambições e os desinteresses, a belleza e a feialdade, a saude e a invalidez...

E, além d'isso, amo-te porque és, justamente com o café, o que era nas antigas povoações selvagens o *cachimbo da paz*, — o vehiculo da hospitalidade e da sociabilidade.

Na roça, é tomando café que se estabelecem e

estreitam as relações; na cidade, é viajando no mesmo bond que se consegue isso.

O bond é um creador de relações de amizade... e de amor. Ha amigos inseparaveis, que se viram pela primeira vez no bond, começaram por olhar-se com desconfiança, passaram a saudar-se com cerimonia, encetaram palestras frias, foram do *senhor* ao *você* e do *você* ao *tu*, e uniram-se para a vida e para a morte. E ha casamentos felizes e amores delirantes, de que o bond pachorrento foi o primeiro *onze-lettras*.

De encontros fortuitos em bonds, teem sahido negocios, namoros, combinações politicas e financeiras, emprezas e bancos, e até... revoluções. O bond põe em contacto pessoas, que nunca se encontrariam talvez na vida, se não existisse esse terreno neutro e ambulante, em que se misturam diariamente todas as classes da sociedade. Às vezes antipathisamos com certo sujeito: um bello dia, esse sujeito sobe comnosco para um bond, paga-nos a passagem, illude a nossa antipathia, conquista a nossa confiança—e d'ahi a pouco sem saber como nem por que, estamos a contar-lhe toda a nossa vida, a dizer-lhe o nome da mulher que amamos, e a convidal-o a vir jantar em nossa casa...

Ó bond congraçador! tu fazes mais do que nivelar os homens:—tu os obrigas a ser polidos, tu lhes ensinas essa tolerancia e essa boa educação, que são os alicerces da vida social...

E, já agora, deixa-me dizer-te tudo. Tu és o

[The text in this section is extremely faint and illegible due to the quality of the scan. It appears to be a long paragraph of text.]

[The text in this section is also extremely faint and illegible. It appears to be a continuation of the text from the previous section.]

[The text in this section is extremely faint and illegible. It appears to be the final part of the text on this page.]

Agora mesmo, quasi ao terminar esta *Chronica*, toda consagrada á tua gloria, estou antegozando a satisfação que me vaes dar d'aqui a pouco... Por esta linda manhã, tão cheia de sol, vaes levar-me por ahi a fóra, embebido na contemplação das cousas e das gentes, adormecendo com o teu brando movimento a recordação dos aborrecimentos que me opprimem, e offerecendo-me em cada esquina dobrada, um espectáculo novo e um novo germen de sonhos consoladores.

Haverá alguém que te não ame, bond carioca?

Vê lá agora se, inchado de orgulho com esta declaração de amor, vaes ficar peor do que és. Porque, emfim, tu és bom, mas não és perfeito. E nada impede que te aperfeiçoes: podes muito bem livrar-te do systema dos comboios, podes bem ter uma luz que não prejudique tanto os olhos de quem te frequenta á noite, — e podes, emfim, andar um pouco mais depressa. Nem todos gostam de sonhar como eu: ha quem goste de agir, — e, para esses, tu ainda és quasi tão moroso como a velha gondola que des-thronaste...

(1903.)





## AS FALSIFICAÇÕES

Castagnetto, o nosso admiravel pintor de marinhas, o incorrigivel bohemio que dissipou o talento e a vida com a mesma risonha facilidade do conde de Monte-Christo dissipando os seus milhões e com a mesma natural indifferença do duque de Buckingham deixando cahir as perolas do manto na cõrte de Luiz XIII, — Castagnetto acaba de ter a mais fulgida das consagrações *post-mortem*. Descobriu-se agora que ha uma grande quantidade de marinhas, assignadas por esse pintor, e que não passam de copias, multiplicadas e nem sempre fieis, dos seus quadros. Castagnetto está sendo « falsificado »!

Já o seculo passado mereceu o nome de « seculo das falsificações. » O seculo actual, que apenas começa a decorrer, ha de prezar esse legado glorioso, e aperfeiçoar, na medida das suas forças, a arte da fraude. Falsifica-se tudo: o que se come, o que se bebe, os tecidos com que fazemos as nossas roupas, os remedios com que damos combate ás nossas molestias, os objectos de arte com que encantamos os

nossos olhos, a formosura das mulheres, a robustez dos homens, a ingenuidade das creanças,—tudo! Até o ar, a luz e a agua,—esses tres dons gratuitos da generosa Natureza,—não tardam a ser falsificados. E, d'aqui a pouco, um Edison qualquer, falsificando a Vida, apresentar-nos-ha um automato perfeito, um boneco maravilhoso, que respire, ande, cõma, digira, durma, gesticule, fale, sinta, pense... e ame!—e haverá fabricas de homens artificiaes, *sans garantie du gouvernement*...

Castagnetto acaba de ter uma radiante consagração. Só se falsifica o que é bom e o que vale dinheiro. Ninguem falsificou ainda a areia da praia,—que se obtem de graça; e ainda não ha mulher moça que embranqueça os cabellos e encha de rugas a face para parecer velha, como ainda não ha homem superior que esconda a intelligencia para parecer estúpido; mas, se algum dia a areia da praia, a velhice e a estupidez tiverem cotação no mercado, a areia monazítica far-se-ha areia commum, a adolescencia disfarçar-se-ha em caduquice, e o Genio desandarà a zurrar... Por ora, o que se falsifica é o que é bom, e o que vale dinheiro: é o ouro, é o diamante, é a mocidade, é a belleza, é o talento, é a nota de banco,—e só está sujeito á exploração da fraude o que representa um certo valor pecuniarío ou moral. E é a fraude quem está dando a Castagnetto a gloria que a legitimidade lhe negou...

Pobre Castagnetto! Sem ambições e sem triste-

zas, desprezando egualmente o dinheiro e a fama, amando apenas a natureza, a vida, a alegria e a arte,—pintando marinhas, como as aves cantam e como as roseiras dão rosas, por uma necessidade creadora e fatal,—esse bello rapaz nunca se revoltou contra a indiferença dos contemporaneos, porque foi sempre o primeiro a não dar valor ás suas telas, « aos seus *botes* »,—como elle dizia na sua giria pittoresca.

Não havia aspecto do grande mar inquieto que lhe não inspirasse uma composição; e o pincel ia reproduzindo esses aspectos na tela, no papel, na taboa, em qualquer tampa de caixa de charutos, em qualquer prancha de grosseiro caixão.

A execução era rapida e maravilhosa. O pincel e a espatula creavam ali, n'um relampago de genio, toda uma vasta massa de aguas, animada de vida palpitante. Assim que ficava prompta,—ou quasi prompta, porque Castagnetto não tolerava os sacrificios do labor demorado,—a marinha sahia logo de suas mãos, passando para outras mãos, de amigos ou de indifferentes, vendida por qualquer cousa, ou cedida de graça, com essa liberalidade simples e affectuosa, que só póde caber em coração de bohemio ou... de anjo.

Sómente a morte veio interromper aquella prodigiosa producção incessante. O mar perdeu o seu melhor amigo, e a limitada roda artistica do Rio de Janeiro perdeu o mais interessante dos seus typos de bohemio.

Esgotada a nascente das formosas telas, o legado do pintor começou a valorisar-se. Esse valor cresceu tanto, que as telas verdadeiras já não bastavam para a procura,—e a fraude encarregou-se de renovar o milagre biblico da multiplicação dos pães, copiando e recopiando os quadros em que fecundo pincel fixou a mobilidade das ondas largas, batidas de sol ou prateadas de luar, em suave arquejo ou em furia terrivel, cheias das oscillações das velas e dos mastros.

Esta mesma *Gazeta*, noticiando ante-hontem a descoberta das falsificações, e consagrando algumas linhas enternecidas á memoria do pintor, perguntava: «Quando o amargurado Castagnetto, que passava dias sem comer, poderia pensar que o falsificariam assim, vendendo-o por um preço extraordinario?»

Quando pensaria? nunca. Como pensaria no futuro quem nunca se preocupou com o presente? Ainda agora, se pudesse ter conhecimento do que se passa na terra, Castagnetto não teria pezar nem indignação; levantaria os hombros, com aquelle seu absoluto e olympico desdem pelas cousas da vida, e não se encolerisaria contra a fraude, nem se orgulharia com a consagração. Apenas é possivel que a sua infinita modestia e o seu completo desinteresse experimentassem algum espanto: «Como?!... pois é verdade que os meus *botes* valem alguma cousa?...»

Este exagerado progresso da mania de falsificar tem em si mesmo o seu correctivo. Á medida que

crece a pericia dos falsificadores, cresce tambem a desconfiança dos compradores. Assim que se descobriu a falsidade da famosa tiara do Louvre, começou a pairar a suspeita sobre a legitimidade das outras preciosidades do museu. E por todo o mundo anda accessa a batalha entre a astucia e a prudencia, entre o genio inventivo dos impostores e a cautelosa reserva dos clientes.

Todos os generos, — de arte, de industria, de alimentação, de vestuario, de luxo, — estão desmoralizados. Os cambistas fazem tinir, repetidas vezes e demoradamente, sobre a aba do balcão, as moedas que lhes offerecem; os prestamistas não adeantam um vintem sobre uma joia, antes de um demorado estudo; quem pede a um *garçon* de confeitaria um calice de licor, examina logo o rotulo da garrafa, com uma chispa de má vontade no olhar; quem contempla uma bella senhora no verdor da mocidade, pergunta logo a si mesmo se aquelles cabellos e aquelles dentes não sahiram da officina de um cabelleireiro perito ou de um habil dentista; já nada, emfim, merece confiança; e, para evitar o logro, toda a gente trata de pôr em contribuição o exercicio dos seus cinco sentidos desenvolvidos e apurados pela experiencia e pela prevenção.

E, depois de trocada a moeda, de empenhada a joia, de bebido o licor, de contemplada a belleza da senhora, e de exercida a acção combinada do olfacto, do tacto, do ouvido, do paladar e da vista, — ainda a gente fica com uma pequenina e imperti-

nente pulga atraz da orelha e uma duvida importuna dentro da alma. . .

Para os falsificadores, isso não é commodo: esse alarme continuo rouba-lhes a calma e envenena-lhes os louros da profissão. De maneira que, não obtendo jámais uma pericia completa e infallivel, e sentindo que o solo lhes falta debaixo dos pés, os exploradores do crime arrepiam carreira, e voltam á pratica dos antigos dolos, que, com a sua ingenua simplicidade, ainda podem dar resultados optimos.

Vêde o caso das estampilhas. Para falsificar treze mil contos de estampilhas, a quadrilha seria forçada a adquirir machinismos complicados, a tentar experiencias dispendiosas, e a comprometter na incerta aventura um vasto capital de dinheiro e de tempo.

Quando as estampilhas estivessem promptas, — como escapariam as suas imperfeições á argucia dos peritos? O microscopio revelaria o desvio de um micromillimetro em qualquer linha do desenho: e é sabido que nunca a mão humana traçará dois desenhos perfeitamente eguaes, — como não ha duas folhas perfeitamente eguaes na copa da mesma arvore, nem dois cabellos perfeitamente eguaes na cabeça do mesmo homem. A aventura seria arriscada. Mais valia procurar nos antigos e excellentes processos da ladroeira os lucros que o exercicio das artes modernas não podiam assegurar com infallivel certeza.

Foi o que fizeram os avisados meliantes. Para que fabricar estampilhas falsas, — se aquella formosa

e opulenta Casa da Moeda, de portas tão largas e de tão facil accesso, com sentinellas tão mansas e cofres tão fracos, guardava dentro de si tantos milhares de estampilhas authenticas, legitimas, confirmadas, conferidas, chancelladas, e verdadeiras como a propria Verdade?

Treze mil contos! É força confessar que a empreza foi audaz e brilhante... E, se pensarmos que grande parte d'esse *stock* de estampilhas já foi trocado por muito bom dinheiro, tão bom e tão verdadeiro como ellas; e, se pensarmos ainda que o pallio salvador do *Habeas-Corpus*, bandeira-da-misericordia de todas as espertezas, não deixará de cobrir os empreiteiros d'esse colossal negocio, facilmente reconheceremos que andaram bem avisados os que preferiram lançar mão de valores reaes a fabricar valores suspeitos.

Não ha falsificação que afinal não seja descoberta. E todas as malicias e todas as subtilezas infernaes da fraude acabam por ser apenas a glorificação do que é legitimo e puro.

Castagnetto lucrou com a esperteza dos impostores. Os possuidores das suas marinhas authenticas vão agora olhal-as e prezal-as com redobrado amor. Os bons vinhos só começam a parecer verdadeiramente bons, quando cotejados com as zurrapas que pretendem concorrer com elles; e as bellas mulheres, de uma belleza simples e núa como a propria Natureza, só começam a parecer verdadeiramente

bellas quando postas ao lado das bellezas artificiaes, devidas á collaboração do carmim, da tintura circasiana, do *khol*, das dentaduras postiças e dos chumaços de algodão.

(1904.)



## XVIII

### FERREIRA DE ARAUJO

Em vão, lá fóra, o dia luminoso em que é escripta esta chronica se cobre das galas e dos risos da primavera proxima. O luto pesado que cahiu sobre esta casa (1) não nos deixa na alma um só minuto de repouso nem de attenção para as cousas do céo e da terra.

Com que palavras fixar a tua memoria sagrada n'estas linhas, grande e bom amigo, em cuja face, repousada e suave como a de um lago manso, nunca mais os nossos olhares poderão parar, vendo n'ella toda a serenidade da tua alma justa e toda a tolerancia do teu vasto espirito?

Já aqui mesmo foi dito que tantas vezes, n'este agitado officio, abusamos das palavras, — que, quando queremos pedir-lhes um dia a vibração e o ardor de

---

(1) Esta chronica foi publicada na *Gazeta de Noticias*, de que era director Ferreira de Araujo.

uma grande amargura, ellas ficam pallidas e frias como um marmore inerte. Lagrimas não falam, lagrimas não se alinham sobre o papel com a docilidade das phrases banaes; ficam requeimando os olhos, causticas e terriveis: e, recalcadas dentro do coração, quedam n'elle, inviolaveis e perpetuas, longe da vista profanadora dos indifferentes.

Todos os mestres da imprensa já desfilaram deante da sepultura de Ferreira de Araujo, em funeral. Todos vieram honrar a sua memoria e dizer-lhe o adeus derradeiro. Que escrever ainda do fulgido espirito, cuja amada luz o sopro destruidor da Morte levou tanto tempo a apagar, como se hesitasse em commetter essa atrocidade sem nome? Mas o assumpto doloroso encheu a semana. Foram as mãos generosas do Mestre que entregaram ao chronista esta columna da *Gazeta*. Que elle ainda uma vez passe por aqui, evocado pela saudade do discipulo humilde, que tanto conselho e tanto carinho lhe deveu...

Esse homem forte, cujo talento, tantas vezes manejado como um raio fulminador, feria de morte os erros mais empedrados e as mais resistentes perversidades,—era, antes de tudo, um bom. Pudesse elle,—e todas as conquistas da verdade e da justiça se fariam na terra a beijos e bençãos, sem que uma gotta de sangue manchasse a Vida.

Era com um desafogado suspiro de allivio que o luctador despia a couraça com que se via forçado a sahir á liça. Despia-a, colgava-a do galho verde de

uma arvore, e volvia a amar e a perdoar. Dentro da armadura descansada, como n'uma improvisada colmeia, vinham zumbir e moirer as pacificas abelhas. Doirava-a o sol, perfumava-a o halito das flores, limpava-a dos vestigios do combate o largo vento livre. Elle, sentado á beira do caminho da Vida, sonhava e ria.

Tinha o riso facil e sereno dos justos, dos que não sabem o que é o veneno de um remorso na alma. Não tinha a seriedade taciturna, que é quasi sempre a meia-mascara da hypocrisia. A Vida encantava-o, não pelo seu cortejo de prazeres grosseiros, mas pela vasta serie de gozos espirituaes que n'ella se contem.

Compassivo e humano, de uma humanidade em que cabia o amor de todos os seres, d'elle se poderia dizer o que Eça de Queiroz diz, n'*Os Maias*, do velho D. Affonso: «era dos que se compadecem da sêde de uma planta, e param ás vezes na estrada para não esmagar um bando de formigas em marcha.» Uma violencia inutil exasperava-o. A força exercida contra um fraco feria-o como uma punhalada no proprio coração.

E que apaixonada e religiosa veneração das cousas da Arte! Amava os quadros e as flores, a musica e os versos. Um periodo bem feito — abria-lhe a alma em sorrisos. Quando um artista, em scena, encarnava genialmente a criação de um grande mestre do theatro, o seu prazer crescia até o delirio. Nenhum espirito humano foi mais apercebido, do

que o seu, d'esta rara e venturosa faculdade de comprehender a Belleza em conjuncto e em minucia, com um só golpe de vista rapido e incisivo.

Era uma superioridade intellectual, ao serviço de uma superioridade moral.

Assim, nunca o azedume da inveja lhe turbou a vida. A sua grandeza de espirito e de coração, a alta posição gloriosa e incontestada que tinha na sociedade brasileira, a pureza immaculada do santuario do seu lar onde a sua alma extremosa se revia com orgulho na alma da prole estremecida, o respeito de que se via cercado, os applausos que vinham de todos os extremos da patria significar-lhe a admiração dos patricios,—tudo contribuia para lhe dar uma felicidade inalteravel e perfeita. Mas Ferreira de Araujo não era dos que se trancam a sete chaves com a sua felicidade na torre impene-travel de um egoismo feroz, com medo de que lh'a roubem. A sua felicidade, queria-a elle repartida por todos, com uma prodigalidade de nababo que não conta o dinheiro das esmolos que dá.

Era do seu lar que sahia a ventura de muitos la-res pobres: se todas as boccas cuja fome Ferreira de Araujo matou, fossem beijar agora, no cemiterio de S. Francisco de Paula, a pedra da sua sepultura, o marmore ficaria em breve desbastado pelos beijos...

A gloria alheia redobrava a sua. Era um dos primeiros a sahir á frente dos triumphadores da Arte, para os saudar. Quando um poeta, um prosador, um

jornalista, um pintor, um compositor começavam a romper ás cotoveladas a massa espessa do anonymato, era elle um dos primeiros a desbravar-lhes o caminho, a pôl-os ao sol, a empurrar-os para a evidencia, a celebrar-lhes o valor; nunca receou que as arvores robustecidas pelo seu carinhoso trato podessem fazer-lhe sombra. . .

E quem é que lhe poderia fazer sombra? Elle tinha força para carregar a pesada lyra das altas ideias, como tinha delicadeza para tanger o brando alaude das ideias suaves. . .

Quando passava pela rua do Ouvidor, a caminho ou de volta do trabalho, era uma satisfação vêr aquelle vulto de athleta que abrigava uma alma de creança. Um sorriso surgia em todos os labios, todos os chapéos se levantavam, todas as mãos se estendiam para apertar a sua. É que toda a gente sentia que não ia ali sómente uma cabeça que era uma gloria do Brasil; ia um affecto vasto, ia uma soberana bondade, ia uma tolerancia rara. O homem que passava era *um homem*, — um d'aquelles em cuja formação o genio do Creador se demora e esmera, como o genio de um estatuario consciencioso se esmera e demora no polir das obras que deseja exemplares e eternas.

Grande e querido amigo! mestre cuja memoria viverá perpetua no coração d'aquelles que o seu exemplo educou! — a ultima vez que elle passou pela rua do Ouvidor, foi ha cinco dias, n'aquella amargurada tarde de quarta-feira, molhada de tan-

tas lagrimas e marcada nos calendarios com a sombria cruz que assignala os dias de desastre e horror...

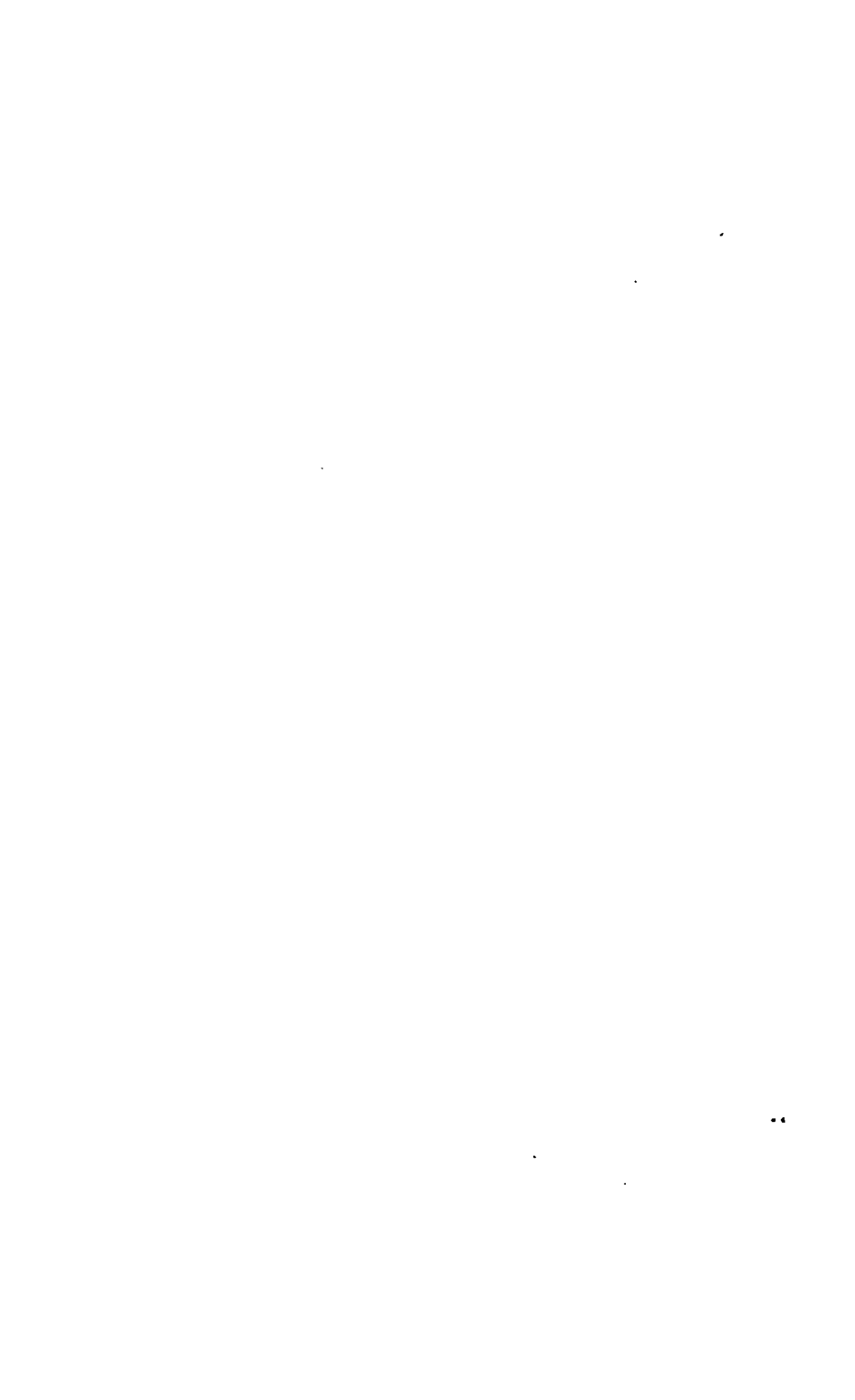
Passou, deitado no caixão que a piedade filial enchera de rosas e violetas, transformando-o n'um canteiro florido. Veio ainda depois de morto visitar a casa amada, que o seu talento e a sua alegria animaram outr'ora. E a cada um dos que trabalhavam sob a sua direcção parecia um sonho, um pesadelo, um impossivel, a ideia de que nunca mais Ferreira de Araujo entraria por esta porta, com um sorriso para cada companheiro, cercado d'aquella ineffavel atmospherá de meiguice e de bom humor, que se desprendia d'elle como o aroma se desprende de uma flor e a luz se desprende de uma estrella.

Nunca mais! A longa e terrivel agonia, em que Deus quizera ainda mais apurar o seu espirito, findara. Com o olhar cravado no olhar da filha adorada,—um olhar em que beijos, lagrimas, gemidos se atropellavam e ardiam,—cahiu no pesado coma que é a ante-camara da morte. Deus, n'aquelle momento, esperava a sua alma. Era demasiado soffrimento, para quem vivera a mitigar soffrimentos alheios. A alma, pura e casta como quando sahiu da essencia do Creador, tendo representado na terra o papel que lhe fôra dado, tendo cumprido até o fim a sua missão de manancial de beneficios, de fonte limpida de exemplos moraes, subia, subia, subia para a gloria do repouso e da recompensa.

Subiu, cahiu no ardente e radiante seio de Deus,

dissolveu-se n'ella e começou a viver a sua verdadeira vida:

*« Ceux qui passent à ceux qui restent  
Disent : vous n'avez rien . . . vos pleurs l'attestent !  
Dieu donne aux morts les vrais biens, les vrais royaumes . . .  
Vivants ! vous êtes des fantômes . . .  
C'est nous qui sommes les vivants ! »*





## XIX

### OS DOUTORES

A principio, em menino, o titulo de Doutor me sorria no futuro, como uma esperança e uma gloria. Os Hebreus, no captiveiro, *sobolos rios que vão por Babylonia*, não sonhavam com egual febre a doce Terra Promettida, a maravilhosa Chanaan em que, para lenir as amarguras do longo exilio, deveriam achar deliciosos riachos de leite e de mel.

Quando um medico passava por mim, os meus olhos de creança comiam a pedra verde, a grande esmeralda que elle trazia no dedo, dentro de um círculo de brilhantes, n'um aro grosso, em que duas cobras se enlaçavam. Depois, ai! de mim! perdi a esperança . . .

O mestre Machado de Assis tem um conto, em que a esperança do protagonista, que vae pedir dinheiro a um amigo, vae descendo e mingando, desde a fabulosa quantia de vinte contos até á ninharia de cinco mil réis. E o mestre explica como a ambição do misero,—aguia altiva em começo, roçando com as azas os cumes dos mais altos desejos, se transformara tristemente n'uma pobre franga

rasteira, mariscando e bicando a estrumeira de um quintal.

Assim eu. Do ardente desejo de ser doutor, deŝci ao mais modesto, mas não menos ardente desejo de ser bacharel.

Oh! simples bacharel, sem borla, sem capello, sem theses, mas com annel! mas com diploma! mas com titulo! mas com canudo!

E ahi vieram outra vez as complicações da vida, e outra vez me esfarraparam o sonho. Ir a S. Paulo ou ao Recife, que desarranjo! Cursar cinco annos uma Academia, que loucura!

Cheguei a pensar em ser um simples rabula, um humilde procurador de causas... Ha muita gente que tem subido s mais altas posições, não sendo outra cousa... Mas houve uma revolta na minha vaidade: rabula não  titulo digno! ainda se soasse bem ao ouvido!...

E acabei por, desconsolado, abandonar o meu sonho: deixei-o finir-se como um tysico, pouco a pouco,  feição de uma candeia que se apaga  mingua de azeite.

Mas, um dia, abrindo um jornal, tive um sobresalto que me estremeceu o coração dentro do peito. O governo approvara os estatutos de uma Faculdade Livre de Direito, installada aqui mesmo, n'esta cidade, dentro da circumferencia em que se agitam os meus interesses, os meus negocios, os meus amores, os meus prazeres, as minhas obrigações... Injectei

vida nova. no meu sonho, levantei-o como um Lazaro do fundo da cova da desillusão, dei-lhe um banho de sol e de fé. E deliberei fazer-me bacharel.

Apenas, não quiz ser o primeiro. Esperei que outros passassem antes de mim. Foi o meu grande erro. A modestia em que me tenho imbecilmente embrulhado tem sido a causa mais séria dos meus desgostos. As violetas, com a sua humildade, escondidas no tapiz anonymo da relva, estão expostas a todas as injurias do tempo e da creação: não ha bota de homem que as não esmague sem piedade, como não ha gato que não esguiche sobre ellas uma injuria liquida. Ao passo que as palmeiras, arrogantemente levantadas no ar, affrontando as estrellas com empafia, zombam dos temporaes, e riem, como mulheres esbeltas e vaidosas que são, dos homens e dos bichos que andam cá por baixo... Ail eu ainda hei de morrer, não de molestia, mas de modestia, — uma vez que não ha meio de tirar da alma este grande defeito.

Assim, esperei. E comecei, com cuidado, a indagar do que se passava no interior da Faculdade Livre. E vae, de repente, apparece outra Faculdade, tambem Livre e tambem de Direito. Desconfiei: era esmola de mais para um pobre tão pobre...

Mas, começaram a sahir das duas bachareis a granel, como ninhadas de ratos. Não havia semana em que as duas fecundas escolas não atirassem ao Fôro quatro duzias de homens formados.

Conheci um moço que ganhava a sua vida como caixeiro de botequim. Travei relações com elle n'um dia em que me veio pedir com interesse, que lhe escrevesse uma carta á familia :

— Então, não sabe escrever?

— Nem ler!

Escrevi a carta, assombrado de tão espantosa falta de instrucção, e passei um anno sem vêr o meu conhecido. Ao cabo d'esse anno, fui ao jury, e vi-o, na tribuna da defeza, agitando gravemente no ar a mão espalmada, em cujo indicador fuzilava um formoso rubi. Houve um desmoronamento dentro de mim. Que era aquillo, Deus de Misericordia? Esperei que o homem acabasse a sua arenga, vi-o descer da tribuna, abraçado e felicitado por varios collegas, e approximei-me :

— Então? formou-se?

— É verdade! custou-me um pouco, mas emfim...

Depois, uma senhora do meu conhecimento, mãe de varios filhos pequenos, disse-me um dia :

— Olhe: Este é o mais velho, tem dez annos. Quero vêr se aos doze está formado em direito...

Todas estas cousas calavam profundamente no meu espirito, e dentro d'elle germinavam. Não quiz perder mais tempo, e animei-me.

Então, começaram a apparecer nos jornaes umas noticias mysteriosas: « Consta que nos relatorios dos fiscaes das Faculdades livres fazem-se graves revelações » ou « diz-se que o sr. ministro do interior vae

providenciar para que se cumpram á risca os estatutos das Faculdades livres», ou etc., etc.

Revelações graves?

E sahi á cata de informações. Que horriveis, que indesculpaveis irregularidades se podiam ter dado no governo d'aquellas machinas de fazer bachareis?

Versões desencontradas choveram sobre a minha alma anciosa. Nada apurei. O que sei é que receio e sinto no ar uma catastrophe. Vida minha! se fecham as Faculdades livres, onde irei adquirir o cubiçado diploma?

Ha quem diga (é esta a versão mais corrente) que o curso de sciencias sociaes e juridicas se faz ali tão á pressa, que varios cidadãos já se teem formado no curto espaço de tempo que vae, n'um dia só, do almoço ao jantar. Mas onde o inconveniente d'isso? Eu já vim de Ouro Preto aqui em quatorze horas, porque vim pela estrada de ferro. Tiradentes veio em mais de dois mezes, porque veio a pé. Deixamos por isso de fazer a mesma viagem?

Objectar-me-hão que, com essa espantosa celeridade, uma creança de mamma viverá brevemente no collo materno com um rubi de bacharel no dedo. Que tem isso? Ha tantos casos de precocidade!... Olhem: Gœthe escreveu o *Fausto* aos vinte annos. Pascal, o profundo — tão profundo, que acabou vendo sempre aberto deante de si um abysmo que era talvez a imagem da sua propria profundidade, — Pascal, aos doze annos, era um grande mathematico; aos dezeseis, escreveu o *Tratado dos conicos*; aos deze-

nove descobriu que a natureza tem o horror do vácuo... Isto é Historia, meus senhores: está no *Larousse*, que é a fonte anciã e respeitavel da minha erudição.

Que inconveniencia póde haver em que o Rio se encha de advogados-meninos?

Seja tudo pelo amor de Deus! o que ha é que, lá no alto, no livro do Destino, está escripto que eu nunca serei bacharel! Morrerei virgem d'esta investidura gloriosa...

(1893.)

## O JOGO-DOS-BICHOS

Houve esta semana um caso tragi-comico, que bem merece, não um, mas cem artigos.

Hilario, homem prudente e morigerado, soffreu um golpe terrivel: morreu-lhe nos braços a mãe que idolatrava. Hilario, passadas as primeiras horas de dôr absorvente e profunda, recordou que, se a primeira homenagem devida a um cadaver amado é a da lagrima, a segunda (infinitamente mais necessaria) é a do enterro. Não é com soluços e gemidos que se pagam todas essas despezas de cova, de padre, de caixão, de grinaldas, n'uma terra em que a vida é cara e ainda mais cara é a morte. Hilario consultou as algibeiras, e reconheceu com grande terror que só possuia cincoenta mil réis.

Ninguem se enterra com cincoenta mil réis. Ainda ha, n'este abençoado Rio de Janeiro, casinhas decentes que se alugam por tão baixo preço. Covas assim baratas é que não ha. Que havia de fazer Hilario?

Enxugou as lagrimas, deixou a morta em casa, serenamente repousando entre quatro velas accesas,

fechou a porta e sahiu. Veio pelas ruas cheias de sol e de povo, pensando, ruminando planos, esmoendo projectos e perguntando a si mesmo e a Deus onde encontraria o dinheiro necessario para o pagamento da ultima residencia materna.

Ora comprehendeis bem que, n'este anno de mil oitocentos e noventa e cinco, duzentos ou trezentos mil réis não brotam espontaneamente das calçadas, nem cahem naturalmente do céu. Duzentos ou trezentos mil réis... Creio que o proprio Thesouro Nacional nem todos os dias poderá agora ter em caixa essa fabulosa quantia.

E Hilario andava, Hilario olhava o chão, Hilario olhava o céu, e não via vintem...

Aqui interveio o Acaso, que foi, pouco a pouco, disfarçadamente, guiando os passos incertos de Hilario até á rua Sete de Setembro.

Na rua Sete de Setembro, Hilario, que suava em bica, parou para tomar folego, junto da casa que tem o numero 240. Entrava gente, sahia gente. E era tudo gente preocupada, monologando em voz baixa, fazendo calculos, absorvida em raciocinios complicados, trazendo nas mãos papeis pequenos, todos rabiscados de algarismos, todos picados de carimbos. Hilario, embora absorvido na sua magua e na sua falta de dinheiro, não pôde deixar de reparar n'esse desusado movimento de povo. Dois sujeitos pararam junto d'elle.

— Compraste no elephante? — perguntou um.



— Comprei no gallo!— disse o outro.

Hilario comprehendeu: a casa era o antro de um *book-maker* de bichos. Na alma do filho attribulado, houve, a principio, naturalmente, uma grande revolta. Hilario, certamente, pensou: — « Tanta gente que tem dinheiro e que o esbanja no jogo! e eu, aqui, tendo de enterrar um corpo querido, e não acho dinheiro! » Foi então que uma ideia acudiu ao cerebro de Hilario e cavou-lhe na frente a ruga das grandes cogitações...

Metteu a mão no bolso e lá encontrou a nota de cincoenta mil réis. Ficou a amarrotal-a, a amarrotal-a, com carinho, com delicia, e a pensar: « Jogando isto, ganho um conto de réis... Um conto de réis! Pago o enterro, pago o luto, e ainda fico com dinheiro para me consolar e divertir... Um conto de réis!... »

Ainda o bom-senso lhe segredou ao ouvido que não era certo ganhar... Mas a ambição, de olhos de esmeralda e sorriso de coral, murmurou: « Porque não has de ganhar? Compra os cincoenta no gato! Compra os cincoenta no gato!... »

No gato? Porque não? Hilario lembrou-se de que sempre fôra muito amiga de gatos a velha morta... Lá estava ainda agora a *Mimi*, a gorda bichana predilecta, a miar, a miar desconsoladamente, na sala silenciosa, em torno do cadaver da senhora... Quem sabe? Cincoenta mil réis no gato... um conto de réis de lucro... o enterro pago... o luto pago...

e ainda muito dinheiro no bolso, para o consolo e o regabofe... Viva o gato! E Hilario, decidido, mettu-se no corredor do numero 240, cheio de muita gente que entrava, cheio de muita gente que sahia...

O bom-senso — o eterno importuno — tornou: «Desgraçado! olha que tua mãe está apodrecendo! para que vaes perder o teu unico dinheiro, idiota? Do que tua mãe precisa não é de um gato *poule* que a enriqueça, mas de um gato pingado que a enterre, maluco!» Hilario, amedrontado, ia recuar. Mas, n'isso, um gato ruivo desceu a escada á disparada, embarafustou entre as pernas dos jogadores, e sumiu-se. Hilario não hesitou mais. Viu n'aquillo um aviso da Providencia, um conselho da Sorte, uma indicação da sua Boa Estrella. Subiu, atirou sobre a mesinha do *book-maker* a sua nota, recebeu um papelinho azul, rabiscado de algarismos, picado de carimbos, e desceu a escada, alegre, já trauteando uma cantiga, esquecido da morta, do padre, da cova, do caixão, das grinaldas, de tudo...

Um conto de réis! um conto de réis! — pensava elle. — Decididamente, não sei porque é que a policia persegue o jogo! Pois eu não tenho o direito de gastar o dinheiro, que é meu, como e onde quizer? A prohibição do jogo é um attentado á liberdade individual! uma violencia feita á independencia da minha vontade! uma infracção dos preceitos constitucionaes! Decididamente, a policia não sabe o que

faz, quando vareja as casas d'estes honrados homens que, em troca de uma nota de cincoenta, dão á gente duas notas de quinhentos!

E Hilario, com a alma alagada de um jubilo infinito, passeou, cantarolou, apreciou o espectaculo maravilhoso do céo todo azul, admirou as mulheres bellas que passavam, parou longamente deante das *vitruines* de modas, fez tenção de comprar d'ahi a pouco uma bella joia que viu, e assim foi matando o tempo, á espera da hora luminosa e bella, em que, victorioso, tendo derrotado todos os outros vinte e quatro bichos do jogo, o gato viesse para elle, triumphalmente trazendo nos dentes as duas formosas notas de quinhentos mil réis. . .

Ás duas horas, Hilario correu ao *book-maker*:

— Ganhou o gato?

— Não, senhor! Ganhou o burro!

O misero e mesquinho Hilario cambaleou. Tudo — *book-maker*, casas, gente que passava — tudo começou a andar á roda, deante dos seus olhos allucinados. — Hilario desmaiou.

Quando voltou a si, o desgraçado voou á rua do Lavradio, entrou como um pé-de-vento pela repartição da Policia, abalroou continuos, pisou *secretas*, derribou cadeiras e foi cahir aos pés do dr. André Cavalcanti, dizendo-lhe que a mãe estava morta, que o gato não déra nada, que o jogo era uma infamia, que havia um *book-maker* que lhe roubara cincoenta mil réis na rua Sete de Setembro! Suppôz a princi-

pio o chefe de policia que estivesse deante de um louco. Mas, quando conseguiu comprehender as lamentações do jogador desilludido, mandou dar busca no n.º 240 da rua Sete, apprehendeu *poules*, multou o *book-maker* e obrigou-o a restituir a Hilario os cincoenta mil réis que o perfido gato lhe comera.

E assim acabou esta aventura, que todos os jornaes de hontem contaram...

Pobre Hilario! não merecias os remoques e as graçolas com que te fréchou a imprensa alegre... O teu caso é um simples *signal do tempo*, um *symptoma*. Hoje, no Rio de Janeiro, o jogo é tudo. Não ha creados, porque todos os creados passam o dia a comprar bilhetes de bichos. Não ha conforto nas casas, porque as familias gastam todo o dinheiro do mez no *elephante* ou no *cachorro*. Ninguem trabalha! Todo o mundo joga...

Pobre Hilario! querias ao menos aproveitar o vicio para um fim digno... Se o jogo serve para engordar tanta gente,—porque não havia de servir para enterrar tua mãe?

O diabo foi o *gato* perder... Animal traiçoeiro!

(1895.)

## XXI

### A CIDADE DO SILENCIO

Desde creanças, ouvimos falar nas sete maravilhas do mundo. E todos os que temos um pouco de imaginação, já passamos alguns minutos, pelo menos, a pensar n'esses sete assombros do engenho humano, cuja fama veio até nós, atravessando victoriosamente os seculos.

D'essas maravilhas, ainda uma póde ser admirada, desde que haja um pouco de dinheiro:—as Pyramides do Egypto, que ainda as *touristes* inglezas não conseguiram destruir, picando-as em pedacinhos destinados a servir de «lembranças». Mas as outras desapareceram... Quem pudera vê-vos, jardins suspensos de Babilonia, floridos berços do devaneio de Semiramis! tumulo do rei Mausolio, levantado pelo amor da formosa Artemisia! templo de Epheso, erguido á gloria da caçadora Diana! estatua de Jupiter Olympico, sonho de pedra, sahido da alma de Phidias! colosso de Rhodes, cujo apollineo olhar vigiava, a setenta covados do solo, as planicies da pantanosa Ophiusa! pharol monstruoso de

Alexandria, guiando pelas aguas do Mediterraneo as naves ousadas, que iam propagar o commercio e dilatar a vida! Todas vós, ó maravilhas da idade de ouro, vos sumistes na grande noite medonha que tudo devora...

Mas os *yankees*, — que não hão de elles inventar, depois de ter inventado os *trusts*? — descobriram agora a «oitava maravilha do mundo». Ainda hontem, o *Jornal do Commercio* descrevia minuciosamente essa estupenda cousa.

A oitava maravilha do mundo appareceu em Alasca, para além da Columbia Britannica. É a «Cidade do Silencio», — uma cidade de sonho e mysterio, que nas claras manhãs de sol apparece, por uma estranha illusão de optica, assentada sobre as geleiras de Muir. Ha quem attribua o phenomeno a um simples reflexo da velha Bristol americana. Mas, como essa *urbs* fica a mil e quinhentas milhas de distancia das geleiras de Muir, essa hypothese é afastada como absurda.

Por que seria? provavelmente foi por causa d'esta manhã, embrulhada em véos de gaze humida, cheia de um suave mysterio... Depois de lida essa noticia, o chronista não teve mais attenção possivel para as cousas da realidade, e ficou com a alma presa á ideia d'essa cidade irreal, sombra de sombra, reflexo de reflexo, creada e mantida por uma illusão dos sentidos, equilibrada sobre as neves de Muir por um capricho da Optica.

Aquillo existe apenas na retina de quem o vê:

todas aquellas torres de ouro e nacar que emergem do gelo, aquelles palacios que a miragem multiplica e espalha pelo pendor do monte, aquella vegetação de fórma fabulosa coalhando os parques fantasticos, tudo aquillo engana e mente, como as promessas de uma fada escarninha. Mas é por isso mesmo que tudo aquillo encanta e deslumbra... Ah! quem pudera viver, em espirito, — menos do que em espirito: em sonho, em mentira, em pura abstracção! — dentro dos teus muros de nevoa, para ser o teu chronista, Cidade do Silencio, Capital do Mystério, Séde do Sonho e do Nada!

Para as cidades como essa é que foram feitos os poetas, que andam pela terra como fantasmas, sonhando acordados, querendo dar uma alma a cada cousa e buscando interpretar o que diz, — ou, antes, o que não diz essa grande alma universal e incomprehendida.

Para os que nasceram com a felicidade de poder vêr a vida como a vida é, não ha impossiveis nem difficuldades. Para esses, todos os aspectos da Natureza são bons, porque são o que não podiam deixar de ser: nenhum d'elles estranha que haja um verme no calice de cada flor e um microbio na delicia de cada beijo...

Mas nem todos podem ter essa incomparavel fortuna. Ha quem tenha sido fadado, desde o berço, aos anceios impereciveis, aos desejos irrealisaveis, ás ambições impossiveis.

Lembram-se d'aquella meiga e dolorosa figura

do velho Joyeux, no *Nababo*, de Daudet? O pobre homem vivia, fóra da vida, entregue a um sonho sem fim; em casa, os filhos não tinham pão, e quem os servia á mesa, todos os dias, era a Miséria negra, enchendo de lagrimas os pratos vasio; mas, assim que sahia, o movimento das ruas dava vertigens ao cerebro do pobre velho, e eil-o soltava as redeas ao divagar confuso:—e que triste a queda, de tão alto, ao voltar á casa, e ao vêr a mesma hedionda realidade de sempre!

Ha muita gente assim, por este velho mundo de Deus... Bem dizia aquelle maluco, da anecdotia celebre: «Aqui dentro do Hospicio está apenas o estado maior: o grosso do exercito anda lá fóra em liberdade!»

Sahe a gente de casa, n'uma d'estas mysteriosas manhãs de junho, e começa a vêr a cidade por um prisma fallaz. A casaria, que se vê á distancia, sob a neblina argentea, parece toda feita de marmore claro: rompendo o nevoeiro, o sol põe, n'estes miseraveis telhados coloniaes, tons quentes de ouro e topasio. Os pardieiros dos morros, vistos de baixo, parecem construcções de um bairro mourisco, com terrados amplos e minaretes rendados.

E ai de nós! quando a nevoa se dissipa de todo, o que se vê é como o interior de um sujo pateo, em que acaba de ser exhibida a apothose de uma magica: bastidores velhos, frangalhos de pannos immundos, caras pintadas de *cabotins* imberbes. E uma nausea nos sobe do estomago, e desejaríamos ficar



cegos para que a horrenda verdade não nos furasse as pupillas torturando-nos os nervos opticos.

E não se diga que sómente esta feia cidade colonial dá ao espirito essa amarga impressão.

Todas as cidades se parecem: ha um ponto de contacto entre a mais rica e a mais pobre de todas ellas, — a podridão occulta que as está minando sob a sua apparencia de luxo.

Dentro d'aquella immensa fabrica, cuja edificação custou milhões, vivem centenas de creaturas famintas que amaldiçoam a vida e se rebellam contra Deus; dentro d'aquella sumptuosa egreja, em cuja nave silenciosa e solemne parece morar a Bondade, vão arrastar-se corações cheios de odio, inchados de peccado, agitados de calculos sordidos; dentro d'aquelle seductor palacete, sorrindo ao sol entre folhagens e flores, — alaparda-se a tragedia domestica, tecida de maldições e de prantos.

Tudo é falso e triste. Aqui vae, n'um bond, embebido n'uma meditação profunda, um homem grave, de olhar amortecido entre palpebras cançadas, de têtta ampla cavada em rugas precoces. Pensa logo a gente que aqui está um pensador, um philosopho, um d'esses remexedores de problemas que honram a existencia pelo trabalho e pelo amor do bem... Nada d'isso! este sujeito vae pensando no meio de enganar o socio, ou de comprometter toda a praça com um golpe de Bolsa, ou de tirar o pão á bocca de uma duzia de orphãos e viuvas.

Ali adeante, vêde aquella linda mulher que...

Mas não revolvamos esse medonho cahos de intrigas, de conflictos moraes, de abominaveis traições, de cruciantes amarguras que constituem a vida reall!

Ah! quem pudera ser o teu chronista, ó «Cidade do Silencio», ó fallaz cidade que te agitas e brilhas sobre o cimo gelado do Muir! Sendo tu uma abstracção, uma abstracção seria tambem o teu chronista: chronista sem existencia e sem leitores, chronista de uma vida sem vida, iniciada e acabada no Irreal. . .

(1902.)

## REPUBLICAS

Quatorze annos estão pesando sobre os que proclamaram a Republica. Muitos dos proclamadores já desertaram a vida terrena, e partiram para esse amedrontador Além, onde não se sabe se haverá, como aqui em baixo, diversas fórmãs de governo e diversos modos de pensar. . . Mas ainda temos, bem vivos e bem fortes, muitos, muitissimos dos que viram nascer a menina, saudando-a com hymnos de alegria, e pondo-lhe em torno do berço os corações inflammados de esperança e enthusiasmo.

Com quatorze annos de idade, n'essa encantada phase da Révora,—em que corpos e almas se arreiam de flores, na primavera do sangue e do espirito,—seria natural que ella, com uma graça irresistivel no desenvolver das fórmãs, no apontar de seio, na expressão do olhar, na meiguice da voz, só andasse causando por ahi delirios amorosos e transportes de admiração, entre alas compactas de adoradores, entontecendo todas as cabeças e pertur-

bando todas as almas. Costuma ser esse o triumpho maravilhoso da Puberdade...

Mas a Republica tem uma puberdade triste e apagada. Dizem alguns que a menina chegou á velhice, sem ter passado pela primavera nem pelo outomno, como essas plantas que as soalheiras ou as geadas mirram e matam antes da sação feliz. Outros, mais optimistas, dizem que a moça está com o desenvolvimento retardado, guardando ainda adormecidas dentro do corpo as forças creadoras...

O certo é que ninguem está satisfeito. A Republica festeja o seu decimo quarto anniversario no meio de um descontentamento geral. E em vez de pisar, no seu dia natalicio, um chão forrado de flores frescas, de madrigaes bem rimados, e de gementes declarações de amor só encontra no caminho ramalhetes de esperanças frustradas, festões de risos sardonicos, e bilhetinhos anonymos, cheios de recriminações.

Ide á Camara, ide ao Senado, lêde os jornaes politicos, entrae nos botequins em que se reúnem os republicanos sem emprego, — e por toda a parte encontrareis esta phrase magoada, soando como uma campanada de *requiem*: « não era esta a republica que eu sonhava! » Dizem que o velho Saldanha Maranhão pronunciou essa phrase pouco antes de morrer; a moda pegou, e, até nos collegios, os rapazolas impuberes, no salão de estudo e no recreio, murmuram entre si, com um ar desconsolidado: « não era esta a republica que nós sonhávamos... »

Pouco importa que a phrase desanimada seja dita por meninos. . . Esses meninos, quando se fez a Republica, não sonhavam nem viviam: estavam ainda no seio do Increado. Mas o que espanta é ouvir essas tristes syllabas do desanimo ditas por boccas maduras, pelos labios da gente que teve ao seu cuidado o aleitamento, a *creação*, e a educação d'essa pobre menina tão malsinada.

Os que se queixam, com magua maior, são justamente os que ainda estão governando e os que já governaram, os que ainda estão ou já estiveram no parlamento, no ministerio e na imprensa, encarregados da missão de zelar pela saude physica e moral da republica que viram nascer. Se ella envelheceu antes da puberdade, ou se, á mingua de nutrição, ainda não tem o desenvolvimento que os seus quatorze annos de vida já lhe deviam assegurar, — a culpa é vossa, tutores sem escrupulo, amas de leite sem leite, amas seccas sem carinho, educadores sem preparo, mentores sem prudencia! queixae-vos de vós mesmos, e não d'ella, — que só de vós tem recebido a alimentação do corpo e do espirito!

Emquanto festejamos aqui tão chôchamente o anniversario da nossa Republica, — festeja-se no isthmo de Panamá, com grande alegria e transbordante entusiasmo, o nascimento de uma outra republica americana. A nossa tem quatorze annos; a do Panamá tem, quando muito, quatorze dias.

A recém-nascida foi hontem solemnemente bapti-

sada e inscripta no registro civil das nações. Dizem, de facto, os telegrammas que o ministro plenipotenciario da nova republica apresentou hontem as suas credenciaes ao presidente dos Estados Unidos; essa apresentação equivale a um reconhecimento official, — e tal reconhecimento é, para as nações novas, o mesmo que, para as creanças recém-nascidas, são as formalidades da apresentação ao pretor e a imersão na pia da igreja.

No caso presente, quem serviu de padrinho á baptisanda foi o proprio pae. Já ninguem ignora que a republica do Panamá é filha legitima (i) do grande paiz da America do Norte, acostumado a conseguir tudo quanto deseja por fas ou por nefas, pela força ou pela manha, pela persuasão ou pelo pulso. Vendo que não chegava a um accordo com a Colombia, a respeito da abertura do canal interoceânico, o Tio Sam, que não gosta de negociações demoradas, fez cahir sobre o isthmo o seu sopro creador, — e transformou-o n'uma nova creatura, — separada da communhão colombiana por meio de uma especie de « desxyhopagação » milagrosa. Tambem a cirurgia diplomatica tem victorias estupendas, — quando a intervenção é feita por mão de mestre. . .

Dizem que o primeiro acto consciente de uma creatura é sempre um movimento de revolta contra o creador. . .

Catulle Mendés desenvolveu essa ideia n'um lindo poema. O Creador, tendo feito o homem de barro, dá um pontapé n'esse corpo inerte, e ordena: « vive,

e levanta-te!» E o Homem, vivo e levantado, pergunta logo, com rancor: «por que me fizeste a injúria de tocar o meu corpo com o teu pé?!»

Talvez a Republica do Panamá, seguindo as tradições da regra, tambem se rebelle, dentro em pouco, contra quem a creou, pagando-lhe a vida com a ingratição. Mas, por ora, tudo vae bem: a recém-creada exulta, a Colombia resigna-se, e o canal interoceanico será rasgado segundo os planos e as conveniencias dos Estados-Unidos.

Contra a intervenção cirurgica, praticada com soberba audacia pelo Tio Sam, já começam a ouvir-se os protestos do Sentimentalismo. O Sentimentalismo é um medico da escola antiga, que tem medo dos processos novos, e não se anima a praticar outra medicina que não a de pomadas e pilulas. O grande Cirurgião do Norte não acredita na acção de pilulas e pomadas: empunhou a sua rutilante faca cirurgica, e deu o golpe decisivo na questão, com uma coragem e uma pericia que encheram o mundo de espanto. Será ou não será um beneficio para o Commercio, para o Trabalho, para a Civilisação, a abertura do canal?—se a resposta é affirmativa, cale-se o Sentimentalismo, console-se a Colombia, abra-se o canal, e viva a nova Republica!

D'aqui a poucos annos, essa *caçula* das republicas americanas estará naturalmente desgostando e descontentando os que a viram nascer,—esses mesmos que celebram agora o seu nascimento com tão vivo jubilo e tão barulhenta alegria... E não ha de

faltar, pelo territorio do Isthmo, quem diga, melancolicamente: «Não era esta a republica que eu sonhava. . . »

Ai de nós! o que realisamos nunca é tão bello como o que sonhamos!

(1903.)



## O ESPERANTO

Creio que n'uma epocha em que todos falam e ninguem se entende, o *Esperanto*, a nova lingua universal, cuja propaganda já começou a ser feita no Brasil, é um assumpto magnifico. E magnifico não só por isso, — como tambem porque, não sendo assumpto que possa offender as susceptibilidades d'este ou d'aquelle partido, não expõe o chronista a receber sobre a cabeça uma chuva de batatas...

A aspiração é velha. Atravessar o mundo com o auxilio de um só idioma, dispensar os serviços dos interpretes, que quasi sempre não sabem lingua nenhuma, ser tão facilmente entendido na França como na Polynesia, na Allemanha como na China, matar a florescente industria dos *Manuaes de Conversação* que só servem em geral para gerar *quiproquós* ridiculos e situações equivocadas, — tudo isso é um bello ideal encantador, que ha muitos annos tenta os homens.

O *volapük* morreu, no meio da chacota universal:

idioma *volapük* ficou sendo synonymo de lingua abstrusa; quando um critico severo encontra na bagagem de algum escriptor paginas nebulosas, cujo estylo desafia a perspicacia dos Champollion, — nunca deixa de o accusar de escrever em *volapük*. E, em tal sentido, justo seria declarar que é essa a lingua mais derramada no Brasil, tão atrapalhado e incomprehensivel é o modo de escrever que vêmos por ahi a fóra...

Mas o *Esperanto* não parece destinado ao mesmo triste fim. É uma lingua simples, harmoniosa e ductil, que já muita gente fala e escreve com muita facilidade na Europa: aqui mesmo já temos muitos *esperantistas*, entre os quaes convem citar, logo em primeiro lugar, um sr. Caetano Coutinho, de Sete-Lagoas, que é um propagandista fervoroso da «*Lingua internacia*».

Resta saber se a adopção de uma lingua internacional póde augmentar a felicidade humana...

Para os casos que mais de perto entendem com a nossa felicidade,—o commercio e o amor,—está provado que a uniformidade do idioma é perfeitamente dispensavel. O valor do dinheiro e a delicia do beijo são cousas que se entendem perfeitamente sem o auxilio de grammatica e de dictionarios.

Quando Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil, e viu pela primeira vez na praia os naturaes do paiz, rudes e nús, travou logo relações commerciaes com elles. Houve permuta de alfaias, de bugigangas, de arcos, de missangas, de flechas, de espelhos.

E, quanto ao amor, a facilidade da comunicação não foi menor...

Como se sabe, o almirante portuguez deixou em Porto Seguro dois degredados, de cujo destino bondosamente se conde o nosso Warnhagem n'estes dois periodos: «Ficaram na praia chorando sua infeliz sorte, e acompanhando com os olhos as quilhas patrias, até que ellas já se haviam sumido no horizonte. Acaso as saudades dos que até ali eram seus carcereiros cresciam com o medo d'aquelles desconhecidos a cuja mercê ficavam.» Pois bem! Muitos annos depois acharam-se vestigios d'esses dois infelizes: não tinham sido comidos pelos selvagens; ao contrario d'isso, tinham contribuido para augmentar a população das tabas...

Como se houveram elles para captivar as indias? Não foi preciso para isso que as espertas caboclas aprendessem o portuguez, nem que os desventurados advenas, naturaes de uma terra em que o *derricho* medra com grande brilho, praticassem o idioma selvagem. O instincto fez ali o que a Natureza mandava...

Já se vê, portanto, que, para commerciar e amar, o *Esperanto* não é de todo imprescindivel. Quem tem fome de pão é capaz de comprehender e falar a linguagem dos monos no interior da mais espessa floresta; e quem tem sede de beijos é capaz de se fazer entender em todos os idiomas imaginaveis, — desde aquelle em que conversam as formigas no fundo do formigueiro, até áquelle em que tro-

cam ideias as serenas estrellas, no infinito firmamento.

Mas, emfim, nem só de pão e de amor vive o homem. A civilização tem outras exigencias imperiosas, outras necessidades inilludiveis. As relações politicas entre os povos não entrariam n'uma nova phase de concordia, no dia em que todos elles se comprehendessem, servindo-se de uma só lingua, facil e completa? Isso não serviria para apertar os laços da solidariedade humana, — esses pobres laços que andam tão deploravelmente frouxos?

Certo poeta, amigo intimo do chronista, tem uma opinião paradoxal sobre isso. Pouco importa que a opinião seja paradoxal, porque o paradoxo é o pae da verdade...

Ainda hontem, conversamos largamente sobre o caso:

— Para que uma lingua universal?

— Para que? para que todos se entendam, e não haja mais conflictos, desgraças, desastres originados da lamentavel confusão em que a diversidade das linguas põe os homens. Grandes guerras seriam talvez evitadas, se os dois chefes inimigos pudessem, em meia hora de palestra amavel, expôr as suas razões e discutir as suas queixas. Uma confabulação calma é quasi sempre uma ducha de agua fria na fervura dos odios mais ardentes.

— É um engano, isso. As guerras nascem justamente dos ajustes diplomaticos. O povo diz bem, com a sua profunda sabedoria, que «palavra puxa

palavra » e que « se a palavra é de prata, o silencio é de ouro. »

—Mas diz a Biblia que, antes de haver varias linguas, os homens eram felizes. Aquelles que partiram do Oriente e chegaram ao campo de Senaar, entendiam-se todos, como uma só familia, e viviam em paz. Mas tentou-os o Diabo, que não gosta de vêr a Paz imperar entre os homens, e aconselhou-lhes que ganhassem nome e fama, levantando uma torre, cujo vertice tocasse o céo. O Senhor Deus, cioso da inviolabilidade do seu dominio, não achou, para conter a audacia d'aquelles vermes, outro meio senão baralhar-lhes a lingua, de modo tal, que não houve mais, entre elles, possibilidade de accordo. Quando o mestre pedreiro pedia pedra, o aprendiz trazia-lhe betume. E os homens foram obrigados a dispersar-se pela face da terra: se ficassem juntos, devorar-se-hiam uns aos outros, como bestas feras.

—Não! o mal d'elles foi justamente o não terem ficado juntos... Se desde o começo não se tivessem entendido, não teriam tentado offender o Senhor, affrontando-o com a sua audacia louca. Mas, não percamos tempo. Quero contar-lhe o que se deu commigo mesmo, ainda não ha muitos annos. Estava eu n'uma cidade da Europa, onde não conhecia uma só pessoa. Certo dia, entrando em um hotel para jantar, vi que só havia um logar disponivel, em uma pequena mesa, a que já estava abancado um sujeito espadaúdo, córado, louro. Sentei-me. Cumprimentei

o sujeito. Elle cumprimentou-me tambem. Sympathisamos um com o outro, e ficamos logo amigos.

— Quem era elle?

— Não sei. O sujeito era russo, e só falava russo. Eu não o entendia, nem elle me entendia a mim; mas adquirimos o habito de jantar juntos todos os dias, e fomos durante um mez os mais unidos companheiros do mundo!

— Mas... vocês não se falavam?

— Como não nos falavamos? Conversavamos horas e horas a fio! Elle falava russo, e eu falava portuguez. E, como não nos entendiamos, e tinhamos a certeza de que nunca nos entenderiamos, habituamo-nos assim a pensar em voz alta, com toda a franqueza. Eu contei-lhe toda a minha vida, com todos os meus segredos. Creio que elle fez o mesmo. E o mais interessante é que, ao cabo de alguns dias, principiei a divertir-me, dizendo-lhe os mais crespos desaforos que me vinham á bocca.

— E elle?

— Elle, está claro, sorria e agradecia-me. E veja agora você: se nós nos entendessemos, sabe Deus quantas vezes nos teriam irritado as dissensões politicas, as preferencias, as discussões sobre este ou aquelle molho, este ou aquelle vinho, esta ou aquella mulher... Como não falavamos *Esperanto*, nada d'isso houve: no dia em que nos separamos, choravamos, abraçados, como dois irmãos. Fique você certo de que os homens, quanto mais se entendem, mais facilmente brigam!

— Mas, então, acha que este estado de cousas é bom? Este bate-barbas, esta atrapalhão, esta confusão de gritos incoherentes que estamos ouvindo ha dias? Acha que toda essa complicação politica vae bem?

— Está claro que vae muito bem! Olhe! só tenha medo de uma cousa: é que toda essa gente comece a se entender... Vae tudo raso!

.....  
Quem sabe se não tem razão esse poeta amigo dos paradoxos?!

(1898.)





## A RAINHA DRAGA

Foi um grande padre da Igreja quem, com o seu fundo terror do Peccado, disse que a mulher é a porta larga *quæ ducit ad perditionem*.

A porta é bella e seductora. Entre os seus humbraes esplendentes, sorri o convite da eterna tentação. Para lá d'essa formosa entrada, fica o paiz sempre explorado e jámais conhecido do Amor: é preciso não ser homem, para passar por ella sem um estremecimento no corpo, sem um clarão nos olhos, sem um desejo na alma. Quem é homem, não hesita: transpõe, cantando, a soleira encantadora, sem querer saber se esse passo imprudente leva á gehenna ou ao paraiso. . .

E a gehenna que importa? O amor que leva ao inferno é o amor que não pede recompensa nem castigo, que se satisfaz a si mesmo, que fica tão contente na ventura como na desventura. Dante não diz que, no segundo circulo infernal, Paolo e Francesca se queixassem da sua sorte: abraçados para todo o sempre, levados ás tontas no turbilhão de sangue e

fogo, os dois amantes preferiam a união no inferno á separação no céo.

Na hora tremenda em que um soldado o intimou a escolher entre a rainha e o throno, o rei da Servia não teve um segundo de vacillação: castigou o insolente, fulminando-o com um tiro de revólver, não consentindo que os seus labios acabassem de proferir a intimação atrevida. A sua rainha! a sua Draga! salvação ou perdição, ella era o seu sonho, era a sua razão de existir no mundo, era toda a sua vida! . . .

O joven rei transpuzera, com o coração cantando, a soleira da porta perigosa. O inferno, que achara lá dentro, era para o seu amor um paraíso. Nem todos os padres da Egreja, com toda a sua austeridade e todo o seu latim, hão de jámais annullar o encanto d'essa luminosa passagem . . .

De toda a horrenda tragedia de Belgrado, uma só impressão me fica doendo na alma. Esqueço o furor da soldadesca amotinada, os guardas assassina-dos, o rei com o corpo varado de balas, o povo pelas ruas, em altos brados, victoriando o nome de Kara Georgevítch. O que vejo é sómente aquella mulher, de rojo no chão, já prostrada por um tiro, mas ainda arquejando, e arrastando-se, e ensanguen-tando o tapete da sala, até que um golpe de bayone-ta, atravessando-lhe o pescoço de lado a lado, lhe afogou na garganta o ultimo gemido de agonia . . .

Um estadista francez, consultado sobre a possi-vel influencia d'esses sangrentos successos, declarou

seccamente que a Europa nada tem com elles, e que «o caso é exclusivamente sérvio». Não sei... Parece-me que o caso é «humano».

A pontada de bayoneta que matou a rainha Draga veio dar fim a uma vida ambiciosa, cujo estudo interessa a todas as almas.

Draga era mais velha do que o rei, e não era bella: não possuia aquella divina formosura que, segundo Homero, fazia da perigosa Helena a rival, na terra, da «olhi-bovina bracchinivea Juno». Mas as mulheres mais ardentemente amadas não são, quasi nunca, as mais bellas. O que mais captiva e hallucina os homens é uma certa belleza diabolica, que ninguem define, e reside menos na combinação harmonica das linhas do corpo e da face do que n'uma especie de atmosphaera de seducção condensada em torno de algumas mulheres.

O rei era um debil, um timido, um triste. A contemplação demorada dos seus retratos dá uma impressão penosa. É impossivel que aquelle craneo pontudo, aquelle queixo fugitivo, aquelles olhos semi-mortos não pertencessem a uma creatura desconfiada das outras e de si mesma, uma d'essas creaturas que quasi sempre passam pela terra incomprehendidas e inuteis, fugazes e medrosas, sem deixar vestigio, como sombras sem significação, como zeros sem valor no balanço da existencia. O destino pôz esse homem no caminho de uma mulher forte, incapaz de comprehender o amor sem o dominio e a vida sem o poder. Como um bloco de cera, Alexan-

dre cahiu entre os dedos peritos de uma afeiçoadora de almas. Desde o dia em que a viu, o rei foi um corpo habitado pelo desdobramento de uma alma alheia. Enfeitiçado e escravo, ficou sendo como esses planetas mortos, que esplendem com uma luz de emprestimo, passeando pelo espaço a sua nullidade animada pelo reflexo do sol.

As mulheres, capazes de tal ambição, de tal dominio, de tal força de alma, não são as mulheres bonitas nem as mulheres jovens.

A astuta Draga, aos vinte annos, não tomaria de assalto o coração de Alexandre e o throno da Servia. Aos vinte annos, o amor de uma mulher é incapaz de calculo: os seus sentidos, no ardor da plena juventude, abafam, com o seu clamor exigente, a voz da ambição e do interesse. O que ellas querem, n'essa idade, é amar, é sorver desvairadamente toda a embriaguez do gozo, é colher, ao longo do caminho da vida, todas as flores e todos os fructos que pendem das arvores ao alcance da mão.

Nem sempre viver é pensar. Viver é pensar, para as almas fortes; para as outras, viver é gozar. E as almas femininas só são fortes quando se approximam d'essa era fecunda dos quarenta annos, em que o amor é contado, aproveitado, poupado, como as ultimas moedas da fortuna de um prodigo, — e em que os desejos, dotados de uma experiencia longa, já não alvejam fantasmas de prazeres, mas glorias seguras, riquezas certas e satisfações reaes.

Se o rei Alexandre tivesse amado uma creança,

ella ficaria, como uma linda boneca, arreiada de sedas e de joias, no repouso do palacio, desprezada pelos politicos, amimada pelas aias, acariciada pelos cortezãos; um bello dia, o rei, escravo dos seus ministros, dar-lhe-hia uma pensão vitalicia, e mandal a-hia viver em qualquer côrte da Europa, na futilidade e na tolice da vida mundana. Mas a rainha Draga tinha trinta e seis annos,— e bem sabia quanto lhe custara entrar n'aquelle palacio, por longo tempo cubicado e assediado. A sua vida estava calculada e marcada com uma precisão mathematica. Ella seria mais do que a rainha: seria o proprio rei. O rei era apenas o tronco, frio e secco; ella seria a parasita orgulhosa e brilhante, pompeiando ao sol, em pleno esplendor da gloria e da soberania.

Haverá quem deixe de admirar tal mulher? Não é qualquer creatura que é capaz de educar a vontade, a ponto de abolir o impossivel. . . Raras são as almas capazes de dizer, como a alma d'aquelle extraordinario *Louis Lambert*, de Balzac: «do logar, em que estou, até ás fronteiras do universo, apenas ha dois passos: a vontade e a fé!»

A rainha Draga não era uma ambiciosa vulgar: a sua ambição não se contentava com pouco. Outra qualquer, uma vez installada no coração do rei e no throno da Servia, repousaria a alma na satisfação d'esse ideal; e, segura do amor e da obediencia do seu escravo, se apavonaria com a gloria de ser amada e de mandar. Ella, não. Não lhe bastava a

satisfação pessoal de reinar: o que ella queria era prolongar o seu dominio além da morte, e perpetuar-se no throno que o seu genio conquistara. Tinha um throno, mas queria um filho.

Em geral, as tragedias que mais nos impressionam são as barulhentas, as que ferem violentamente a nossa alma com o inesperado e a brutalidade das catastrophes. Mas ha outras tragedias mudas e longas, que se arrastam no recato e na intimidade da alcova, e possuem tresdobrado horror e incalculavel amargura. De 1900 até hontem, durante os tres annos que durou esse casamento, um drama desesperado amargurava a alcova dos reis da Servia: uma ideia fixa cavava uma ruga funda na frente d'aquella mulher: e, ao seu lado, louco de anciedade e de revolta contra si mesmo e contra a Natureza impassivel, o rei torcia as mãos, na tristeza de não poder dar um filho áquella a quem já dera um throno...

Mas a Natureza tem d'esses caprichos. Na rainha Draga, a força da vontade abolira todas as outras forças naturaes. E ella, que fôra capaz de conseguir tanto, não conseguia aquillo que tão facilmente era dado á mais boçal e á mais pobre das camponezas da Servia!

Quando desesperou da Natureza, Draga recorreu ao dolo. Gravidez simulada, adopção de um filho, conferencias de medicos, escandalos na côrte e em toda a Europa, tudo falhou. Ha na vida um termo para todos os triumphos. A phrase de *Louis Lambert* de Balzac é bella, mas não passa de uma phrase.

Por mais forte que seja uma vontade, sempre encontra uma barreira que a detém: tudo quanto é humano é contingente. . . .

Só Deus sabe, porém, se essa prodigiosa mulher não conseguiria ainda o que ambicionava. A Morte veio, conduzida pela mão do Acaso, dar um termo á sua ambição, que pôde ter sido nefasta, mas foi admiravel de ousadia, de tenacidade e de intelligencia.

Nos circos e nos cafés-concertos, a multidão admira, applaude e victoria os hercules de musculos de aço, que levantam n'uma só mão duzentos kilos. Como não hão de causar admiração os prodigios, maiores do que esses, — os prodigios moraes, os hercules do Espirito que educam as forças da alma como os outros educam as forças do corpo, e dobram e torcem as vontades alheias como os athletas das feiras dobram e torcem barras de ferro?

Na hora da morte, a grande mulher que acaba de ter um fim, bem digno em verdade da sua vida vibrante, — ainda pôde ser forte e ousada.

Dizem os ultimos telegrammas que a rainha Draga encarou de frente os seus matadores, e que, ainda depois de mortalmente ferida, escabujou no chão, agarrando-se á existencia, não querendo morrer, luctando com a fatalidade, reagindo contra o destino, — até que um pontaço de bayoneta lhe varou a garganta. E não é de crer que, no momento extremo, ella, reconsiderando todo o trabalho perdido, tenha reconhecido a inutilidade do seu esforço. Para as almas requeimadas do fogo eterno da ambição, não ha

esforço inutil. A lucta, para essas almas, é a condição essencial da vida. Se Draga resuscitasse agora, recommençaria de boa vontade toda a sua campanha heroica.

E o pobre rei, também, se volvesse á vida, e se de novo encontrasse aberta deante de si aquella esplendida porta *quæ ducit ad perditionem*, — tornaria a entrar por ella, com a alma contente e o coração sem medo.

O Amor é sempre bcn, — ainda quando conduz á ruina.

(1903.)



## CAPITULO DOS MOSQUITOS

Já estamos bem longe do tempo em que a intelligencia era tida como privilegio do Homem,— animal dominador e orgulhoso, em cujo cerebro se enfeixavam e empilhavam as ideias, n'um monopolio egoista, concedido e mantido por uma graça especial do Creador. Com o correr dos tempos, o Homem foi perdendo o orgulho, e reconhecendo que ha nos animaes, ás vezes, já não esse lampejo fugaz do instincto, mas um claro fulgor de intelligencia. De estudo em estudo, a alma dos nossos irmãos inferiores se nos foi revelando. A nossa vaidade soffreu bastante com isso: mas, em compensação, lucrou a nossa bondade, que se alargou, envolvendo n'um mesmo carinho todos os entes vivos,—os que vôam livremente pelos ares e os que rastejam no solo, os de quatro patas que puxam os carros e os de dois pés que governam a terra, os que moram em furnas escuras e os que se alojam em palacios esplendidos.

Certos sabios, crendo firmemente que todos os animaes raciocinam, concluíram d'ahi que todos os

animaes devem falar, isto é: devem dispôr de certos meios tradicionaes e seguros, que lhes permittam a troca das ideias, o intercambio dos sentimentos, o commercio das impressões moraes. Ha ornithologistas que já chegaram a definir a significação de certos pios, de certos gorgeios, de certos pipillos de aves. E, recentemente, um naturalista metteu-se n'uma gaiola de ferro, dentro de um cerrado sertão africano, e ali, com uma pachorra digna do reino dos céos, começou de lapis em punho, a estudar a linguagem dos macacos, annotando as varias expressões dos seus guinchos, e lançando os fundamentos da grammaticã simiana.

Todo este exordio é posto aqui para mostrar que não estou louco. Tenho de contar uma conversa em que me empenhei com um mosquito, — e não quero que os leitores duvidem da minha integridade mental.

Que os mosquitos falam, — isso é cousa que não póde ser posta em duvida. Aquelle zumbido não póde ser inutil: na Natureza nada se perde. O que eu não sei explicar é como o mosquito e eu conseguimos entender-nos em portuguez, — n'esta formosa lingua tão pouco falada entre os homens. Quem sabe? Talvez o *culex* que conversou commigo, conte, entre os seus remotissimos antepassados, um dos mosquitos que azoïnaram os ouvidos e amarguraram as insomnias do velho Camões, na humida gruta de Macau: é possível que, de ninhada em ninhada de larvas, atravez de pantanos e de seculos, a lingua, aprendida pelo mosquito asiatico com o vate que a

creou, viesse até os nossos dias ornar a educação do *stegomia*, que, ha poucas noites, me disse tantas cousas ironicas. Tudo é possível n'este mundo interessante, que já tem sido theatro de tantos successos assombrosos, — desde o caso da burra de Balaão, até o d'aquelle papagaio de Londres que recitava, sem tomar folego, mil versos do *Paraiso Perdido*...

Seja como fôr, aqui está a minha aventura.

As insomnias não são monopolio dos grandes poetas como Camões: eu tambem as tenho, ás vezes, e tão aborrecidas, pelo menos, como as d'elle. Em uma d'estas ultimas noites, estava eu, na cama, sem poder dormir, com os olhos abertos para a treva do quarto, pensando em algumas cousas alegres e em muitas cousas tristes, e pacientemente contando e recontando de um até cem, a vêr se com esse artificio conseguia acalmar os nervos e chamar o somno.

Um mosquito perverso (creio que é o unico que existe na rua em que resido) pôz-se a fazer voltas e contravoltas no ar, sobre a minha face. Ia acima, vinha abaixo, voava á direita, voava á esquerda, fugia, voltava, e sempre que chegava a um dos meus ouvidos, casquinava uma risadinha ironica. Em pouco tempo, comecei a perceber que os *zum-zum* do *culex* daminho fundiam-se, agglutinavam-se, articulavam-se, formando syllabas, palavras e phrases. Quando percebi que as phrases eram portuguezas, pensei que tinha o Diabo dentro do quarto, e quiz accender a vela para espantar a tentação. Mas creei animo, e

comecei a escutar o que dizia o *fasciata* palrador, com a sua vozinha irritante que me entrava pelos tympanos como um turbilhão de finas pontas de agulhas:

—Ora, graças a Deus que não tens somno! Quero trocar contigo algumas ideias de mosquito. Que me dizes do que se está passando em Cuba? Dizem que a febre amarella reapareceu... Tanto mosquito morto,—e Ella cada vez mais viva! Pelo telegrapho sem fio que mantemos, os da nossa raça, atravez do espaço, tive noticias do que foi o culicidio n'aquella ilha. Os meus irmãos morreram ali ás myriades. Foi uma hecatombe quasi tão grande... como a dos christãos na Armenia! Mosquitos grandes e taludos, já senhores do seu nariz; mosquitos adolescentes, ainda na idade das illusões; cystalidas puberes ainda descuidadas na innocencia virginal; nymphas inconscientes de gestação incompleta; larvas entorpecidas no somno bruto;—tudo isso foi colhido nas malhas da prophylaxia implacavel. Ah! se os mosquitos tivessem jornaes...

Aqui, o *culex* teve um longo suspiro, em que suspiraram conjunctamente todas as queixas da raça opprimida. Mas a commoção foi curta; e o *stegomya* continuou:

—Vocês por aqui tambem nos juraram guerra de morte... Agora mesmo, vão destinar cinco mil contos ao exterminio da mosquitada carioca. Vejam lá, não vá todo esse dinheiro ser consumido em enxofre inutil!

Interrompi o mosquito, e disse-lhe mais ou menos isto:

—Ouça, meu amavel companheiro d'esta fastidiosa noite de insomnia! Você, que fala tão bem, com tão perfeito conhecimento das nossas regras grammaticaes e com tão bom-senso, deve ser um mosquito estudioso e observador. Ponha a ponta de uma das suas patas deanteiras sobre o seu pequenino coração de *culex*, e fale com franqueza: é verdade que são vocês os transmissores unicos da febre amarella?

O meu microscopico interlocutor saracoteou com impaciencia em torno da ponta do meu nariz, e exclamou:

—Sei lá se nós transmittimos alguma cousa? N'este ponto, estamos nas mesmas condições dos homens: não sabemos o que viemos fazer n'esta vida. Mosquitos e homens, estamos todos representando um papel, que nos foi indicado por um grande empresario invisivel; não comprehendemos a peça, não sabemos como ella começou, nem sabemos como ella acabará: entramos por uma porta, atravessamos a scena; dizemos a nossa parte, e, quando o contra-regra apita, sahimos por outra porta, e vamos despojar-nos das tintas da caracterisação. Não sei se transmittimos a febre amarella, ou qualquer febre de qualquer outra côr. Nós vamos dos monturos ás pelles humanas, como vocês vão da sopa ao peixe, e do peixe aos assados. A nossa fome não tem exigencias de luxo: e, se, casualmente, transmittimos

ao homem a infecção do monturo ou transmittimos ao monturo a maldade dos homens, a culpa não é nossa: a culpa é de quem nos creou e nos deu o appetite. O que sei, meu caro amigo, é que, se nós somos os transmissores unicos da febre amarella,— a febre amarella ha de ser eterna sobre a face da terra, tão eterna como a tolice humana. . .

—Por que, mosquito pessimista?—indaguei eu, com um grande susto.

—Por que? — tornou elle — porque nós somos inexterminaveis! Em nossa raça, a pequenez do individuo é compensada pela vastidão da especie. Nós somos, mais ou menos, como os chins. . . Apesar dos suicidios frequentes, da tísica, da porcaria, dos vicios contra a natureza, do opio, das inundações periodicas dos rios, e de todas as causas que na China concorrem para matar os chins e para impedir o crescimento exaggerado do povo,— ainda assim, ha tantos filhos do Celeste Imperio, que nem as guerras, nem os terremotos, nem as pestes, nem todos os desinfectantes do mundo seriam capazes de dar cabo d'elles! Se houvesse na Asia um cataclysmo que arrazasse toda a China,—em poucos minutos os chins resurgiriam dos escombros, e repovoariam todo o imperio: e ainda sobriariam muitos chins para vir vender peixe pelo mundo a fóra. . . Nós somos como os chins. Os *yankces* pensavam que nos haviam exterminado: tolice! mosquito não é preto da Luiziania. . .

—Mas, infernal mosquito! nós não vamos apenas

matar mosquitos! nós vamos arrazar pardieiros, de-  
seccar pantanos, reformar esgotos, rasgar avenidas...

— Isso é outra cousa! — zumbiu o perverso — isso  
é outra cousa! Não sou engenheiro, nem hygienista,  
e não metto o ferrão em cousas de que não entendo.  
O que sei é que, enquanto vocês matam mosquitos,  
e discutem se nós somos ou não somos os transmis-  
sores unicos da febre amarella, — nós e a febre ama-  
rella estamos rindo de vocês. Escute! está ouvindo  
o barulho da chuva que cahe lá fóra?

A chuva, de facto, cahia abundante...

— Sabe o que esta chuva nos diz? Diz-nos que o  
inverno agonisa. São as ultimas aguas da estação.  
D'aqui a pouco, entrará a Primavera, com o seu  
classico açafate cheio de rosas... e de mosquitos.  
Nos paizes da Europa, quem diz Primavera diz ale-  
gria, consolo, desafogo; aqui, quem diz Primavera  
diz calor, oppressão, febre amarella. A Primavera,  
aqui, já é o Verão. Eu sou um misero mosquito,  
mas ando bem informado. E, ai! meu pobre chro-  
nista insomnel a febre amarella, quando chegar, não  
ha de querer saber se somos nós, os mosquitos, os  
seus transmissores, — como não ha de querer saber  
se o deputado *A* tem voz mais agradavel do que o  
deputado *B*, ou se o deputado *C* argumenta com  
mais força do que o deputado *D*.

Então, no meio da minha insomnia atroz, um  
desespero grande me sacudiu todo:

— Mas dize-me ao menos, enviado dos monturos,  
o que se deve fazer para extinguir a febre amarella!

O *culex* trauteou uma aria alegre, e disse:

—Eu não sou medico, nem deputado... Sou apenas um mosquito intelligente, que vejo de perto a incapacidade dos homens. Vocês vivem a encher as bochechas com a sua sciencia, e acabam sempre confessando que não sabem nada. Todo o resultado das pesquisas humanas cabe perfeitamente nas seis lettras d'esta phrase: *Não sei*. E é para chegar a esse resultado, que ha academias, faculdades, bibliothecas, encyclopedias. Nós, mosquitos, não temos nada d'isso,—e chegamos ao mesmo fim: *não sabemos!* E, como entre os mosquitos não ha dinheiro corrente, não gastamos cousa alguma para conquistar a certeza da nossa ignorancia. Vocês, que são ricos, põem fóra rios de dinheiro. Cinco mil contos para matar mosquitos! cinco mil contos! cinco mil contos!...

E o zumbidor impertinente desandou a dançar e a cantar:

*Cinco mil contos!*

*Cinco mil contos!...*

*Cinco mil contos!...*

E eu, embalado por essa cantiga monotona, cahi n'um somno consolador...

(1903)



## A ESCRAVIDÃO

Bem mais feliz do que a nossa é a geração d'esses pirralhos que andam agora por ahi a jogar a cabra-cega, a atirar pedras ás arvores e a perlustar os mysterios da carta do *abc*.

É bem certo que os dias se succedem e não se parecem. No maravilhoso tear em que uma alta Vontade desconhecida vae urdindo a teia das eras, ha fios claros, de ouro e de sol, e fios negros, da côr da noite e do desespero. Depois das grandes crises, a Vida repousa e adormece, refazendo forças; e ha então esses largos periodos de paz e modorra, que dão aos espiritos optimistas, á moda de Pangloss, a illusão de que foram contados e extinctos os dias de soffrimento humano.

Esses meninos, que ahi andam jogando petéca, não viram nunca um escravo... Quando elles crescerem, saberão que já houve no Brasil uma raça triste, votada á escravidão e ao desespero; e verão nos museus a collecção hedionda dos *truncos*, dos

*vira-mundos* e dos *bacalhaus*; e terão noticia dos tragicos horrores de uma epocha maldita: filhos arrancados ao seio das mães, virgens violadas em pranto, homens assados lentamente em fornos de cal, mulheres nuas recebendo na sua misera nudez desvalida o duplo ultraje das chicotadas e dos olhares do *feitor* bestial. Saberão tudo isso, quando já tiverem vivido bastante para comprehender a maldade humana, quando a Vida já lhes houver apagado da alma o esplendor da primitiva innocencia; e, de certo, um fremito de espanto e de colera ha de sacudil-os.

Mas a sua indignação nunca poderá ser tão grande como a d'aquelles que nasceram e cresceram em pleno horror, no meio d'esse horrivel drama de sangue e lodo, sentindo dentro do ouvido e da alma, n'uma arrastada e continua melopeia, o longo gemer da raça martyr,—orchestração satanica de todos os soluços, de todas as impressões, de todos os lamentos que a tortura e a injustiça podem arrancar a gargantas humanas. . .

A distancia, tanto no espaço como no tempo, attenua a violencia das impressões.

Ainda ha pouco tempo, em fevereiro, os astronomos dos observatorios da Europa viram apparecer uma nova estrella, na constellação do *Aquarium*. O astro novo brilhou alguns dias, com um intenso fulgor, e apagou-se logo. A explicação que a sciencia encontra para esse phenomeno causa admiração e espanto. O que parecia um astro novo era realmente

um velho astro, até então invisível para nós e subitamente incendiado, em uma horrenda catastrophe, por uma combustão chimica. Assim, o que aos nossos olhos se afigura o natal radiante de um astro, o desabrochar esplendido de uma flor planetaria, é, de facto, o funeral de um mundo, talvez igual, talvez superior ao nosso, e devorado e destruido por milhões e milhões de seculos de vida, naufragando agora no inevitavel e irreparavel desastre. Mas, a nós, que nos importa essa tragedia celeste, passada tão longe da terra, que a intelligencia humana nem póde calcular a distancia que nos separa do seu scenario? Estremecemos durante um minuto, e passamos adeante, sem mais pensar no astro defunto que se abysma no anniquilamento. . .

A distancia no tempo tem o mesmo benefico effeito da distancia no espaço. Nós não podemos ter hoje uma ideia nitida do que foram, por exêmplo, os pavores da inquisição: o ulular das victimas do Santo Officio attenuou-se e morreu, sem um echo. E o horror que hoje nos causa a leitura d'aquella infinita narração de atrocidades, é um horror puramente litterario. Longe dos olhos, longe do coração,— diz o velho proloquio; a distancia é o pintor miraculoso que faz apparecer, no fundo do quadro, vagamente esfumadas n'uma nevoa indecisa, cousas que, vistas de perto, só causariam repugnancia e afflicção.

Esses meninos, que nasceram depois de 13 de maio, pertencem a uma geração amada dos deuses. Quando sahem de casa a caminho do collegio, com

os livros na maleta e uma risonha primavera nos olhos e na alma, já não encontram pelas ruas, como nós encontravamos, o doloroso espectáculo que nos estatelava de surpresa e assombro:— as levas de escravos maltrapilhos e chagados, que saham das *casas de commissão*, manadas de gado humano consignadas á ferocidade dos eitos; pobres mulheres e pobres homens, que traziam no rosto uma mascara de ferro, como prevenção e castigo da intemperança; miseros anciãos cambaios e tremulos, tendo a alvura da carapinha em contraste com a escuridão da pelle, e já meios mortos de velhice e soffrimento, e ainda mourejando de sol a sol, com o cesto sujo á cabeça para o trabalho do *ganho*; molecotes nús e esqueleticos que chupavam seios sem leite; toda a vasta procissão, emfim, dos abandonados de Deus. . .

Aquelles de nós, que iam passar as ferias nas fazendas, ainda estudavam de mais perto e com mais proveito a sinistra engrenagem do aparelho negreiro.

Lá, no esplendor perpetuo da Natureza em festa, sob um céu todo feito de caricia e paz, na face da terra aberta em flores e fructos,—estendiam-se os eitos devoradores de vidas, e a crueldade inventava requintes satanicos. Ao rumorejo suave das ramadas, e ao festivo clamor dos passaros, casava-se, do romper do sol ao cahir da tarde, uma cantilena melancolica que dava calefrios... Era o queixume dos que retalhavam a terra, enquanto os vergalhos dos carascos lhes retalhavam as costas; era o guaiar da raça

miseravel que cantava o seu infinito desconsolo. E, no chão que o esforço dos escravos lavrava e fertilisava, corria o sangue dos martyres, pedindo misericordia, clamando vingança, cahindo sem cessar, gotta a gotta, dos corpos suppliciados...

Ah! que felizes sois vós, meninos de agora! Já ao vosso innocente folgar se não vem unir a revolta instinctiva, que nos envenenava a alma, n'aquelles duros tempos da nossa meninice... Quando nascesstes, já essa nossa revolta explodira, terrivel, rompendo contra todas as conveniencias, contra tradições de familia e de casta, para extinguir a aviltante vergonha; e agora podeis sorrir, vendo o trabalho irmanar pretos e brancos, na terra amada que já não tem pustulas malignas no seio...

Mas das grandes desgraças sociaes, como das grandes molestias que longo tempo devastam o organismo humano, sempre resta alguma cousa que vem combater e afastar.

Em boa hora, lembrou-se alguem de pedir ao presidente do Estado do Rio o perdão dos ex-escravos que cumprem sentença na penitenciaria de Nictheroy.

Já se póde declarar vencida a campanha, porque o homem que está dirigindo o Estado do Rio foi, pelo fulgor da sua penna e pela nobreza do seu exemplo, um dos mais ardentes apóstolos da abolição. Mas não basta que se use de misericordia para os infelizes da penitenciaria de Nictheroy. Por esse vasto Brasil, quantas victimas da escravidão não es-

tarão, ainda, no fundo dos calabouços negros, pagando crimes a que foram unicamente levados pelo rebaixamento moral e pelo irreflectido desespero a que os reduzia o egoismo sordido dos senhores?

Ha uma lenda da Bretanha, cujo suave encanto vem agora á lembrança do chronista.

Diz a doce lenda que um dia, no fulgor incomparavel da sua magestade, o Senhor Deus dos christãos viu chegar á barra do seu tribunal supremo uma alma carregada de crimes torpes. O Senhor Deus franziu o sobrolho e começou a invectivar a alma damninha:

—Tu roubaste, tu intrigaste, tu calumniaste, tu violaste donzellas, tu saqueaste as minhas egrejas, tu profanaste a terra com a tua presença, tu renegaste o meu nome!

A pobre alma, debaixo d'esse temporal de accusações tremendas, quedava calada e triste. E o Senhor Deus clamou, com uma voz que abalou os céos:

—Que allegas tu em tua defeza, ó alma perversa?!

Então, a alma perversa disse, chorando:

—Senhor! eu nunca conheci mãe!

E o Senhor Deus, commovido e aplacado, acolheu em seu seio o peccador. . .

Assim tambem, deante da justiça dos homens e da justiça de Deus, podem e devem comparecer sem receio aquelles que, quando escravos, commetteram crimes. Porque quando os homens e Deus lhes

---

perguntarem o que teem a allegar em sua defeza, elles responderão:

— Ó homens, nossos irmãos! e ó Deus, Nosso Senhor! nós nunca conhecemos a Liberdade!...

(1902.)





## UM FANTASMA

No dia da inauguração das obras do porto, enquanto o povo, na Prainha, victoriava o governo, eu andei, por muitas viellas e por muitos bêcos, acompanhando um vulto, invisível para a outra gente, mas bem visível para mim, — um vulto merencorio e funebre, que andava sem tocar o solo com os pés, esquivando-se impalpavel entre os transeuntes, co-sendo-se com as paredes, deslizando sem rumor e sem peso, como um fantasma que era. . .

Encontrei-o nas proximidades do Lyceu Litterario, perto do local em que se realisava a grande festa. Quando o vi, cuidei que fosse realmente um homem, de carne e ossos, vivo como eu, — um ancião de cento e tantos annos, esquecido no mundo por um descuido da Morte, e desencantado por milagre do seu placido retiro para vir gozar o festival.

Era alto e corcovado, muito velho, magro como um caniço: a pelle encardida e secca parecia um papyro polysecular; as longas pernas, finas e duras, ankylosadas pela velhice e pela rheuma, abriam-se e

fechavam-se sem flexão, como as duas hastes de um immenso compasso; e uma barba e uma cabelleira, curtas e ralas, de um branco amarellado, como o dos pellos das espigas de milho, enfeitavam o seu mento e a sua nuca... Trajava gibão de velludo escuro, já muito sovado e pellado; collete comprido, cobrindo todo o ventre; calções de belbute, com os fundilhos remendados; meias serzidas e reserzidas de algodão.

— De onde sahiu este velhote do seculo atrazado? — perguntei a mim mesmo.

Mas, de repente, notei um factó que me encheu de assombro: no meio d'aquella espessa multidão, o velhote marchava como se fosse feito de fumaça, deixando-se atravessar pelos corpos humanos que encontrava. Quando alguém o abalroava, a massa tenue e gazosa do seu corpo adelgaçava-se, remexia-se, ennovellava-se, separava-se, sem resistir ao choque, e, passado este, tornava a condensar-se n'uma figura humana...

— É um fantasma! — pensei, arrepiado...

Houve um vasto clamor. As bandas de musica romperam n'um estrugir selvagem, executando o hymno nacional; estalaram girandolas; resoaram exclamações; estavam inauguradas as obras da Avenida; o povo, n'um mar agitado, refluiu para junto do Lyceu Litterario; e eis ali vinham o presidente da Republica, os ministros, o arcebispo, os convidados, sorrindo, apertados, rompendo a custo a multidão.

O fantasma estremeceu e ondulou no ar como um novello de fumo sacudido do vento. E fugiu...

Deixei a festa, a alegria, o tumultuar do povo, o « copo de-agua », — e abalei atraz d'elle, — intrigado e curioso. E começamos a palmilhar a cidade, — eu, ancioso e suando, — elle, sereno e sem suar, — porque fantasma não súa.

O velhote spectral entrou na rua da Saude, e começou a perlustrar as travessas e os bécos do morro da Conceição, — e eu a seguil-o. Andamos, aos trancos, subindo e descendo viellas e betesgas, a Pedra do Sal, o Escorrega, o Sereno, o Jogo da Bola, o João Homem, o João Ignacio, o Matto Grosso, o Vallongo, o João de Gatinhas, as Escadinhas do Livramento e do Oliveira, a Madre de Deus, o Sem Sahida, o Cleto, a Funda, o Adro de S. Francisco, por todo aquelle complicado e entontecedor labyrintho de veredas escarpadas e sujas. O fantasma não parava: quando um dos bécos o levava para o littoral ou para a cidade baixa, elle desandava, mettia-se de novo pelas betesgas.

Oh! que jornada! no solo, apodreciam cadaveres de gatos e de cães, entre revoadas de moscas; decompunham-se ao sol os detritos vegetaes; uma lama viscosa enchia os buracos; rios de agua negra desciam espumando. As casas, encostadas umas ás outras, amparando-se mal, abriam as janellas immundas, como boccas desdentadas; a gente, que chegava ás portas, olhava-me com suspeita... E o espectro

andava sempre, para deante e para traz, sem descanço. A tarde cahia. Mas eu não desanimava. . .

Por fim, já na meia luz do crepusculo, vi que o fantasma parou junto de uma furna, aberta na rocha. Parou, esteve um momento em reflexão com o queixo enterrado na cova do pescoço,—e fez um movimento para entrar na caverna. . . Vi que me ia a escapar, e interpellei-o:

—Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito!

Elle voltou-se, espantado, e approximou-se:

—Isso é de Camões. . . —disse, com um fiosinho de voz que quasi se não ouvia.

—É de Camões!—confirmei.—Mas tu, de onde és, e quem és, larva, lemure, avantesma, avejão?!

E o fiosinho de voz murmurou:

—Eu sou a Tradição, eu sou o Passado, eu sou a Prudencia! sahi hoje da minha furna, para vêr de perto o Progresso. Oh! o Progresso! Pobre d'esta cidade! pobres d'estas boas casas que morrem! pobres d'estas boas ruas que desaparecem! pobres das minhas alegrias que se esvaem! Esta avenida, menino, vae ser o caminho largo da Perdição! O caminho do Céu é estreito e feio como o Escorrega: o caminho do Inferno é que é amplo, rasgado, comodo, bonito! pelas veredas apertadas só passam as almas puras, mas pelas avenidas largas passam todas as multidões peccadoras. . .

—Mas que fazes ainda na terra, tu, que já devias estar no céu ou no inferno? e que te importa que tenhamos travessas ou avenidas, se já és apenas a

sombra do que foste, a recordação de ti mesmo, alma penada sem descanso?

—Ah! eu só sahirei d'aqui no dia em que puzerem abaixo todas estas amadas casinholas do meu seculo, todos estes cochicholos que me viram nascer. Quero assistir ao sacrilegio final; só desejo verdadeiramente morrer, quando morrer o meu Tempo!

—Vae então fazendo desde já o teu ultimo testamento, fantasma idiota! O que viste hoje foi apenas o prologo do drama glorioso. Os dias das tuas casinholas e dos teus cochicholos estão contados. O drama vae ser luminoso e rapido. D'aqui a poucos annos, o desfecho virá, com a grande apothese da salvação... Dissipa-te já, desaparece já, vae-te já para o céu e para o inferno, espectro importuno!

—Não posso! eu sou a Prudencia, eu sou o Juizo, eu sou o Protesto!

—Não! tu és a Porcaria, tu és a Preguiça, tu és a Molleza!

O fantasma teve um rictus de colera na bocca sem dentes. Quiz dizer alguma cousa, quiz cuspir-me alguma injuria, —mas não pôde: lançou-me um olhar de odio, —e enlapou-se na sua toca.

Anoitecera. Comecei a descer o morro sinistro. Perto de um paredão, detive-me um pouco, —e mirei a cidade que se alastrava lá em baixo.

As luzes dos lampeões desenhavam as ruas estreitas e tortuosas, cruzando-se, emmaranhando-se, como lombrigas.

Em torno de mim, as velhas tapéras, as medo-

nhas bibocas do morro, fechadas, silenciosas, funebres, desfaziam-se em miasmas.

Mas o meu sonho animou tudo aquillo: comecei a vêr, ao longo da cidade derramada aos meus pés, rasgar-se a grande Avenida; deante dos meus olhos deslumbrados relampejavam jactos de luz electrica; e vi desenhar-se a cidade futura, resplandescente e rica, mais bella do que todas as suas irmãs, irradiante na gloria da civilisação.

—Ah! quem me déra vida para te vêr e te amar n'esses dias, cidade do meu amor!

E, tropeçando nos calhaus, tapando o nariz para não sentir a fedentina das viellas, vim descendo o morro.

(1904.)

## XXVIII

### NO HOSPITAL

A que proposito me vem agora esta recordação?  
— disse Jacques.

Estavamos sós, no gabinete de trabalho. Chovia lá fóra. Chuva miuda e triste.

Elle, do fundo da sua poltrona, cofiava a barba, com a mão branca e fina, de tísico. Uma vaga melancolia pesava no gabinete, entre as estantes altas, de jacarandá, e os reposteiros de seda escura.

— É curioso! Começa a gente a pensar n'uma cousa, e d'ahi a pouco é outra, inteiramente outra, a que se impõe á meditação. . .

E contou isto, com a sua doce e quebrada voz de doente :

« Foi, creio, em 1883. Estudava eu medicina, praticando, como interno supranumerario, nas enfermarias da Misericordia. Faltou um dia ao serviço o interno effectivo de uma das enfermarias de cirurgia. Fui designado para substituil-o. E, justamente, o professor que dirigia a clinica n'essa enfermaria teve de

praticar em um enfermo uma operação de certa gravidade. Tratava-se, bem me recorde, da ablação de um largo trecho do maxillar inferior, roído pela carie. O doente era um caboclo reforçado, um bello exemplar de homem, face bronzeada, cabellos corridos e negros, olhos pequenos, cujo brilho singular e fixo perturbava. Tinha uma lesão cardiaca. Essa lesão, e, mais, o facto de carecer a operação de ser feita em uma posição incommoda, devendo o sangue encher a bocca do paciente, tapando-lhe a garganta — impediam que se procedesse á chloroformisação prévia.

De modo que a horrivel cousa, cujos pormenores e incidentes me estão ainda hoje dolorosamente gravados na memoria, teve de ser supportada pelo desgraçado, em perfeita e consciente vigilia, com todos os nervos em sensibilidade completa... Foi medonho! Durante hora e meia, assisti ao espectaculo da mais bella, da mais admiravel, da mais incrivel coragem que um homem póde mostrar! Estendido a fio comprido sobre uma meza, com as pernas e os braços contidos pelos ajudantes, o doente tinha apenas, por todo o corpo, um tremor continuo, ininterrompido, uma agitação de toda a pelle. Os seus olhos, pequenos e faiscantes como dois carbunculos, não se fecharam nunca: durante hora e meia, fixos, terrivelmente fixos, brilharam seccos, sem uma lagrima...

Primeiro, foi o bisturi que rasgou a pelle, os musculos, pondo a descoberto o osso que a carie comia. Depois, as pinças hemostaticas que apertaram as ex-



tremidades toradas de arterias. Depois, o serrote que começou a ranger no osso, com um barulho que nos dava a todos arrepios de terror. Depois, o curativo. E, do começo ao fim, os olhos do caboclo rutilavam, sinistramente abertos, e todo o seu corpo tremia de leve sob as nossas mãos, sacudido pela dôr que aquella carne padecia e pelo esforço sobre-humano que continha aquelle espirito. . .

Quando transportado para o leito, na enfermaria, fecharam-se-lhe os olhos. Adormeceu. Passava de meio dia. Só tornei a vê-lo, á meia noite, quando, chegada a hora do meu «quarto», me vieram acordar para que eu fosse substituir o primeiro interno.

Oh! a sinistra, a indescriptivel viagem, á meia noite, por vinte corredores sem fim, de chão lustroso e escorregadio, — só, estremunhado ainda de somno, passando por portas negras de enfermarias, frouxamente alumadas por lampadas oscillantes, — só, dentro d'aquella immensidade escura, como dentro de um tunnel de sonho, povoado de gemidos, de soluços, de estertores de febre, de sons incoherentes e vagos, de barulhos de tosse, e cheio de um cheiro indefinivel, mixto, de acido phenico, de podridão, de suor de agonia! . . .

Depois, a vigilia. Na enfermaria quasi sem luz, n'uma penumbra em que os vultos das camas regularmente alinhadas mal se distinguem, uma meza pequena, posta junto da cama do operado. Sobre a

meza, fios, pinças, pulverisadores de Lister, frascos pequenos com acido phenico e per-chlorureto de ferro. Uma vela, uma garrafa de vinho do Porto, botijas de remedios, poções calmantes; e, á mão, entre todos esses petrechos, o thermometro.

Approximei-me da cama; inclinei-me para o doente.

Dormia. Uma respiração irregular, entrecortada, lhe levantava e abaixava intermittenemente o peito. Ardia-lhe a pelle, queimada de febre. Tomei-lhe a temperatura, registrei-a na papeleta, e accendendo a vela, sentei-me em frente á meza, e tentei ler um livro que levava commigo.

Começou então a escoar-se o tempo mais longo que tenho vivido na minha vida. A chamma da vela, agitando-se levemente, abria em torno da meza um circulo de claridade: fóra d'elle a escuridão da enfermaria augmentava pelo contraste. N'aquella enorme sala, altissima, communicando, adeante e atraz de mim, com outras salas, o menor barulho tomava proporções estranhas, exaggerando-se, allucinandome. E os meus olhos, afundando-se na extensão das salas que se succediam, avistavam um sem numero de lampadas morticças, tremendo, tremendo n'uma longa fila, que a vista perdia por fim. D'ahi a pouco, aquelle meio apavorante me havia dominado. Passavam pela escuridão relampagos vagos, como de sudarios brancos voando. Os rumores confusos de tosse, de gemidos, de respirações agoniadas, toma-

vam corpo, avultavam, entravam me pelo ouvido, martellando-me o cerebro.

A morte estava ali perto de mim. E eu sentia o seu halito gelado bafejar-me a nuca: e tinha a certeza absoluta, precisa, inilludivel, de que me bastaria voltar a cabeça, para vê-la...

N'esse momento, senti que o operado se agitava no leito. Tive um suspiro de allivio, abençoando aquelle movimento, que me arrancava das mãos do Terror. Levantei-me e encostei-me á cama, com a vela accesa em punho. O desgraçado acordara. E a primeira cousa que vi foram os seus olhos, os seus mesmos olhos de durante a operação, abertos, horriavelmente abertos, fixos em mim.

Só então, comprehendí o que elles queriam dizer de manhã, quando os bisturis rangiam sobre a carne ensanguentada, e o que me estavam dizendo n'aquelle instante.

Havia n'esses olhos, cheios de um clarão sinistro, um tal desprezo pela dôr, um tal nojo da vida, uma tão absoluta serenidade deante da morte, que admirei esse homem extraordinario,—como nunca mais hei de admirar ninguem...

Tomei-lhe a temperatura. A febre baixara. Mas a respiração era difficil. E alguma cousa, não sei o que, me incutiou no espirito a convicção de que elle ia morrer. E os seus olhos me fitavam sempre... Dei-lhe uma colher da poção, cheguei a minha face até perto da sua, falei-lhe carinhosamente, com a voz quasi soluçando, como se fala a um irmão que vae

morrer... Elle olhava-me sempre, como quem quer falar e não póde, como quem precisa dizer uma cousa que está enchendo a alma e não póde passar da garganta. Ao cabo de algum tempo, cerrou as palpebras... Adormeceu, ou pareceu adormecer de novo.

Voltei para a minha meza.

Então, mais calmo, fortificado pelo nobre espectáculo d'aquella nobre coragem, começava eu a ler, quando um rumor, differente dos outros que haviam até então povoado a enfermaria, me chamou a attenção. Era um como arrastar de sandalias, acompanhado de um cicio brando... E, olhando para a frente, vi que longe, muito longe, na escuridão da ultima sala, balançava-se uma luz, quasi ao nivel do chão. De quando em quando, sumia-se a luz e cessava o rumor. Depois, apparecia mais proxima, e ouvia-se mais distinctamente o arrastar de sandalias e o cicio de prece. Era uma irmã de caridade que, com a sua lanterna, fazia a ronda nocturna.

Quando entrou na minha enfermaria, parou junto de mim, informou-se do operado. Chegamo-nos a elle. Acordara outra vez. Agora a respiração era angustiada, estertorosa. E os seus olhos abertos, terrivelmente abertos, iam da minha face á face da irmã...

Boa irmã! sem dizer uma palavra, tinha comprehendido como eu. Olhou-me, sorriu tristemente, e, tirando do pescoço o seu pequeno crucifixo de

ebano, metteu-o nas mãos do moribundo. Elle abriu ainda mais os olhos; teve um arranco supremo de todo o corpo na cama, e ficou immovel.

Estava morto.

De joelhos, a irmã rezava. E, antes que, terminada a prece, ella se levantasse para lhe cerrar as palpebras, eu encostei os meus olhos aos olhos do morto, para n'elles de perto ler a sublime e involvidavel lição que me davam, o segredo do animo inalteravel, da coragem soberana e terrivel, com que esse homem sereno, — durante a operação, soffrendo dôres inconcebiveis, e durante a agonia, sentindo dentro de si o despedaçamento de toda a alma, — olhava impassivelmente a morte, desprezando as miserias e as torturas da vida. . . »



## *Notas Diarias*





Só quem viaja de olhos fechados é que se aborrece em viagem.

Para quem, da janella do wagon veloz, se debruça sobre a paizagem fugitiva, — que alegre cousa é uma viagem! Ondulam campinas verdes achamaltadas ao sol, anilam-se longinquas serras, aguas crespas reboam, acavallam-se morros, esplendem casarias brancas pelo pendor das encostas, pascem rebanhos, homens de face tostada cavam a terra... E cada aspecto da paizagem entrevista é um mundo de ideias.

Musset, na famosa canção a Ninon, não podia comprehender que alguém fosse

*« au combat sans musique, en voyage sans livre... »*

Eu, ao contrario, não comprehendo o livro, como companheiro de viagem. Porque pensar pelo cerebro dos outros? O grande livro é aquelle que ali está, poderoso e vibrante, — o vasto livro aberto da Natureza, com as suas paginas alegres e as suas paginas tristes, com os seus capitulos de esplendor e os seus capitulos de treva. Cada desvio do leito da estrada

é uma folha que se volta, cada estação um paragra-pho que se fecha. E, com o galopar do trem, galopa à imaginação da gente, pára aqui n'uma saudade, sorri ali adeante de um ridiculo, estremece mais além n'um susto, vibra mais longe n'uma esperança. Só quem viaja de olhos fechados, só quem não sabe vêr e pensar é que se aborrece em viagem...

Ora, pois! Quer um velho chavão que a vida seja uma viagem, curta de mais para alguns, longa de mais para outros, da fôfa brandura do berço á fria dureza da cova. Eu, como não tenho vontade de me aborrecer, abro a portinhola do wagon, equilibrio-me na plataforma, e, sorvendo o ar fresco do dia, vou dando aos olhos e á alma o regalo das surpresas do caminho. Nem sempre as paginas do canhenho serão joviaes: nem tudo é bello na Natureza. Ao lado das claras campinas e das aguas cantantes, ha muito socavão negro de furna e muito declive medonho de desfiladeiro...

Siga o trem! Viajaremos juntos, leitor amigo, até o fim da jornada, ou até... o primeiro descarriamento.

## I

Um telegramma de Roma diz que Bressi, o assassino do rei Humberto, esteve ha algum tempo no Rio de Janeiro.

Deus sabe quantas vezes, quando corriamos ao trabalho ou ao prazer, o nosso hombro roçou o hombro d'esse homem infeliz, já possuido de uma ideia nefasta, — sem que um só presentimento nos fizesse adivinhar a tragedia horrivel que por nós passava, o vulcão que ardia tão perto de nós, nutrindo-se e devorando-se a si mesmo, na febre da gestação d'aquelle crime!

Muitas vezes, decerto, o nosso olhar pousou despreoccupadamente sobre a sua face pallida, sem vêr que n'aquelles olhos torvos o plano sinistro punha clarões de incendio e laivos de sangue. . . Elle passava, como passam os que vão ganhar, com lagrimas e suor, o pão da familia, e como passam os que, nascidos ricos e felizes, fazem da vida uma valsa perpetua, entre os regalos da meza e as voluptuosidades do amor: — o seu passo não punha no-doas vermelhas na calçada, a coronha do revólver não apparecia, satanicamente indiscreta, sob a aba do seu paletot modesto, e a sua presença não dava ás espinhas e ás almas aquelle calefrio presago, que é como o arauto da desgraça, o batedor da morte.

E que levêdo mau, no emtanto, estava fermentando n'aquelle pobre cerebro allucinado!

Lá ia elle, roendo o seu sonho terrivel, mastigando o seu projecto sanguinario, triturando o seu infame designio... E a gente seguia, — sem saber que tinha roçado, descuidadamente, o soffrimento humano, a Miseria humana, o symbolo vivo de todo um seculo de desespero e de horror!

Lá ia elle! E não houve carroça que o atropelasse e esmagasse, livrando-o da vida! E não houve olhar de mulher, que, cahindo sobre elle, lhe inspiresse um d'esses desejos absorventes que mudam toda uma existencia e transformam todo um destino! E não houve apoplexia que o fulminasse, nem microbio, que, entrando no seu corpo, como o cupim no seio de uma madeira rija, fizesse um morto obscuro e feliz d'aquelle que é hoje o desgraçado e amaldiçoado despojo vivo de um crime!

## II

Ha mezes, o thesoureiro de uma delegacia fiscal do norte, pediu que sua mulher fosse nomeada fiel da thesouraria. Deante d'esse caso novo, o ministro da fazenda teve, naturalmente, alguns momentos de hesitação. O cargo de fiel de uma thesouraria, comprehende-se, deve ser de immediata e absoluta confiança do thesoureiro. E quem uma firme e inabalavel confiança póde inspirar ao thesoureiro, senão

aquella a quem elle entregou o seu amor, o seu nome, o seu lar, a sua honra e a sua vida? Mas a lei não quer saber d'essas cousas: e o ministerio foi forçado a responder ao funcionario que os dinheiros do Estado só podem ser zelados por homens.

Sempre que se agita esta questão do *feminismo*, escovam-se e brunem-se as velhas chapas, e, com um grande ar de importancia, convencidos de que estão dizendo cousas profundas, os philosophos clamam que a mulher não póde ser mais do que o anjo do lar, a vestal encarregada de vigiar o fogo sagrado, a depositaria das tradições da familia... e das chaves da dispensa. Todo esse luxo de palavras inuteis serve apenas para encobrir a fealdade da unica razão séria que podemos apresentar contra a pretensão das mulheres: o nosso egoismo, o receio que temos de ser despojados das nossas prerogativas seculares, o medo de perder as posições, as regalias, as honras que o preconceito barbaro confiou exclusivamente ao nosso sexo.

Compreende-se e desculpa-se: quem se habituou a manejar o chicote, não se resigna facilmente passal-o a outras mãos. É mais agradável deixar a vida do que deixar o poder...

E, entretanto, não haveria ahi uma bella experiencia a tentar? O espirito da mulher não é feito, como o nosso, de imaginação, de poder creador, de invenção: é feito de bom senso, de tenacidade, de paciencia. A mulher, que dedicasse á realisação de um plano financeiro ou politico a intelligencia

minuciosa e clara que costuma dedicar á realisação de um complicado plano de *toilette*, desbancaria talvez os maiores homens do seculo.

E, depois, nós, homens, já temos feito tanta cousa ruim, já temos contribuido tanto para plantar na terra o dominio da injustiça e da tolice, — que não seria mau procurar saber se o outro sexo não é capaz de ter mais juizo. . .

### III

Como me veio esta ideia — não sei. Sei que acabara de ler um volume de estudos sobre a Edade Média, e, logo depois, abri um volume das Obras completas de Dumas. Foi então que se me metteu na cabeça esta Ideia, esta grande Ideia, esta maravilhosa Ideia!

Imaginae. Fazer um drama singular e louco, profundamente inimigo da Chronologia, radicalmente contrario ao Bom Senso, e que n'uma só acção perturbadora e empolgante puzesse em scena, uma defronte da outra, a Edade Média e a Edade Moderna. . .

Primeiro, escolhi os protagonistas. O meu desejo era fazer um amante de hoje (quero dizer: um amante de 1830, porque em que peze a Bourget, n'estes ultimos sessenta annos o methodo de amar não mudou) — apaixonar-se por uma heroína medieval. Escolhi Antony e Iseult. Um, abeberado de lyrismo

fogoso, vestido de sobrecasaca, de golla alta, e grande chapéo de abas largas, habituado á vida de salão, falando *argot* com dançarinas, bebendo *champagne*, comendo ostras, escrevendo parelhas de alexandrinos ricamente rimadas; a outra, exumada do fundo dos Tempos Mortos, habituada á vida claustral do castello triste, scismando ao luar, entre aias que rezam e pagens louros que passam amestrando falcões, — enquanto, em baixo, os homens de guerra, brutos e valentes, bebem e vozeiam, e lá longe, nas terras do Santo Sepulchro, o Senhor Castellão anda combatendo o Turco, na Cruzada Santa, rodando ao punho possante um gladio infatigavel e invencivel.

Imaginei então um encontro entre esses dois personagens. Vêem-se, amam-se, casam. Como estão vendo, isto é positivamente louco. Mas quando um homem entra a vereda lobrega da loucura, nada o detem: vae até o fim, que, n'este caso particular, é o Hospicio. Dei o primeiro escorregão na ladeira, ao impulso da minha grande Ideia, e comecei a rolar. Mas, uma vez dispostas as scenas, organizado e atado o enredo, escolhidos os personagens secundarios, distribuida a comparsaria, — reconheci que, antes de escrever o primeiro acto, era indispensavel estudar bem, em auctores dignos de fé, a vida da mulher na Edade Média, os seus habitos, as suas inclinações, o seu modo de amar, o seu character emfim.

E atirei-me ao estudo.

Quantos livros! Puz abaixo toda a Bibliotheca Nacional. Por fim, comecei a ler *Michelet*. E já es-

tava disposto a metter hombros á empreza, quando, na *Sorcière*, um dos livros mais curiosos do grande Mestre da *Biblia da Humanidade*, encontrei um pavoroso capitulo sobre—as molestias da Edade Média. N'esse capitulo, Michelet prova que a lepra, as coceiras terriveis, as horrorosas doenças de pelle d'aquelle tempo, provinham principalmente da falta de banho!

Continuei a ler, indignado. Michelet mostra que a mulher, na Edade Média, não se lavava nunca, porque «*elle craignait toute purification comme une souillere*». E, mais adeante, «*plus d'une sainte est vantée, pour ne s'être jamais lavé même les mains: et combien moins le reste!*...»

Fechei o livro, quasi chorando, e rasguei todos os apontamentos que já tinha colligido para o drama. Impossivel! impossivel fazer o Antony de 1830, tão lavado, tão ensaboado, tão perfumado, casar com a Iseult da Edade Média... Porque, enfim, imaginem os senhores que eu escrevesse esta scena: «*Manhã. Manhã de lua de mel. Antony, em robe de chambre, cheirando a agua de Lubin, sahe do quarto, encontra Iseult, e, apresentando-lhe um pau de sabonete de amendoas, exclama, com a voz cheia de supplicas:—Luz da minh'alma! vae tomar um banho!*»

Digam-me: que plateia supportaria esta scena?

E foi assim que, por causa de Michelet, deixei de escrever um drama, que, se me não levasse ao Hospicio, talvez me levasse á Immortalidade.



## IV

Nada ha, por exemplo, que pareça mais digno de respeito do que um rei desthronado. Ter governado um imperio, e ser depois obrigado a comer o amargo pão do exilio, sem subditos, sem mando, sem auctoridade, sem povo,—é uma d'essas desventuras que impressionam e ferem a alma. Na vasta epopeia shakespeareana, n'esse *mare-magnum* sem raias, em que arfam e rugem todas as ondas da Paixão,—nada magôa tanto como o espectáculo do velho rei Lear,—a mais estupenda criação do genio humano,—figura sagrada do desespero e da agonia, sem reino e sem amor, bracejando convulsamente no naufragio da loucura...

Mas, que quereis? Os reis Lears de hoje não tem essa terrivel magestade do pae da meiga Cordelia. Já Daudet pintou amargamente o triste rebaixamento dos *Rois en exil*; e, ainda ha pouco, Paris divertia-se com os pagodes fesceninos do rei Milan...

Nós já tinhamos esquecido que havia principes com direito á corôa do Brasil. Contavam-nos vagamente que viviam pela Europa, servindo exercitos estrangeiros ou pacificamente devorando os rendimentos de uma boa fortuna, alguns Bragança-Saxe-Coburgo, nascidos aqui, entre as lindas arvores de S. Christovão, mas bem depressa habituados ao exilio, rapidamente acclimados na Europa, e deliciosa-

mente resignados a viver em terras mais cultas e alegres do que o Brasil.

E eis que, de repente, somos chamados á realidade das cousas. Sua Alteza D. Augusto sentiu saudades da Patria: e logo, empunhando a penna, dirigiu-se ao ministro da fazenda, pedindo-lhe com muita sinceridade e nenhuma orthographia, que lhe pagasse 1.500.000 libras pela sua renuncia e pela renuncia dos seus, ao direito de reinar sobre este largo pedaço do planeta. Ahi tendes! isto é drama ou é opereta? E como ha de a gente deixar de casar a ideia do nobre Lear desesperado, repudiado das filhas, n'uma charneca deserta, entre os uivos do vento e os clarões dos relampagos, invectivando os elementos,—á ideia d'este imperial frangalho, que quer vender, por tão grande somma de dinheiro, uma cousa que não existe?

## V

O governo dos Estados Unidos acaba de introduzir definitivamente no seu Exercito uma innovação, cujo advento se vem ha dois annos preparando. Trata-se da abolição da espada como arma de combate: os soldados de infantaria terão apenas as suas admiraveis carabinas,—e os officiaes usarão, em vez da antiga e nobre espada, um simples revólver de grande alcance. . .

Tanto melhor! É bem agradável que o exercicio

das armas vá perdendo a aureola de nobreza e de poesia, que tanto prestígio lhe dava. As carabinas de repetição, as metralhadoras de tiro rápido, os revólvers de longo alcance, a pólvora sem fumaça, vieram tirar á guerra o seu unico encanto, que era o do heroismo. Actualmente, os homens não se matam frente a frente, cruzando olhares de fogo, entrechocando pavesez, rodopiando juntos dentro de uma nuvem de pó, cahindo juntos em poças de sangue, e realisando prodigios de força, de agilidade, de dextreza, de bravura: — matam-se de longe, protegidos por trincheiras, servindo-se de todas as manhas e de todas as astucias, aproveitando todos os recursos da dissimulação e da emboscada. Os guerreiros já não querem mostrar coragem e audacia: querem aniquilar os adversarios, do modo mais simples e mais rápido, causando o maior estrago com o menor perigo possível. Agora o problema é simplesmente este: matar, — matar de qualquer maneira, sem perda de tempo, sem preocupação de esthetica, sem desperdicio de energia moral, sem desejo de gloria individual. Tanto melhor! é preciso abençoar todas as providencias que concorram para despoetisar a guerra, e para mostral-a, despida de atavios românticos, tal qual é: uma abominação estúpida e feroz. . .

A espada era o symbolo esplendente da bravura: um guerreiro sem espada fica sendo um mero matador. Na antiguidade e na Edade Média, o mancebo, quando recebia a espada das mãos de quem o armava guerreiro, — ficava mais feliz do que se lhe ti-

vessem dado um sceptro: essa investidura dava-lhe a obrigação de ser ousado e nobre, forte e destemido, generoso e arrojado: e, nos combates corpo-a-corpo, quando se quebrava a espada de um dos combatentes, o outro suspendia logo o ataque, não querendo transformar-se de luctador em carrasco. Agora, não! a investidura militar moderna é mais pratica: o soldado, quando recebe a sua carabina ou o seu revólver, ouve estes prudentes avisos: «fere com segurança e de longe! não exponhas a tua vida,— porque a tua missão não é morrer gloriosamente, porém matar com impunidade! calcula e mede o teu ataque, esconde-te, poupa-te, dissimula-te, e mata, mata, mata o mais que puderes!»

Ah! famosa *Durandal* de Rolando! formidável *Foyeuse* de Carlos Magno! invencível *Ardiente* do Cid Ruy Diaz! o vosso fulgor está apagado e morto... O guerreiro moderno já não tem o pulso bastante forte para suster o vosso peso, nem a alma bastante franca para accetar as tremendas responsabilidades que o vosso uso impõe! O gladio, antigo e nobre, que fulgurava ás mãos de Alexandre, é hoje uma reliquia de museu... A arma moderna é um revólver covarde, que fulmina de longe, como um raio da Força irresponsavel e anonyma...

Tanto melhor! A guerra morrerá,— porque já deixou de ser bella e gloriosa!

## VI

Não houve quem commentasse o desespero d'esse pobre pequeno de oito annos, que procurou morrer ha dias, atirando-se do sobrado de uma delegacia da Policia á rua, por medo dos castigos que lhe ia valer uma travessura qualquer. Por medo d'esses castigos, fugira de casa; recolhido á delegacia, vendo approximar-se o momento em que seria entregue de novo aos paes, precipitou-se da sacada, — ou para fugir, ou para morrer, — e, em todo o caso, para evitar a continuação do supplicio cuja brutalidade já conhecia...

Bem sei que certos paes, quando espancam os filhos, não o fazem por dureza de coração ou por desamor: esses castigos corporaes obedecem quasi sempre a um velho erro de systema, a uma antiga usança barbara: educados no seu tempo á força de pancadas, esses paes acreditam que devem conservar a tradição, e vão inflingindo aos filhos os mesmos soffrimentos a que antigamente se sujeitavam. O que elles esquecem é que, se os mesmos remedios não servem para todos os doentes, tambem a mesma educação não serve para todas as creanças.

É um erro suppôr que uma creança de oito annos seja ainda um bicho, — ou apenas o esboço, a *maquette*, o projecto de um homem. Aos oito annos, já uma creança tem o temperamento que ha de con-

servar até o fim da vida. E, se ha meninos de oito annos indifferentes ao castigo, e destituidos de amor proprio,— ha outros que, na mesma idade, já teem susceptibilidade, brio, orgulho de gente grande. Para essas creanças, o castigo corporal é mais do que uma tortura physica: é uma affronta moral, que lhes revolta a alma, que as incita a odiar quem as offende. A bordoada não se limita a machucar e a doer, faz mais do que isso: infama, e gera ideias de rancor e de vingança.

Mas, ainda nos casos em que a creança não possue um orgulho precoce,—o castigo corporal é um crime atroz, porque mantem a alma infantil n'um contínuo terror: e não ha como o terror para desequilibrar o systema nervoso de uma creatura, predispondo-a para toda a medonha serie das nevroses, —desde a neurasthenia e a epilepsia até a loucura furiosa e a demencia.

Não sei se esse pobre pequeno morreu,—ou se, para felicidade dos paes, mais do que para a sua propria felicidade, conseguiu conservar a vida depois da queda medonha. O que sei é que ha ahi uma lição tremenda para os paes que educam filhos como fabricariam manteiga ou amassariam pão,—ás pancadas.

Causar o suicidio de uma creança, voluntaria ou involuntariamente,—é uma desgraça, que deve deixar apoz si um remorso inesquecivel. Mas não é sómente a isso que se arriscam os que esbordoam os filhos: arriscam-se a preparar homens desbriados,

desmoralizados pelo habito de apanhar pancada sem protesto,—e expõem-se, em outros casos, a preparar victimas para a Vesania, e hospedes para as enfermarias dos manicomios.

## VII

Devagar, com um passinho trémulo e miudo, quasi voando rente ao chão, o velhinho entrou, deu o bilhete ao porteiro, e foi, com um sorriso pallido e amavel, pedindo licença, deslizando entre as filas de cadeiras, desmanchando-se em cumprimentos, até achar o seu lugar. Era no theatro « S. Pedro », quinta-feira passada. Não faltavam velhos na sala. Havia mesmo mais velhos do que moços. Mas nenhum tão velho como aquelle velhinho trémulo, de pelle de pergaminho, com a calva amarella, bordada de raras falripas alvas: era a propria Velhice...

O maestro agitou no ar a batuta: e um bando de notas alegres, como uma revoada de aves anciosas sahindo confusamente de uma gaiola subito aberta, espalhou-se pela sala, n'uma alacridade contagiosa. O panno subiu lentamente, e, logo, o embonecado Pomponnet, e a linda Clairette, assomando, dos dois lados da scena, aos balcões de panno pintado, começaram a receber as homenagens da boa gente de Saint Germain l'Auxerrois.

*La Fille de Madame Angot!* ali estava ella, a esperta Clarinha, viva e moça como ha quarenta

annos, prompta a dar aos mocinhos de hoje os mesmos sonhos, os mesmos desejos, a mesma impressão de vida alegre e fugitiva, de fallaz mas deliciosa ventura, que dava outr'ora aos mocinhos de 1865, — a esses amados avós que, debaixo das lapides do Cajú e de S. João, já estão fartos de conhecer, palmo a palmo e mysterio a mysterio, toda a extensão tenebrosa da *undiscovered country*. Ali estava ella, a maliciosa filha de Paris, a trefega creaturinha de Clarville, equilibrada sobre as leves azas de ouro e rosa da musica de Lecocq. . .

Mas, enquanto as coplas se succediam em scena, outro espectáculo mais attrahente prendia a attenção do chronista, na plateia. Um pigarro secco. . . Era o Passado. . . O velhinho trémulo agitava-se na cadeira, arrastava os pés, tossia, sacudia-se todo.

Parecia que, de sob uma das lapides de S. João ou do Cajú, sahira um d'aquelles mocinhos de 1865, e ali viera, ainda com um vago cheiro de terra humida e cal, vêr se ainda Pomponnet era tolo, se ainda Clarinha era ardente, se ainda Larivaudière era frascario, e se ainda Ange Pitou frechava de epigrammas a gente do Directorio.

Oh! o delicioso e inolvidavel espectáculo d'aquella velhice remoçada, d'aquella mocidade restaurada! Debaixo do pergaminho amarello d'aquella face morta, passava um leve rubor, uma onda fugitiva de vida, — qualquer cousa como uma nuvem côr de rosa, passando sob a toalha fria de uma agua parada; nos olhos pequeninos, sumidos entre as palpebras rugo-



sas, crepitavam faiscas leves, como os ultimos signaes de vida de uma fogueira quasi extincta; nos labios finos, recurvados para dentro, sobre as gengivas sem dentes, bailava um sorriso brincão; e as duas mãos, transparentes e finas, ossos e pelle, apoiadas sobre o grosso castão de uma bengala forte, iam acompanhando, com um tremor (que pareceria lascivo, se pudesse haver lascivia em qualquer gesto de um espectro) as coplas estouvadas da opereta, as surpresas d'aquella musica desengonçada e vivaz, cujas notas fervem e borbulham como as bolhas do *champagne* n'uma clara taça de crystal. . .

E foi assim que o chronista (cuja alma tambem já está cheia de velhas saudades de uma juventude morta) pôde vêr 1865 divertindo-se em 1901: Jesus! como é triste a velhice, e como são verdadeiramente os amados dos deuses os homens que morrem moços! . . .

Quando acabou a opereta, o velhinho arrancou da garganta um ultimo pigarro, sahiu do theatro, e, mais trémulo, mais curvado, mais fraco, foi andando, foi andando, foi andando. . . provavelmente para a sua triste cova, de S. João ou do Cajú.

## VIII

Homem! que animal teimoso és tu!

O asno empaca uma hora, mas, ao cabo de muita pancada, dá tres corcóvos, e segue; a ostra aferra-se

ao rochedo, mas, bem sacudida, sempre se deixa desprender; — tu não, homem teimoso! quando te agarras a uma ideia, nem a pancada, nem o fogo, nem todos os supplicios da inquisição podem tirar-te d'ahi.

Sirva para exemplo a gente que não acredita na existencia da peste bubonica... Ha por ahi muito carioca que, ainda quando visse toda a população de um bairro morrer coberta de bubões malignos, ainda assim duvidaria da peste, e cobriria de remoque as auctoridades sanitarias.

Lembram-se do caso d'aquelle sujeito que tinha uma confiança inabalavel na solidez do pardieiro em que morava? Os visinhos viam as vigas pôdres, as paredes rachadas, o travejamento cambaleante, e caridosamente insistiam: «João! você deve mudar-se, João! esta casa cahe...» Mas João encolhia os hombros e sorria: «Juro que não cahe!» E soltava-se a caliça dos muros, e o tecto, ao menor golpe de vento, dançava, e pedaços de céo velho começavam a cahir sobre o assoalho esburacado; mas João fechava os olhos, e sorria: «Juro que não cahe!» Um dia, a casa veio abaixo... sobre a cabeça do morador testudo. Quando removeram o entulho, João ainda tinha um resto de vida. Abriu os olhos, sorriu, murmurou:—«Juro... que... não... cahe!»— e morreu.

Mas os cariocas não se limitam a duvidar da existencia da peste: timbram em contrariar as providencias tomadas, capricham em burlar a acção das medidas preventivas.

Vejam este caso: Hontem, um jornal da tarde abriu as suas columnas á queixa de um cavalheiro, «victima do despotismo sanitario». O homem vinha de logar infeccionado, e trazia algumas maçãs. Desinfectaram-no e tomaram-lhe as fructas. Elle dirigiu-se ao jornal, queixando-se; e, entre outras cousas, escreveu isto, textualmente: «Quanto ás maçãs que s. ex.ª não me deixou trazer, não foi muito acertado: porque eu nas algibeiras trouxe depois outras escondidas e não me revistaram!»

Não haverá syntaxe n'isso... Mas, em compensação, que abundancia de satânico prazer! que fatura de refinada malicia! A alegria chispa n'aquellas linhas, o orgulho palpita n'aquellas palavras, todo aquelle periodo é um grito de triumpho!

Ah! meu amigo! Deus o livre de ser obrigado a pagar bem caro a sua teimosia! mas, se essa desgraça lhe succedesse (surdo seja o diabo!) creio que, ainda depois de morto, você diria como o João: «Juro... que... não ha peste!»

## IX

O *Jornal do Commercio* transcreve dos jornaes do Rio Grande do Sul, uma noticia de grande interesse emocional. Trata-se de um raro, de um singular, de um extranho caso de gratidão. A gratidão já é um sentimento tão pouco vulgar, que sempre causa certo espanto. Mas, aqui, o espanto é maior: porque,

no caso maravilhoso, a gratidão vem de um homem rico para um homem miseravel, de um senhor para um escravo.

Timoléon Zalony, que por muito tempo viveu, e enriqueceu, no Rio Grande do Sul, possuía um escravo, João Othelo, cujos serviços especialmente estimava. Assim que fez fortuna, Zalony deu liberdade ao escravo, e retirou-se para a Europa. Mas, de lá, continuou a interessar-se pela vida do seu antigo servidor, e mandava-lhe com pontualidade uma pensão mensal. Agora, fallecido Timoléon Zalony, e aberto o seu testamento, viu-se que o finado deixou a totalidade dos bens ao ex-escravo: e as auctoridades francezas acabam de pedir ás auctoridades brasileiras que procurem esse afortunado liberto, ou os seus herdeiros, para que as disposições testamentarias do morto possam ser cumpridas. . .

Creio que nunca se viu cousa tão extraordinaria: um senhor que ama o seu escravo, que o liberta, que lhe sustenta e ampara a vida, e que ainda lhe deixa em testamento a fortuna!

Ah! por esse unico, por esse prodigioso, por esse estupendo caso de gratidão, — quantos outros de ingratição feroz, de criminosa indifferença, de perversa crueldade!

Não teem conta os homens do Brasil que, na sua primeira infancia, foram amamentados, carregados ao collo, acariciados e amimados por velhas pretas, — amas de leite ou amas-seccas. Quantos d'esses homens serão capazes de saber que fim levaram,

onde foram viver e morrer, onde jazem sepultadas essas *mães-pretas*, — tão carinhosas, tão boas, que, como escravas, eram forçadas a separar-se dos proprios filhos para amamentar os filhos das senhoras, e que n'estes concentravam, resignadamente e abnegadamente, todo o seu carinho e todo o seu affecto?

Em regra geral, quando acabava o periodo do aleitamento, as *mães-pretas* voltavam para o eito ou eram vendidas; algumas vezes, os seus serviços eram recompensados com a carta de alforria; — mas não eram muitos os casos, em que os *sinhôs-moços* amparassem até a morte as suas amas...

Lendo agora, a noticia do caso de Zalony, lembro-me d'essa infinita multidão de mulheres martyres... Quantas d'ellas terão merecido das mães verdadeiras, que substituiram, e dos homens a quem deram o seu leite, uma prova de carinho e de gratidão, como essa que Zalony deu ao seu antigo escravo?

Dizem por ahi que a escravidão é uma pagina horrivel, que convem rasgar e esquecer... Não penso assim. É bom que conservemos e releiamos sempre essa pagina, afim de que, cultivando a nossa bondade, possamos remir a grande culpa das gerações que precederam a nossa. O melhor meio de resgatar um crime, não é esquecel-o: é compensal-o com um progresso moral incessante, com uma incessante ascensão para o bem e para a bondade...

## X

A *Gazeta* commentou hoje, com fina malicia, uma publicação do *Diario Official*, contendo a lista de todas as patentes de invenção que cahiram em caducidade. É realmente interessante a relação d'essas «invenções», que os inventores, desengañados ou desprotegidos, não quizeram ou não puderam explorar: machinas de beneficiar café, instrumentos de musica, sellins, carvão, mobílias, dentaduras, carros, tintas, caixões para defuntos, accendedores instantaneos,—e que sei mais? não houve ramo de industria em que o genio dos «inventores» não se exercitasse.

A mania de inventar é uma das mais espalhadas. No Brasil, ainda essa molestia não tem gravidade. Mas, nos Estados Unidos do Norte, o numero de invenções reaes ou imaginarias é espantoso. N'essa grande Republica, ha uma grande repartição governamental, destinada especial e exclusivamente ao estudo, concessão e registro das patentes de invenção e dos titulos de garantia provisoria. No estabelecimento trabalham cento e tantos funcionarios, que não teem n'esse emprego uma sinecura,—porque não ha dia em que não sejam protocollados, no minimo, cincoenta pedidos de privilegio.

Ah! pobre alma humana,—sempre devorada por sonhos torturantes, sempre incendiada em desejos e

ambições ardentes! «Inventar» é a grande e fulgida Chimera... Inventar é crear: quem inventa é, mais ou menos, o rival de Deus, o emulo das forças vivas da Natureza. Inventar é reproduzir a aventura arrojada de Prometheu: é roubar ao céu um pouco do seu segredo, é entrar em competencia com a Divindade, é affrontar a força creadora e mysteriosa que rege o universo... Ousado e rutilo sonho!...

D'esses pobres inventores, d'esses infelizes filhos e continuadores do Prometheu antigo, — quantos acabam desilludidos ou loucos no catre do hospital ou na cella do manicomio! Mas quem haverá que ouse rir d'essa loucura ou d'essa miseria? A mania da «invenção» é a prova palpavel, a demonstração cabal e irrecusavel da força da alma humana, — d'essa martyr encarcerada, que vive a bracejar no duro carcere, querendo partir os liames que a captivam, querendo libertar-se da sua penuria moral, querendo voar e devassar os segredos da vida. Essa doença é o Ideal!

Confesso que, lendo a relação de patentes publicada pelo *Diario Official*, não tenho a coragem de sorrir. O sentimento, que essa leitura me inspira, é uma mistura de tristeza e de admiração: tristeza pela inanidade dos nossos sonhos, — e admiração pelo alcançavel aspirar, pela ancia infinita, pela sagrada e perpetua revolta da alma humana contra a sua miseria, e pelo seu eterno desejo de saber, de comprehender, de crear, de caminhar para a luz...

## XI

Amar a Fantasia e pratical-a tem, além de outras, esta bella conveniencia: dá á alma o desprezo de todas estas chatas preoccupações em que os homens praticos se debatem.

Ha dias, quando o telegrapho annunciou que a archi-millionaria Consuelo Vanderbilt comprara com o seu dote de oitenta milhões o direito de trazer na carruagem o brazão dos Malborough, não houve jornal que se não extasiasse deante da antiguidade excellente do brazão e da excellente enormidade do dote.

Eu olhei para os milhões e para a corôa ducal sem commoção, e fui sonhando que casava contigo, Fantasia de olhos verdes, de cabelleira verde, de alma verde, toda verde como a esperança! . . .

Malborough. . . Oitenta milhões. . .

Casava contigo, e era mais do que duque, e tinha mais de oitenta milhões, e dominava a terra, e subjugava os reis, e escravisava os imperios, e, já farto de tudo, morria contigo, Fantasia dos olhos verdes, — por uma bella noite em que todas as estrellas apparecessem verdes, — e assim iamos os dois, vibrando azas verdes, verdes como a minha esperança, voando, voando, voando, abraçados, cantando, aos beijos, sonhando, até o seio de um planeta verde, que conheço, verde como o meu sonho, —



um planeta em que não ha Malborough, nem milhões, nem jornaes, nem homens, nem mulheres, nem casamentos, nem vida, nem morte, nem nada, —nada, a não ser o meu sonho, que, sendo nada, é mais do que todas as grandezas e todas as felicidades da terra...

D'aqui a dez annos, Malborough estará farto de ter oitenta milhões, Consuelo estará farta de ser Malborough, e terão nascido mais alguns milhões de homens cheios de ambições, e terão morrido mais alguns milhões de homens cheios de tédio, —e eu ainda, vivo ou morto, sonharei que te amo, Fantasia dos olhos verdes, noiva que tudo promettes e nada realisas, e que caso contigo, e que sou teu, e que és minha, e que toda a felicidade da terra e do céu e do inferno consiste em poder sonhar, acordado e dormindo, de dia e de noite, com muito dinheiro no bolso ou morrendo de fome!...

Malborough... Oitenta milhões... E pensar que por causa d'esta futilidade, que me rouba meia hora de sonho, deixei eu de vêr aquelle bello planeta verde, verde como a minha esperança, que vejo sempre, quando fecho os olhos e vou voando contigo, aos beijos, Fantasia que és toda a minha no-breza e toda a minha fortuna! Malborough... oitenta milhões... que ignominia!

## XII

O padre que me iniciou na vida publica, dando-me a primeira instrucção, era um austero sacerdote, de poucas lettras, mas de muitas crenças. Tinha elle, no seu pobre vocabulario de rezador de ladainhas, uma só palavra para fulminar todos os herejes, todos os gatunos, todos os capoeiras, todos os rixadores, todos os luxuriosos, todos os vadios, todos os insubordinados, todos os maus. O vocabulo era este: *mação*. O padre não dizia *maçon*, como toda a gente diz: dizia *mação*.

Data do tempo, em que ouvi as lições d'esse bom catholico e rijo disciplinador, o meu profundo terror da maçonaria. Sempre tive medo d'aquelle *signo salamão*, d'aquelles tres pontinhos mysteriosos, que nas proclamações maçonicas substituem as ultimas syllabas das palavras, e d'aquelles nomes cabalisticos de lojas. Quando, crescido em annos e em estudos, farto de ler muita cousa, comecei a ler os complicados livros em que o mysterio das religiões é sondado, fiquei sabendo que a maçonaria, nascida das primitivas iniciações da Ordem do Templo e da Ordem da Rosa-Cruz, guarda, escondida sob o symbolismo dos seus ritos, uma grande parte das tradições antigas. E fiquei sabendo mais isto, que me pôz de bocca aberta: «os proprios maçons não comprehendem os symbolos dos seus ritos. . . »

Agora, vejo que a maçonaria brasileira vem declarar publicamente que « não é uma sociedade secreta, mas um simples gremio beneficente, como outro qualquer... » Pensando sobre o caso, enche-se-me a alma de uma grande tristeza, e derramo cachoeiras de lagrimas amargas sobre as ruínas d'essa grande tradição que se esphacela.

Lembro-me do trabalho secular de todos os Hermetistas, interpretadores da Kabala, — trabalho hoje tornado inutil, — uma vez que a Maçonaria deixa de ser uma associação secreta. Lembro-me de Zedechias e Jechiel, de Alberto-o-Grande e Reuchlin, de Raymundo Lulle que dos arabes recebeu a iniciação dos segredos do *Tarot*, de Paraceiso possuidor de toda a tradição gnostica, de Hugues de Payens fundador da Ordem do Templo... Vejo Rosencrauz, procurando a suprema iniciação na Turquia, na Arabia, na Palestina, iniciando-se por fim em Damcar, morrendo, como um asceta, n'uma grotta selvagem, depois de ter transmittido o seu segredo a raros discipulos cujo ultimo successor é o Sâr Peladan. Vejo os Templarios estorcerem-se sobre as fogueiras de Philippe-o-Bello. Acompanho d'ahi toda a marcha secular da Maçonaria; vejo-a desmanchar imperios, derrocar reinos, abalar o mundo, revolucionar os tempos e as civilizações. E, ó mágua! ó espanto! ó desengano! — vejo-a converter-se em gremio beneficente, em sociedade de soccorros mutuos, em club de dança, em philarmonica recreativa!...

Tudo passa no mundo! tudo desaparece! tudo

morre! Que diria hoje da Maçonaria aquelle bom padre que me iniciou na vida publica, dando-me a primeira instrução — se, resuscitando, visse o *Mação* transformado n'um pacato burguez, incapaz de arrasar a Madre Igreja Catholica Apostolica Romana?

### XIII

Ha no *Jornal do Commercio* de hoje uma noticia, que bem podia trazer este suggestivo titulo: «A apothose do Diabo». Eil-a aqui está, em sua extranha e perturbadora simplicidade: «Na Exposição de Saint Louis, na secção de minas da Luisiania, será exhibida uma estatua de Mephistopheles, de seis pés de altura, feita toda de enxofre puro.»

Não é de crer que, por causa d'isso, a Exposição de S. Luiz seja excommungada, com todas as suas machinas, com todas as suas maravilhosas manifestações de força, de trabalho e de progresso. A America do Norte é hoje um dos grandes pilares da Fé Catholica Romana: no vastissimo territorio dos Estados Unidos o numero dos papistas já é muito mais consideravel do que o dos protestantes; e a Igreja de Roma não ha de querer hostilisar tão grande numero de ovelhas obedientes. Por isso, a «apothose do Diabo» será tómada apenas como uma nova extravagancia d'aquelle povo essencialmente extravagante, — ou, melhor, como uma simples e innocente

*réclame*, organizada pelas companhias de mineração da Luisiania.

Entretanto, n'aquella immensa feira do Trabalho e da Sciencia, a estatua colossal de Mephistopheles terá verdadeiramente uma significação muito mais séria. O Diabo tem sido sobrecarregado até hoje com as responsabilidades de todos os progressos da Sciencia. Não se deu um passo para o Bem, não se realisou um esforço para a conquista do Desconhecido, não se fez uma tentativa para a explicação dos mysterios da vida, não se descobriu uma lei nova, não se inventou uma nova applicação das forças naturaes,—sem que todos esses triumphos do genio humano fossem attribuidos á nefasta influencia e á cooperação amaldiçoada do Diabo. Quando Galileu e Fabricius affirmaram o movimento da terra e a existencia das manchas solares,—o Diabo foi dado como inspirador d'essas heresias; o grande Bacon, por ter creado o methodo experimental, e por ter fundado o estudo racional da physica, da chimica e da astronomia, foi accusado de ter pacto com o Diabo e mettido dentro de um carcere medonho; até um Papa, o sabio Sylvestre II, por ser um grande mathematico, passou, aos olhos da christandade, por um possuido do Demonio, e não faltou quem altamente o verberasse por ter vendido a tiara ao espirito das trevas... O Diabo descobriu a bussola, a polvora, a imprensa,—descobriu tudo: era, pelo menos, essa a opinião dos ignorantes, que, amaldiçoando todas as conquistas do Pensamento, iam accumulando

odios, anathemas, pragas e execrações sobre o nome do Anjo Decahido.

Assim, o Diabo, sem querer, ficou sendo o grande amigo da Sciencia e do progresso, e o grande inimigo da ignorancia. Elle, coitado, tem tanta culpa d'isso, como eu tenho culpa do morticinio dos armenios ou do terremoto de Lisboa. . . Mas, já que, por causa da Sciencia, lhe puzeram em cima das costas tantas culpas e tantas abominações, — é justo que lhe dêem agora uma pequena compensação, elevando-lhe uma estatua no seio da grande Exposição de S. Luiz e prestando-lhe uma homenagem enternecida e grata.

Uma estatua de enxofre, de seis pés de altura, — não é recompensa exaggerada, para quem por tantos seculos aguentou a culpa de todo o progresso humano. . .

#### XIV

Na doce alma da irmã Paula deve haver hoje um extase mais suave e mais feliz do que o das freiras mysticas que vêem o céu e contemplam Jesus em toda a sua gloria.

Essa humilde e santa mulher começa a vêr o seu grande sonho caridoso realisado. N'uma linda casa das Laranjeiras, pequena e asseada, cheia d'essa luz que a bondade espalha por tudo quanto toca, — inau-

gurou-se hontem o *Dispensario*, que a boa irmã fundou á custa de esmolos.

De sol a sol, por muitos dias e por muitos annos, correndo a cidade, indo de casa em casa, subindo e descendo escadas, varejando palacios e estalagens, sempre com um sorriso nos labios,—a irmã Paula conseguiu reunir, de migalha em migalha, o patrimonio da sua *Casa dos Pobres*.

Quem ha que não tenha encontrado, ao menos uma vez, por essas ruas, a fundadora d'aquelle asylo? Diligente e amorosa, a irmã Paula apparece em toda a parte, leve, ligeira, incançavel: as duas grandes azas brancas da sua touca agitam-se no ar, como auxiliando o vôo d'essa abelha da Caridade, que anda colhendo esmolos para a colmeia dos pobres;—mas, além d'essas azas de panno alvo, a boa irmã possui, para facilitar a sua peregrinação infatigavel pela cidade, duas outras azas invisiveis e impalpaveis,—as duas azas feitas de amor e de ternura, as duas azas de anjo que a Caridade lhe empresta.

Ahi vae ella, do romper da manhã ao cahir da tarde, pelo sol, pelas chuvas, batendo a todas as portas, implorando todos os corações. Uns dão muito, outros dão pouco, outros não dão nada: com o seu eterno sorriso, a irmã Paula agradece aos ricos, aos pobres, aos generosos, aos somiticos, aos indifferentes:—e vê-a, e admiral-a, na sua faina piedosa, já é um consolo para quem a encontra,—como se encontrasse na terra um pedaço do céo,—d'esse céo fabuloso que eu não sei se existe na vida de além-

tumulo, mas que com certeza existe cá em baixo, na atmospherá de doçura e de allivio que cerca os entes verdadeiramente bons.

Agora, graças ao trabalho d'essa creatura extraordinária, está formado o primeiro «dispensario»: é o primeiro alvéolo da colmeia bemdita,—é a primeira officina em que as sobras dos ricos se transformam na providencia dos pobres, como o succo das flores se transforma em cera e em mel... Ali, a miseria verdadeira terá um refugio, um pedaço de pão, um caldo, um remedio; ali haverá trabalho para os validos, assistencia para os invalidos, sustento e carinho para todos; ali se mostrará quanto vale a Fé, quando, em vez de se empregar apenas em rezas e em contemplações mysticas, procura espalhar pela terra um pouco de ventura e de bem...

As folhas d'esta manhã dão todas á irmã Paula o qualificativo de *santa*. Para esta applicação especial, não gosto muito do adjectivo: quem diz *santa* já diz qualquer cousa fóra da terra... Para mim, que ainda creio na bondade humana, a irmã Paula é uma grande e suave *Mulher!* Não a quero vêr n'um altar, não a quero vêr no céo:—quero vêl-a aqui em baixo, no meio da nossa fraqueza e no meio das nossas culpas,—como Mulher, santificando a vida, e demonstrando que a humanidade não é tão ruim como parece.



## XV

Já vae longe o tempo em que todos os homens, sabios e ignorantes, viviam pasmados deante da incomparavel e inexcedivel perfeição da machina do corpo humano. Dizia-se com a voz trémula de commovida admiração, que era impossivel conceber um machinismo tão excellente e aprimorado como esse, de molas tão justas, funcionando com tão precisa e admiravel regularidade. E não havia palavras, assaz calorosas e maravilhadas, para louvar a precisão estupenda, o tino phenomenal, a suprema sabedoria do Machinista Divino...

Ora, o que se sabe hoje, é que o organismo humano, se não é mal feito, podia em todo o caso ser muito mais completo e exacto do que é: e já não ha quem louve incondicionalmente a habilidade com que elle foi construido. Quem póde achar perfeita a machina que tem orgãos desnecessarios, e, que além de possuir complicações inuteis, é de uma fragilidade que a expõe, a cada instante, a accidentes desastrosos? Para provar a sua imperfeição, não é preciso recorrer áquella velha graçola do humorista: «se a barriga da perna estivesse collocada na parte anterior da tibia, as canelladas não doeriam tanto...» Sem recorrer á pilheria, é facil mostrar que o Machinista podia ter posto mais esmero no fabrico do nosso corpo. Ainda hontem, por acaso,

li na *Gazeta* que um dos nossos mais illustres cirurgiões, extrahi o rim de um enfermo, que está vivendo, com um só rim, tão bem como vivia quando tinha dois. É assim que a Cirurgia está constantemente emendando a Natureza...

Ha quem viva com um só pulmão, e chegue assim á mais avançada idade. A cirurgia moderna já não hesita deante da mais atrevida intervenção. E, pensando bem, chegamos a concluir que ha, no organismo humano, muitos órgãos, cuja presença se póde perfeitamente dispensar. Attendendo a que todo o trabalho da digestão se póde fazer no intestino delgado, os operadores supprimem o estomago, sem que o paciente fique sentindo a sua falta. Esse mesmo intestino delgado é grande de mais: os cirurgiões cortam-lhe um bom pedaço, e o intestino que fica é mais que sufficiente para dar conta da missão que lhe incumbe. Quanto ao grosso intestino, está provado que não passa de uma fabrica de infecções produzindo uma serie infinita de molestias: e já não teem conta as operações que teem sido feitas, com optimos resultados, para reduzir ou supprimir de todo esse órgão dispensavel. Ha, emfim, quem viva, sem braços e sem pernas... E, ultimamente, a Academia de Medicina de Paris estudou o caso de uma creança, que nasceu *sem cerebro*, e *sem cerebro* viveu muitas semanas! É o cumulo...

O atheu *Birton*, do famoso romance de Voltaire, chegava ao extremo de achar abominavel, e cheia de erros monstruosos, a obra do Creador. Isso é

exaggero de atheu... Mas, não haverá irreverencia nem ateismo petulante, em confessar que a Creação nada perderia em belleza e força, se o Creador, com a sua bondade, a tivesse livrado de certos defeitos. E, afinal, não é possível exigir grandes e supremas maravilhas de uma tão vasta obra, feita apenas em seis dias...

## XVI

Chega ás vezes a espantar, a futilidade dos sabios! Já houve um orientalista que passou dez annos de vida a consultar alfarrabios e a resuscitar edades mortas, para averiguar se Jesus tinha a pelle clara ou morena e os cabellos louros ou negros: e a fórma do nariz de Cleopatra, a molestia de que morreu Alexandre Magno, a especie de veneno que Socrates foi condemnado a beber, — tudo tem sido esmiuçado e estudado com uma paciencia e uma erudição bem dignas em verdade de melhor emprego...

Uma das questões futeis que mais tem apaixonado os sabios é a da notação precisa do ponto da Terra em que esteve situado o Paraiso, — esse encantado jardim em que a nossa mãe Eva commetteu a imprudencia (oh! abençoada imprudencia!) de prestar attenção aos conselhos do Diabo disfarçado em serpente. Ha quem supponha ter provado que o Eden estava encravado no solo da Arabia; ha quem tenha

demonstrado a sua situação nas Indias; outros encontraram vestígios da sua existencia no Thibet; e não faltou quem o collocasse na fria Scandinavia. Agora, um antropologista de Heidelberg, o sr. Schoetensick, publicou uma extensa memoria, fructo de pacientes estudos, com que pretende provar que o Eden ficava na Australia, n'uma região dulcissima, banhada pelas aguas do rio Darling... E a questão não está esgotada: ainda haverá, decerto, quem nos venha dizer que o peccado original foi commettido na Patagonia, ou... no Rio de Janeiro.

O que não sei é para que precisamos de saber onde *houve* esse logar de delicias.

Que importam paraísos desaparecidos? Se nos viessem dizer que em tal ou qual ponto da Terra existe um Eden, de facil accesso e de incomparavel tranquillidade, a revelação seria recebida com grande alegria: e não haveria benções que bastassem para agradecer essa providencia. E, ainda assim, o bem não seria grande, — porque logo todos os homens correriam a povoar essa estancia deliciosa, e, em poucos dias, o Paraiso se transformaria n'um inferno... Mas o que é positivamente uma estulticie é consumir os poucos dias de vida que temos em averiguar casos inuteis. É por isso que já um philosopho grego dava aos historiadores o desdenhoso nome de « cultivadores de nugas. » Se esse sabio Schoetensick empregasse a sua sabedoria e o seu tempo em procurar o meio de dar um pouco mais de bondade aos ricos e um pouco mais de pão aos pobres, applicaria

em serviço mais bello e mais util as forças do seu espirito.

Eu, sem ser sabio, já sei ha muito tempo em que logar esteve situado o Paraiso. . . Foi n'um logar que nunca houve, — n'um trecho da geographia do Sonho, n'uma zona fantastica do paiz do Irreal: porque sómente ahi póde ter havido felicidade completa, pão gratuito, innocencia absoluta e saude perfeita. . .

## XVII

Em Tarascon, segundo Daudet, historiador da brava gente tarasconeza, o entusiasmo popular manifesta-se por esta exclamação delirante: «Façamos barulho! façamos barulho!» O Brasil é uma vastissima Tarascon: os brasileiros não podem viver sem barulho. . . Os infantes, quando nascem, já nascem fazendo uma furiosa matinada: é provavelmente por causa d'isso que ha tantas parteiras surdas.

Hontem, na Camara, houve o annuncio, claramente e altamente feito, de uma *conspiração*. Nos outros paizes da terra, quem diz — *conspiração*, — diz: silencio, cautela, segredo, mysterio. Mas, aqui, as *conspirações* preparam-se, tramam-se, annunciam-se e realisam-se á luz do sol e aos gritos. Nem sei mesmo para que é que ainda pesa no orçamento do interior a verba da policia secreta: o cargo de «secreta» é uma regalada sinecura, porque os que *conspiram* não escondem o que fazem, e são sempre os

delatores de si mesmos. A conspiração de que sahiu a proclamação da Republica; a conspiração que gerou a comedia do 10 de abril; a conspiração que precedeu a revolta de 6 de setembro;—todas essas conspirações, e todas as outras que nos teem encantado e deliciado a vida, foram feitas ás escancaras, com uma alegre e leal franqueza. O lemma dos nossos conspiradores é o « façamos barulho! » dos tarasconezes: e é tambem o lemma positivista, levemente modificado; « conspirar ás claras! »

Nos dramas, nas comedias, nas operetas burlescas, nas revistas de anno, ha um typo classico de conspirador,—homem leve como um espectro, embrulhado nas largas dobras de um manto, com a barba escondida n'um *cachenez* e os olhos tapados pela aba do *sombrero*, resvalando ao longo das paredes, sem rumor, com uma cautela em cada olhar e um disfarce em cada passo. . .

Talvez seja real, na Europa, a existencia d'esses conspiradores, que só temos podido apreciar aqui, no theatro, em dramas ou *vaudevilles*. Os nossos conspiradores authenticos nada teem de *commum* com esse typo classico. Eu, por mim, conheço-os muito bem, porque já vivi com elles, e já com elles machinei pavorosissimas resoluções, que só conseguiram deitar abaixo. . . a minha liberdade. Conheço-os bem: são uns excellentes rapazes, leaes e sinceros, de physionomia aberta, de alma debruçada dos olhos e da bocca, dizendo a toda a gente, sem rebuços e sem ambages: « Fiquem sabendo que nós

somos uns formidaveis carbonarios! estamos preparando um cataclysmo social! Fugam emquanto é tempo! — fugam... ou prendam-nos! porque, se não fogem e se nos deixam em liberdade, vae tudo raso! »

Antes assim, amigos! sejamos sinceros, porque a sinceridade é uma bella virtude... Façamos barulho! façamos barulho!

### XVIII

Correndo ao acaso os olhos pelas columnas de um jornal, encontro, escondida entre noticias de furtos, de motins, de prisões, esta nota que leio e releio, com a attenção captiva:

«Foram lançados no dia 2 na Roda da Casa dos Expostos, da Santa Casa da Misericordia, duas creanças, uma do sexo masculino, de côr branca, com vinte e seis dias de vida, que tomou o nome de Carlos e ficou matriculada sob o n.º 42:646, e outra do sexo feminino, de côr branca, recém-nascida, tomou o nome de Maria do Rosario, sendo matriculada sob o n.º 42:647.»

Muita gente, no Rio de Janeiro, não conhece a Roda dos Expostos... Certa noite, passavamos, tres amigos, pela rua dos Barbonos, e paramos um pouco, perto da tosca e singela caixa caridosa—rodando sobre um eixo de ferro, na estreita abertura da velha parede. Nunca esquecerei o mudo respeito

que nos invadiu, gelando-nos o riso nos labios, deante d'aquelle buraco negro, que, na sua inconsciencia e na sua passividade de cousa inanimada, tem muito mais piedade e muito mais carinho do que muita alma de mãe... Quando se faz girar a caixa, o eixo enferrujado e pêrro exhala um gemido fraco: o velho seio da Caridade apparece, aberto como um collo materno, prompto a receber e acolher a creaturinha engeitada. Outra volta: e tem a Santa Casa mais um filho! cá fóra, ficam o desamor, a vergonha, a macula e a fome; lá dentro, ha o leite e o carinho, a agua fresca para o banho, a carta do *abc*, a redempção...

Creio que é hoje prohibido deitar creanças no seio da Roda dos Expostos. Porque? não é melhor permittir que as mães desnaturadas confiem os filhos á Roda, do que obrigar-as a abandonal-os na rua, sobre os monturos?

Mas, apesar da prohibição, ainda ha mães, que illudindo a vigilancia da policia, recorrem áquella santa instituição. No dia 2 d'este mez, duas creanças foram confiadas á Casa do Amor: um menino e uma menina, que já teem nome, que já foram reintegradas na communhão humana, d'onde a vergonha e a miseria as queriam banir...

E o que mais commove, n'aquella singela noticia, é aquelle algarismo: 42:647... Isso quer dizer que já quarenta e duas mil seiscentas e quarenta e sete creaturas passaram por ali; quarenta e duas mil seiscentas e quarenta e sete almas salvas do opprobio!



E os velhos braços misericordiosos da Roda não se fatigam; o amor, que os anima, não permite que elles, enfraquecidos pela idade, rejeitem os pequeninos naufragos da vida, arrojados ali pelo Egoismo e pela Crueldade; — não! lá estão elles, maternalmente abertos, infatigavelmente cumprindo a sua missão sacrosanta!

Deus de Misericordia! todos os homens de coração, que passam por aquelle obscuro recanto da rua dos Barbonos, deveriam ajoelhar-se e cobrir de beijos a velha e tosca madeira da Roda bemdita!

## XIX

9 de janeiro... Chegaram-me os ultimos cartões de *boas-festas*... Já não é novo o anno: já, como os outros, caminha, com o mesmo tedio, na mesma inalteravel successão de esperanças e de desenganos; de alegrias que cedo morrem e de desgostos que ficam perpetuamente doendo.

Cartões de *boas-festas*... Uns, seccos e frios, teem um ar vasio, de formalidade, de obrigação, de indifferença; outros, mais intimos, trazem palavras que aquecem o coração, fazendo-o, ainda no meio da magua maior, desabrochar em sorrisos; estes, com flores, falam de amores antigos, de antigos delirios mortos que ainda conservam, sob a cinza em que tudo acaba, um pouco do calor primitivo; aquelles, vindos de longe, com palavras que a saudade

anima, dão noticia de amigos ausentes; e ha ainda os que, debaixo da banalidade de um cumprimento, escondem odios hypocritas que o tempo não acalma; e ha ainda os que dizem tudo; e ha ainda os que não dizem nada. . .

Que importa? todos elles consolam! Por mais carregada de tristeza que a alma esteja, ao entrar o novo anno, essas saudações, que outras almas lhe enviam, formam em torno d'ella uma atmospheria doce, de carinho e de conforto. E a alma diz a si mesma: « não és a unica a appellar para as felicidades pouco provaveis do anno que começa: outras, como tu, ainda acreditam que vale a pena viver, — quando mais não seja, para ter o ensejo de maldizer da vida. »

Boas-festas. . . Eu por mim tenho o costume de desejal-as a toda a gente: até aos que agonizam; até aos que teem ainda, no coração, uma ferida recente, que sangra e doe; e até aos que já nada esperam do anno-novo e da vida. . . Se não tivesse medo do ridiculo, eu iria, no primeiro dia do anno, collocar os meus cartões de boas-festas sobre os tumulos dos meus mortos amados. Porque não? boas-festas, no fundo da terra! boas-festas, no seio da eternidade! boas-festas, no grande somno derradeiro!

A moda de trocar cartões no dia de anno-novo não é apenas uma ostentação vulgar de cortezia: é de algum modo a affirmação d'esta solidariedade da vida, d'esta alliança perpetua entre os que vivem, e os que viveram, e os que viverão. Não estás só na

terra alma triste! pois que de outras almas te lembram e pois que outras almas se lembram de ti!... Que importa venham alguns cartões lembrar um passado que faz chorar? que importa venham outros acenar com promessas que nunca serão cumpridas? Todos elles consolam...

O essencial é ser a gente lembrada: lembre-se de mim o odio, se não puder o amor lembrar-se de mim! Porque a vida só é impossivel para os que se vêem condemnados, a atravessal-a dentro da bruma de um anonymato absoluto,—sem merecer uma palavra de carinho, ou de odio, ou de benção, ou de maldição...

## XX

Estava eu convalescendo n'uma fazenda do interior, no bom tempo em que carne de escravo se vendia como carne de boi, e em que a patifaria da lei de 13 de maio não viera ainda ferir de morte os sagrados direitos dos mercadores do gado humano. Bom tempo! abençoadissimas eras!...

E, pois, estava eu convalescendo n'uma fazenda do interior. O feitor d'essa fazenda trabalhava sobre-humanamente. Os escravos eram mais de trezentos: —imaginae! mais de trezentos!—e o feitor era um só!... Era um mulato garboso e escorreito, face dura, e musculos mais duros ainda. Mas, apesar da sua robustez, quando chegava a noite, estava der-

reado: surrar trezentos homens por dia não é trabalho menor que o de Hercules, o qual, se devemos acreditar nas chronicas, dava a santificação da maternidade a trezentas esposas por noite.

Um dia, encontrei o feitor a cavallo, em traje de viagem, seguido de muares, sobre cujos lombos as suas canastras oscillavam.

— Que é isso, *seu* João? vae viajar?

— Vou, *seu* doutor! Pedi uma licença e vou descansar, que não posso mais!

— Está aborrecido do officio?

— Qual, *seu* moço! o trabalho honrado nunca aborrece... Mas cança! tenho os braços espatifados: vou descansar um bocado! Passei o vergalho ao meu substituto legal.

Este substituto legal do João era o Manoel, outro mulato, igualmente escorreito e garboso, talvez não dotado de igual força, mas não dotado de menos entranhado amor do officio.

— Adeusinho, *seu* doutor! Vou refazer as forças... Olhe que estes negros dão cabo de um homem!

— Acredito, *seu* João, acredito! É o diabo ter a gente de ganhar o pão á custa do suor das costas dos outros... Passe bem!

E o João, dando de rédea ao cavallo, abalou.

Lembrei-me hontem do João, lendo, n'uma gazeta, que o governador de um Estado da União,— aquelle mesmo governador que costuma chamar a palacio os jornalistas da opposição para os esbordoar convicta

e constitucionalmente, — deu parte de enfermo e passou o governo ao seu substituto legal. Pensar a gente que ainda ha quem queira ser governador, quando o exercicio d'esse alto cargo arruina, pela violencia das suas attribuições contudentes, a mais robusta saude! . . .

Não ha raça peor nem mais insubordinada, nem mais insolente, nem mais carecedora de pancadas, nem mais exasperadora da paciencia dos governantes, — do que esta abominavel raça dos jornalistas.

O governador, que deseje manter no seu Estado a disciplina e a ordem, carece de estar sempre vibrando o cacete sobre as costas dos borradores de papel. Ao cabo de um anno de governo, não ha *biceps* presidenciaes que resistam a esse regimen. Corrigir a imprensa é uma obrigação esfalfante. Por isso, o governador do Estado, a que me refiro, como o João da fazenda, teve de pedir uma licença e passar a bengala ao vice-governador . . .

Mas, socegae! Felizmente para a tranquillidade do Estado, os jornalistas não lucrarão muito com isso. Se João, derreado pelos excessos da acção contudente, se vê forçado a descançar, — lá fica Manoel, que se não é dotado de egual força, não é com certeza dotado de menos entranhado amor do officio . . .

## XXI

Não sei por que capricho, entrei hoje no Necroterio.

A luz, coada por vidros espessos, é discreta, n'aquelle pequeno recinto, — sorte de porto sinistro, a que vão ter os naufragos da miseria humana. Do marmore do chão, sobe um frio que enregela a alma: e o silencio que ali ha, de respeito e de espanto, amedronta e repelle. Entra a gente, de cabeça descoberta, andando devagar, abafando o barulho dos passos: e parece que a luz, o ar, a vida ficaram definitivamente lá fóra, para lá d'aquella cadeia de cyrestes perfilados e escuros, que rodeiam a casa, montando guarda á Morte. . .

Hoje, quando entrei, — sobre uma das mezas, vestido e inteiriçado, com a nuca sobre a chanfradura em meia lua do cepo de pau, estava um cadaver de homem, — os braços esticados ao longo do tronco, os punhos cerrados e rôxos, um lenço branco sobre a face.

Errava no ar um cheiro de acido phenico. Rodei sobre os calcanhares, e ia abalar d'ali, quando um visitante chegou, parou um momento á porta, adeantou-se, roçou o meu hombro com o seu, sem me vêr, deu uma volta pela sala, deteve-se um momento perto do cadaver, e caminhou para a porta, — como um automato, de olhos baixos, arrastando no lagedo os passos distrahidos.

Era quasi velho: uma barba maltratada e suja lhe ensombrava a face chupada e amarella.

O bigode cahia sobre a bocca, tapando-a; mas via-se que os labios se agitavam tremulos.

Com as mãos mettidas nas algibeiras do casaco poído, passou de novo por mim, e, de novo, ficou, hesitante, na moldura da porta envidraçada. E, visto assim de costas, dava pena o mysterioso visitante: sobre os seus grossos sapatos, já quasi sem saltos, cahiam as fimbrias esfiapadas das calças; o dorso curvado estava sacudido de uma respiração offegante; e os cotovellos, n'um tremor continuo, batiam o corpo, de quando em quando, de leve.

Sahiu. Sahi tambem.

Lá fóra, no fulgor da tarde, não me detive a saborear o gozo de estar fóra d'aquella sala medonha: segui o homem, que se encaminhou para uma taverna de marinheiros. E vi-o sentar-se, pedir qualquer cousa, entornar na garganta de um bôrco um grande copo de bebida, e ficar immovel, com os cotovellos fincados na taboa da meza.

Pobre! . . . fóra talvez, sem saber o que fazia, visitar a casa funebre, para onde qualquer dia será levado, com o craneo partido por uma bala, ou com o ventre inchado e verde, já meio comido dos peixes vorazes . . .

## XXII

Arthur de Oliveira, — aquelle descabellado romantico que floresceu no Rio ha vinte annos, e a quem Theophile Gautier dava o nome de *Père de la fauldre* — não permittiu nunca que lhe tirassem o retrato: «o retrato é a edição barata da face humana: não quero ter a minha cara ao alcance de todas as bolsas!»

Como todos os paradoxos, esse paradoxo de Arthur tinha um grave fundo de verdade. O homem que commette a imprudencia de ficar celebre (por culpa sua, ou por culpa dos acontecimentos), na politica, nas letras, nas artes, — vê logo a sua physionomia reproduzida e espalhada pelas casas e pelas ruas, barateada e profanada, — de maneira que do homem celebre é que se póde com razão dizer que não é senhor do seu nariz. Agora, já a moda não se contenta com os retratos: estão em moda os bustos; os bustos baratos, em terra-cota, em gesso, em barro. E, ás vezes, a imagem do grande homem, assim reproduzida pela lithographia ou pela esculptura, vae parar em logares. . . maravilhosos!

Certa noite, por altas horas, n'um bairro afastado, vi aberto um botequim lobrego, de mezas sujas de pau, frequentado por operarios e noctivagos da ultima camada. Entrei, á procura de phosphoros, e, sem querer, interessei-me logo por aquelle aspe-



cto novo da vida carioca. Os freguezes, quasi todos descalços, em camisa de meia, fumavam cachimbos empestantes, bebiam drogas horriveis, — diziam cousas inconcebiveis, em baixo italiano e em portuguez cerrado. Alguns pretos punham, n'aquella assembleia, a nota brasileira. Uns jogavam, esfregando na taboa da meza, ensopada de aguardente, as cartas negras; outros brigavam, rosnando ameaças e improperios, esbugalhando os olhos que o alcool afuzilava. E, na parede principal da sala escura, sem caixilho, grudada sobre a cal immunda, havia uma lithographia colorida de... Leão XIII! E era de vêr o ar piedoso com que a esperta face encarquilhada do Santo Padre olhava o movimento d'aquelle antro ignobil...

Mas, ainda ha melhor. Ha tres ou quatro dias, foi assassinada, em uma pocilga da rua do Senhor dos Passos, uma velha marafona franceza. Os jornaes descreveram a habitação torpe: os moveis surrados, os quadros com imagens de santos e santas, as cortinas de panno ralo, e o ar cheio do cheiro nauseante da alfazema. Porém a minucia interessante é esta: sobre o consólo desconjuntado, entre dois jarrões com flores de papel, havia um busto de terra-cota: era o busto de Sadi-Carnot! Sadi-Carnot! quando pensaria aquelle grave homem, que tinha o fanatismo da correcção, e a religião das casacas perfeitas e dos collarinhos impeccaveis, — tão grave e tão correcto, que nem mesmo esfaqueado e moribundo perdeu a compostura, — quando imaginaria elle que o

seu busto havia de figurar n'um alcouce do Rio de Janeiro, presidindo os *joyeux ébats* de uma *Lais* madura, e vendo afinal a vida da casa acabar n'uma tragedia tenebrosa!...

Pobre correcto Sadi-Carnot! antes não ser celebre, do que vir a ter tão espalhada e tão desagradavel celebridade!

### XXIII

É hoje o dia dos mortos...

Naturalmente, tu tambem irás a um cemiterio qualquer... Não digo que vás, com esse bello corpo carregado de luto e com essa alma frivola carregada de tristeza, chorar algum morto sempre lembrado. Se os mortos, do fundo das suas covas, ainda pudessem admirar a belleza de uma mulher, eu admittiria que lá fosses por causa d'elles: mas que importa aos mortos a tua belleza? Irás ao cemiterio, amada minha, por causa dos vivos; irás á romaria funebre como foste ao teu ultimo *pic-nic*, — para vêr gente e para a essa gente mostrar os teus grandes olhos claros, igualmente formosos entre as luzes do Lyrico, entre as vitrines da rua do Ouvidor e entre os chorrões de S. João Baptista ou do Cajú. Apenas não te vestirás de sedas claras: entre os mausoléos carregados de flores e de cirios accesos, passarás vestida de negro, — e isso porque sabes que, emmoldurada pelo

negror do luto, a tua pelle branca parece ainda mais branca...

Vae, amada minha! É moda lembrar-se a gente dos mortos no dia de hoje... Só te peço que te lembres também de mim, que também sou um morto para o teu amor. Se vaes dar um pensamento meigo aos defuntos que nunca amaste, porque não darás também áquelle que, quando vivo, muita vez povoou de beijos as tuas noites?

Não estou ainda friamente deitado no fundo de um caixão, esmagado por um grande bloco de pedra, conversando com os frios companheiros da morte, filhos da decomposição e da treva. Ainda aqui ando entre os vivos—vivo também—, porque a ingratição não mata. Mas estou morto para o teu amor, morto como qualquer d'esses mortos, que não sentirão hoje, no cemiterio, a sola do teu sapato pequenino roçar indifferentemente as pedras que os esmagam...

Eu, por mim, não tenho necessidade de ir ao cemiterio para me lembrar dos meus mortos. Tenho-os aqui, fechados commigo, deitados todos no meu coração, como n'uma triste valla commum. Sósinho, enquanto lá fóra o povo borboreinhar nas alamedas de S. João, do Cajú e do Carmo, na faina de visitar aquelles que já não fazem caso das visitas da terra, mergulharei o olhar dentro do coração onde andaste matando esperanças...

Aqui dormem ellas, guardadas pela minha saudade; aqui dormem as palavras que me dizias, cheias

outr'ora de tanta vida, tão seccas hoje; aqui estão os cadaveres dos teus juramentos; aqui estão os restos mortaes das promessas que me fazias antigamente, tão quentes e tão vivas que as suppuz immortaes...

Aqui dormem os meus mortos. Ha apenas alguns que não poderão ter hoje a minha visita: são os meus beijos defuntos, os beijos ardentes, que partiram, cantando e palpitando, do ninho da minha bocca, e foram morrer tristemente á flor da tua pelle fria...

Vae, amada minha! haverá tanta gente hoje nos cemiterios!... tantos olhos de vivos te verão, pallida e risonha, dentro da moldura do vestuario negro! Vae, amada minha! vae visitar os mortos para regalo dos vivos! Só te peço que, no dia de hoje, que é o dos que morreram para a terra, te lembres um momento de mim, que tambem morri para o teu amor!...

## XXIV

Quem foi que disse que o patriotismo é um preconceito ridiculo? Não fui eu, jacobinos! foi Spencer, foi aquelle mesmo Spencer, homem grave e desinteressado, amante da sabedoria e da justiça, que nós todos citamos em chronicas e em artigos de fundo, em noticias e em sonetos, em discursos e em livros de litteratura amena. Foi Spencer!

Não fui eu, que sou um homem ridiculo, carregado de preconceitos. Apesar d'isso, se o caso da occupação da Trindade me indigna, não é porque, anglophobo e nativista, eu me revolte contra a invasão estrangeira. Revolto-me contra a invasão *tout court*. Invasão ingleza, brasileira, chinesa, allemã, russa, — que importa? — O que eu queria é que a Trindade ficasse deserta de homens.

Oh! deserta de homens! entregue ás feras e ás aves selvagens, que teem a deliciosa fortuna de nunca haverem visto um homem! Cercada de um mar bravio, cheio de peixes, que tambem nunca ouviram falar de Spencer nem de mim! sósinha, muda, barbara, calma, posta no meio do Atlantico, longe da costa brasileira, longe da costa africana, — ilha rebarbativa cegoista, afastada da communhão das terras civilisadas, e soturnamente resmungando, como o Alceste de Molière: «*mon dessein est de rompre en visière à tout le genre humain!*»

Pobre Trindade! enquanto ninguem a disputou ao dominio do Brasil, ella pôde ter a certeza de que ninguem a iria habitar: nós temos tão pequena população e tão grande preguiça!... Mas, os inglezes! os inglezes! De hoje em diante, não sómente patas de corças ariscas baterão aquelle solo virgem: patas pesadas e humanas, encouraçadas em botas Clark, abalarão com o seu estrupido tempestuoso as florestas escuras. E ao côro primitivo dos passaros casarse-ha o côro das *miss* descarnadas e ossudas, recitando os versiculos do Paralipomenos e dos Reis.

Depois, que horror! profanar um deserto, assentando n'elle a ignominia de uma estação telegraphica!... E pensar que por aquella nobre ilha, tão independente, tão orgulhosa, tão casta até hoje, hão de futuramente passar telegrammas, noticiando cousas chatas ou infames: uma enxaqueca da rainha Victoria ou um novo amor de Oscar Wilde, um espirro de Bismarck ou um novo estripamento de Jack, uma coqueluche do rei Affonso ou uma nova batota do Panamá!...

Adeus, castidade não violada até hoje! adeus, doce ignorancia das cousas e das gentes! — a Trindade está perdida.

No conto de Balzac, *Une passion dans le desert*, um soldado diz que «o deserto é... Deus, sem os homens». Agora, na Trindade, ha Deus, mas ha homens tambem, — companhia desagradavel, que Deus e a ilha dispensariam com grande prazer.

## XXV

Li hontem a noticia de que vae morrer, demolido pela ingratidão dos homens, o mais velho navio de quantos até agora cruzavam os mares. Esse navio é o *Anita*, construido em fins do seculo XVI, em Genova. Mais de tres seculos de vida e de trabalho! mais de tres seculos de aventuras pelas largas aguas, ora boiando e sonhando ao clarão dos luares de prata, — ora arfando e penando ao sopro dos temporaes, esbordado e tonto!...

Ha mez e meio, pouco mais ou menos, o *Anita* fez a sua ultima viagem e veio de Napoles a Teneriffe, já cançado, já triste, já resfolegando a custo, como se uma sclerose senil lhe houvesse minado o systema arterial dos tubos da velha machina. Essa carreira de Napoles a Teneriffe foi a ultima proeza do ancião, o ultimo serviço de tantos prestados por elle á civilisação e ao commercio. Ao chegar a Teneriffe, cahiu exausto, tendo dado á felicidade dos homens o ultimo esforço do seu gasto corpo valetudinario. Diz a noticia, de onde extraeo este assumpto, que o consul italiano em Teneriffe vendeu-o a um mercador de ferros velhos... Acabou a tua existencia, grande operario do Bem!

Quando, em fins do seculo XVI, sahiste de Genova, — d'essa antiga *Genua* dos Romanos, d'essa patria gloriosa de Colombo, d'essa rica exploradora dos mares, que já no seculo XI possuia as chaves do caminho da Asia e era senhora absoluta do commercio e da navegação, — eras um esbelto e robusto veleiro, affrontando os ventos, desfraldando á luz deslumbrante do sol os velames claros.

Quantas mercadorias, destinadas á alimentação ou ao luxo dos povos, foram transportados no teu largo bojo! quantas gentes, alegres ou tristes, se debruçaram das tuas amuradas, contemplando as aguas infinitas, olhando com saudade as terras amigas que desapareciam, ou mirando com ancia as terras desconhecidas que surgiam das brumas do mar!

Depois, reformaram-te, puzeram-te de accordo

com o progresso, metteram no teu ventre uma machina possante, levantaram-te na tolda, entre os antigos mastros, as chaminés fumegantes,—e continuaste a errar pelo oceano, infatigavel e generoso, servindo a humanidade, — grande navio, filho da terra de Colombol

Mas tudo, n'este baixo mundo, tem um fim. Tres seculos de trabalho consomem as forças do mais robusto dos hercules. Desmembrado, retalhado, despeçado pela cupidez do mercador de ferros velhos que te adquiriu,—vaes ser repartido, dispersado em misteres varios, — ainda depois de morto prestando serviços.

D'aqui a alguns dias, quem se lembrará de ti? Nem o grande mar, que a tua quilha tres vezes centenaria tantas vezes opprimiu, guardará um só vestigio da tua passagem,—nem um só herdeiro das familias de armadores que enriqueceste guardará, a mais apagada lembrança do teu nome... *C'est le triste retour des choses d'ici-bas!*

## XXVI

Já não ha no Brasil quem seja capaz de comprehender e applicar a terrivel phrase de Rousseau: « *Oui! je conçois q'un homme aille au jeu: mais c'est lorsque entre lui et la mort il ne voit plus que son dernier écu...* » No Brasil, joga quem não tem dinheiro, e joga quem o tem: a necessidade e o tedio,



a miseria e a ociosidade fornecem á compita o combustivel á machina hedionda. Ha quem jogue para matar a fome, e ha quem jogue para matar o tempo. Na sarabanda do Azar, dançam todos, ricos e pobres, de mãos dadas, torvelinhando na mesma vertigem. O jogo não é mais um vicio: é um divertimento innocente « que não faz mal a ninguem. . . »

Que não faz mal a ninguem! Ainda hontem, em S. Paulo, um pobre diabo, mettido na farandula fatal, girou, rodopiou, e sumiu-se, levado para a treva da morte. . .

O telegramma é secco e terrivel: « Hoje, ás duas horas da tarde, suicidou-se aqui G. M., barbeiro, de vinte e quatro annos de idade, dando um tiro de revólver no coração. Era noivo. O motivo do suicidio foi ter o infeliz perdido todo o ordenado de um mez no frontão. » Tinha vinte e quatro annos, e era noivo. Não foi apenas o seu ordenado de um mez, ganho vintem a vintem, accumulado de dia em dia, o que elle arriscou jovialmente, entre o almoço e o jantar, entre um cigarro e um copo de cerveja, no golpe derradeiro da *cêsta* de um jogador de pelota: arriscou a fortuna incomparavel da sua mocidade, a esperança de um lar que já se inflorava para o receber, e o coração d'aquella que o chamava para seu companheiro na jornada do amor.

Jacques Rolla, *le plus grand débauché*, tinha a mesma idade, mas não tinha as mesmas esperanças. Esse, quando tomou as tres bolsas cheias de ouro, e sahiu a gastal-as justamente com a vida, já sabia de

antemão que o naufragio estava á sua espera, ao cabo da viagem:

*« Le monde souriait en le regardant faire :  
Et lui, que le faisait, disait à l'ordinaire  
Qu'il se ferait sauter, quand il n'aurait plus rien . . . »*

Mas esta pobre victima do frontão não tinha esse amargo e sereno scepticismo. A vida attrahia-o, prendia-o, apaixonava-o. Não pensava na morte, porque amava. E tudo isso, todo esse amor, todo esse futuro, toda essa esperança, tudo isso acabou com o choque secco de uma pelota infeliz na *cancha* e com o choque assassino de uma bala no coração.

Pois, não é verdade que o jogo é um divertimento innocente, « que não faz mal a ninguem? »

## XXVII

Lembram-se dos coqueiros de Villegaignon?

Por muitos annos, por longos e felizes annos de paz, elles ficaram ali, tranquillamente plantados á beira mar, mollemente embalados pelo murmurio meigo das vagas, dando um toque de graça ao car-rancudo aspecto da fortaleza. Quando começou a revolta de 92, as balas, que não respeitavam a vida dos homens, não se julgaram obrigadas a respeitar a vida dos coqueiros: e os esbeltos vigias da fortaleza,

as verdes sentinellas da ilha, começaram a cahir, victimas da sanha assassina. No dia em que a paz se firmou, só restava um coqueiro, um só, — melancolico e derradeiro representante de uma familia extincta. . .

Confesso que sou um futil: ás vezes, os grandes abalos, as grandes crises sociaes, os acontecimentos de monta, passam e reboam sobre mim, sem que da sua passagem e do seu barulho me fique no espirito a menor impressão; e ha pequenas cousas que me preocupam como se fossem terremotos. . . Nunca passei pelo Flamengo ou pela Lapa, sem dar um olhar demorado áquelle velho coqueiro triste, áquelle solitario verde, unico sobrevivente de tantos, unico respeitado dos schrappnells crueis. Quando os ventos da barra sacudiam o seu largo cocar, elle tinha no movimento sereno das folhas uma tristeza digna, um ar de resignação infinita. Era como um ancião cançado, que, tendo visto morrer todos os homens do seu tempo, tendo visto sumir-se na cova toda a sua geração, espanta-se de ainda estar vivo, e a si mesmo pergunta com amargura o que ainda está fazendo no mundo.

Pois, ha dias, dei pela falta do ultimo coqueiro de Villegaignon. . . E esse acontecimento tem para mim muito mais importancia do que o apparecimento de Venus ao meio dia, do que os morticínios da China, e do que a agitação anarchista. Que foi feito d'elle? Abateram-no, porque o misero estorvava o caminho? Morreu de velhice, roído e apodrecido pelos annos? Mataram-no, por achar a sua clara fo-

lhagem indigna da severa catadura que deve ter uma fortaleza?

Quem sabe lá! Talvez morresse de saudade, o velho e solitario coqueiro...

## XXVIII

Duzentos filhos do Celeste Imperio, duzentos representantes da raça ancian, estão a esta hora aboletados na ilha das Flores, tristemente meditando sobre os inconvenientes do rabicho cortado.

Foi o *Malange* que os trouxe, da possessão portugueza de S. Thomé, onde longos annos suaram os lavradores amarelllos, amanhando as terras. Quando se viram sem trabalho, pensaram em revêr os kiosques da patria: mas tinham cortado os rabichos. E, como chim sem rabicho não é chim, os pobres diabos recearam que os patricios completassem a obra expoliadora, cortando-lhes tambem... as cabeças.

Ao povo hebreu, Moysés mandou, por ordem do Senhor: «Não cortareis o cabello em redondo; nem rapareis as barbas!» Quem teria ordenado ao povo chinez que não cortasse os rabichos? Naturalmente, Confucio. O rabicho é a cadeia que prende o chim á Patria. O chim que, n'um momento de irreflexão, entregou o seu comprido molho de falripas á tesoura irreverente, perdeu uma cousa mais preciosa do que a lingua, a religião, os costumes da patria: perdeu

o cordão umbilical que o liga ao ventre materno. As portas do torrão natal fecharam-se para o apostata: no dia em que, arrependido e miserrimo, elle quizer implorar o perdão dos seus, um vento de indignação e colera erriçará todos os rabichos implacaveis da Patria, e a Patria cevará o seu odio no sangue do filho maldito.

Depois de S. Thomé, o Brasil; depois do Brasil, os Estados Unidos... Tudo, menos a China! tudo, menos a terra amada e inexoravel!

São mais duzentos condemnados ao suicidio pelo opio, pela nostalgia, pela amargura infinita da saudade. Distribuidos pelas fazendas do Rio e de S. Paulo, os duzentos viajantes do *Malange* vão começar a cultivar as terras, com os olhos no chão do Brasil, mas com o pensamento nos kiosques longinquos... E, d'aqui a pouco, começarão a apparecer chins enforcados, frangalhos amarellos, oscillando ao sabor do vento, pendentés das arvores.

## XXIX

De todas as anedotas que correm o mundo, a mais sabia e profunda, a mais cheia de verdade e bom senso, é aquella que nos mostra um astronomico cahindo n'um buraco por ter os olhos pregados no céo. Todos os homens, — ainda os mais praticos e os mais arredados dos devaneios do sonho, — cahem frequentemente n'esse buraco. Nós todos pensamos

muito mais nos mysterios que não concebemos do que nas realidades que ouvimos, palpamos, cheiramos e vêmos.

Ha hoje, no serviço telegraphico dos jornaes, uma noticia que dá margem a commentarios ironicos. Organizou-se na Europa uma nova missão scientifica, encarregada de ir medir, na Africa, um arco do meridiano terrestre: — e só o governo allemão acaba de auctorisar a despeza de quasi meio milhão de marcos para auxilio d'esse trabalho.

De facto, ainda hoje, no começo do seculo xx, já depois de um seculo que a si mesmo se condecorou vaidosamente com o titulo de seculo — das luzes, — nós não conhecemos com exactidão as dimensões do planeta que habitamos. Todas as noções que sobre isso já adquirimos teem apenas um valor approximativo. E, se considerarmos que ainda ha, na Asia e na Africa, uma grande porção de terras inexploradas e virgens do passo de homens civilizados, facilmente reconheceremos que a Humanidade reproduz, em ponto grande, a ambição d'aquelle passarinho da fabula, ainda implume e já vaidoso, que, não podendo percorrer de galho em galho a arvore onde nascera, queria percorrer todo o céu com as azas impotentes.

Nós não conhecemos a Terra, e queremos conhecer o espaço infinito. O nosso grande sonho não almeja devassar o segredo dos grandes desertos e as grandes florestas, que se conservam impenetraveis, na face do planeta: o que ardentemente deseja é ir

á Lua ou a Marte, afim de verificar se os selenitas e os marcianos comem, pensam, amam como nós, e se teem vicios e virtudes que se pareçam com os nossos...

Ainda ha poucos mezes um orador (esquentado e mirabolante como todos os nossos oradores) saudando Santos Dumont, dizia-lhe, n'um arroubo furioso de lyrismo hyperbolico: «Vae, Dumont! sobe, devassa os ares, perlustra o espaço, conquista os astros, e, quando chegares ao Sol...» Não guardei na memoria o recado que esse orador queria mandar ao Sol, por intermedio de Santos Dumont: devia ser um recado tão insensato e tão extravagante como o discurso... Ai de nós! o Sol que nos serve de centro planetario, e toços os outros soes que povoam o espaço infinito, podem ficar descansados: nós não iremos jámais devassar os seus segredos, — porque, depois de tantos milhares de seculos de vida na terra, ainda não conseguimos saber de que tamanho é o grão de areia em que vivemos...

Vão perguntar a uma formiga de que tamanho é o seu formigueiro: ella responderá que não sabe, e que não tem grande desejo de o saber... O que ella deseja ardentemente saber é o tamanho do Universo!

### XXX

Diz-se, e parece certo, que o homem de lettras é o mais vaidoso animal, de quantos vivem sobre a terra. O grande Henrik Ibsen, o extraordinario auctor

de *Hedda Gabler*, d'*Os Espectros* e da *Casa de Boneca*, é uma brilhante confirmação da regra.

Até ha bem pouco tempo, Ibsen ia todas as tardes, ás duas horas e vinte minutos em ponto, ao Grande Hotel de Christiania, cujo salão ficava literalmente cheio de gente anciosa por contemplar o eminente escriptor, — que se deliciava longamente com essas homenagens de veneração e respeito. Mas, ultimamente, uma singular molestia nervosa veio privar-o d'esse prazer, tão grato á sua justa vaidade. Ibsen, apesar de conservar a integridade mental, está soffrendo de estranhas perturbações no exercicio da palavra articulada: a palavra nem sempre obedece ao pensamento, e o escriptor quando fala, troca os vocabulos, dizendo muitas vezes o que não quer dizer. Isso motivava incidentes desagradaveis, — e a familia do dramaturgo deliberou, apesar dos protestos do voluntarioso e illustre ancião, conserval-o internado no lar.

Ibsen, privado do prazer de se vêr todos os dias admirado e cumprimentado pela multidão, começou a definhar; o povo tambem privado da contemplação do seu idolo, começou a queixar-se. A familia imaginou então um interessante expediente, que foi logo posto em pratica com os melhores resultados. A casa de Ibsen tem um vasto aposento, que dá, por uma larga janella envidraçada, para a praça principal de Christiania. Todas as tardes, ás duas horas, a praça fica cheia de povo: Ibsen vem tomar a sua refeição junto d'essa janella envidraçada, e



póde gozar do vivo prazer de sentir que a multidão ali está, como antigamente, a miral-o carinhosamente, e a acompanhar, n'uma recolhida e piedosa devoção, todos os seus movimentos. E assim fica satisfeito o glorioso velho, e fica satisfeito o povo. . .

O que mais encanta e seduz n'essa historia, que acaba de ser contada pelo empregario theatral Schurmann — um dos maiores amigos e admiradores de Ibsen, — é a ternura, é o amor, é o orgulho de que toda a gente de Christiania cêrca o seu grande escriptor nacional. Esse interessante episodio prova que o povo norueguez não se limita a admirar o seu poeta e o seu «apostolo»: ama-o, adora-o, idolatra-o, e vive todos os dias a agradecer-lhe o renome que tem dado á patria, com o seu trabalho intellectual, incessante e fecundo. . .

Ah! meus amigos! que grande, que profunda differença entre esse frio paiz do norte da Europa, e um certo ardente paiz, que conhecemos muito bem, e onde os homens mais cheios de serviços prestados á patria são justamente aquelles que mais injurias e mais apôdos merecem! . . .

### XXXI

Dá a impressão de um pesadello a leitura dos longos artigos que os jornaes francezes recebem diariamente dos seus correspondentes na Macedonia.

Os turcos não conhecem meias medidas. Não po-

dendo exterminar os rebeldes, que se occultam nas montanhas, os soldados do sultão assestam a artilheria contra as aldeias, arrasam povoações inteiras, degolam as creanças, violam as mulheres, torturam os velhos, apoderam-se dos rebanhos, e não deixam pedra sobre pedra nem creatura viva nos casaes e nos burgos assolados. Os macedonios não perdem a réplica: reproduzem as atrocidades dos inimigos,—e possuem, no mais cerrado das brenhas, vastas fabricas de dynamite, com que devastam o arredor.

Parece que tudo isso já é muito, como horror e ferocidade: mas é quasi nada. A ultima novidade da guerra dos Balkans é o proposito em que estão os insurrectos de lançar mão de recursos extremos: o envenenamento das fontes, das nascentes, dos rios, e a distribuição methodica e intelligente de culturas de germens morbigenos,—de peste, de cholera, e de quantas epidemias puderem ser postas ao serviço da vingança...

Vae entrar em scena um novo exercito,—invisivel, mas tremendo;—o exercito de que é generalissimo o Microbio!

Em uma das suas magnificas *Chroniques Documentaires* do *Journal*, Emile Gautier observa que a ideia não é nova. Em Paris, depois da guerra de 1870, um francez, em artigos que tiveram exito ruidoso, aventou a ideia de ser entregue a defeza do territorio, em caso de qualquer invasão, não a qualquer dos marechaes do exercito,—mas a... Pasteur! Assim que houvesse a ameaça da invasão, as popu-

lações fugiriam das zonas ameaçadas; e, n'essas zonas, o grande Pasteur semearia os seus soldados invisíveis, as suas hostes de microbios ferozes, as suas legiões de bacterias vorazes... Não é provavel que Pasteur tenha rido d'essa ideia estapafurdia: o que é provavel é que elle amargamente tenha sentido a tristeza de vêr d'esse modo profanada a sua sciencia...

Emile Gautier demonstra, no seu minucioso artigo, que o emprego das culturas de microbios como armas de guerra não passa de um sonho ridiculo: principalmente porque, quando se manifestasse a epidemia, o mal seria geral, e o effeito da medida, além de attingir o objecto, attingiria tambem o agente.

Mas, absurda ou não, a ideia é característica. N'aquelles atrapalhados Balkans, já nada espanta. Aquella immensa peninsula é um circo, em que se dão funcções sanguinarias, para divertimento da entediada Europa. Lá dentro, como nos velhos circos romanos, ha combates diarios de feras... humanas; nas archibancadas, curiosamente seguindo as peripeccias da lucta, as potencias europeias gozam regaladamente o espectaculo de raro interesse—e não cuidam por ora em suspender uma festa tão bella, que tanto agrada ao embotamento da sua sensibilidade artistica...

## XXXII

Hoje, em longo e commovedor artigo, o *Jornal do Commercio*, tratando da mendicidade no Rio, lembra o caso de uma desgraçada creança, doente dos olhos, pedindo esmolas na rua, e cuja doença, como depois se veio a saber, era artificialmente provocada por applicações repetidas de nitrato de prata. Não diz o redactor do *Jornal* o fim que teve essa creança... Provavelmente, levaram-na para longe, deram-lhe novo clima sem que lhe dessem outra vida, e ella continua a soffrer e a esmolar, e a fazer dos seus pobres olhos doloridos duas fontes, d'onde jorra, misturada com sangue e lagrimas, a fortuna dos seus exploradores.

Com que relevo, com que nitidez estou revendo agora a pequena cabeça da martyr!

A leitura do artigo do *Jornal* veio, n'esta linda manhã de sol dourado, cobrir-me o coração de luto, com a evocação d'aquella triste figura de creança.

Quem não a encontrou por ahi, pelas ruas d'esta Babylonia carioca? Coberta de farrapos immundos, de pés descalços e magoados pelas pedras das ruas, resignada e soffredora, — estendia a mão e fitava a gente. Que olhar! luz que sahia de entre nevoas de sangue e fogo, olhar que doía, olhar que traspassava o coração como uma punhalada...

Uma velha imagem, — velha como a miseria e a maldade dos homens, — diz que os olhos são as ja-

nellas da alma. Aquellas janellas vermelhas, comidas de sanie, diariamente roídas pelo nitrato de prata, a alma da desgraçadinha chegava, bracejava, clamava.

Pobre! . . . Ha mercadores, nas feiras, que furam os olhos dos rouxinoes, para que, na noite da sua cegueira, mais viva, mais ardente de musicas divinas, se lhes desate a voz enternecedora. Pobre! . . . antes te houvessem feito o mesmo! antes te houvessem privado de uma vez da vista! cega, pedirias esmolas, e serias esbordoada, e padecerias fome e sede, e sustentarias com o teu soffrimento a calaçaria dos teus algozes,—mas não viverias assim, vendo atravez das palpebras, accesas em pranto e chammas, a alegria do sol e a alegria das outras creanças felizes, fartas, carinhosamente tratadas como flores de um jardim de luxo. . . Por onde andarás agora, pobre? que outros céos e que outras creanças felizes estarás agora contemplando com os olhos martyres,—tu, que estou agora revendo nitidamente, com a alma coberta de luto n'esta risonha manhã de sol dourado?

### XXXIII

Em Rio Claro, ha poucos dias, houve um caso que por longos annos ha de servir de assumpto, arrepiador e tetrico, ás conversas da gente amedrontada. Morrera um homem, depois de curta molestia: o medico attestara o obito, a familia tratara do enterro; —e esticado dentro do caixão, entre velas, sobre a

eça negra em que se encostavam as grinaldas funebres, o cadaver esperava a hora da partida para o cemiterio. E eis que, de repente, alta noite, no meio da vigilia mortuoria, deante dos parentes e dos amigos que rodeavam o esquife, —acorda o morto, alça o busto, senta-se, move para todos os lados os olhos espantados, apalpa-se, começa a conversar com os circumstantes, — e muda-se do ataúde para a cama, onde torna a morrer algumas horas depois...

N'este mundo, onde as decepções são tão frequentes, creio que não haverá decepção mais cruel do que essa... O que mais espanta e atemorisa, na morte, não é o aniquilamento, não é a ideia da vida futura, nem o pezar de sahir d'este planeta, que, apesar de tão amaldiçoado por todos os viventes, possui algumas cousas verdadeiramente amáveis. O que mais aterra é o mysterio d'aquelle curto e fugaz instante, em que a creatúra dá nas trevas o tremendo salto mortal. A ideia que se faz d'esse pavoroso instante é a de um terrivel despedaçamento, inconcebivelmente doloroso, encerrando seculos de agonia physica e moral n'uma fracção infinitesima de tempo. Isso é o que amedronta:—porque ninguém tem a absoluta certeza de cahir na morte, como cahe todas as noites no somno, com uma sensação deliciosa de allivio.

Ora, não póde haver peor decepção dó que a do espirito, que, depois de haver transposto uma vez esse transe, — *o horrido passo*, como dizia o velho padre Antonio Vieira, — é obrigado a tornar á vida,

para sentir de novo o mesmo susto, e para repetir e resoffrer a provação medonha. Bom ou mau, agradável ou tormentoso, o momento está passado: ter de voltar atraz, para recommear a tortura, deve ser o mais tragico e barbaro dos martyrios!

Um romancista contemporaneo, Lenormand, publicou ha pouco tempo, sobre esse assumpto, uma novella commovente. Trata-se de um sabio professor ao mesmo tempo electricista e occultista, que descobre o processo da resurreição, — e consegue chamar á vida, trinta e seis horas depois da morte, uma creatura. Reanima-se o cadaver, o sangue circula de novo pelas arterias e pelas veias, o cerebro recommea a funcionar, — e o resuscitado, cheio de nojo, assim que recupera o uso da fala, despeja sobre o seu resuscitador a mais tremenda descompostura, — amaldiçoando-o pelo crime de o ter arrebatado do descanso para o remergulhar nas incertezas e nas torturas da vida. . .

Essa ficção de Lenormand é profundamente humana. Morrer uma vez é fatalidade a que já nós todos nos resignamos. Porém, morrer duas vezes. . . Não! isso é morte de mais para uma vida!

#### XXXIV

Creio que verdadeiramente feliz só póde ser julgado o homem que, sem ambições e sem remorsos, roe com resignação o osso que o Destino lhe atirou.

Mas não é essa a accepção vulgar do adjectivo *feliz*. Feliz é, na linguagem corrente, o homem bem fadado, que sempre encontra deante de si o caminho plano e commodo, e que, por um concurso maravilhoso de circumstancias, consegue, com ou sem esforço, realisar e unir, enfeixadas na sua pessoa, todas as alegrias da vida: o amor, o poder, a gloria, a saude, a riqueza.

O typo acabado e perfeito d'essa classe de homens felizes parece ser esse grande rei Eduardo VII, em honra de cuja festa natalicia os milhões de inglezes espalhados pela face do planeta entoam hoje, com respeitoso e enternecido entusiasmo, o *God save the king*. Já Beaumarchais, com a sua fina ironia de plebeu opprimido, celebrava a felicidade dos principes «que só teem na vida um trabalho: o trabalho de nascer...» Que diria elle da felicidade d'este principe, a quem o Destino tem dado, sem interrupção, todos os prazeres, todas as venturas domesticas e publicas, todas as satisfações do orgulho e da vaidade, todos os gozos do corpo, do pensamento e do affecto?

Herdeiro do mais glorioso throno da terra, Eduardo VII só pôde chamar a si as responsabilidades do poder aos sessenta annos de idade,— quando já tinha conhecido e fruido todas as delicias da liberdade, da popularidade, da fortuna. Livre e poderoso, intelligente e forte, attrahente e affavel, esse homem, durante sessenta annos, viajou, leu, estudou, amou, divertiu-se, sempre cercado de uma



sympathia universal, dentro de um halo fulgido de homenagens e de apotheoses. Quando subiu ao throno, teve a fortuna de vêr logo acabada a guerra tremenda em que a sua nação estava empenhada: para acclamar a sua coroação, casaram-se aos hymnos dos soldados os hymnos das mães inglezas, n'um concerto de cantos de victoria e de murmurios de bençãos. E o Destino, não contente com isso, ainda fez mais: deu-lhe uma doença atroz, pôz-lhe em perigo a vida, só para lhe dar a occasião de sahir triumphante d'essa prova, entre o regosijo delirante e o desafogado allivio de todo o seu povo...

Realmente, é impossivel imaginar uma existencia mais brilhante, mais larga, mais sumptuosa do que a d'esse homem privilegiado, rei e imperador de uma nação cujo dominio se estende por vinte e seis milhões de kilometros quadrados, povoados por mais de trezentos milhões de homens que o amam e veneram!

Haverá por acaso alguma infelicidade na vida d'esse mortal? Ha, com certeza... Porque até os deuses teem aquelle enfaro, de que falam os versos de Machado de Assis: o tédio

« de um deus enfermo;  
Que se aborrece  
Da divindade, e que appetece  
tambem um termo... »

## XXXV

Parece que, entre outras medidas, a commissão de instrucção publica da Camara, adoptará para o anno, quando tratar da reforma do ensino, esta, que foi lembrada pelo sr. Leoncio de Carvalho: — a decretação de uma lei federal obrigando os Estados a observar, na organização do ensino primario, os seguintes preceitos fundamentaes: ensino sufficiente, ao alcance de todos, compativel com a liberdade de crenças, dirigido por auctoridades civis, *obligatorio*, e, nas escolas publicas, gratuito.

Já estou ouvindo o clamor com que sahirão a protestar contra aquelle adjectivo «obligatorio» os paladinos da Liberdade... Para esses espiritos que se fecham na idolatria de uma palavra, a vacinação obrigatoria é uma violencia, qualquer medida sanitaria é uma manifestação de despotismo, e o Estado não tem o direito de obrigar um pae de familia a ministrar instrucção primaria aos filhos...

Nós vivemos a exaltar a Constituição da Suissa, os costumes da Suissa, a moralidade da Suissa, o systema eleitoral da Suissa, as virtudes civicas da Suissa, a liberdade da Suissa, e, sempre que queremos citar uma republica, modelo, citamos a Suissa. Pois bem: a medida lembrada pelo sr. Leoncio de Carvalho é copiada de um artigo da Constituição d'essa liberalissima Suissa. Aquelle povo, que ama

sobre todas as cousas a Liberdade, não reconhece a liberdade do analphabetismo... Eis ahi o que vae esfriar talvez o enthusiasmo dos nossos liberaes pela gloriosa Helvecia!

Mas pouco importa o clamor: nós havemos de ter fatalmente a instrucção primaria obrigatoria, se não quizermos expôr a nossa nacionalidade a um naufragio inevitavel. Emquanto o Brasil fôr uma nação de analphabetos, não haverá aqui dentro um povo forte e nobre, realmente digno d'esse nome de povo, capaz de comprehender a Justiça, a Verdade, e a Verdadeira Liberdade, e capaz de resistir a qualquer das catastrophes que ameaçam os povos sem cultura intellectual e moral.

Oh! a Liberdade!... como póde ser livre e saber o que é liberdade, quem não sabe ler, quem tem o espirito fechado a todas as conquistas modernas, quem deixa a sua intelligencia abastardar-se e aviltar-se pela inacção até ficar reduzida a um simples instincto tacteante e titubiante? Justamente o unico meio de crear homens livres é educal-os: ainda não se inventou, e com certeza nunca se inventará outro. O Estado não tem o direito de permittir que, dentro do limite da sua jurisdicção, haja homens embrutecidos, mantidos pela ignorancia no mesmo nivel dos animaes inferiores.

Todas as Universidades que fundarmos, todas as reformas do ensino que decretarmos, serão inuteis, — emquanto a lei da instrucção primaria obrigatoria não vier trazer a unica reforma salvadora. E que os

idoltras da Liberdade protestem! pouco importa... A liberdade de um analfabeto é uma palavra, — apenas uma palavra, ôca, inutil e sem sentido.

## XXXVI

É um caso commovedor, o do suicidio d'esse velho allemão, que se enforcou ante-hontem, em Petropolis. Tinha setenta e cinco annos e era cego: velhice e treva, cançasso e desespero levaram-no a apressar o termo de uma vida, que, depois de um ardente verão de trabalho e febre, agonisava n'um escuro inverno de tedio e tristeza.

Esse homem — cujo nome não escrevo aqui, porque devo respeitar o seu desejo de sahir obscuramente e sem espalhafato de uma existencia que lhe pesava — foi um dos fundadores da bella Petropolis. Petropolis tem menos de sessenta annos de idade — pois surgiu, como por encanto, das terras que em 1845 dois mil colonos allemães começaram a cultivar n'aquella radiante cumiada da serra da Estrella. Creio que o suicida de ante-hontem foi dos primeiros colonos que desbravaram aquelle solo virgem: se não foi dos primeiros, não foi dos ultimos. Os seus olhos ainda viram, coberto de mattos asperos, o logar em que hoje esplende a nossa linda cidade de verão; onde ha hoje palacios, avenidas largas, sumptuosos passeios, havia então uma brenha brava, uma vegetação possante e férax, ligada pelo emma-

ranhamento dos cipós, sacudindo no alto as folhas pennadas do jacarandá e as comas das sapucaias esmaltadas de grandes flores brancas.

N'esse tempo, o colono, que hontem sahio voluntariamente da vida, devia ter vinte annos. . . Lentamente, de progresso em progresso, viu elle, durante mais de meio seculo, a cidade esplendida sahir da bruteza da terra, — como uma borboleta de azas douradas sahe de dentro de uma feia lagarta. E, durante esse meio seculo, com que prazer, com que legitimo e sagrado orgulho os seus olhos satisfeitos deviam contemplar aquella civilisação, para cujo desenvolvimento maravilhoso tinham cooperado os seus braços, a sua robustez physica, a sua energia moral, a sua actividade de homem valido!

Mas, de repente, a cegueira implacavel estancou nos seus olhos esse prazer, e privou-os d'esse orgulho. Já agora podia a cidade arrear-se de galas e de louçanias, podiam as suas fabricas rumorejar na agitação fecunda do trabalho, podia a vida elegante da gente rica encher aquellas alamedas de perfume, de riso, de alegria: — o velho colono já não tinha olhos para vêr a formosura da princeza da Serra, nascida e crescida á sua vista sob a benção paternal do seu carinho. . . É quasi certo, para mim, que foi esse desgosto que levou ao suicidio o velho colono: para esse desgosto elle não achava consolo nem na riqueza, nem no affecto da familia, nem na satisfação de ter bem cumprido o seu dever na terra. Setenta e cinco annos de idade, — e cego! Decidi-

damente, se não ha suicidios que se aconselhem ou approvem, — ha suicidios que se comprehendem e desculpam...

### XXXVII

Quando li nos jornaes que os ladrões tinham saqueado o rico templo da Ordem da Penitencia, pensei com terror: «teriam furtado hostias? e se as furtaram, com que fim as furtaram?» Tenho agora, deante das noticias mais simples, um terror infantil que me leva a imaginar grandes desgraças, e grandes desastres que estão para succeder. Um padre allemão acaba de declarar que o mundo morrerá em 1904. Bem sei que não é a primeira prophesia d'este genero que abala o mundo. Todas falharam: razão de mais para que esta ultima não falhe... E a mim, a ideia de não chegar a 1905, enche-me de um desespero amargurado. Tanta impiedade, tanta maluquice, tanto acto mau, que teem manchado a nossa vida n'estes ultimos tempos, não estão pedindo ao céo um grande e exemplar castigo, uma ultima e definitiva e formidavel vingança?

«Terão roubado as hostias?» pensei eu, apavorado. E imaginei logo que aqui tivéssemos gente, possuida do demonio, que se dêsse á pratica dos mysterios da feitiçaria da Edade-Média, celebrando com as hostias consagradas o officio sacrilego da Missa Negra.

Mas, fiquei logo tranquillizado. Como pude eu, que tão bem conheço a chatice do tempo em que vivo, acreditar na existencia de uma alma bastante forte para commungar com o Diabo na mysteriosa cerimonia de Sabbath, e bastante desligada das ambições terrenas para, abandonando as alfaias e as pratarias do templo, só furtar as hostias, em que o corpo glorioso de um Deus reside? — Idiota! os ladrões só furtaram bacias, calices, thuribulos, navêtas e hyssopes de prata. . .

E agora, deante da noticia assim completada, só me diverte o episodio.

Vejo o gatuno, de pé na egreja solitaria, deante dos altares em que as lamparinas desmaiadas allumiam vagamente as faces dos Bemaventurados e das Virgens,— pedindo-lhes perdão da sua feia acção: — «Santos e Santas! não vades contar ao Senhor Deus Juiz e Vingador que fui eu quem saqueou esta sua casa! Que quereis, Santos e Santas? Já não ha um vintem n'esta terra da Cruz. . . E para que quereis vós estes reles objectos de luxo,—vós que viveis na alta gloria do Senhor, sem necessidades materiaes, e que, quando vivos, fostes os primeiros a prégar o desprezo dos bens da terra? Santos e Santas! estas pratas, empenhadas no Cöhen, far-me-hão um doce arranjo na vida. . . Tende paciencia! deixae-me levar ao prégo estas futilidades! Ouvide! se algum de vós desaprova o meu acto, que esse, de lá do seu nicho dourado, deixe cahir um gesto só que seja de descontentamento, uma parca palavra de

protesto, um simples olhar de colera! Porque vêde bem: nada quero fazer que seja contra a vossa soberana vontade; falae!...

E os santos quietos, nos seus nichos dourados... E, então o gatuno, exultando: «Obrigado, Santos e Santas! não esperava menos da vossa infinita misericordia!» E vejo o gatuno sahir, consolado e feliz, levando comsigo as patenas, os hyssopes e os thuribulos,—com o consentimento dos Bemaventurados e das Virgens...

Ainda bem! se o mundo tem realmente de acabar em 1904, não acabará por causa d'essa ultima impiedade da gatunagem carioca!

### XXXVIII

Hontem, duas tentativas de suicidio. Ambos os desesperados são moços,—trinta annos apenas,— e ambos foram felizmente salvos. Nos dois casos, o motivo foi o mesmo: «atrazos de vida».

É o fim do anno... Estes dias de festa geral, de communicativa e espalhada alegria teem, para os que soffrem, um travor mais amargo; não ha nada mais doloroso, para quem tem o coração em luto, do que o espectáculo do contentamento alheio. Dôres que são facilmente toleradas, em qualquer epocha do anno, adquirem n'estes joviaes dezembros, uma força especial. Não são apenas as casas commerciaes que fazem



liquidação, voluntaria ou forçada, licita ou illicita, pelo leilão e pelo incendio, no fim do anno; — ha tambem uma liquidação de vidas.

Bem sei que ha certo desrespeito em qualquer commentario feito a um suicidio; ninguem tem o direito de criticar o desespero de quem está cançado de viver soffrendo. Mas como me hei de eu, já agora, libertar d'este vicio de pensar em publico, habituado, como estou, a pôr em lettra de fôrma, as reflexões, que, habitualmente, só se fazem em soliloquio, na intimidade da meditação?

Atrazos de vida. . . Em verdade, ninguem sabe quando é que tem a vida atrazada. Cada minuto, que passa na eternidade do tempo, traz no seu bojo um infinito de cousas boas e más. Cada cotovello da estrada da vida reserva para o caminhante uma grande porção de surpresas agradaveis e desagradaveis.

Não ha felicidade que não tenha sobre si a ameaça de uma desventura, como não ha desgraça que não tenha sobre si a esperança de uma ventura. Providencia ou acaso, fatalidade ou decisão divina, simples coincidencias no espaço e no tempo ou deliberação de uma suprema vontade, — os acontecimentos chegam quando menos são esperados. Às vezes, o homem que se suppõe o mais forte da terra, está em vespera de se transformar no mais miseravel dos viventes. Outras vezes, tambem, o homem que se mata perde uma ventura ou uma salvação que vem perto, — e perde-a por não ter adiado um pouco a sua resolução sinistra.

O essencial, na vida, é não desesperar. Bem vejo que é ridiculo aconselhar a um desesperado que não desespere. É como se se dissesse a um doente: «não soffra!», ou a um louco: «tenha juizo!» Mas tambem sei que os mais graves effeitos dependem ás vezes das causas mais futeis. Ás vezes, basta uma palavra amiga e caridosa para evitar uma grande desgraça, e basta um olhar de piedade e de consolo para salvar uma alma da ruina. Eu, por mim, quizera que todos os homens, que soffrem ou gozam em torno de mim, tivessem esta ideia: que a vida é sempre um grande bem, ainda quando parece um grande mal, — porque não ha na vida contingente felicidade solida nem infelicidade eterna, — e o minuto, que temos de viver, nunca é egual ao minuto que estamos vivendo.

A Morte é a unica verdadeira certeza que temos na vida. É a visita que nunca falta, é a convidada que nunca deixa de comparecer. Porque correr para ella, — se ella ahi vem, fatalmente, com o seu passinho contado e certo?

### XXXIX

Não creio que haja, actualmente, em toda a vasta christandade, um padre mais digno de estudo do que este admiravel salesiano João Balzola, director da colonia Thereza Christina, em Matto Grosso.

Ante-hontem, um cidadão, indo a bordo do vapor *Nord-American*, pasmou, achando ahi, — acorados a um canto, abrindo os olhos espantados, tres legitimos indios Bororós Coroados. Soube então o cidadão que o doce e admiravel padre João Balzola conduzia os tres bugres a Turim, afim de exhibilos aos olhos curiosos e maravilhados da Europa, na Exposição que se vae inaugurar n'aquella cidade italiana.

Interrogado, o ineffavel Balzola explicou-se: «Senhores! eu dirijo as catecheses de Matto Grosso. Achei que devia, em proveito dos estudos ethnographicos, levar a Turim alguns objectos da arte indigena, como arcos, flechas, igaçabas, inubias; e achei tambem, que, em proveito da fé, não seria mau mostrar aos curiosos de Turim alguns exemplares da bruta raça que evangelicamente ando convertendo ao catholicismo... Assim, deitei a mão a estes tres miseraveis, empacotei-os, despachei-os, acondicionei-os a bordo do *Nord-American*, e aqui me vou com elles, para mostrar ao mundo civilisado o que é a raça humana quando privada dos beneficios da religião catholica... Indio não é gente: é cousa. Portanto, tenho o direito de levar, entre as minhas cousas, estes tres objectos...»

Não pensou assim o supracitado cidadão que descobriu a bordo os tres Bororós, — e levou os, de sucia com o amigo salesiano Balzola, á policia. A policia, interessada, olhou os tres Bororós como olharia tres animaes curiosos, — tres girafas ou tres

tamanduás, — e perguntou ao amantissimo Balzola se os bugres já estavam baptisados. Balzola sorriu, com finura e malicia, e respondeu: « Não! a Fé carece de exemplos estrondosos. . . A Impiedade avassalla o mundo, e é preciso que a Religião mostre ao mundo o seu poder. Por isso, reservei-me para baptisar estes tres brutos solemnemente, espectacularmente, com rufos de tambor e fogos de Bengala, em plena Exposição de Turim, deante de um milhão de espectadores embasbacados! . . . »

Sabeis o que fez a policia? curvou-se, admirada, ante a piedade e a caridade do *cabotin* Balzola, e pediu-lhe desculpas, e deixou-o partir com os seus tres Bororós, com as suas tres *cousas*.

Assim, um missionario vem ao Brasil, agarra tres entes humanos, põe-lhes por cima uma etiqueta, e carrega-os consigo para exploral-os em favor da Fé Industrial, — da mesma maneira por que o director de uma *ménagerie* chega á Africa, aprisiona algumas feras, e carrega-as consigo para exploral-as nas feiras e nos circos. . .

Mas, não percamos tempo em analysar o admiravel procedimento da policia. Analyseemos, sim, admiremos, e exaltemos este novo aspecto que toma o Apostolado Catholico: — os apóstolos já não são martyres: são *barnums*; já não são barateadores da propria vida: são caixeiros viajantes das Exposições Industriaes; já não são os propagandistas da Revelação Divina: são os pesquisadores da Ethnographia e da Antropologia. A Igreja capitula: e submetten-

do-se ao Industrialismo do seculo, submete-se tambem ás leis da *cabotinagem* moderna.

Com todos os diabos! isto é que é progresso!

## XL

A *Gazeta de Noticias* publicou ha dias um excellento artigo de *João do Rio*, sobre o movimento commercial das livrarias da cidade. O titulo do artigo é: «O Brasil lê». Creio, porém, que, para escrever o titulo e o texto do seu trabalho, o brilhante *João do Rio* molhou a penna na tinta com que Leibnitz escreveu a sua optimista *Theodicéa*, e pediu emprestados ao velho *Pangloss*, de Voltaire, aquelles oculos enganadores, atravez dos quaes tudo parecia côr de rosa ao professor do ingenuo «*Candide*».

Não, meu caro *João do Rio!* o Brasil não lê; e não lê, pela razão unica e terrivel de não saber ler...

Pela declaração do gerente da casa Garnier, ao auctor do artigo, vê-se que de todos os livros editados por ella (e são muitissimos) sómente *dois* conseguiram ter *uma edição* esgotada *em pouco mais de um anno*: um romance e um livro de versos. Para quem sabe que as edições da casa Garnier são sempre de dois mil a dois mil e duzentos exemplares, e para quem sabe que essas edições são vendidas, não exclusivamente no Rio, mas em todo o Brasil, — dezoito milhões de habitantes! — essa declaração, em

vez de justificar o optimismo de *João do Rio*, deve, ao contrario, justificar as apprehensões dos que vivem como eu, a apontar o analphabetismo como a causa principal, e talvez unica, de todo o nosso atrazo.

Em França, a industria do livro está atravessando uma crise séria. *La Révue* mandou ultimamente um dos seus redactores interrogar sobre a extensão da crise e sobre as suas causas os gerentes das principaes casas editoras de Paris. Todos esses gerentes confessaram que já não fazem o « bom negocio » que faziam outr'ora. Mas, tambem, todos elles, com uma completa unanimidade de vistas, attribuiram a « crise do livro » á « victoria do jornal ». A vida contemporanea, com a sua agitação tumultuaria e febril, não permite o desperdicio do tempo: o publico despreza o livro pelo jornal, porque o jornal, quando é bem feito como os de Paris, fornece diariamente aos leitores, em poucas linhas, tudo quanto póde interessar a sua curiosidade artistica, litteraria, politica e commercial.

Bem! ahi temos a causa da « crise do livro » em França. Mas, no Brasil, onde uma casa editora só consegue vender em um anno dois mil exemplares de um livro de grande exito, — haverá uma « industria do jornal » tão prospera, que justifique essa « crise do livro? » Que o meu bom amigo *João do Rio* ponha a mão na consciencia, — se é que alguem póde pôr a mão n'essa immaterial senhora! — e diga, com franqueza, se é ou não é verdade que nós vive-

mos a escrever quasi exclusivamente para... os officiaes do mesmo officio! No Rio de Janeiro, cerebro do Brazil, centro de toda a nossa actividade intellectual, não ha um só jornal que imprima cinquenta mil exemplares por dia: e é bom não esquecer que a terça parte, pelo menos, das edições dos nossos jornaes, é expedida para os Estados... Quanto a Revistas,—isso é genero que ainda não se acclimou no Brasil: quasi todos os nossos *magazines* morrem de mal de sete... numeros.

Não, meu caro *João do Rio!* o Brasil não lê,—e não lê porque não sabe ler. Tire de sobre o nariz essas lunetas optimistas,—e permitta que eu intercale no titulo do seu bello artigo um *não* importuno: «*O Brasil NÃO lê!*»

## XLI

Hontem, um caso tragico, que bem merece quatro linhas de commentario.

Chegara de longa viagem, atulhado de cargas, o *Harrox*, navio inglez. A maruja folgava, prelibando o repouso, o regabofe, a mona regalada em terra, sem o medo dos ventos asperos, sem a fadiga da faina do mar alto. E, quando se abriram as escotilhas do porão, para começar o serviço da descarga, os marinheiros recuaram, tomados de espanto, achando lá dentro duas extranhas cargas que não constavam do manifesto do vapor:—dois corpos humanos, in-

chados e podres, empestando o pouco ar do escuro deposito. A conclusão do inquerito, logo aberto, foi esta: Em Liverpool, os dois desgraçados, não tendo com que pagar a passagem, esconderam-se ali. Fechou-se o porão, o navio levantou ferro, ninguém deu por elles. Não tiveram passagem gratuita só para a America: tiveram-na para uma viagem mais longa,—para a viagem á *undiscovered country*...

Certo, haviam penado longo tempo na patria, sem trabalho, sem casa, sem pão, sem amor. Não se lembraram de arrojear dynamite sobre a burguezia feliz: lembraram-se de que longe, além dos mares largos, havia uma terra immensa, onde se dizia que o ouro andava aos pontapés...

Porque ficar soffrendo no nevoeiro e na miseria da patria? Porque não procurar a terra do sol e da riqueza? E, ás escondidas, metteram-se no porão do navio: já longe da costa appareceriam, contariam o seu caso á gente de bordo, e com certeza a gente de bordo não os arrojaria ao mar, nem os deixaria morrer de fome, como cães...

Pobres! quando no primeiro dia de viagem o ar começou a faltar n'aquella furna lobrega, quando a sede cruel começou a requeimar-lhes as entranhas, gritaram, chamaram, choraram, rugiram. Quem poderia ouvil-os? no navio, as machinas trabalhavam com fragor; fóra do navio, as ondas estardalhaçavam, os ventos zuniam. E toda a gente, na tolda, trabalhava, ria, conversava,—vivia... E ninguém poderia imaginar que ali em baixo estavam duas creaturas



que se estorciam, que lentamente agonisavam, no mais cruel, no mais tragico, no mais espantoso dos martyrios!

E a America que sonhavam maravilhosa, esplendente de ouro, plethorica de riquezas, apopletica de felicidades, — patria de todos os expatriados, mãe de todos os orphãos, — vieram achal-a, mortos, mortos de fome, de sede, de asphyxia, na treva absoluta e na absoluta solidão...

## XLII

Não ha ironista, — nem Swift, nem Sterne, nem Heine, — que possa competir com o Destino. Os gregos, quando o pintavam, punham-lhe sobre os olhos uma venda espessa, — para indicar que o deus inflexivel não póde vêr os mortaes a quem indifferente mente concede beneficios e desgraças. Mas o Destino é manhoso: sabe collocar a venda com tal geito, que sempre consegue vêr alguma cousa...

A ultima ironia do astucioso deus foi cruel.

O caso é minuciosamente contado pelo *Republica*, de Fortaleza, no Ceará.

Joanna Gomes da Silva, na villa de Aracoyba, uma das mais duramente flagelladas pela secca e pela miseria, estava gravida, e via com terror approximar-se a epocha do parto.

Em torno d'ella, na casa pobre que a fome enlutava, já outros filhinhos viviam e penavam, sem

pão e sem roupa. O marido, sem trabalho, passava os dias a injuriar o céu implacavelmente azul, e a contemplar, com o desespero na alma, o vasto campo secco e torrado. E, olhando o seu homem, abatido pela desgraça, e ouvindo o choro das creanças, que a fome torturava,—a desgraçada mulher pensava n'essa outra creança que ia nascer, já condemnada ao soffrimento e á agonia... Onde iria ella buscar um pouco de leite para a alimentar,—se os seus pobres seios, chupados pelas privações, nem mesmo um pouco de sangue poderiam dar á bocca anciosa da infeliz? Pois não era uma maldade de Deus, não era uma perversidade,—atirar ao mundo mais um faminto, mais um filho martyr d'aquella terra inclemente?

Ah! permittisse Deus que nascesse morta aquella creatura! Um buraco, cavado ali perto, na terra maldita, receberia o pequenino cadaver: e aquella pobre boquinha sem dentes não soluçaria, de fome, rasgando com os seus gemidos o coração da mãe desventurada e impotente!

Pobre sertaneja! mal sabia ella que a perversidade ia ser completa e requintada... Quarenta e oito horas durou o doloroso trabalho do parto; ao cabo d'esses dois dias de tortura e supplicio, a pobre mãe voltou a si, e viu no chão da choupana tres creanças recém-nascidas.

Tres! e gordas, e fortes, e espertas, e inflammadas do ardente desejo de viver, arregalando os olhos ao sol, e batendo no ar as mãosinhas morenas,

como se quizessem apanhar as cousas boas da Vida e gosá-las! Mais tres bocças pedindo comida!... É o sol lá fóra, violento e assassino, requeimando as entranhas da terra; e o marido, á porta, embrutecido pela fome e pelo desgosto, cantarolando, com a consciencia abatida, sem tirar os olhos do céo azul, do amaldiçoado céo impiedoso...

### XLIII

O «homem do dia» actualmente, em Paris, não é propriamente um homem: é um chimpanzé, nascido no Congo, e contractado pela empreza do theatro *Folies-Bergéres*. Chama-se «Consul», e tem apenas cinco annos: mas, n'essa idade, tem habilitações e boas maneiras que nem sempre se encontram em homens maduros.

Esse extraordinario macaco, a quem os jornaes parisienses dedicam innumerous artigos laudatorios, entra em scena, como um verdadeiro gentleman, vestindo casaca e mac-farlaine, e tendo na cabeça uma correcta cartola *huit-reflects*. Entra, tira o chapéo, sauda os espectadores, despe a capa, senta-se, fuma, lê um jornal, martela gravemente o teclado de um piano, dança, e retira-se com toda a solemnidade, distribuindo cumprimentos e... sorrisos.

«Consul» é, emfim, um macaco bem educado, um chimpanzé de boa sociedade. É toda a gente,

em Paris, está tomada de subita paixão pelo amavel mono, que é todas as noites visitado no seu camarim pelos reporters. O que os jornaes francezes não dizem é se elle já tem recebido bilhetinhos perfumados, com declarações de amor,— não de macacas, mas de lindas mulheres. . . Quem sabe? as mulheres são tão curiosas! . . .

Ultimamente, o director de um grande theatro, pretendendo commemorar com um grande banquete a centesima representação de uma comedia, — annunciou que haveria no ágape festivo uma surpresa maravilhosa. A surpresa era esta:— quando os convivas, entre os quaes havia os mais illustres auctores dramaticos e as mais lindas actrizes de Paris, tomaram logar em roda da meza rebrilhante de luzes, — entrou o macaco «Consul», sentou-se entre duas formosas comediantes, e começou a cear com appetite e graça, servindo-se bem do garfo e da faca, bebendo champagne, devorando com volupia os complicados acepipes, e levando de vez em quando aos grossos labios sensuaes um guardanapo de linho alvo. Foi um delirio! algumas actrizes abraçaram e beijaram (na bocca?) o espirituoso conviva, — e «Consul» teve a honra de receber um *toast*, que foi o mais enthusiastico do banquete. Varios chronistas tomaram a si o encargo de escrever biographias do incomparavel quadrumano; e «Consul» é hoje um *homem* celebre, tão celebre como o imperador do Sahara ou como qualquer dos comediographos que cearam com elle n'aquella noite memoravel.

Fructos da Decadencia... Depois do *cake-walk*, a *humanidade* de «Consul»...

A nossa epocha aborrece-se tanto, que já não sabe o que ha de inventar para matar o tédio. Mas não é de esperar que «Consul» continue a preoccupar ainda por muito tempo a attenção da leviana Paris: d'aquí a pouco, a sua hora de celebridade terá passado, e elle, se não morrer de uma pneumonia, assassinado pelo clima e pela nostalgia das suas arvores do Congo,—passará a exhibir-se em circos de feira,—ou será entregue ao professor Metchenikoff para experiencias de serumtherapia...

Porque, enfim, pensando bem, não ha na intelligencia e nas «habilidades» d'esse mono nenhuma novidade espantosa: não é maravilha que um macaco seja capaz de se portar como um verdadeiro homem, quando ha por esse vasto mundo tantos milhões de homens que se portam como verdadeiros macacos.

#### XLIV

Nem tudo é ventura e riso dentro dos paços reaes. Vêde essa pequenina Iolanda, cujo nascimento era esperado com anciedade por tres ou quatro soberanos e por todo um povo...

Por nove mezes a fio, a anciedade de dia em dia cresceu; e por toda a vasta Italia faziam-se apostas calorosas: «será menino? será menina?» Todo o

reino pedia a Deus um menino. Paes e avós da creança ainda não nascida pediam o mesmo. E, no grande dia, houve um movimento longo de decepção e desgosto: era menina! E foi assim que á pequenina Iolanda coube a triste sorte de pregar uma peça a toda a gente, logo no primeiro instante da sua existencia...

Decerto, nem por isso terá menos carinhos a princeza recém-nada. Em todas as egrejas do reino o seu nome e a sua vida fragil foram recommendados a Deus por dez mil sacerdotes. O proprio Papa (foi talvez elle o unico italiano que gostou da solução do caso!) pediu ao Senhor que prestasse bastante attenção áquelle rebento real, — como se o Senhor pudesse perder tempo em distinguir especialmente, entre tantas meninas que nasceram na Italia n'aquelle dia, áquelle hora, uma certa e determinada menina nascida no Quirinal... As mais finas rendas e sedas, os mais suaves e claros linhos, as mais bellas bonecas, as mais alentadas amas, os mais illustres professores, nada faltará ao trato d'essa mais nova flor da arvore illustre da casa de Saboia. Mas, isso que importa? Nada afastará d'aquelle berço a ideia triste de que dentro d'elle está deitada uma decepção...

Decerto, Victor Emmanoel III e a formosa rainha Helena beijarão com carinho, affagarão com ternura a linda princezinha. Mas, deante do seu espirito, pairará sempre a amarga lembrança: « não seria melhor que fosse um menino?!... »

Um menino, além de ser a alegria do lar, seria a segurança do throno, a esperança da dynastia, a certeza da successão. Demais, o povo queria um menino. E n'estes tempos, que correm tão fataes aos thronos, nunca é bom vêr contrariados os desejos do povo. O povo bem sabe que a culpa não foi dos paes, nem da inoffensiva creaturinha a quem ninguem perguntou se queria nascer ou não. Mas acabou-se: o povo queria um menino, e teve uma decepção...

Linda e innocente Iolanda! triste sorte foi essa, de vir ao mundo envolvida nas fexas de uma desillusão geral! enquanto não tiveres um irmãosinho que venha contentar o rei e o reino, tu serás mais ou menos uma intrusa no palacio real; e, em torno do teu rico berço perfumado, andarás perpetuamente revoando esta amarga censura: «tão linda! tão sadia! tão encantadora! mas... porque não sahiste menino, em vez de sahir menina?!»

Ah! decididamente, mais vale nascer n'uma casa humilde, sem trazer complicações ao mundo! nos lares plebeus, ninguem faz apostas sobre o sexo provavel do filho que vae nascer; será o que Deus quizer, e, menino ou menina, a nova flor da arvore derramará o mesmo perfume e espalhará a mesma frescura pelas almas da casa... Só nos lares reaes é que ha essa cousa absurda e triste.

Deus te dê quanto antes um irmãosinho, infeliz e pequenina Iolanda!

## XLV

Segundo leio, as camaras vão começar a discutir a questão do divorcio.

Em toda esta vasta cidade, milhares de corações femininos vão acompanhar o debate com anciedade e interesse. Os deputados que se dispõem a combater o projecto, podem desde já contar com o odio das mulheres: todas as saias, arrufadas, pandas de ira, enfunadas de colera, se agitarão, em tufões indignados, contra os partidarios do *statu quo*. Em compensação, os paladinos da lei libertadora succumbirão todas as manhãs, sob o peso de uma nuvem perfumada de bilhetinhos doces: creio até na existencia de deputados que só defenderão a causa com a mira na gratidão das jovens captivas, que a lei, uma vez decretada, libertará.

No casamento, como em tudo, o numero dos descontentes é maior do que o dos contentes. Eu, por mim, não sou contente nem descontente. Não tomei ainda passagem a bordo d'essa grande nau de ouro, que é o casamento, — nau que parte, chibante e galharda, toda apendoada de gonfalões e de flammulas, com as velas de linho e purpura brosladas de tufos de flores de laranjeira, resoante de musicas divinas, — e que, quasi sempre, quando chega ao porto, chega desarvorada e tonta, como vindo de um naufragio, com o casco amassado pelas punhadas



dos vendavaes, e trazendo a bordo mais um casal de desgraçados e de desilludidos.

Mas conheço tanta gente que soffre... Ainda ha poucos dias, uma bocca formosissima de onde as palavras sahem tão perfumadas que entontecem e embriagam, disse-me n'um momento de conversa intima: « Todo o homem de bom coração, que dispõe de uma penna e de uma columna de jornal, tem o dever de defender o divorcio! »

Respondi que não creio muito na efficacia d'essa medida, e que, com divorcio ou sem elle, o casamento será sempre a mesma cousa. A divorciada de hoje casará de novo amanhã e, de novo, amanhã, amaldiçoará o casamento: para que correr de desgraça em desgraça e de desillusão em desillusão?

Mas a bocca formosa teve um sorriso triste: « Quem é o senhor que assim quer discorrer sobre o futuro? Que lhe importam as desgraças que hão de vir? O seu dever é dar um remedio ás desgraças de hoje, senhor philosopho! O homem que contribue com o seu esforço para dar meia hora de felicidade, ainda que enganadora, aos seus semelhantes, pratica uma obra de caridade que bem merece benções e beijos... »

Sahi d'ali convencido e decidido a quebrar lanças em favor da santa causa.

Mas, logo no dia seguinte, encontrei alguém que, com uma bocca igualmente formosa, mas triste, triste e profanada pelos beijos de algumas dezenas de homens, falou-me do tempo em que praguejava

contra o casamento... Foi uma bella senhora, antigamente. Antigamente? que digo eu?—ha um anno... E ali a tinha eu agora, tão pallida, tão fatigada, tão devastada pelos amores e pelos desgostos!...

Falou-me do tempo em que praguejava contra o casamento: « Olhe! meu marido, muitas vezes, chegou á suprema infamia de me dar pancadas. Separei-me d'elle, como quem sahe de junto de um pantano; era um miseravel, era um grosseiro, era um bruto! Hoje, depois de ter conhecido outros homens, sei que todos são mais ou menos como elle... E sabe? tenho saudades do casamento, d'aquella escravidão, d'aquellas brutalidades, d'aquellas pancadas. Pensei que ia mudar de sorte: mudei apenas de pantano. Se os homens são todos os mesmos, porque não fiquei eu aturando o primeiro? »

Aqui, tive o desejo de ponderar á pobre desconsolada: « o seu argumento é falso; a senhora tem soffrido tanto, porque só se separou do primeiro homem para andar tontamente errando de homem em homem... » Mas vi-a tão pallida, tão triste, tão devastada pelos amores e pelos desgostos... Argumentar contra quem soffre, sobre ser uma inutilidade, é uma crueldade.

Ah! minhas senhoras! as cartas que me dirigis, pedindo-me que escreva a favor do divorcio, ficarão decididamente sem resposta... Sou um homem de alma... como direi?... myope. Só vejo minucias; só posso apreciar um quadro de trecho em trecho, chegando o nariz bem perto d'elle. Falta-me o poder

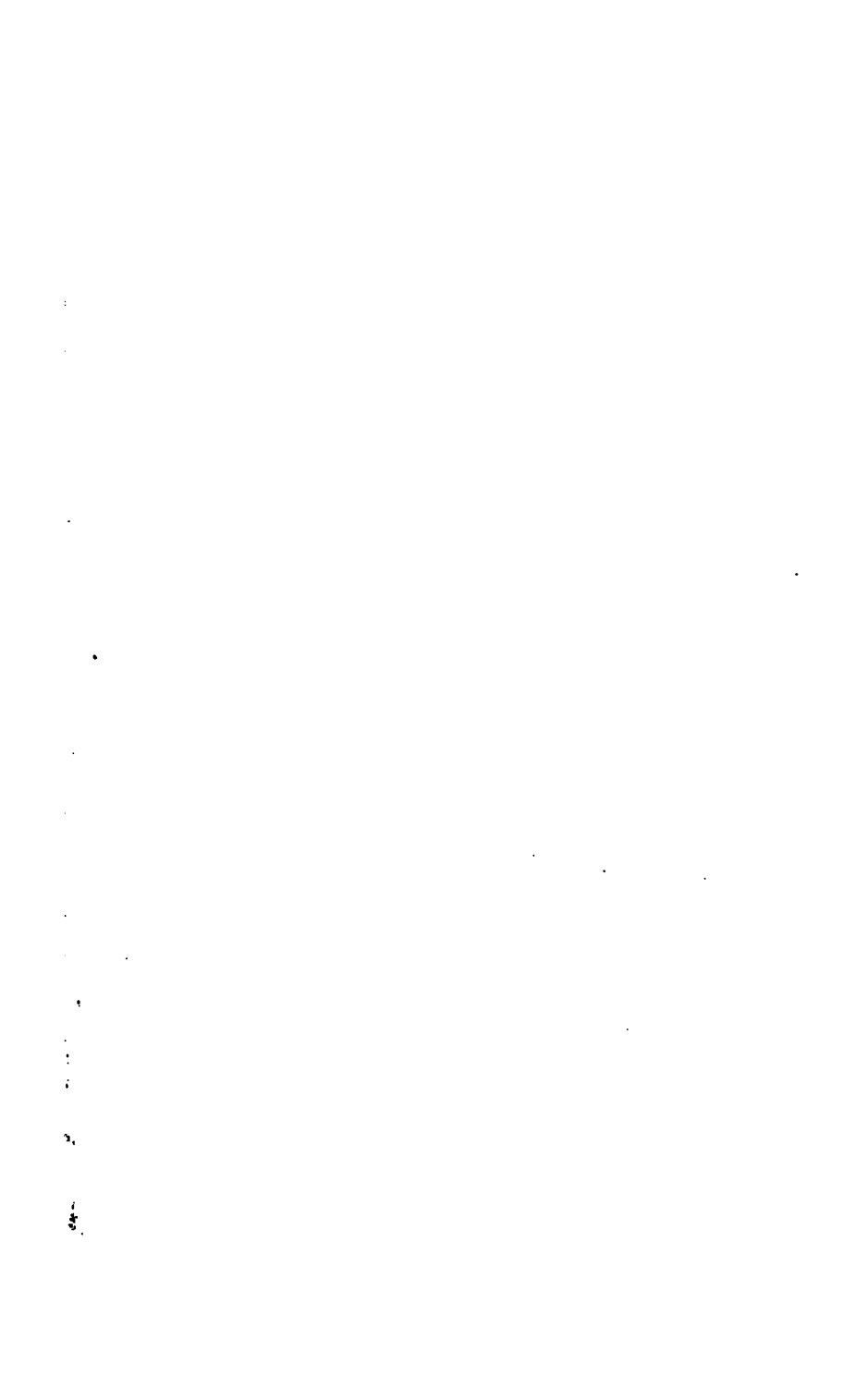
---

de abranger com o mesmo golpe de vista todo um problema: e, onde outros, desprezando pormenores, vêem o aspecto geral,—eu sei apenas vêr casos individuaes.

E, francamente, acho que no casamento, como em tudo, só ha um meio de ser feliz: é considerar-se cada um feliz, embora o não seja, e não mudar. Um velho proloquio diz que tres mudanças de casa equivalem a um incendio. E mudar de marido ainda póde ter consequencias mais graves. . .



*Na Academia*



## NA ACADEMIA BRASILEIRA

---

(DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO SOLEMNE DE RECEPÇÃO  
DO SR. AFFONSO ARINOS)

Não, meu illustre confrade! A Academia Brasileira não procurou apenas no auctor de *Pedro Barqueiro* e de *Assombramento* uma « como reminiscencia de Eduardo Prado. »

Os que vos confiaram a posse da cadeira patrocinada pelo nome do velho Rio Branco quizeram honrar-se, chamando para a sua companhia o escriptor fundamente « nacional » que compôz os admiraveis contos de *Pelo Sertão*, e quizeram tambem affirmar o seu amor das tradições,—esse culto que o vosso antecessor erradamente acreditou desaparecido da alma brasileira, e que tambem vós, com um susto que a placidez do estylo academico mal disfarça, sem razão suppondes estiolado, como uma planta melindrosa a que falta o carinho do horticultor.

Os da Academia, já estamos todos longe da idade, em que o trato do machado do lenhador é

mais agradável á mão do que o trato da esteva do arado. Os que ainda não temos quarenta annos já estamos perto d'esse marco da sisudez, que assignala a crise mais séria do espirito de um homem, — salvo n'aquelles espiritos excepçionaes, não sei se felizes ou infelizes, que, quanto mais vivem, mais se comprazem em mofar da gravidade da vida, dando-lhe piparotes na caraça austera. N'esta companhia, podeis amar o passado sem receio. É esse um amor que só póde fazer bem, — quando não immobilisa a gente no empedramento da mulher de Loth. As tradições, que tanto presaes, teem aqui dentro quem lhes renda o culto devido. E esperamos mostrar-vos que tambem la fóra não falta quem as ame.

O vosso respeito do passado, — conhecem-no bem os que vos leram e lêem, no livro e no jornal, e conhece-o ainda melhor, eu, que o estudei e admirei, em saudoso periodo de intimidade: e é para mim um consolo e um orgulho o lembrar aqui o tempo amavel e occupado, trabalhoso e suave a um tempo, em que vivi comvosco, ha annos, no velho seio de Minas, perlustrando caminhos sepulchraes, restaurando cidades perdidas, resuscitando almas defuntas. Foi em Ouro Preto, na anciã Villa Rica. Tivemos ali mezes de uma vida singular, intensamente vivida, cheia de completos prazeres intellectuaes, — que só podem ser bem contados aqui, a uma assistencia escolhida e culta como esta, capaz de comprehender como dois homens em pleno viço da mocidade puderam passar semanas e semanas entre os vivos, não os vendo



nem ouvindo, e só tendo ouvidos e olhos para um estranho mundo de sombras e de fantasmas. Bem vos deveis lembrar. . . Emquanto pelas ruas de Ouro Preto, n'aquelle anno tragico de 1893, os vivos commentavam com calor os episodios da revolta naval, e os bombardeios, e as prisões, e as loucuras, — nós dois, mergulhados no passado, conversavamos com espectros. Toda a gente do seculo XVIII, — capitães-generaes, ouvidores, milicianos de El-Rey, aventureiros, traficantes de pretos, frades e freiras, tyrannos e peralvilhos, fidalgos brilhantes e pobres bateadores de ouro e cateadores de cascalho, garimpeiros, senhores e escravos, damas de casta orgulhosa e imundas pretas descalças, ricos proprietarios e contrabandistas farroupilhas, — toda essa gente acudia ao chamado da nossa curiosidade, e, saltando das casas arruinadas do Padre Faria e de Antonio Dias, evadindo-se do mysterio dos archivos, repovoando as ruas cheias de escombros, vinha reviver connosco a sua antiga vida pittoresca. Logo cedo, pela ingreme rua Direita, iamos ter á larga praça do Palacio. De um lado ficava a immensa Casa da Camara, alto cubo salpicado de janellas, typo acabado da architectura colonial, com os varões de ferro da cadeia em baixo, e, em cima, a torre severa abrigando o sino ancião, a antiga campana de rebate, que servia outr'ora para transmittir ao povo humilde, com a sua voz temida, a colera ou a benção, ambas paternaes e pesadas, dos representantes de El-Rey. Do outro lado, o Palacio, — um fortim, cuja presença

causava espanto n'aquella praça tão calma, e a cujas setteiras, ameias e barbicans o apuro da pintura nova não conseguia tirar o aspecto ferrenho e hostil. Era no rez do-chão d'essa fortaleza, remanescente da era colonial, que estava installado o archivo publico de Minas: era ali o cemiterio das edades mortas, o campo-santo das nossas origens. Esse archivo tem hoje, graças justamente a esforços vossos, outra installação, destinada a salvar-o de uma ruina que teria de pesar na consciencia dos modernos como o remorso de um grande crime; mas, n'aquelle tempo, a tristeza e a ancianidade da installação diziam bem com a ancianidade e a tristeza do deposito. Entravamos, com respeito, abafando o pisar; e, assim que começavamos a folhear os grossos livros encapados em couro, uma poeira subtil começava a encher o immenso e triste salão. Foi ali que respirei largamente isso a que o mais desmoralizado dos chavões dá o nome de pó-dos-seculos. . . Era um pó que parecia sahir do fundo de ossuarios remexidos, um pó impalpavel e invisivel, como o bafo humido do respirar dos in-folio comidos das traças. À medida que iam virando as paginas, cobertas de uma escriptura quasi hyeroglyphica, miudinha e certa, retalhada de barras caprichosas, com fantasias de recorte nas maiusculas e voltas faceiras nas virgulas acarajadas, as nossas impressões exteriorisavam-se: e, no pó finissimo que pairava em torno de nós, percebiamos vagos cheiros indefinidos, que se casavam ou contrastavam, harmonisando-se, como as notas de

uma concertina de aromas: havia o cheiro fresco dos valles, das montanhas, dos ribeirões de aguas cantantes, de todo aquelle seio de natureza virgem pesquisado pelas caravanas da conquista; o cheiro humido da terra cavada, e das gupiaras cheias de gorgulho; o cheiro apagado e caricioso do incenso das sés e das sachristias; o cheiro da mandioca macerada com que as damas faziam brancos os cabellos... E, não raro, subia e dominava todos os outros um cheiro acre de sangue, uma exalação de mortualhas podres, de cadaveres de mineiros soterrados nas minas, de garimpeiros rebeldes esquarterados pela justiça, de pretos famintos e de reinos insubordinados corridos a pontaços de lança pelos dragões de El-Rey... Assim, no estudo dos tempos mortos, consumiamos as horas: e ou fulgurasse lá fóra, em dias lindos, a luz do sol, ou, em dias de chuva, se emmaranhassem no céu as cordas da agua, a vida que nos preocupava não era a do povo que trabalhava ou vadiava nas ruas, mas a das gerações que se tinham ido da terra. Quando sahiamos, os espectros sahiam connosco, collavam os seus passos aos nossos, sentavam-se connosco á meza do hotel, acompanhavam-nos nas peregrinações pelos arredores cobertos de ruinarias. Nunca me esquecerei de um cahir de noute, que nos surprehendeu certa vez, fóra de portas, na derrocada rua da Agua Limpa... Com o vir da sombra, um mysterio indizivel encheu a paisagem, e um calefrio de mudo terror e um sopro de além-tumulo sacudiram a natureza. As figuei-

ras bravas cresciam desmedidamente e tomavam fórmas estranhas; as gamelleiras bracejavam como avantesmas; havia gemidos no rolar dos calhaus que os nossos pés topavam.

Uma lua immensa, immensa e redonda, pairou no céu escuro, como um broquel de prata pregado n'um muro negro, e espalhou a sua luz melancolica sobre a solidão. E, ao vosso lado, pisando aquella estrada que tantas gerações haviam pisado seculos atraz, ouvindo a vossa voz que me falava com trémula ternura e vibrante paixão d'essas vidas apagadas, comprehendendo e amando o amor com que vos aferraveis á veneração dos povoadores da vossa terra, — eu tinha a illusão de levar commigo, não um bacharel de 1893, mas um d'aquelles cavalheiros de 1720, que terçavam armas e galanteios na roda do Capitão-General D. Pedro de Almeida e Portugal. Quem ia commigo não ereis vós, mas um dos vossos antepassados da veneranda Paracatú, d'aquelles que tambem, como D. João de Castro, viviam e morriam *pola ley, polo rey e pola patria*; e, ao clarão do luar, uma pluma ondeada sobre a pala do vosso chapéo; o vento brincava com os folhos da vossa camisa de rendas e sacudia as abas do vosso gibão de seda; e pelas pedras tinia arrastada e nervosa, suspensa do talabarte de velludo, a bainha do vosso espadim...

Mais tarde, meu illustre confrade, quando, apurado o vosso talento, começastes a produzir, — reconheci que aquella amor das tradições não era um *tic* da adolescencia, uma preocupação passageira do

vosso espirito. No livro e no jornal, a vossa litteratura, de que d'aqui a pouco tratarei, foi sempre um claro espelho em que se teem reflectido esse «tradicionalismo» e esse «nacionalismo», a que ainda agora déstes o nome um pouco vago de «americanismo».

Esta qualidade, ainda quando não estivesse acompanhada da excellencia da vossa obra litteraria, já bastaria para que a Academia Brasileira vos chamasse. Não foi, portanto, apenas «uma como reminiscencia de Eduardo Prado» o que procuramos em vós. E nem comprehendo que possa haver semelhança entre a vossa entrada triumphal n'esta companhia e a entrada hesitante do estranho,—cliente ou pedinte,— que vistes, em gravura, no atrio do palacio senhorial. Entrando aqui, entraes em casa que já era vossa: e, se alguma cousa deveis estranhar, é sómente que a companhia não tenha enviado ao vosso encontro mais digno introductor. Se a Academia não tivesse a desventura de perder Eduardo Prado, virieis preencher outra vaga qualquer; e não ficariéis muito tempo lá fóra:—nós, em tão minguados annos de vida collectiva, já temos perdido tantos companheiros, que até parece haver n'isso um dos divertimentos habituaes da morte ironica, zombando do titulo de *Immortaes*, com que nos condecora o bom humor das ruas...

O que é preciso confessar é que, se já não existissemos para escrever o elogio de Eduardo Prado, seria preciso fazer o que Voltaire aconselhava, com

irreverencia, em caso de outra ordem:—seria preciso inventar-vos.

Nós bem sabíamos que o estudo d'esse interessante homem de letras, tão discutido e tão pouco conhecido, só poderia ser feito por quem tivesse vivido de par com elle, na intimidade do lar e na agitação da vida publica. Para quasi todo o paiz, o fino artista que havia em Eduardo Prado viveu e morreu sem relevo: o que a multidão sabia é que elle era um homem elegante e um pamphletario politico. Dois motivos de suspeição. . .

Ter dinheiro e saber gozal-o, correndo o mundo, estudando e comparando civilizações, fartando-se de arte, tendo trato familiar com gente illustre, creando «interiores» de luxo,—são cousas que o commum dos homens (tão baixa é a natureza humana!) não perdoa facilmente aos privilegiados. O artista, que vive assim, dá sempre, ao juizo erroneo do publico, a impressão de um *dilettante*, trabalhando por desfastio, escrevendo por luxo, pensando por brinco,—mais ou menos como os reis que se distrahem do seu mister pintando aquarellas ou estudando sanskritto, e como as rainhas que descançam do enfaro da etiqueta arrepanhando sobre a cintura a cauda do manto, pondo sobre o vestido de brocado um avental de linho grosso, e indo, ao calor do fogão, fazer experiencias de chimica culinaria. . . Além d'isso, Eduardo Prado, que, por longos annos, depois da publicação das suas admiraveis *Viagens*, se conservara afastado da agitação da publicidade, estudando

ou gozando em paz, com sobriedade e bom gosto, na Europa, só voltou á actividade litteraria e politica em uma epocha de febre intensa, durante uma d'essas crises em que ha rufos de febre em todos os pulsos e estos de paixão em todas as almas, e em que parece desaparecer a linha que separa o acampamento regular da sensatez do abarracamento confuso da loucura. Eram raros, então, os que podiam concordar com o violento escriptor dos *Fastos da Dictadura Militar no Brasil*; e eram mais raros ainda os que podiam, sem concordar com elle, ter a calma precisa para reconhecer a sinceridade da sua intervenção e desculpar a aspereza dos seus ataques.

Por isso, essa intervenção foi irritante. E, mal comprehendido em suas opiniões, mal julgado em seus actos, e absolutamente desconhecido no seu papel encantador de fino homem de letras, Eduardo Prado ficou sendo, para os energumenos e para os superficiaes, um moço rico e *chic*, monarchista por espirito de contradicção, catholico por elegancia e motejador por indole. Essas injustiças são frequentes: se fosse possivel converter em areia palpavel todos os erros do criterio humano, essa areia bastaria para aterrar todos os mares que cobrem a face do planeta e para elevar-se em desmarcadas montanhas, que cresceriam no espaço perturbando as leis eternas do equilibrio universal. . .

Veremos depois que o escriptor d'*A Illusão Americana* exaggerou bastante os perigos do que elle chamava e do que vós mesmo chamaes a nossa « des-

nacionalisação». Mas todos os que lhe presavam o talento e o character devem agradecer-vos desde já a clara energia com que o defendestes da balda de mau Brasileiro. Tive e tenho para mim que Eduardo Prado foi sempre um firme, puro e excellente Brasileiro, no Brasil e na Europa, no sertão e no *Boulevard*.

Conheci-o em Paris, n'essa falada *garçonnière* da rua Casimir Perier, pequeno dominio em que imperava a tyrannia do severo Humphry, — esse famoso mordomo que, com certeza, nos seus mais ambiciosos sonhos de gloria, nunca imaginou que o seu nome ainda viesse a soar em cenaculos de immortaes. Couzas da vida! se ha principes cuja popularidade acaba em casas de jogo, tambem ha de haver creados de quarto cuja fama chegue até as Academias. . .

Quantos brasileiros illustres passavam por aquella casa! Havia o segundo Rio Branco; havia o fogoso Silveira Martins; havia Domicio da Gama; e havia (para não alargar de mais o surto das recordações), esses dois illustres velhos, Ferreira Vianna e Lafayette, que não são da Academia (ai da Academia!) e de quem, traduzindo mal um bom verso, posso dizer que «se nada falta á sua gloria, elles fazem falta á nossa. . . »

Em noutes de recepção, os brasileiros—e é preciso notar que Eduardo escolhia com escrupulo os seus intimos—enchiam o salão, a bibliotheca, a sala de jantar e até a sala de banho e a copa. Havia um aposento agraciado com o titulo de sala de fumar. Mas a dignidade era apenas honoraria: n'essas noutes,



fumava-se em todas as salas. Fumava-se e falava-se. Fumarada e falatorio nunca hão de faltar onde houver brasileiros... Às vezes — era Janeiro e a neve cahia lá fóra — a accumulção da gente, a febre das conversas, o ardor das disputas e o fumo dos cigarros transformavam a casa n'uma *gruta-do-cão*, de ar irrespiravel; a columna de azougue do thermometer, espantada, punha-se a subir vertiginosamente a escadaria centigrada, parando exhausta no patamar tropical. O castellão corria a abrir as janellas; e só quando via as calçadas da rua e as fachadas dos outros predios cobertas de neve, é que eu me lembrava de que estava tão longe da Patria... Ali vivia o Brazil, ás vezes acerbamente julgado, mas sempre infinitamente amado. Deixae lá! tambem a pancada póde ser demonstração de amor, e demonstração agradável, porque, como diz o nosso bom povo, pancada de amor não doe... Até quando erra, o amor é o amor.

Claro está que ninguem poderia melhor do que vós, meu presado confrade, vir dizer á Academia e ao Brasil quem foi Eduardo Prado.

Nos ultimos tempos, combatestes juntos, na imprensa, o combate que julgaveis bom. As vossas pennas brilharam juntas nas columnas do *Commercio de S. Paulo*, — e até os que, como eu, repelliam as vossas conclusões, esses mesmos admiravam o talento, a graça e sobretudo a sinceridade com que luctaveis hombro a hombro, como hoplitas de uma mesma phalange. Além d'isso, como acabaes de

mostrar, tinheis sondado bem fundo a alma do vosso correligionario, estudando-o na vida intima, na franqueza da existencia rural, na sua simplicidade de homem bom, amigo das plantas innocentes, dos insectos, das aves e das gentes rudes. As bellas paginas, cuja commoção acabaes de communicar a quantos aqui vos ouviram, vão ser o inicio da verdadeira gloria do vosso antecessor. E a Academia, cujo fim principal,—talvez um pouco presumpçoso, mas em todo caso nobre,—é ir estabelecendo, atravez das edades, pouco a pouco, varias cadeias de espiritos, revivendo uns nos outros e perpetuando a uniformidade dos ideaes brasileiros,—a Academia vê com orgulho que por Affonso Arinos foi bem comprehendido e amado aquelle que tão bem comprehendera e amara o Visconde de Rio Branco.

Agora, antes de vos dizer todo o bem que penso do que nos tendes dado como romancista e chronista, permittireis, meu caro companheiro, que eu vos declare não achar bem fundado o receio, tantas vezes manifestado pelo vosso antecessor e por vós, de que a atrapalhação das nossas cousas politicas possa trazer a desnacionalisação da nossa gente. Não quero saber, devo dizel-o já, quaes sejam precisamente as vossas opiniões em politica. Em primeiro logar isso pouco importa á Academia, á qual, como ao Paraizo e ao Inferno, por diversos caminhos se póde igualmente chegar. Ha aqui logar para todos os credos: e sob esta cupula. . . de emprestimo, que devemos á gentileza fraternal do *Gabinete Portuguez*

*de Leitura*, orthodoxos e heterodoxos podem trocar o beijo da paz. Depois, não vejo bem que haja, para qualquer de nós, a necessidade de opiniões políticas; isso é uma bagagem pesada de mais para quem se quer elevar ás serenas regiões da Arte; e o alpinista, que deseja chegar ao cume do Monte-Branco, contenta-se com um *alpenstock* e um pedaço de corda, sem se sobrecarregar com o fardo inútil de uma caixa de bufarinheiro. E ha ainda a considerar que espero estaremos de accordo sobre o que vou dizer... Mas, se houver desaccordo, o mal não será grande; já um santo Padre da Egreja, n'um momento em que a sua santidade cochilou, disse que até no céo ha por vezes desavenças entre os anjos: e esta nossa tristissima terra, meu caro amigo, no dia em que todos os homens se pozessem a pensar do mesmo modo, ficaria de uma insipidez intoleravel.

Vós mesmo reconheceis a fallibilidade das previsões humanas. Nós todos, quando queremos marcar um roteiro certo á marcha dos homens e das cousas, arriscamo-nos ao erro d'aquelle Sébastien Mercier, que, em 1770, escrevendo, com o titulo de *O anno 2240*, um grosso livro em que previa e traçava com uma segurança imperturbavel o progresso da humanidade, nem sequer suspeitou a possibilidade da revolução que, d'ahi a dezenove annos, tinha de abalar a França... Esses enganos são communs: não é tão fantasista, como parece, aquelle apologo do sabio que, por ter os olhos pregados na Via-Lactea

longinqua, cahiu no poço que tinha tão perto dos pés.

O que mais aterrava o espirito patriotico de Eduardo Prado era o spectaculo da intolerancia politica que enchcu os primeiros annos da Republica. N'aquellas arruaças, n'aquelle odio ao estrangeiro, n'aquelle confuso gritar de gargantas, que nem sabiam o que queriam dizer, viu elle o annuncio temeroso de um naufragio nacional. Susto vão e vão temor. As nossas trovoadas de estio, que são as mais bulhentas, são tambem as que mais depressa se desfazem. Aquelle tumultuar de paixões indefinidas acabou logo. Tambem alguma vez se ha de permittir que os loucos tenham um dia de desaforo, e saiam pelas ruas a desabafar o seu enthusiasmo. Se essas evasões dos hospicios, tão frequentes em todas as partes do mundo, podessẽm exercer uma influencia efficaz e demorada sobre o destino dos povos, não haveria um só povo organizado; todo o planeta, desde a fita abrazada do equador até á zona gelada dos polos, seria um immenso manicómio, e já não haveria motivo para que o Brasil se envergonhasse de não ter juizo, n'um concerto vesânico de tal extensão. Mas não creio que Eduardo Prado attribuisse tanta importancia a taes desatinos.

O pudor com que elle evitava que o seu creado (aqui temos de novo o famoso Humphrys!) lesse os jornaes do Brazil e viesse a ter sciencia das vergonhas que se passavam na patria do amo, era um gracejo pueril. O creado, por não contrariar a indi-

gnação do amo, não deixaria talvez de verberar, com alguns grunhidos de censura, a facilidade com que apeiamos do throno o venerando sr. D. Pedro II; mas, no intimo, estaria pensando mais na sabia composição do *menu* d'aquelle dia do que na desventura do Monarcha brasileiro. Os creados da Europa teem visto tanta cousa! Todos elles, ou todos os seus paes e avós, leram o *Contracto Social*. . . Ha poucos dias, quando, em certo paiz da Europa, uma nova dynastia rebentou da sangueira de uma tragedia regicida, as velhas nações monarchicas não malsinaram em voz alta a origem pouco limpa d'aquella florescencia dynastica. Se a tivessem malsinado, o novo Rei poderia, como já foi lembrado, dizer aos outros: «atire-me a primeira pedra aquelle de vós que tiver o throno limpo de todo o sangue criminosamente derramado! . . .». Entre essa maneira, realmente expedita, mas bem pouco bella, de substituir um Rei por outro, e a fórma, igualmente summaria, mas pacata, pela qual substituímos um Imperador por um Presidente de República, supponho que ha muitas leguas de distancia moral. . .

Não creio que haja regimens bons ou maus para a formação e a fixação do character e da grandeza de um povo. E não sei como possamos ainda agora, —homens de um seculo que ha de vêr a victoria do socialismo,— dar um sentido preciso a qualquer d'estes vocabulos: — monarchia ou republica. A aspiração politica da humanidade de hoje não cabe dentro de um circulo partidario; e o pensamento

humano, cançado de controversias futeis, sonha um progresso definido e claro, que os velhos rotulos dos partidos não exprimem. A Republica não podia destruir o que não estava feito. A verdade é que as boas ou as más palavras dos agitadores, as boas ou as más acções dos que governam com preocupações de partidos, teem uma influencia quasi nulla sobre a sorte dos povos. E, em geral, todos os grandes reformadores tornariam a morrer de espanto, se, tendo resuscitado, podessem vêr os fructos das idcias que semearam.

Realmente, quem apenas considera o littoral do Brasil, esquecendo o resto, póde sentir o medo de uma dispersão da nacionalidade. Alguns pontos do littoral ainda são o que eram no tempo da Monarchia: — séde de acampamentos commerciaes, onde o desejo de enriquecer é instigado pelo desejo de ir gozar lá fóra a riqueza accumulada. Mas, para lá d'esta faixa de praias, na zona immensa que o trabalho anima, no sertão que vae transformando os hospedes em filhos, — a nacionalidade cria raizes tão fundas e tão fortes, que o seu exterminio só póde ser feito com o exterminio da propria terra. A terra tem encantos e proveitos que seduzem, e esses encantos e proveitos fazem mais do que as nossas theorias.

O trabalho, a familia, a belleza do céu, a fartura do solo mudam os indifferentes em amantes. As raças estranhas vão sendo absorvidas, como as aguas das chuvas que regam os campos; e a raça futura (se é possível, ainda em illações tão claras como

esta, adeantar alguma cousa sobre o futuro) será uma raça fortemente brasileira, conservando a doce e amada lingua que tratamos. Por que vós mesmo o disseste ha pouco: Eduardo Prado, com todos os seus terrores da desnacionalisação, passou os ultimos dias de vida entre colonos que já esquecem o falar e os costumes da patria, pelo falar e pelos costumes paulistas... Quanto ao perigo de conquistas, vindo de nações fortes e cubiçosas, parece-me, quando muito, uma ameaça fantasista, como a dos lobishomens e papões com que se amedrontam as almas das creanças mal comportadas. O Brasil está longe de ser a China da America. E, se uma d'essas aventuras, cuja possibilidade não nego em absoluto, podesse ter uma escassa probabilidade de passageiro exito,—essa mesma energia nacional, que se está concentrando e apurando no interior do Brasil, zombaria do atrevimento do invasor.

O povoamento do Brasil fez-se da periphèria para o centro: a sua nacionalisação faz-se do centro para a periphèria. As raças fortes começaram a conquistar-nos pelo trabalho e pelo amor; e já estão começando a ser conquistadas por esse mesmo amor e por esse mesmo trabalho. No dia da affronta, o sangue seria um só, e uma só havia de ser a resistencia. Não nos alarmemos com fantasmas; já não estamos na idade em que o amor do trabalho e o cumprimento do dever só se estimulam com o medo do castigo ou com a promessa da recompensa.

Duvidar de si mesmo já é para um homem a

metade da derrota; para um povo é a queda completa. Felizmente, o « pessimismo » é quasi sempre uma doença apenas *litteraria*. Dizer mal da patria não é desprezal-a: é fazer litteratura á custa d'ella. Graças á elevação do vosso espirito, e á saude moral que sempre tivestes,—essa triste doença não vos atacou jámais, meu caro confrade:—e se em vosso trabalho de jornalista tem havido algum susto ou desalento, em vosso trabalho de artista das letras só tem havido confiança e coragem.

A prova mais bella e forte de que a nossa nacionalidade não corre perigo, temol-a vivendo e brilhando em vós, em vosso claro engenho, em vossos livros de um tão puro nacionalismo. E não quero falar d'aquillo que, sahido de vossa penna, anda espalhado por jornaes e revistas, nem dos dois romances « brasileiros », que, como artista exacto que sois, ainda conservaes no tear, sujeitos ao paciente labor e á pertinaz polidura que fazem as obras perfectas. Basta-me o lindo volume de historias e paizagens do scrtão, com que estreiaestes.

Já disse que a vossa litteratura é um espelho em que se reflecte o vosso tradicionalismo. Mas não é só isso o que se traslada no crystal brilhante. Ha em vossa litteratura, ao lado de muita saudade, muita esperança:— larga ponte, batida de sol, lançada entre o passado e o futuro.

O amor do passado vibra ás vezes no assumpto e palpita sempre no estylo. Este é sempre puro e antigo, temperado pela suavidade que a lingua dos



nossos maiores adquiriu, ao passar da velha para a nova patria. Não sois dos que pensam que o progresso do idioma deva ser feito á custa da sua pureza primitiva. Passando da garganta do pardal para a garganta do sabiá, era justo que a escala musical se abrandasse, adquirindo o quebro languoroso que lhe veio redobrar o encanto. Mas nem todos os sabiás se teem contentado com esse accrescimo de meiguice e graça. Infelizmente, muitos sabiás conhecemos nós, que, quando se põem a cantar na copa das velhas palmeiras de Gonçalves Dias, mostram possuir na garganta mais solecismos do que gorgeios. . . Vós, não. A lingua que trabalhaes não veio até vós, recebendo enxurradas em desvãos de mattas suspeitas; veio de longe, sim, mas por frescos e limpos alveos, acceitando affluencias de aguas transparentes, enriquecendo-se com o tributo de mananciaes bem batidos, e guardando a clareza e a simplicidade nativas. É velha e viajada, mas legitima; e por isso mesmo preciosa, como os vinhos velhos e os velhos livros. Quando falam, os vossos heroes do sertão não falam como puristas: usam a sua linguagem pittoresca e ingenua, cheia de barbarismos sempre coloridos e expressivos. E foi justo que lhes não desseis esse falar alambicado, meio selvagem e meio coimbrão, que os romancistas da geração passada punham na bocca dos seus indios de opereta, sempre apaixonados por meninas do reino, e fazendo-lhes declarações de amor em que havia, misturados, urros de onça e suspiros de bonifrate. Mas, quando leio os

dialogos dos vossos heroes, ou as suas narrativas tecidas de expressões que fulminariam, de puro espanto, o velho Rodrigues Lobo, — cuido sempre vêr, ao lado, o leve sorriso indulgente do escriptor castiço, que sois, annotando e saboreando a novidade d'aquelle dizer errado e gracioso. . .

Nos assumptos, o vosso respeito do passado suggere ás vezes ao vosso estylo trechos de uma ternura infinita. Ides por uma rua solitaria de cidade em ruinas. Encontraes uma casa humilde. Entraes. Aparece-vos uma velha mulher e aqui está como a descreveis: « Um leve ruido fez-me voltar o rosto e vêr, então, emmoldurada pelas ombreiras da porta, ao fundo, uma estranha figura de mulher, vestida de algodão muito branco, com o torso pendido a uma dôr intensa, sopitada a custo, e a physionomia cansada, emmurchecida, repuxada de rugas, onde mal se adivinhavam os olhos sem brilho, quasi inexpressivos, a não ser um *quê* muito fugaz de carinho, que n'elles boiava ainda como uma flor desprendida da haste e já quasi fenecida, fluctuando na superficie de um lago dormente. » Quando vos separaes d'esse destroço de uma outra idade, resumis assim a vossa compaixão enterneçada: « Que pagina sentida escrevestes, ó interpretes do coração humano, que dôa mais do que a só vista d'esse pergaminho mudo, engelhado no rosto da velhinha! Essa dôr infinda e resignada, essa dôr desamparada e humilde n'aquelle despojo humano, é mais dolorosa do que a do *mytho* immortal de Prometheu. . . »

Mas não amaes a velhice apenas nas creaturas humanas: tambem as amaes nas cousas, que envelhecem mais devagar do que a gente, e ficam por mais tempo expostas á irrisão ou á indifferença dos incompassivos. Vós o dizeis: «O encontro de algum objecto antigo tem sempre para mim alguma coisa de delicado e commovente... Moveis ou telas, papeis ou vestuarios, —na sua physionomia esmaecida, no seu todo de dó,—elles me falam ao sentimento como uma musica longinqua e maviosa, em que se contam longas historias de amor...» Deante de um velho cravo, «primoroso na fabrica, incrustado de bronze e ornado de labores de talha na madeira negra», ficaes a miral-o com amor, perguntando: «Que languida açafata ou melindrosa sinhá-moça, cravo centenario, esflorou o marfim do teu teclado, desfiando o rythmo grave de uma dança solarenga, ou, a furto, a denguiçe feiticeira de um fado vil-lão?» E, logo depois, deante de uma cadeirinha bichada e desconjuntada, vista n'um fundo lobrego de sachristia, escreveis: «Morre, desaparece, que talvez —porque não?— a tua dona mais gentil, aquella para quem tuas alcatifas tinham mais delicada caricia ao receber-lhe o corpinho mimoso, aquella que rescendia um perfume longinquo de roseira do Chiraz, talvez te conduza para alguma região ideal, dourada e fugidia, inaccessible aos homens... Desapparece, anniquila-te, ou foge, cadeirinha! Lá, n'aquella mansão bemaventurada, pegarão teus varaes, não lacaios de libré, mas alvos mancebos de vestes bri-

lhantes e olhar atrevido. Esses conduzirão através de nuvens a creatura feiticeira que encantou o seu tempo e que deixou impressa no taboado de teu fundo, ó cadeirinha de outras eras, como uma caricia eterna, a lembrança do contacto de um pé taful, calçadinho de setim. »

Ora, aqui está o meu companheiro de pesquisas nos archivos de Villa Rica,—aquelle esbelto mancebo, em quem uma vez, n'um sonho fugaz, ao cabo de um passeio pela rua da Agua Limpa, julguei vêr um fidalgo reinol, dos que dançavam o minuete na côrte do Conde de Assumar. . .

Mas, ao lado d'essas velharias animadas e inanimadas, o vosso livro canta bellamente as novas gentes e os novos costumes que animam o sertão. Um poeta, amigo das arvores como todos os poetas, disse um dia que, quando encostava o ouvido ao grosso cortex de um tronco da matta, ouvia lá dentro as loas harmoniosas da seiva, na sua circulação creadora e triumphal. Eu tambem, quando folheio o volume em que celebraes a vida sertaneja, ouço circular por elle, em hymnos ardentes, a prophesia de uma grandeza futura para a terra que tanto amaes,—para a terra que tanto amamos. Com que enthusiasmo, com que admiração commovida, com que energia de pincel, com que colorido intenso de estylo, contaes a nobreza de alma, a coragem heroica, os amores brandos ou impetuosos, os fogosos ciumes, a abnegação rara, a paciente resignação, e tambem as grandes coleras d'esses homens fortes e simples, que vi-

vem para amar a vida e o trabalho, a natureza e a liberdade, a terra e o céo, na independencia do seu orgulho, sob a protecção de Deus... e da faca que trazem á cinta! Estas poucas novellas, que enfeixastes em livro, são os Fastos da Alma Sertaneja...

Aqui temos o cuyabano Manoel Alves, arceiro atrevido, farto de affrontar homens e feras, affrontando as almas penadas de uma tapéra mal assombrada, e enlouquecendo de angustia por ter contado de mais com a energia de uma alma educada em superstições; aqui temos a linda *Esteireira*, «a flor do sertão», de collo de nhambú e carnadura cheia de viço,—que se desgraça pelos zelos, apunhalando a rival, sugando-lhe o sangue como um morcego, e indo morrer ao lado do noivo, em lucta épica com os soldados da escolta, como uma *canella-ruiva* acuada; eis agora o campeiro Manoel Lucio, moço bravo e apaixonado, mal ferido de amor ingrato pela filha de um guarda-mór das minas, e deixando-se morrer de desengano e de desespero, sem phrases, em um sacrificio que mal disfarça o suicidio; e, agora, Joaquim Mironga, a Dedicção feita homem, de cujos labios, n'um estylo que é a um tempo musica e pintura, gravura e palavra, cahe a narração de um episodio das luctas politicas de 40, entre imperiaes e liberaes; e, emfim, o *Flor*, fransino e lepido, filho da matta, todo nervos e viço, domando pela coragem o facinora Pedro Barqueiro... E as vossas paizagens! que calor, que perfume selvagem, que eterna vibração de vida sabeis communicar ás

palavras, quando nos falaes das serras que como bom sertanejo galgastes, das mattas que vistes, dos rios largos e dos valles frescos em que os vossos olhares namorados pasceram desde a meninice!

Ah! quem póde duvidar da força de uma nação qualquer, meu illustre companheiro, quando essa nação tem gentes fortes como essas, e uma arte como a vossa para celebral-a?! A existencia de uma litteratura como a vossa,—*litterature de terroir*, como se diz expressivamente em França,—já é uma demonstração de força nacional, activa e propria.

Ha, em *Pelo Sertão*, uma pagina encantadora, em que glorificaes um velho burity, «veneravel eponymo dos campos», mais edoso do que a nossa raça, perdido no meio de uma planicie verde. É assim que lhe falaes com ternura e admiração:

«Se algum dia a civilisação ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sócco, velho Burity Perdido. Então, como os hoplitas athenienses captivos em Syracuse, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito á vida com a poesia selvagem e dolorida que sabes tão bem communicar. Então, talvez, uma alma amante das lendas primevas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações

extinctas, uma pagina sempre aberta de um poema que não foi escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos d'esta terra. »

Com essa pagina vossa, quero fechar o discurso de boas-vindas, com que vos recebo em nome d'esta companhia. Sim! a civilisação ha de ganhar a paragem longinqua em que vistes, solitario e soberano, esse burity selvagem; mas não será levada por senhores duros, cujo coração careça de ser enternecido pelas queixas da terra conquistada. O vosso velho burity viverá, não tolerado, e sim respeitado e amado; mas viverá menos do que o genio da nossa nacionalidade, que, como elle, ha de assistir a todo o cyclo do drama da conquista, dominando-o e dirigindo-o.

Esta esperança — e, mais do que esperança, certeza — da gloria e da grandeza da nossa nacionalidade, é o sentimento que a todos nos anima, n'esta casa que vindes honrar. Aqui as almas se congregam para prezar o passado e para esperar com confiança o futuro.

O vosso logar estava marcado; e sobre elle paira a recordação dos dois espiritos, cujo fulgor tão bellamente nos fizestes sentir e comprehender ha pouco. A herança cahiu em dignas mãos. Sêde bem vindo.





# INDICE

## EM MINAS

	PAG.
I—Marília . . . . .	9
II—Padre Faria . . . . .	25
III—S. João do Ouro Fino . . . . .	33
IV—Entre Ruínas . . . . .	39
V—Lazaros . . . . .	45
VI—S. José d'El-Rey . . . . .	57
VII—Fr. João Joseph . . . . .	63
VIII—Triumpho Eucharistico . . . . .	73

## CHRONICAS FLUMINENSES

I—Braz-Bocó . . . . .	95
II—Salamina . . . . .	103
III—Autonomia . . . . .	109
IV—Natal . . . . .	117
V—As Condecorações . . . . .	127
VI—A Festa da Penha . . . . .	135
VII—Habitos Parlamentares . . . . .	143
VIII—Cook . . . . .	149
IX—Laus Veneris . . . . .	155
X—Um Maluco . . . . .	161
XI—A Fome no Ceará . . . . .	169
XII—O Jury . . . . .	175

	PAG.
XIII — A Verdade no Theatro . . . . .	181
XIV — Nem Tanto! . . . . .	189
XV — Santos Dumont. . . . .	195
XVI — O Bond. . . . .	203
XVII — As Falsificações. . . . .	213
XVIII — Ferreira de Araujo. . . . .	221
XIX — Os Doutores . . . . .	229
XX — O Jogo-dos-Bichos. . . . .	235
XXI — A Cidade do Silencio . . . . .	241
XXII — Republicas . . . . .	247
XXIII — O Esperanto . . . . .	253
XXIV — A Rainha Draga . . . . .	261
XXV — Capitulo dos Mosquitos . . . . .	269
XXVI — A Escravidão . . . . .	277
XXVII — Um Fantasma . . . . .	285
XXVIII — No Hospital . . . . .	291

#### NOTAS DIARIAS

I — . . . . .	303
II — . . . . .	304
III — . . . . .	306
IV — . . . . .	309
V — . . . . .	310
VI — . . . . .	313
VII — . . . . .	315
VIII — . . . . .	317
IX — . . . . .	319
X — . . . . .	322
XI — . . . . .	324
XII — . . . . .	326
XIII — . . . . .	328
XIV — . . . . .	330
XV — . . . . .	333
XVI — . . . . .	335

	PAG.
XVII — . . . . .	337
XVIII — . . . . .	339
XIX — . . . . .	341
XX — . . . . .	343
XXI — . . . . .	346
XXII — . . . . .	348
XXIII — . . . . .	350
XXIV — . . . . .	352
XXV — . . . . .	354
XXVI — . . . . .	356
XXVII — . . . . .	358
XXVIII — . . . . .	360
XXIX — . . . . .	361
XXX — . . . . .	363
XXXI — . . . . .	365
XXXII — . . . . .	368
XXXIII — . . . . .	369
XXXIV — . . . . .	371
XXXV — . . . . .	374
XXXVI — . . . . .	376
XXXVII — . . . . .	378
XXXVIII — . . . . .	380
XXXIX — . . . . .	382
XL — . . . . .	385
XLI — . . . . .	387
XLII — . . . . .	389
XLIII — . . . . .	391
XLIV — . . . . .	393
XLV — . . . . .	396

#### NA ACADEMIA

Academia Brasileira . . . . .	403
-------------------------------	-----

